



O segredo de Galois

Flaulles Boone Bergamaschi

 **Atena**
Editora
Ano 2024



O segredo de Galois

Flaulles Boone Bergamaschi

 **Atena**
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Alana Maria Cerqueira de Oliveira – Instituto Federal do Acre

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Ana Paula Florêncio Aires – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Iara Margolis Ribeiro – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos – Universidade do Extremo Sul Catarinense

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Maria José de Holanda Leite – Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Miguel Adriano Inácio – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

Prof. Dr. Milson dos Santos Barbosa – Universidade Tiradentes

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Dr. Nilzo Ivo Ladwig – Universidade do Extremo Sul Catarinense

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Profª Dr Ramiro Picoli Nippes – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Regina Célia da Silva Barros Allil – Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Andria Norman
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Flaulles Boone Bergamaschi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
B493	Bergamaschi, Flaulles Boone O segredo de Galois / Flaulles Boone Bergamaschi. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-2203-7 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.037240802 1. Códigos. 2. Galois. 3. Álgebra. 4. Teoria. 5. Grupos. 6. Romance. 7. Bíblia. I. Bergamaschi, Flaulles Boone. II. Título. CDD 869.93
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Para Eliane, meu único amor

Paris, maio de 1832

— Pegue sua arma Galois, qualquer que seja sua escolha você não terá chance. — Galois olhou para seu oponente e pegou a arma que estava à sua esquerda. *À esquerda como sempre.* Imaginou.

Ao longe, entre algumas árvores, dois homens observam e se preparavam.

— Veremos!

— Muito bem. Apenas 25 passos e nada mais.

— É o suficiente pra mandar você para o inferno! — respondeu Galois.

Os dois homens começaram a caminhar e antes do décimo passo um tiro quebrou o silêncio: um homem caiu.

— Herbinville... covarde... — suspirava Galois no chão.

— Não atirei! — gritou Herbinville enquanto outros dois tiros cruzaram o céu em direção a Galois, um acertou um tronco próximo dele e o outro passou de raspão em Herbinville.

— Maldito Bourbon. — disse Galois praguejando o Rei. — Corra e tente proteger Chevalier. — Herbinville saiu em disparada para se salvar.

Herbinville não sabia quem poderia estar atirando, mas quem quer que fosse estava tentando matar os dois. *Ninguém sabia do duelo.* Imaginou.

— Aquele idiota não nos interessa. Vamos voltar. — disse um dos homens entre os arbustos.

Jonas sempre fazia esse trajeto, seus pais possuíam um pequeno sítio nas proximidades de Paris, guiando uma carroça, levava alguns produtos para serem entregues a comerciantes no centro da cidade. De repente seu cavalo deu uma guinada e Jonas pôde observar um corpo caído, era um homem de baixa estatura, magro e pouca idade. Aparentava vinte anos, e tinha um ferimento próximo ao abdômen.

— Meu Deus, o que é isso! — ele colocou Galois, em sua carroça e o levou até o Hospital Cochin, onde Galois recebeu os primeiros socorros.

Alfred nunca concordou com a vida agitada do irmão, mas conservava um profundo respeito por sua capacidade intelectual. O pai sempre dizia que Galois, era o filho preferido. Agora vendo Galois naquela situação, podia sentir uma mistura de sensações invadindo seu corpo. Uma delas podia ser visível em seus olhos. Inesperadamente Galois acorda.

— Alfred!

— Não faça força Galois, você precisa descansar.

— Não, preciso lhe contar... — Galois respirava com dificuldade.

— Fique tranquilo meu irmão, você já está sendo atendido por um bom médico, e padre Antonio já está a caminho. — quando Alfred falou no padre Galois juntou forças para falar.

— Não Alfred! Eles mataram nosso pai, lembra? — Galois disse irritado

— Você precisa...

Por um momento Galois achou que poderia confiar a tarefa ao irmão. Mas Alfred não tinha o perfil.

Alfred sabia que o irmão havia se envolvido demais com a política, e isso poderia provocar sua morte. Sentia-se irritado com a vida desregrada que o irmão levava. Mas agora a situação era outra.

— Preste atenção... vá e procure Chevalier, preciso falar com ele rápido.

Antes que eu...

— Meu irmão posso dar o recado fique tranquilo, deve descansar.

— Não entende... — Galois falou com dificuldade e irritado.

Alfred nunca aceitou isso, *Galois confia mais nos outros que em mim.*

Com muita dificuldade Galois, tenta dizer algo, mas não consegue, inclinando a cabeça para o lado. Alfred sentiu uma sensação estranha. Sabendo que seu irmão partiria a qualquer momento.

Vendo-o naquela situação, ele colocou a mão sobre o rosto de Galois, sentiu que ele ainda respirava, mas estava inconsciente, se lembrou de todas as coisas que passaram juntos. Não podia acreditar que o irmão estava próximo de partir. *Preciso ir.*

Alfred saiu rapidamente do quarto. *Onde vou encontrar Chevalier?* Assim como Galois, Chevalier era um perseguido político, não seria tarefa fácil encontrá-lo. Talvez nem fosse necessário, Alfred viu a situação do irmão, o médico já lhe havia preparado. Voltou a olhar para Galois, e se despediu. *Adeus Galois, que Deus te proteja.*

CAPÍTULO 1	1
CAPÍTULO 2	4
CAPÍTULO 3	8
CAPÍTULO 4	10
CAPÍTULO 5	14
CAPÍTULO 6	17
CAPÍTULO 7	26
CAPÍTULO 8	28
CAPÍTULO 9	34
CAPÍTULO 10.....	41
CAPÍTULO 11	45
CAPÍTULO 12.....	54
CAPÍTULO 13.....	58
CAPÍTULO 14.....	60
CAPÍTULO 15.....	64
CAPÍTULO 16.....	65
CAPÍTULO 17.....	73
CAPÍTULO 18.....	78
CAPÍTULO 19.....	80
CAPÍTULO 20	86
CAPÍTULO 21.....	87
CAPÍTULO 22	95
CAPÍTULO 23	98
CAPÍTULO 24	102
CAPÍTULO 25	104
CAPÍTULO 26	108
CAPÍTULO 27	118

CAPÍTULO 28	120
CAPÍTULO 29	122
CAPÍTULO 30	124
CAPÍTULO 31.....	129
CAPÍTULO 32	131
CAPÍTULO 33	132
CAPÍTULO 34	135
CAPÍTULO 35	136
CAPÍTULO 36	144
CAPÍTULO 37	146
CAPÍTULO 38	149
CAPÍTULO 39	150
CAPÍTULO 40	152
CAPÍTULO 41.....	158
CAPÍTULO 42	159
CAPÍTULO 43	163
CAPÍTULO 44	165
CAPÍTULO 45	166
CAPÍTULO 46	168
CAPÍTULO 47	170
CAPÍTULO 48	180
CAPÍTULO 49	181
CAPÍTULO 50	182
EPÍLOGO	188

CAPÍTULO 1

Rio de Janeiro, junho de 2009.

O professor Jacob observava os alunos enquanto aguardava o fim do teste. Já havia passado duas horas.

— Atenção, vocês têm apenas trinta minutos para finalizar. — disse ele.

Carla, como sempre tranquila, sabia que essa era mais uma de tantas avaliações que fizera durante a vida. Apesar da pouca idade, apenas vinte e três anos, começara cedo seus estudos. A mãe não concordava com o país que a filha havia escolhido para estudar.

— Minha filha, por quê?

— Já conversamos sobre isso. — respondeu Carla com uma leve irritação no olhar.

Carla já havia conversado com a mãe sobre sua ida para o Brasil. As duas viviam juntas há mais de cinco anos desde que seu pai partiu.

— Não entendo como você pode optar por ficar tão longe. Você tem tantas oportunidades por aqui.

— Mãe...

Fundado em 1951, o IMPA (Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada) tinha apenas o caráter de promover a pesquisa científica. Com a expansão das Universidades Federais Brasileiras, a demanda por professores qualificados cresceu muito e em 1962 o IMPA iniciou seus programas de mestrado e doutorado. Hoje com um quadro docente formado nas mais diversas áreas do conhecimento Matemático e uma biblioteca de fazer inveja a grandes centros de pesquisa, o IMPA se consolidava como o maior centro de pesquisa em Matemática da América Latina.

Carla conhecia bem o instituto que escolhera para estudar. A Matemática sempre esteve ao seu lado, isto era visível desde sua infância, os primeiros anos na escola foram complicados, pois Carla só tinha olhos para a Matemática e as outras disciplinas ficavam em segundo plano. Pouco tempo depois Carla já estava na Universidade.

A Universidade de Paris foi fundada aproximadamente no ano de 1170, a partir da escola da catedral de Notre Dame. Era comum haver escolas junto às catedrais na França na época. O bispo nomeava os professores e controlava o ensino por meio de seu Chanceler ou Secretário Geral do Bispado.

Devido ao crescente número de estudantes, a escola de Notre Dame se tornou insuficiente, os professores particulares foram autorizados a abrir escolas ao redor da catedral. Esses mestres, para defender seus interesses e suas ideias, se reuniram e se associaram formando a sua “corporação”, uma “Universitas”, um modo de união semelhante

aos modernos sindicatos. Assim surgiu, por volta do ano de 1170, a Universidade de Paris.

Cada mestre, ou grupo de mestres, tinha sua própria escola; quando a corporação tinha que deliberar sobre algum assunto de interesse comum, eles em geral se reuniam em uma ou outra igreja. A organização dessas reuniões bem como a representação dos mestres perante a Igreja e o governo fez surgir o posto e a figura do Reitor. Os assuntos, disciplinas e necessidades comuns a várias escolas terminaram por promover o agrupamento em escolas maiores, as faculdades.

Abelardo, um dos grandes intelectuais da Idade Média, veio ensinar em Paris, sua fama atraiu milhares de estudantes para a Universidade, vindos de todos os países do mundo cristão. As escolas se expandiram para a outra margem do rio Sena, no monte Sainte Geniève, onde Abelardo ensinava. Lá se encontra ainda a famosa *Rue du Fouarre*, no *quartier Latin* (bairro latino), onde os mestres da Faculdade de Artes tinham suas escolas.

Com o apoio do Papa, a Universidade de Paris tornou-se o grande centro de ensino teológico. Durante os anos 1220, as ordens Cristãs dominaram o ensino na universidade que, ao final do século XIII e durante o século XIV foi o maior centro de ensino de toda a cristandade, particularmente em Teologia. Entre seus professores mais famosos contam-se, além de Abelardo, o famoso São Tomás de Aquino. A universidade ficou dividida em quatro faculdades: três “superiores” compreendendo a de Teologia, a de Direito Canônico, e a de Medicina, e uma “inferior”, a Faculdade de Artes.

Nos séculos XVI e XVII a Universidade de Paris tornou-se um conglomerado de colégios. Os colégios foram inicialmente pensionatos de estudantes, aos quais se acrescentaram depois salas de aula onde os mestres vinham ensinar.

Com a Revolução Francesa (1789-1799) a universidade foi reorganizada para fins de aplicação do saber, deixando para trás o modelo jesuítico de debates teológicos e estudo de línguas mortas. Foram criadas escolas superiores especializadas e independentes. Surgiram, sucessivamente, o Museu de História Natural, a Escola Politécnica, a Escola Normal, três escolas de Saúde e a escola de Línguas, e o ensino tornou-se secular, independente de doutrinas religiosas ou políticas, mas a faculdade de teologia somente foi fechada em 1886.

Nos anos de 1960 a Universidade de Paris, mediante uma política de tolerância acadêmica capaz de atrair o ingresso maciço de jovens estrangeiros vindos de países mais atrasados, tornou-se um centro mundial de difusão do socialismo, do marxismo, do comunismo e do anarquismo. Superando neste item a própria Universidade Patrice Lumumba, criada especificamente para este fim em Moscou no início da mesma década. A França certamente deveria sofrer as consequências dessa política, quando suas estruturas se viram ameaçadas pelo levante estudantil de maio de 1968, que também desencadeou uma onda de rebeldia estudantil ao redor do mundo. Nessa fase, o número de estudantes da universidade havia subido a mais de 115.000.

Após a crise, o governo de direita procedeu uma reforma geral e profunda na organização do ensino superior francês, através do Ato de Reforma da Educação Superior, do mesmo ano de 1968. Com base nesse ato, a partir de 1970 a Universidade de Paris passou a compreender uma série de 13 faculdades de altos estudos, autônomas e financiadas pelo Estado, localizadas principalmente em Paris, eram as Paris de I a XIII.

Carla estudou na Paris VI chamada “Pierre & Marie Curie” onde se ensina Matemática, Física e Geociências. O nome da universidade não poderia ser diferente — Pierre Curie. Ele iniciou suas investigações científicas dedicadas ao estudo das radiações infravermelhas. Em 1895 casou-se com a jovem polonesa Marie Sklodowska e com ela, descobriu materiais radioativos diferentes do urânio. Juntos conseguiram isolar o polônio e o rádio. Após a morte de Pierre, atropelado por um veículo, Marie prosseguiu com suas investigações. O casal Curie recebeu o Prêmio Nobel de Física em 1903, e Marie recebeu o de Química em 1911. A paixão pela ciência cobraria seu preço. Marie faleceu de uma leucemia produzida pela sua excessiva exposição a substâncias radioativas. Foi um duro golpe na ciência, mas outros cientistas continuariam seu trabalho.

O ambiente frio das universidades francesas agora dava lugar ao sol radiante do Rio de Janeiro que brilhava praticamente todos os dias do ano. Como alguém pode se concentrar em fórmulas e números num lugar tão lindo? Perguntavam alguns cientistas que passaram por ali.

Ao contrário de Carla, Mateus ainda estava nos bancos da universidade, cursava o sétimo semestre do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal Fluminense, localizada em Niterói. Mesmo estando no fim do curso ainda não sabia muito bem o que fazer, sua escolha ainda era um drama. Filho de pais separados morava com a mãe em um bairro que tinha o mesmo nome de seu time de futebol favorito, o Flamengo. Ele sempre gostou de história, mas na época do vestibular foi influenciado por sua mãe, professora de matemática do ensino fundamental. Estudante de escola pública julgava-se não preparado para concorrer uma vaga no curso de história. Mateus enfrentou muitas dificuldades, sua identificação com o curso de matemática só veio quando começou a estudar a História da Matemática. A história dessa velha ciência empolga qualquer estudante, pois ela começa muito antes do nascimento de Cristo, nos primórdios das civilizações. Fatos que ficaram gravados em ossos de animais há mais de oito mil anos, informando com traços o número de caças abatidas. Logo no início do curso Mateus ficou encantado com as chamadas tábuas de argila, onde os babilônios antigos escreviam seus feitos matemáticos e os famosos papiros egípcios. As conquistas matemáticas sempre estiveram lado a lado com a evolução humana e isso deixava Mateus ainda mais encantado.

CAPÍTULO 2

Carla levantou bem disposta, tomou café e deixou as amigas ainda dormindo. Ela morava na Rua Barão de Jaguaripe em Ipanema e ficava a poucas quadras do mar. Nesse bairro, devido à proximidade do IMPA, em poucos minutos, se o trânsito não estivesse complicado, estaria estudando. Durante o percurso Carla sentou-se ao lado da janela e observou alguns problemas inerentes ao Rio de Janeiro, velhos e crianças pedindo esmola, muitas favelas, carros de polícia a todo o momento fechando o trânsito. Na Rua Joana Angélica o ônibus fez uma parada, próximo à Igreja de Ipanema, ali entrou uma mulher que aparentava sessenta anos, tinha os cabelos longos e pintados, algumas marcas exibiam uma pequena cirurgia facial. Ela entrou e sentou-se ao lado de Carla.

— Bom dia!

— Bom dia! — O sotaque francês de Carla era visível.

— Turista?

— Estudante! — respondeu Carla.

— França — disse a mulher tentando adivinhar.

— Sim, Paris.

— Adoro Paris, tenho tantas recordações boas de lá.

— A senhora conhece?

— Minha filha, passei vários anos da minha vida em Paris, mas tantas coisas mudaram, a Paris que conheci certamente não deve ser a mesma.

— Não mudou muito não, pode ter certeza, a torre Eiffel está no mesmo lugar... — disse Carla em tom de brincadeira. Receptiva, a mulher também achou engraçado.

— Qual o seu nome?

— Carla.

— Muito prazer! Maria, Adelaide Maria. Posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim claro.

— Você acredita em Deus?

Carla fez uma pausa e olhando para o lado deixou claro que havia algo estranho em relação a esse assunto. Carla não aceitava muito bem algumas coisas que a Igreja fez em relação à ciência, a morte de Giordano Bruno na fogueira e o fato de Galileu ter renunciado às suas pesquisas para salvar sua vida, bem como a morte de cientistas durante a inquisição, traziam um ar de revolta em Carla. Como muitos estudantes, Carla ainda estava tentando entender ciência e religião, como as duas poderiam andar juntas? A prova lógica da existência de Deus pelo renomado Kurt Gödel amigo de Albert Einstein borbulhava em sua mente. Mas isso não era tudo, havia algo que Carla preferia esquecer.

— Acho que sim — respondeu Carla em tom de dúvida, mas lembrando de Gödel.

— Bom, nesse caso, me permita fazer o que Ele nos recomendou — disse a mulher se referindo às palavras de Jesus aos seus apóstolos: — Ide pelo mundo inteiro e anuncie a Boa Nova a toda criatura!

A mulher retirou do bolso um pequeno papel, Carla pôde observar uma tatuagem estranha na mão esquerda da mulher. Uma pequena borboleta dentro de um pentagrama deixou Carla curiosa.

— Tome, tenho que descer na próxima parada. — Carla pegou o pequeno pedaço de papel.

— Senhora espere! — disse Carla.

— Até logo — disse a mulher já na porta.

Mais uma vez Carla teve a oportunidade de observar a tatuagem. *Que esquisito.* Imaginou Carla.

Ela abriu e leu, era um convite para um missa especial, o tema estava em itálico: *Bíblia, Mistério e Fé*. Não quis prosseguir na leitura, dobrou e colocou no bolso da calça. Chegando ao IMPA, viu um recado em sua sala. No IMPA os estudantes possuíam salas de estudo e quadro de avisos. No mesmo, encontrava-se um recado do seu professor orientador.

— Me procure assim que puder.

Muitos pensamentos passaram pela mente de Carla, sua tese de doutorado estava um pouco atrasada, dois teoremas ainda estavam sem demonstração, mas Carla sabia que isto era uma questão de tempo e que certamente ela deveria concluir o curso antes que sua bolsa de estudos acabasse.

— Bom dia professor, vi o seu recado.

— Olá Carla. — Os olhos do professor Michel demonstravam que o mesmo não havia dormido durante a noite, mais do que isto, uma xícara de café e um cheiro forte de cigarro, além de várias anotações no quadro deixavam claro que ele esteve ali durante toda a noite. A impressão que Carla teve foi que Michel escreveu sem parar, observando que o quadro havia sido apagado e reescrito por diversas vezes.

Carla achou um pouco estranho, mas no IMPA isso é normal, vários estudantes ficam durante toda a noite tentando resolver problemas. Algumas vezes os professores também passam a noite no IMPA. Mas não era o caso do professor Michel Dantas, ele não costumava fazer isto.

— Tenho uma proposta para você. Recentemente encontrei um artigo que continha algumas partes da teoria de Galois e comecei a analisar com mais profundidade. O autor dizia que muitas coisas foram retiradas dos manuscritos originais de Galois, e que seria possível conseguir deduzir uma nova teoria. Solicitei à biblioteca uma cópia dos originais de Galois e comecei a comparar com os comentários do autor. O artigo se refere ao uso de simetria para quebrar códigos escondidos. Por trás do algoritmo desenvolvido pelo autor existe uma forte relação com a teoria de Galois. Como você pode ver eu já trabalhei

bastante para abrir o caminho para você. Acho que isso pode render bons frutos para sua tese de doutorado. Não será uma tarefa fácil, mas acredito que você consegue. O que você acha?

— Sempre apreciei a teoria de Galois... Mas...

Por um instante Carla ficou preocupada. *E se isso demorar.* Ela sabia que a pesquisa poderia demandar tempo.

— Fique tranquila, isso não vai trazer problemas para você eu lhe garanto. Talvez mais seis meses, mas não se preocupe estamos procurando uma forma de compensar isso — disse Michel tentando tranquilizar Carla.

Carla por um momento lembrou-se da mãe. *Ela não vai gostar...* Mas confiava em Michel.

— Tudo bem — concordou Carla.

— Está certo, amanhã vou lhe passar um e-mail com algumas traduções e várias instruções. Imprima tudo e me procure para acertarmos os detalhes. Por enquanto é só. Assim que eu descansar um pouco, voltaremos a falar sobre isso. De qualquer forma pegue essa lista de livros que selecionei. — Michel preparou um roteiro para que Carla pudesse compreender melhor a teoria. — Acho que é tudo.

Carla pegou a folha e se levantou.

— Posso ir?

— Sim, e boa sorte. Ah! Não comente com ninguém sobre nossa conversa. Para os outros, você ainda está trabalhando com o tema antigo. Depois eu lhe explico.

Carla saiu da sala. Em sua mente ainda estava gravado os olhos do professor Michel e o seu jeito. Era como se Carla estivesse conversando com outra pessoa. *Por que Michel me pediu segredo?*

Logo depois ela foi até a biblioteca e começou a folhear alguns livros, começou pela teoria clássica de Galois. Após alguns minutos separou vários livros. Já estava de saída quando esbarrou em um funcionário da biblioteca que estava arrumando as estantes. Alguns livros caíram.

— Mil desculpas senhorita — disse o funcionário.

— Que isso, não foi nada — respondeu Carla. — Eu fui a culpada.

Ela olhou para o chão e achou curioso. O livro caiu e ficou aberto na página que falava sobre o jovem matemático Niels Henrik Abel. Carla o apanhou, mantendo-o ainda aberto.

— Senhora, por favor! — disse o funcionário com a mão estendida para pegar o livro que não pertencia a lista de Carla. Mas ela estava concentrada lendo um pequeno trecho.

— *Claro o livro...* pode deixar, vou tomar emprestado esse também, e obrigado pela trombada. — O funcionário saiu e continuou seu trabalho. *matemáticos malucos.* Imaginou.

Acima da fotografia de Abel o autor escreveu:

“Niels Henrik Abel e Évariste Galois foram como um meteoro, riscando o firmamento matemático com brilho intenso e matinal, para depois, súbita e pateticamente, extinguir-se em morte prematura, deixando material de valor extraordinário para ser trabalhado.”

Uma morte estranha em um duelo e uma teoria excepcionalmente inovadora atraía qualquer estudante. Carla estudou a teoria de Galois ainda em Paris. Não imaginou que voltasse a estudar Galois. Mas Michel foi muito firme em seu pedido.

CAPÍTULO 3

Mateus não gostava de jogos, e ele tinha motivos para isso. Algumas lembranças do passado ainda estavam vivas.

— Oi Mateus tudo bem? — perguntou educadamente sua colega Marta.

Ele estava passando e não havia percebido a colega de pavilhão atrás de um pequeno balcão com uma bandeira lateral. Se virou e parou. Os olhos de Marta cintilavam na presença de Mateus.

— Marta? — Mateus estranhou. — O que você está fazendo?

— Trabalhando, o que mais? Vamos fazer um cartão de crédito?

— Marta... esqueceu que sou estudante? — Mateus puxou o bolso da calça para fora em tom de brincadeira.

— Por isso mesmo Mateus. Você compra e tem mais tempo para pagar completou Marta.

— Mas isso não me isenta de pagar! — exclamou Mateus, ainda em tom de brincadeira.

— Certo Mateus, mas às vezes podemos precisar! Vamos Mateus, não vai custar nada, fique tranquilo, e além disso, você concorre a um super prêmio.

— Marta você virou uma vendedora mesmo — respondeu Mateus rindo e observando o brilho bonito nos olhos da colega.

O pai de Mateus era alcoólatra e viciado em jogo de cartas. Perdera tudo que tinha. Mateus sempre teve medo de comprar e não poder pagar. Mas Marta era uma velha amiga, e sentiu que poderia ajudá-la de alguma forma. Ele sabia que os alunos de outras cidades tinham sérias dificuldades para estudar no Rio de Janeiro, mesmo estando em uma universidade pública, ainda precisavam gastar com aluguel, alimentação, material didático e outros.

— Vamos Mateus, basta você preencher uma proposta de cartão de crédito e marcar três números de 1 a 10. Você concorre a uma viagem para a Europa, hoje é o último dia.

Como um estalo, Mateus lembrou que em Paris está o Museu do Louvre, onde existem várias tábuas de argila e muitos outros objetos dos quais só tinha visto em livros, *quem sabe!* imaginou rapidamente.

— Tudo bem Marta. — Mateus pegou o papel e preencheu entregando-o a Marta.

— Pronto, agora você terá a chance de ganhar. Só ganha quem joga Mateus. A vida é um jogo — disse Marta.

Mateus se lembrou do pai, viciado em jogos. *Nem sempre...*

— Boa sorte! Espero que você consiga preencher várias propostas.

— Obrigada. *Você não sabe o quanto!* — agradeceu Marta imaginando o quanto Mateus contribuiu para o seu plano.

Mais uma vez Mateus se dirigiu à biblioteca e mergulhou nos livros de História da Matemática.

IMPA 23h10

Carla estava em sua sala, já era tarde, seus olhos estavam cansados, uma dor leve percorria sua espinha. Havia pesquisado muita coisa em relação à teoria de Galois e sua morte misteriosa. Carla sabia do fim trágico de Galois. Aparentemente parecia apenas um duelo causado por uma mulher.

Mas tinha algo que Carla não aceitava muito bem. Como uma pessoa tão inteligente deixou-se levar por uma mulher que aparentemente parecia ser uma isca.

Nick, sabia que o seu trabalho naquela noite não seria muito complicado. Entrar em uma instituição sem ser percebido não era tarefa fácil, uma vez que muitas pessoas ainda estavam por lá, mas Nick sabia muito bem como fazer isto, um veterano de guerra, tinha como aliado principal um treinamento especial para fazer coisas e não deixar rastro.

Nick estava num hotel em Copacabana, um bairro próximo ao bairro de Ipanema. Pela janela, Nick podia ver o mar e sentir a brisa que soprava em seu rosto. Abriu a mala e dentro dela, além de roupas, uma pequena maleta de aço com um cadeado digital. Assim como a mala maior ela tinha um sistema para desintegrar tudo que estava dentro. Se a senha fosse digitada incorretamente apenas uma única vez, dentro da maleta uma composição química se rompia destruindo seu conteúdo. Ele a abriu e ficou observando.

— Esse desgraçado pensa em tudo mesmo, vejamos... — Existia uma pistola especial muito parecida com uma trezentos e oitenta, nove milímetros, porém a diferença estava na construção. Feita em fibra vegetal e materiais especiais, essa pistola era invisível a qualquer detector de metal. *Acho que meu cliente vai precisar desse aqui...* se referindo à munição que iria usar mais tarde.

Bonito e atraente, dias antes ele havia seduzido uma atendente de um laboratório de análises clínicas. Nick precisava do tipo sanguíneo de sua vítima.

Abrindo uma pequena caixa com um símbolo A+ gravado em sua tampa, Nick pegou duas munições. Em geral as munições para pistolas e revólveres são compostas por uma cápsula, onde se localiza o explosivo e na ponta o projétil, que pode ser feito de aço, chumbo ou outros metais. Mas a munição de Nick não era a convencional. A trezentos e oitenta de Nick era externamente muito parecida com as outras vendidas no mercado, mas seu diferencial estava nos materiais de que era feita e sua revolucionária munição. Na cápsula, o projétil não era impulsionado por pólvora e sim uma composição de gás com nitrometano, o que não deixava rastro e reduzia consideravelmente o ruído. A explosão seria como uma pequena arma de pressão. Na ponta da cápsula o projétil era construído com sangue humano da vítima. *Uma morte rápida e sem rastros*. Nick abriu outra caixa, alguns disfarces seriam necessários naquela noite. Ele retirou uma peruca preta, um chapéu, lentes de contato e um óculos.

CAPÍTULO 4

Paris, 1823

Galois, deixa a família e inicia seus estudos no *Lycée Louis-Le-Grand* situado na *Rue Saint Jacques* bem no coração do *Quartier Latin*. Um bairro tradicional dos estudantes em Paris, bastante rico em História, Arquitetura e Cultura, ali agrupava-se os mais antigos e prestigiosos estabelecimentos de ensino, como a *Sorbonne* e o *Collège de France*.

Galois teve sorte. O Liceu era uma escola de primeira linha na formação das elites francesas, e Voltaire, Robespierre e Victor Hugo são exemplos de grandes nomes que estudaram ali.

Desde sua criação, o Liceu estabeleceu uma tradição de abertura ao mundo que se manteve ao longo dos séculos, pelo menos dez por cento de seus alunos eram estrangeiros, todos recebiam um ensino de qualidade elevada. A seleção era acessível a todos. Sua entrada é fruto unicamente do esforço pessoal. No Liceu não se entra pelo sobrenome, mas certamente a passagem por ele pode contribuir para criar um nome.

Quando Galois entrou na escola não gostou muito do que viu, um ambiente escuro e frio, parecia que as paredes não eram limpas há anos.

— Você é novo por aqui?

— Sim, cheguei hoje — respondeu Galois.

— Como se chama?

— Galois, Évariste.

— Muito prazer, me chamo Paul! Vamos dividir o mesmo quarto. Paul foi um dos poucos a ver Galois desenvolver sua teoria.

Até os doze anos de idade a mãe de Galois era o seu único mestre, ela se preocupava em ensinar grego, latim e alguns rudimentos de filosofia, literatura e religião para o filho.

— Venha vou lhe apresentar seus futuros colegas. — A timidez de Galois era algo que se dissiparia rapidamente.

Após a queda de Napoleão I, os educadores jesuítas conservadores voltaram a ensinar no Liceu, isto causou muita revolta entre os alunos.

Com o passar do tempo Galois foi conhecendo mais pessoas e se acostumando à vida que sua mãe escolhera. Não demorou muito para que sua fama começasse a crescer entre os estudantes e professores.

— Pessoal não podemos aceitar esses professores, somos livres para fazer nossas escolhas, esse rei quer nos colocar um cabresto, tenho uma ideia.

Galois começava a dar seus primeiros passos rumo à política, e com alguns amigos organizou uma pequena manifestação. *Na apresentação do coral todos ficaram calados.* A capela ficou silenciosa. O diretor ficou extremamente irritado prometendo expulsar os

autores desse protesto. Mas isso não foi tudo, os acontecimentos posteriores aumentariam de maneira muito significativa sua revolta.

— Galois, todos já estão dormindo... — disse Paul preocupado com o plano de Galois.

— Paul, preste bem atenção, como havia combinado você faz a ala norte e eu faço a ala sul.

O diretor do Liceu estava promovendo um banquete em homenagem ao rei Luís XVIII.

— Galois, boa sorte!

— Obrigado, vamos precisar.

Galois, estava indo em direção à ala sul. De acordo com seu plano conseguiria cobrir o maior número de quartos possível.

A noite estava escura e a luz fraca deixavam os corredores do Liceu ainda mais sombrios, as paredes pareciam falar, Galois sabia que isto poderia acarretar em uma expulsão, mas o que Galois sentia era algo muito forte. Em meio ao corredor lateral que dava acesso aos quartos, dois professores estavam conversando.

Galois, se escondeu num pequeno espaço. Por alguns momentos Galois escutou a conversa dos professores.

— Isso ainda vai acabar mal, não está certo...

— Jorge me escute, se ele for expulso da escola, a coisa vai ficar feia para nós...

Galois conhecia os dois professores, mas de quem eles estavam falando? E o que era tão grave que poderia acarretar na expulsão de aluno?

Virando-se para escutar melhor Galois percebeu que os dois não estavam falando da expulsão de um aluno e sim de um membro do corpo docente. Uma mistura de ansiedade e medo fez com que ele tropeçasse em um pequeno pedaço de madeira deixado ali pelo pessoal da limpeza.

— Você ouviu? — perguntou um dos homens. O coração de Galois, disparou, ele sabia que havia ouvido demais...

Mas a sorte estava do lado de Galois, um grande rato correu no meio do corredor. Todos que passavam por ali sabiam que a escola estava infestada de ratos.

— Ratos... essa escola é imunda! — disse um dos professores com um tom de revolta.

Os dois professores tomaram o caminho do centro do Liceu e Galois pôde continuar com seu plano ousado.

Passando em frente a um quarto, Galois ouviu um pequeno barulho vindo de uma porta, novamente ele subiu uma pequena escada, ela o levaria a um depósito no andar superior. Olhou para os lados e subiu entrando num espaço entre o telhado e o teto. Enquanto ele estava esperando, havia uma luz fraca entrando por um pequeno orifício. Galois chegou mais próximo e o que viu ficaria marcado em sua mente para o resto da vida.

Galois viu um dos professores jesuítas dentro de um quarto de duas alunas. *Malditos hipócritas!*

Galois continuou olhando as cenas, e acabou um pouco distraído.

— Galois... — uma voz firme num tom quase de sussurro soou logo atrás.

— Você não está vendo nada. Venha comigo.

Os dois saíram dali e entraram numa sala de aula.

— Sei que você liderou aquele manifesto na capela, certo?

Galois permaneceu paralisado olhando fixamente para os olhos do homem.

— Como você bem sabe sou o braço direito do diretor, te expulsar daqui não será tarefa difícil... Mas ninguém aqui quer isso não é mesmo? Sua mãe não gostaria de saber que o filho foi expulso do Liceu! — Frederic era um professor antigo e influente.

Galois sabia que o homem realmente tinha influência suficiente para cumprir tal promessa, ele era o vice-diretor.

Continuou olhando fixamente para os olhos do homem, seu coração estava a mil, sua vontade era de esmurrar aquele sujeito, mas sabia que não seria uma decisão sábia, e colocaria tudo a perder. Sabia que aquele gesto o deixaria com vergonha de si mesmo, e continuou com a cabeça abaixada em sinal de reverência, fazendo-se entender que estava concordando com tudo.

— Muito bem vá para o seu quarto e não saia de lá.

No dia seguinte quando o diretor do Liceu levantou um brinde ao rei Luís XVIII, todos os alunos levantaram as taças e derramaram em si mesmo. Galois e mais cinco alunos fizeram pior, levantaram as taças dizendo:

— Um brinde ao rei Luís XVIII. — Em seguida a soltaram no chão.

Vocês vão pagar. O Diretor tinha um bom argumento para expulsar os alunos rebeldes.

No dia seguinte, Frederic entrou na sala do diretor, o mesmo estava com uma lista de quarenta e um alunos que deveriam ser expulsos do Liceu.

Frederic sabia que a tarefa de defender Galois seria difícil.

— Senhor, tem um aluno que gostaria que não fosse expulso...

— Posso saber quem é o protegido? — O tom de deboche estava visível. Mas Frederic se manteve.

— Galois, senhor!

— Veja bem Frederic, alguns alunos me disseram que Galois, está enterrado nisso até o pescoço. — O diretor mantinha alguns informantes dentro do Liceu. Naqueles tempos turbulentos todo cuidado era pouco e ele não gostaria de perder o cargo por causa de alguns alunos rebeldes.

— Senhor, Galois é um excelente aluno, possui uma criatividade vista em poucos que estudaram aqui.

Frederic não estava somente defendendo Galois por ele ter visto o que viu naquela noite, o que estava dizendo era verdade e o seu chefe sabia disso.

— Considere também sua pouca idade, o rapaz tem apenas doze anos.

— Frederic por favor não. Galois será expulso e por favor! — o diretor indicou a porta de sua sala.

Frederic achou melhor mudar o argumento. *Vejamos agora.*

— Senhor, acho que o rei Luís não gostaria de saber sobre algumas coisas que andam acontecendo aqui não acha?

O diretor olhou dentro dos olhos do professor e disse.

— Você não teria coragem!

— Senhor, o que estou pedindo é muito pouco.

Frederic virou e saiu da sala, uma hora depois, a lista com os quarenta alunos que seriam expulsos já estava fixada no centro do Liceu. Galois foi poupado.

CAPÍTULO 5

Nick se olhou no espelho. Não era o mesmo que havia entrado. O novo disfarce havia mudado seu rosto. Isso seria necessário. O mundo estava ficando um lugar cada vez mais cheio de câmeras. Nick pegou uma pequena mochila e fechou a porta. Desceu pelo elevador e saiu do hotel. Na rua fez sinal e pegou um táxi em direção à Floresta da Tijuca. Desceu um pouco antes e tomou o ônibus de número 409, que faz a linha Tijuca-Jardim Botânico.

O IMPA fica localizado em uma área nobre da Cidade Maravilhosa. Dali é possível ver a mata e alguns animais silvestres. Longe do barulho da cidade e no alto da montanha com vista para a Lagoa Rodrigo de Freitas, o IMPA era um ambiente perfeito para alunos e professores conseguirem máxima concentração para criar novos teoremas e desenvolver teorias.

Alguns metros dali, Nick desceu do ônibus, retirou a jaqueta e jogou na lata de lixo, exibindo o uniforme roubado.

Os funcionários que faziam a segurança do IMPA eram de empresas contratadas e naquela noite Nick deveria substituir um colega doente a pedido da gerência. O apoio dado por quem lhe pagará facilitava as coisas.

Na semana anterior um funcionário ficou doente, esta informação era vital para que Nick entrasse em ação. Tal informação viria de dentro do próprio IMPA.

Nick se encontrou com os demais seguranças. Depois de receber as instruções Nick saiu para conhecer todas as dependências do IMPA.

Primeiro ele avaliou suas possíveis rotas de fuga percorrendo todo o complexo na parte externa. Depois caminhou em direção à entrada principal. Na entrada Nick viu uma placa em aço com duas cabeças, uma dentro da outra, era o símbolo do CNPq, um dos órgãos de fomento do governo brasileiro.

Nick começou a subir em direção à entrada principal. Não havia ninguém, pois já passava das onze.

Subiu as escadas e olhou para baixo, havia facilmente passado pelos outros seguranças logo abaixo. Caminhando entrou no salão principal, de longe observou algo brilhando, chegando mais perto pôde ver uma estranha forma de dois metros feita toda em bronze e aço, com uma placa: *Ao IMPA, por todo o seu trabalho. IBM DO BRASIL.*

Nick não entendeu o que significava aquela figura, parecia uma tira retangular de papel cortada e colada ao contrário parecendo uma dobra.

Descoberta em 1865 pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius (1790-1868), a faixa de Möbius foi o embrião de um ramo inteiramente novo da matemática conhecido como topologia, que se destina ao estudo das propriedades de uma superfície que permanecem invariantes quando a superfície sofre uma deformação. A

primeira coisa que notamos na faixa de Möbius é que ela só tem um lado: podemos ir de um ponto localizado em um *lado* da faixa a qualquer outro ponto do *outro* lado através de um caminho contínuo sem nunca perfurar a superfície nem passar pela fronteira, o que dava à faixa de Möbius a propriedade de ter apenas um lado.

Mais à frente Nick observou uma quantidade de quadros e várias anotações deixadas ali: Números e símbolos matemáticos, anotados com letras diferentes, indicando que pelos menos três alunos estiveram ali discutindo e estudando algum problema. O IMPA possuía vários quadros com giz espalhados pelos corredores, uma forma de aproveitar as diversas conversas informais que poderiam dar frutos.

Nick estava com um mapa do IMPA, e sabia muito bem como chegar ao seu destino final.

Dentro de uma sala mais à frente alguém digitava no computador.

Prezada Carla,

Amanhã não estarei aqui, devo ir a São Paulo resolver alguns problemas pessoais, estou deixando um envelope com todos os artigos necessários para você começar. Devo lhe adiantar...

Antes que pudesse completar, alguém bateu na porta: Era o segurança.

— Professor Michel?

— Sim...

— Posso entrar?

— Claro.

Os professores e alunos do IMPA sempre tiveram um bom relacionamento com os seguranças e outros trabalhadores da instituição.

— O senhor tem algo que preciso...

O professor Michel estranhou a forma como o homem falou, ele tinha um sotaque, que ele conhecia bem, sua língua materna certamente era o inglês. O homem entrou na sala e trancou a porta. Michel imediatamente reagiu ficando de pé e encarando Nick.

— Posso saber do que se trata?

— Acho que o senhor pode facilitar meu trabalho me dizendo onde está o manuscrito?

— Não sei do que está falando.

— É claro que sabe!

O professor Michel estava em pé, e Nick rapidamente o dominou. Com uma mão Nick segurou no braço de Michel e o girou apoiando a outra mão em suas costas. Encostou Michel na mesa e segurou seus cabelos, colocando-o com os braços para trás e o rosto colado em sua própria mesa de trabalho. Michel podia sentir o cheiro de pó de giz acumulado em sua mesa entrando em suas narinas.

Chegando perto do ouvido Nick disse:

— Vou refrescar sua memória professor... Galois...

— Não sei o que está dizendo!

Nick retirou do bolso adesivo plástico e enrolou nas mãos de Michel. Sacou a nove milímetros e encostou próximo ao ouvido de Michel. O cheiro que a pistola exalava não era de pólvora. *Que arma é essa?* Imaginou Michel.

— Vamos professor não me faça perder a paciência!

— Ele não está comigo.

— Onde está?

— Posso lhe pagar mais do que quem está lhe enviando.

— Professor, não sou menino de recado. Você vai falar agora ou eu vou estourar seus miolos e vou atrás daquela vaca loura. Nick sabia do romance proibido de Michel com uma mulher casada.

— Está guardado em um Banco.

— Onde?

— São Paulo...

— A senha?

Ainda encostado na mesa e com as narinas brancas de giz Michel abriu uma gaveta e pegou um cartão magnético.

— Isso é suficiente para obter o que procura.

— Muito bem professor, sabia que o senhor não seria idiota.

— Maldito, quem enviou você? Foi Mi...

Nick pegou novamente na cabeça do professor e disse:

— Preste atenção professor, não queira bancar o esperto, porque eu não gosto de ser passado para trás. Se esse cartão não for o suficiente para obter o que procuro, eu volto e você terá uma morte bem lenta.

Mais dois estalos quebraram o silêncio da sala.

Michel caiu embaixo ao lado de sua mesa com o tórax virado para cima. Nick rapidamente vasculhou a sala, saindo logo em seguida.

Ainda no salão principal do IMPA, Nick pegou o celular e fez uma ligação:

— Já estou com a chave.

A voz do outro lado da linha parecia gelada e firme.

— Bom trabalho! Você será bem recompensado por isso. Nos veremos em breve — e desligou o telefone.

Nick agora tinha que correr.

CAPÍTULO 6

Mateus fazia sempre o mesmo trajeto, da janela do ônibus observava o quanto as pessoas caminhavam agitadas. Também aproveitava para pensar em seu futuro, mas não conseguia ver nada que lhe deixasse feliz.

A caminhada até a entrada do módulo onde estudava era longa e pelo caminho encontrava alguns amigos e conhecidos. Ainda na calçada do prédio viu um pequeno balcão com uma bandeira já conhecida. Atrás do minúsculo balcão estava uma linda moça, de olhos escuros, cabelos longos e pele morena, vestida com uma camiseta branca e um crachá pendurado no pescoço. Marta sempre chamou atenção, sua beleza indígena misturada por algumas gerações de alguma forma foi preservada. A pele morena, a cintura fina e um quadril largo faziam de Marta uma mulher tipicamente brasileira.

Ao longe Marta viu Mateus caminhando, seus olhos brilharam e uma leve passagem fria percorreu sua barriga. Mateus se aproximou e viu estampado no rosto da linda morena um sorriso estonteante.

— Mateus, tenho uma ótima notícia para você! — Já havia passado alguns dias desde que Mateus preencheria a proposta.

— Com esse sorriso lindo, realmente deve ser boa. — Marta abriu a bolsa e pegou duas passagens e mostrou a Mateus. Mateus nem se lembrava. Acostumado a tantas promoções, ele nem se lembrava que além de receber um cartão de crédito havia participado de um sorteio.

— O que é isso?

— Não está vendo, é um voucher!

Mateus não costumava dar muita importância às coisas que Marta fazia, às vezes ele achava que ela tinha um parafuso a menos.

— Marta vá logo direto ao assunto...

— Mateus lembra daquele sorteio? — Mateus olhou cético para Marta.

— Você ganhou! E tem mais. Você tem direito a um acompanhante!

— Sério? — a ficha de Mateus ainda não havia caído.

— Que ótimo Marta! — Mateus falou isso pensando em sua mãe.

— Aqui está. — Marta pegou duas pastas feitas em couro sintético e entregou a Mateus.

— Marta não posso.

— Mas por que Mateus?

Mateus olhou para baixo na mesma direção de suas mãos onde estavam as passagens.

— Minha mãe.

— E o que tem sua mãe?

— Ela não pode ficar só, além disso, estamos em aula.

— Mateus, serão apenas quinze dias, você pode dar um jeito. Também pode conversar com os professores.

— Sei que a oportunidade é única, prometo pensar com carinho.

Marta colocou a mão no ombro de Mateus. Sentindo que ele estava preocupado e que poderia perder aquela viagem, tentou usar algumas armas.

— Pense com carinho Mateus, é uma oportunidade única. Você poderá conhecer o Louvre, a Europa respira história, pense nisso. — Ela sabia que Mateus era louco para conhecer o Museu do Louvre.

— Ok Marta, amanhã te falo.

IMPA 02:25h

Augusto era um dos seguranças do IMPA naquela noite. Como já havia algumas horas que não via o segurança substituto, resolveu procurá-lo.

Subiu em direção às salas dos alunos passando pelo salão principal, ao longe viu o brilho no escuro. A faixa de Möbius não era mais novidade, ao contrário do companheiro, ele já havia visto a faixa com cuidado durante o dia. *Não sei o que essa tira de aço retorcido tem de tão importante.* Imaginava.

Andando um pouco mais passou em frente a algumas salas, em uma delas dois alunos estavam concentrados escrevendo no quadro negro. A biblioteca estava fechada. Os corredores estavam mergulhados na escuridão e o prédio parecia respirar o silêncio na noite.

Augusto passou em frente à sala do professor Michel e viu a luz acesa. Michel tinha o costume de deixar um recado para os seguranças que trabalhavam à noite. Quando Michel estava ali, sempre havia uma mensagem desejando bom trabalho. Porém nessa noite o pequeno quadro de recados ao lado da maçaneta estava vazio. Augusto encostou próximo à porta tentando ouvir algum barulho que denunciasse a presença de Michel dentro da sala. Mas somente o silêncio pairava.

Augusto ficou em frente à porta por alguns segundos. Resolveu bater, mas desistiu em seguida, imaginando que poderia desconcentrar o professor. Quando se virou para sair, Augusto sentiu um cheiro estranho. Como um flash ele se lembrou do massacre que assistira anos antes quando ainda era segurança de uma empresa de carro forte. Havia sobrevivido por sorte. A linha vermelha estava cravada em sua memória e o cheiro de morte ainda estava em sua mente.

Tentou controlar seus sentimentos, o psicólogo lhe dissera que seria preciso esforço para superar o trauma. Augusto se virou em direção à porta; estava a um metro. *Estou imaginando coisas.* Seguindo seu instinto, Augusto não esperou e bateu na porta.

Ninguém respondeu.

Novamente bateu e com uma voz suave chamou pelo professor. Nada. Girou a maçaneta, estava trancada. Uma rajada de vento fez bater a janela. Augusto percebeu que alguns papéis voaram dentro da sala.

Augusto já havia percorrido todo o prédio e não viu Michel em nenhum local. Michel poderia estar dormindo. Ele sabia que no IMPA vários professores dormiam em suas salas. *Quando o cansaço bate ninguém resiste.* O cheiro bem distante incomodava Augusto. Na tentativa de ver algo ele se abaixou observando por debaixo da porta. A pequena fresta de apenas dois milímetros não permitia observar muito. Ele se esforçou para chegar mais perto, mas seu rosto redondo não deixava um ângulo suficiente para visualizar o chão do interior da sala.

Augusto se esforçava cada vez mais para ver, mas não conseguia nada. Seu nariz estava muito próximo do chão e podia sentir o cheiro de giz. Já estava quase desistindo quando ouviu a batida da janela, uma forte rajada de vento novamente entrou na sala empurrando tudo contra a porta. Augusto sentiu o sopro forte vindo do interior da sala passando pela fresta em direção às suas narinas; agora ele sabia do que realmente se tratava. Rapidamente ele se levantou e remexeu no molho de chaves que estava em seu bolso. Todas estavam numeradas.

Abrindo a porta pôde ver uma cena estranha. Rapidamente ele correu em direção ao corpo para verificar se havia vida ali e constatou o pior. Pegou o rádio e comunicou ao outro segurança, que rapidamente ligou para a chefia.

Em poucos instantes a polícia já estava no IMPA.

Carla estava dormindo em seu apartamento quando o telefone celular tocou. Ela olhou no visor, mas não reconheceu o número. *Quem será a essa hora...* Carla observou que a chamada era do Rio de Janeiro. Apertou a tecla e ignorou a chamada.

Mais uma vez o telefone tocou, Carla esperou a ligação cair. Pela terceira vez alguém insistiu do outro lado da linha. Carla pegou o celular com a intenção de desligar, mas o número agora exibido no visor fez com que ela mudasse de ideia, atendendo a ligação.

— Carla é Álvaro...

— Álvaro o que você quer a essa hora? — perguntou Carla em tom de sussurro.

Álvaro era um colega que dividia a sala com Carla. Quando a polícia chegou, o barulho no corredor o fez despertar de um sonho bom que obviamente incluía a linda francesa que chegara há um ano. Álvaro fez algumas tentativas, mas Carla preferia os livros.

Ainda não havia informado o novo número do celular para Carla, sua única saída foi ligar de um telefone do IMPA.

— Carla, não tenho uma notícia muito boa para te dar...

— Fala logo Álvaro. — Carla estava cansada de ser confidente das aventuras amorosas mal sucedidas de Álvaro.

— Aconteceu algo grave com Michel. Não sei bem, mas parece que ele está mal.

— Álvaro para de fazer rodeio, fala logo.

— Acho que ele está morto. — Do outro lado da linha Carla ficou muda.

— Carla, você ainda está aí? — passaram três segundos até Carla responder.

— Sim, estou. Como isso aconteceu?

— Não faço ideia, mas...

— Mas o quê? Diz logo! — Carla ainda tinha dificuldade com aquele jeito brasileiro de falar.

— Acho que ele foi assassinado.

— Como assim?

— Não sei bem, passei no corredor e os policiais não me deixaram ver, mas posso lhe garantir: a coisa não estava bonita não.

— Estou indo para o IMPA agora. — Carla desligou o telefone já se ajeitando.

— Estarei em minha sala. — quando ele falou Carla já havia desligado o telefone.

— *Essa francesa me deixa doido.*

Quando Carla chegou ao IMPA, muitos policiais estavam no local, algumas áreas estavam isoladas. Carla foi proibida de entrar.

— Senhor, por favor. — Ela precisava entrar.

As relações com Michel iam além de professor-aluno. Michel havia sido um verdadeiro pai para Carla. Quando chegou ao Rio, Carla não tinha amigos e não conhecia ninguém. Michel se dispôs a ajudá-la em tudo que ela precisasse. Aquele homem de mais de sessenta anos lembrava seu pai e Carla havia adquirido um forte respeito por ele.

— Não insista senhorita.

Do lado de dentro havia um homem de jaqueta preta conversando com alguns seguranças, ele estava de costas para Carla. Quando ouviu a voz de Carla virou e viu a moça.

— Pode deixá-la entrar — disse o professor Jacks olhando para o segurança.

— Obrigada professor — se aproximando do vice-diretor.

— Já soube do que aconteceu?

— Sim professor.

— Venha comigo. — Os dois caminharam em direção às escadas que davam acesso à entrada principal.

No caminho Carla observou toda a movimentação da polícia.

— Como isso aconteceu com Michel? — perguntou Carla ainda não acreditando. Jacks não quis falar.

— Vamos para a minha sala. Lá podemos conversar.

Os dois caminharam em silêncio enquanto Carla observava os seguranças passando e alguns policiais transitando.

Jacks parou em frente à porta da sala e retirou o molho de chaves. A luz estava ligada lá dentro.

— Por favor, entre! — Carla entrou na sala observando alguns livros de história da matemática empilhados próximo à mesa principal. Mas não eram livros que Jacks estava estudando e sim Milton, o diretor.

Carla sentou e o vice-diretor tomou seu lugar numa cadeira confortável que representava bem o cargo de seu companheiro naquela instituição.

— Carla, não sei como isso aconteceu com Michel. Aparentemente ele sempre foi uma pessoa íntegra, com uma vida social muito tranquila. Não me lembro de ver o professor Michel beber ou se envolver em qualquer ambiente que pudesse oferecer algum risco à sua vida. Ele não era um homem rico, nem gostava de ostentar nada que chamasse atenção. Não entendo como isso aconteceu...

— Ele foi assassinado? — Carla viu que Jacks estava bem inteirado da situação.

— Aparentemente sim, mas devemos esperar o trabalho da polícia.

— Posso vê-lo?

— Não acho uma boa ideia. — Jacks fez uma cara estranha.

— Professor está me escondendo algo? — perguntou Carla achando estranha a expressão facial de Jacks.

— Não sei se devo lhe mostrar isso, mas...

— Por favor, professor — pediu Carla.

— Michel fez algo antes de morrer que me deixou intrigado. Não sei como, mas ele teve forças para arrastar algumas coisas...

— Como assim? — Carla achou o olhar de Jacks muito estranho...

— Espero que não se assuste. — Ele virou a tela do computador para Carla e abriu um arquivo que colocara minutos antes em seu computador.

No fundo Carla não queria ver aquilo, mas a forma como Jacks estava conduzindo aquela conversa a havia deixado curiosa. Quando Carla olhou viu a cena chocante: Michel estava caído ao lado de sua mesa de trabalho com alguns objetos.

Carla viu aquela foto e engoliu a saliva a seco. Sentindo um nó se formar em sua garganta fechou os olhos e colocou a mão sobre a boca.

— Sei que não é fácil Carla, mas observe novamente — Carla não aguentaria ver aquilo novamente.

Ela respirou fundo *Acho que vou vomitar* e abriu os olhos, firmando a visão e tentando bloquear a respiração.

— Não existe sangue, nem algum tipo de luta aparente.

— Existem mais coisas Carla. Observe melhor. — Jacks instigava a mente de Carla.

Carla respirou fundo e prendeu novamente a respiração sem que Jacks observasse. Firmou a visão na foto colocando sua mente lógica para trabalhar.

— Não existe sangue e... — Carla observou com mais cuidado. Quando ela viu um livro de capa vermelha caído em cima do peito de Michel ela se assustou...

— É o que estou pensando? — perguntou olhando para Jacks.

— Sim Carla é o que está pensando. E mais, na contracapa tem sua assinatura, além disso, foi ele quem colocou ela no peito — disse Jacks.

— Até onde sei Michel sempre foi um ateu convicto.

— Sempre achei isso também!

Por um breve momento Carla imaginou que a fragilidade dos últimos segundos de sua morte fizesse Michel mudar de ideia. Isso poderia a princípio ser normal. Nos últimos segundos o ser humano faz coisas inacreditáveis.

— Veja essa outra foto após retirar a Bíblia do seu peito...

— Parece um envelope — disse Carla.

— Veja o Nome! — Jacks apontou para a tela de dezessete polegadas.

Para Carla

Carla observou mais um pouco a foto e disse:

— Parece ser os papéis que ele ficou de me entregar! Nesse momento uma voz firme ecoou atrás de Carla.

— E do que se tratam esses papéis? — perguntou o diretor caminhando em direção à lateral da mesa.

Carla olhou para o diretor. Por um breve momento ela sentiu a sensação de um interrogatório.

— Como o senhor está professor? — perguntou Carla se referindo aos sentimentos do diretor em relação ao seu irmão assassinado.

— Estou bem, acredite — disse ele com o ar gelado.

Carla sabia que Michel não era irmão de sangue de Milton.

— Bom, ele propôs estudarmos algumas coisas sobre uma nova teoria — disse Carla respondendo à pergunta de Milton.

Milton achou estranho...

Jacks estava visivelmente esquisito. Como se a presença de Milton o deixasse desconfortável.

— E essa teoria era sobre? — perguntou Milton.

— Michel encontrou um artigo publicado em uma revista francesa que tratava de uma nova teoria baseada na teoria de Galois. — Quando Carla falou o nome de Galois, Milton ficou visivelmente alterado.

Chegando mais perto de Carla.

— Pode me contar mais detalhes, acho que pode ajudar — disse Milton.

— Ontem pela manhã, Michel me chamou para conversar e falar sobre essa teoria. Percebi que ele estava diferente.

— Seja mais precisa! — disse Jacks.

— Michel estava aparentemente cansado. O quadro estava com bastante pó de giz. Minha impressão é que ele passou toda a noite escrevendo. Seus olhos estavam vermelhos. Havia vários papéis sobre a mesa e uma grande quantidade de anotações ao lado do computador — Milton colocou a mão no queixo exibindo uma expressão de interesse enquanto Carla discorria sobre a sala de Michel e Jacks apenas observava atentamente as palavras de Carla.

— Poderia falar mais sobre essa teoria! — disse Milton bastante interessado.

Carla ficou preocupada, Michel havia pedido segredo. Só que agora ele estava morto. E Milton era seu irmão.

— Não sei bem, mas algo que envolva códigos.

— E algo mais? — perguntou Milton.

— Ele não me deu detalhes, disse que iria descansar e depois continuaríamos a conversa.

Jacks ficou visivelmente impressionado.

— Meu Deus onde Michel estava se metendo?

— Carla você certamente será ouvida. Ainda não sabemos o conteúdo do envelope destinado a você que está com a polícia. Mas acredito que será algo relacionado com a conversa que tiveram — disse Milton.

— Certamente — concordou Carla.

— Você tem alguma ideia por que alguém faria isso com Michel? — perguntou Jacks.

— Não tenho a menor ideia — respondeu Carla.

— Tudo bem, cabe à polícia esse trabalho — disse Milton.

Milton se dirigiu até a sua mesa para pegar um aparelho de celular. No mesmo momento um segurança bateu.

— Entre — respondeu Milton ainda abaixado abrindo a gaveta. O homem abriu a porta lentamente e foi falando.

— Professor os policiais querem falar com o senhor.

— Tudo bem, estou indo — respondeu Milton. Milton deixou Jacks e Carla a sós novamente.

Não sabemos o que Michel queria dizer, mas acredito que tentou apontar quem o matou. Espero que a polícia possa descobrir — disse Jacks.

O telefone tocou e Jacks atendeu olhando para Carla.

— Sim eu dou o recado — e desligou. — A polícia quer falar com você. Carla se levantou e Jacks a acompanhou até a porta.

— Te vejo mais tarde.

— Obrigada professor.

— Ah, acho que você deve descansar, vá para casa depois de ser ouvida.

— Tudo bem, mais uma vez obrigada.

Depois de ser ouvida pela polícia, Carla foi para sua sala.

Álvaro estava sentado vendo algumas fotos em um site. Carla entrou e o viu minimizando a tela do computador. *Tarado*. Imaginou Carla sabendo que tipo de site Álvaro estava acessando.

Carla entrou e se sentou. Com a forma retangular a sala comportava até três alunos. Mas naquele semestre somente Carla e Álvaro estavam ocupando a sala. A mesa de Carla ficava de frente para a porta e atrás ficavam as janelas com vista para a floresta. Carla ficava sentada de frente para a porta à uma distância de cinco metros. *Eu sempre quis essa mesa. Imaginou Álvaro. Quem entra na sala não pode ver a tela do computador.*

Carla entrou e sentou. Álvaro estava curioso, já sabia que a polícia queria ouvir Carla.

— E aí, como foi lá com a polícia?

Ela repetiu o que havia dito. Álvaro estava ansioso por mais notícias e saiu para o corredor.

— Vou tentar obter mais informações — disse Álvaro na porta.

— Não sabia que trabalhava como investigador. — Álvaro deu uma risadinha e saiu.

Pegando uma pequena peça de bronze, com o símbolo da raiz quadrada, Carla começou a pensar como e por que Michel colocaria uma Bíblia no peito. Pegando o celular Carla tentou falar com sua mãe por várias vezes, mas o telefone não atendia.

Resolveu então abrir o computador para enviar um e-mail para dizer o que havia ocorrido...

Quando Carla abriu seu computador e entrou no e-mail, havia uma mensagem de Michel, e pelo horário da mensagem Carla ficou assombrada. Talvez fossem os momentos finais de Michel.

Prezada Carla,

Amanhã não estarei aqui, devo ir a São Paulo resolver alguns problemas pessoais, estou deixando um envelope com todos os artigos necessários para você começar sua pesquisa. Devo lhe adiantar F S U A M A O S G A L O ... M I

A primeira vez que Carla leu, teve uma sensação estranha. Observando com mais cuidado, viu que as últimas palavras pareciam escritas com dificuldade. Carla imaginou rapidamente Michel ferido digitando aquele texto, seriam suas últimas palavras.

Se Carla estava confusa, agora com esse e-mail as coisas pareciam ainda mais nebulosas... O que de tão importante tinha para que as palavras finais de Michel estivessem ligadas a ela e Galois? Alguém bateu na Porta já olhando pela abertura que Álvaro havia deixado. Era um policial! Carla ficou surpresa e tentou fechar a tela, mas não conseguiu.

— Carla?

— Sim. — Ela ficou de frente para o policial enquanto a tela do computador ficava de frente para ela exibindo a mensagem.

— Me pediram para lhe entregar isto — estendendo a mão.

Carla controlou a respiração e se levantou rapidamente para pegar o envelope não permitindo que o policial passasse do meio da sala.

— É uma cópia, o original ficará com a polícia para investigação. Carla pegou o envelope.

— Obrigada. — O policial se retirou.

Quando Carla abriu viu as fotos dos documentos que Michel lhe enviaria. Olhando com cuidado viu algumas páginas de antigos manuscritos feitos por Galois.

Carla pegou sua bolsa e colocou o envelope. Voltou a observar o e-mail. *Mas o que Michel queria dizer?* Não havia nenhum outro e-mail, apenas esse, ela saiu da sala em direção a alguns policiais que estavam conversando com Milton. Ela precisava informar a polícia sobre o email.

Carla estava a alguns metros quando sentiu seu celular vibrar. Uma nova mensagem havia chegado. *Bernard*. Carla abriu enquanto caminhava em direção ao policial.

Carla volte para a França imediatamente. Você corre perigo.

Carla estacou, como um poste.

— Oi senhorita — disse o policial com uma caderneta nas mãos.

— Poderia me dizer quando o prédio será liberado? — disse Carla tentando improvisar.

— Ainda não sabemos.

— Obrigada. — Carla se virou e começou a caminhar de volta, Álvaro estava conversando com Jacks.

Ela entrou na sala fechou o computador e pegou sua bolsa. *Preciso sair daqui.*

CAPÍTULO 7

Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro – Galeão

Mateus e Marta fizeram o check-in, e estavam se dirigindo para a sala de embarque, Mateus estava aparentemente nervoso.

— Mateus, tudo bem? — perguntou Marta.

— Tudo! — Marta observou o medo estampado no rosto de Mateus.

— Mateus fique tranquilo, pense positivo, tudo vai dar certo, vamos nos divertir muito. Além disso, voar é mais seguro, as estatísticas mostram isto.

Marta aproveitou aquele momento de fragilidade de Mateus para lhe dar um forte abraço. Nesse momento o telefone de Marta tocou... Marta olhou no visor e teclou *end* ignorando a chamada.

Alguns dias antes, Mateus havia convidado Marta para lhe acompanhar na viagem. Não seria justo. Ela havia insistido para que ele preenchesse a proposta. Além, disso não seria tão ruim assim viajar com uma linda mulher ao seu lado. Ele já havia percebido que os olhos dela cintilavam quando eles conversavam.

— Algum problema? — perguntou Mateus.

— É uma chata que vive querendo saber da vida dos outros — respondeu Marta tentando justificar.

— Tem certeza? Pode ser importante — respondeu Mateus.

— Tenho, eu conheço a figura.

— Tudo bem, se você está dizendo. Bem, vou comprar algo para mastigar — disse Mateus se dirigindo para um pequeno bar localizado próximo da sala de embarque.

— Por favor, este aqui! — disse Mateus apontando para o vidro. A atendente pegou e entregou a Mateus.

— Dez reais e vinte. — Ele retirou uma nota de vinte reais e pagou.

— Aqui está seu troco senhor.

Caminhando de volta ouviu uma voz logo atrás...

— Senhor, perdeu isto!

Mateus olhou para trás e viu uma mulher com algo na mão, ela aparentava vinte e poucos anos, tinha o cabelo preto, comprido e meio encaracolado, os olhos verdes cintilavam e estava vestida com um sobretudo de couro até o joelho. Depois de um pequeno transe mental, a ficha de Mateus caiu.

— Sim, é minha — olhando para a mão da moça.

Mateus havia deixado cair uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Tome Mateus, vai lhe proteger. Lembrando das palavras da mãe antes de sair de casa.

— Caiu do seu bolso.

— Muito obrigado — disse Mateus.

— Não sei o que seria dessa viagem sem ela. — A moça deu um sorriso já se afastando.

— Boa viagem — disse Mateus.

— Obrigada.

Ao lado de Mateus soou a voz de Marta...

— Algum problema Mateus? — Mateus ainda estava em transe.

— Nenhum...

— Aquela moça encontrou isto e me devolveu.

— A... sei... — Marta não gostou muito. Em seu íntimo imaginava como poderia conquistar Mateus, ela sabia que ele não a olhava como mulher e isto a deixava mais consciente do trabalho que vinha pela frente.

A mais de quatrocentos quilômetros dali, Nick estava com um pequeno envelope nas mãos na porta de um famoso banco em São Paulo.

Um carro branco encostou e Nick entrou.

— Bom trabalho! — disse o homem.

— Aqui está! — entregando o envelope para o homem que em seguida abriu e começou a ler.

— Diabos... — disse o homem.

— O que houve? — perguntou Nick.

— Aquele maldito, mesmo depois de morto continua a dar trabalho. Não está completo, isto é apenas uma parte do que estamos procurando.

CAPÍTULO 8

Dijon, França 1970

Com apenas oito anos de idade Jean gostava de inventar e construir seus próprios brinquedos, seus pais tinham um pequeno sítio localizado nas proximidades da cidade de Dijon. Jean estava com sua irmã brincando no quintal de uma velha casa, lá encontraram alguns objetos de escavação.

Escavando em uma encosta, Jean bateu a ferramenta em algo duro, que parecia uma tampa de madeira coberta com barro.

— Jean vamos, mamãe está chamando...

— Michela espere, vamos escavar mais! — olhando para a irmã.

— Jean vamos. Mamãe está chamando.

Jean continuou escavando e sua irmã começou a se afastar em direção à casa. Quando Jean bateu mais forte abriu-se um pequeno orifício e esse pedaço da abertura caiu e bateu na água. A luz podia entrar agora, Jean não resistiu à oportunidade de olhar pelo orifício...

— Jean... — uma voz chamava dentro da casa.

Só mais um pouco já estou quase vendo o que tem lá embaixo...

De repente Jean ouviu um estalo, por um momento ficou imóvel. Quando olhou ao seu redor viu um pequeno trinco na terra. Jean estava sob uma tampa de argila. Quando tentou se mover para sair, ouviu mais dois estalos e a tampa se rompeu.

Jean tentou segurar nas bordas do antigo poço de captação de água que tinha menos de um metro de diâmetro, mas não conseguiu e despencou mergulhando na escuridão.

O poço era estreito fazendo com que Jean fosse arremessado de um lado para o outro, o que reduziu consideravelmente sua velocidade de queda. Os quilos a mais também ajudaram. Com os olhos fechados podia sentir suas costas raspando fortemente na parede cheia de terra e pedregulhos.

Caindo na escuridão sentiu uma forte batida em suas costas e um puxão que apertou sua barriga quase o partindo ao meio. Quando abriu os olhos estava pendurado pela cintura. Sua calça havia ficado presa a uma ponta de madeira. Limpando os olhos Jean tentou enxergar, mas a luz era pouca. Via apenas um pequeno ponto iluminado no alto. Jean gritou bem alto, mas não ouviu ninguém.

Cansado de gritar, Jean parou e começou a chorar. Quando suas pupilas dilataram Jean pôde ver melhor. Parecia que o poço ali estava mais largo que lá em cima.

Olhando ao seu redor e tentando se segurar esbarrou em uma pedra que fez deslocar uma grande quantidade de terra. Poucos segundos depois ouviu o barulho de algo caindo na água. Preferiu ficar quieto e esperar.

Enquanto esperava o socorro Jean viu um brilho muito fraco numa fresta na lateral do poço. Quando a equipe de resgate chegou os homens não podiam descer. O risco de erosão era grande. Se alguém tentasse descer poderia fazer com que Jean fosse soterrado ou mesmo que caísse até o fundo.

A solução encontrada pelos bombeiros foi descer uma corda com um gancho. Jean teria que se encaixar como se estivesse preso a um paraquedas para ser içado. O diâmetro do poço era pequeno para um homem descer. A equipe desceu a corda com uma lanterna pendurada para que Jean pudesse ver o que estava fazendo. Teria que salvar a própria vida.

Com dificuldade ele conseguiu segurar a corda. Mas se livrar da calça agarrada à ponta de madeira não seria tarefa fácil. Quando conseguiu se soltar viu uma grande quantidade de terra cair.

Preso à corda ele voltou a olhar pela fresta e viu um brilho intenso de metal refletindo a luz da lanterna. Movendo a luz na direção da fresta viu uma pequena caixa. Não resistiu e puxou segurando-a junto ao seu peito.

Hong Kong – China, 2000

- Ele vale mil dólares.
- Senhor não tenho todo esse dinheiro... Quinhentos, tudo bem?
- Mil e nada menos... — disse o vendedor do antiquário.
- Está bem...

Bernard sabia muito bem o que estava comprando, ao contrário do vendedor, que não fazia ideia do que estava vendendo...

Michel iniciou sua carreira docente no interior do estado de Minas Gerais, a vocação vinha de seu pai engenheiro civil. Sua ida para o Rio de Janeiro renderia bons frutos em sua carreira, mais do que isso, Michel queria contribuir com seu país.

Seus pais biológicos haviam sido atropelados. Apenas Michel havia sobrevivido. Sem parentes, Michel foi direcionado para um orfanato no Rio de Janeiro.

O engenheiro Elias Alberto havia desviado de um caminhão que trafegava na contramão causando o acidente. Ele nunca conseguiu se recuperar. Todas as noites sonhava com Michel no orfanato. A única forma de reduzir esse sentimento foi adotando Michel.

Elias sabia que não tinha culpa no acidente. Mas isso não o isentava. Por isso achava que teria que dar a Michel o melhor que podia. Mas isso, não traria bons frutos. Milton seu único filho nunca aceitou Michel. E cada vez mais, o ciúme aumentava.

Já como professor, Michel conheceu o francês Bernard do qual tinha uma admiração especial pelo Brasil. Pelos menos uma vez por ano ministrava cursos no IMPA.

Michel criou uma relação de amizade com Bernard que ficava hospedado em sua casa durante o tempo que passava trabalhando no IMPA. Michel também viajava com frequência para a casa de Bernard situada em Paris. Michel dizia com sorriso no olhar que se Bernard fosse para um hotel sua pesquisa não renderia. Os dois passavam longas madrugadas conversando.

Michel estava ministrando um curso em Paris onde apresentava sua pesquisa. Era primavera na Europa, Bernard e Michel estavam sentados na varanda do apartamento de Bernard conversando. Dali era possível ver a ponta da torre mais famosa da França. Acompanhados por um bom vinho, os dois conversavam sobre os infinitos problemas que se acumulavam ao longo de suas pesquisas. Quanto mais descobriam, mais tinham para pesquisar. A cada solução gerada novos problemas apareciam. Numa dessas madrugadas, depois de algumas taças de vinho Bernard disse:

— Velho amigo, nas minhas andanças consegui muitas coisas na vida, uma delas foi conhecer o incrível universo da matemática, um mundo de informações que nos ajudam a entender melhor este maravilhoso universo em que vivemos. Mas... — Bernard fez uma pausa para tomar um longo gole de vinho. — Nessas andanças eu encontrei algo que tem me deixado acordado quase todas as noites...

Michel olhou para Bernard com um olhar preocupado, sabia que as relações amorosas do amigo iam de mal a pior — *Mulheres*. Michel sabia que Bernard tinha uma namorada no Brasil. Uma mulher bonita que estava interessada somente no pouco dinheiro daquele velho francês. Eles saíram algumas vezes na noite carioca e não demorou muito para Michel perceber que a mulher estava enganando Bernard. Ele falou com Bernard, que a havia visto com outros homens, mas Bernard ignorava dizendo que não se importava.

— Bernard, se não quiser contar não conte, mas se isso o alivia fique tranquilo o assunto morre aqui.

— Eu não posso morrer com isso. — Bernard tomou mais um gole de vinho e continuou. Michel imaginou que a coisa agora havia ficado séria. Seria alguma doença? — Você conhece bem a teoria de Galois?

Quando Bernard disse isso, Michel achou que o velho amigo já havia bebido demais, de qualquer forma ficou mais aliviado.

— Sim, já estudei algumas coisas. O básico da teoria — respondeu Michel. Lembrando que a teoria de Galois era pequena, mas tinha um impacto muito grande na matemática gerando posteriormente uma infinidade de descobertas e novas teorias, tudo isso devido a forma criativa de como Galois havia atacado um problema antigo sobre a resolução de equações. Galois claramente pensava fora da caixa.

— E se eu lhe disser que o que você conhece da teoria de Galois não foi nem dez por cento do que ele produziu em seus poucos anos de vida...

— Como assim? — Michel achou que Bernard estava brincando.

— E se eu lhe disser que Galois produziu muito mais teoria do que você imagina e com ela pode-se produzir ainda muito mais. Sem falar nas descobertas que poderão vir. — Bernard saboreou o vinho mais uma vez.

Nessa altura Michel já estava achando que Bernard estava bebendo demais. Michel conhecia todo o conteúdo que Galois produziu em vida e algumas deduções feitas posteriormente por outros matemáticos para preencher algumas lacunas. A teoria já havia sido mais do que revirada.

— Bernard, toda a teoria que Galois produziu em vida chegou às nossas mãos. — Michel sabia que muitos matemáticos já haviam dissecado toda a teoria de Galois. Inclusive matemáticos famosos, como Liouville, Gauss, Jacob e outros.

— Michel você é um homem bom, tem princípios, sabe respeitar um sábio quando vê um. Mas existem homens que só olham para dentro de si. Não importa o que tenham que fazer, eles fazem... — Michel ficou olhando para Bernard. *Agora ele começou a filosofar...*

Aquela conversa já estava deixando Michel intrigado...

— Há alguns anos atrás ministrei um curso em uma universidade de Hong Kong, a pedido de um colega que é professor lá. Andando pelo centro da cidade eu passei em algumas livrarias e antiquários. Em um deles eu encontrei um pequeno caderno de anotações. Não dei muita importância. Mas o vendedor disse que havia muitas equações matemáticas. Quando ele falou isso, fui dominado por um sentimento de curiosidade e não resisti. Aquela letra e rabiscos não me eram estranhas, já havia visto em algum lugar. No começo achei que seria uma cópia, mas depois de alguns minutos analisando vi que não se tratava de nenhuma cópia; era um texto original.

— Um manuscrito matemático antigo? — perguntou Michel tentando se conter.

Bernard pegou a taça e olhou para a ponta da torre Eiffel.

— É linda, não é Michel?

Michel observou e voltou a olhar para Bernard. Com um ar de ansioso. E Bernard continuou.

— Fique tranquilo vou lhe contar. — Com toda a calma Bernard tomou mais um gole. Limpou a garganta olhou para a bela torre Eiffel com as luzes acesas e com toda a calma continuou. — Folheando rapidamente pude observar que as anotações tratavam de resoluções de equações. No começo achei que poderia ser de algum professor, mas algumas coisas me chamaram atenção. Um manuscrito antigo com uma letra muito familiar e algumas anotações sobre grupos de simetria. Tudo indicava o final do século XIX ou início do século XX.

— Já estou começando a ficar nervoso. — Michel não sabia onde Bernard queria chegar, mas o assunto estava ficando bastante interessante.

— Calma Michel, eu chego lá. Negocieei um pouco e consegui comprar, não sei por que, mas algo me dizia que seria um bom investimento porque era algo original e muito

familiar. Fui para o hotel com o manuscrito e comecei a olhar com calma. No começo, a teoria exposta era uma teoria já conhecida por nós, até cheguei a pensar que tinha feito um mau negócio, comprando algo sem valor. Passando às páginas seguintes pude observar que havia afirmações e teoremas que ainda não tinha visto em livros. Quando terminei de folhear o caderno eu não tinha dúvidas: estava diante de um dos maiores achados arqueológicos da matemática dos últimos tempos. Aquelas anotações haviam ficado perdidas e agora estavam ali, diante dos meus olhos. Por um momento me senti Howard Carter descobrindo a tumba intacta de Tutankamon. Quando retornei à França pedi a um perito para comparar as letras com os manuscritos que conhecemos. Nem precisava, intuitivamente eu já sabia.

Nessa altura os olhos de Bernard estavam brilhando. Michel sentiu um frio na espinha e chegou perto de Bernard.

— Era de Galois! — completou Michel.

Bernard abaixou a cabeça e levantou concordando.

— Sim meu amigo! Ele mesmo. Aqueles resultados sem dúvida eram a marca registrada de Galois.

— Simetria! — respondeu Michel mostrando empolgação. — Você já falou isso com alguém?

— Não, você é o primeiro Michel. Estive tentando entender aquelas contas, não consigo entender algumas passagens. Parece que falta algo. Depois de algum tempo cheguei à conclusão que realmente estavam faltando partes. Meu trabalho nos últimos anos tem sido de tentar preencher essas lacunas.

— Será que não é possível encontrar o que está faltando?

— Já procurei, mas isso é como encontrar uma agulha no palheiro.

— Achei que seria mais fácil tentar deduzir.

Michel ainda não compreendia bem por que Bernard não revelou isso a ninguém. Bernard era um homem simples, sem muitas ambições.

— Bernard, você me permite uma pergunta?

— Claro.

— Por que não revelou isso a ninguém? Muitos matemáticos poderiam te ajudar.

— Michel, existem resultados aqui que podem mudar o curso da história.

Michel não entendeu. O que Galois poderia ter feito que tivesse consequências tão graves para os dias de hoje? Michel imaginou isso tendo como base a teoria de Galois existente.

Bernard levantou e foi até o seu escritório e voltou com algumas folhas impressas.

— Tive o trabalho de traduzir para uma notação atualizada a fim de facilitar o entendimento. Veja estes resultados aqui.

Michel analisou as anotações de Bernard por um breve tempo. Bernard deixou Michel lendo enquanto foi até o seu quarto pegar o original.

— Veja, este é o original...

Michel pegou o manuscrito cuidadosamente.

— Está em perfeito estado.

— Realmente, conversei com o vendedor, tentando obter informações de onde esse manuscrito foi encontrado. Ele disse que o homem que o procurou para vender aparentava ter mais de quarenta anos e que havia comprado de um francês de Dijon, somente isto. Acho que pelo fato de ninguém entender direito essas anotações, esse manuscrito acabou ficando ilegível e não caiu nas mãos de nenhum matemático com conhecimentos suficientes para dar o verdadeiro valor à obra. Nós dois sabemos o que Galois passou durante toda a sua vida e o quanto foi difícil para que sua teoria chegasse até as mentes poderosas daquela época.

Michel estava folheando o manuscrito quando parou em uma página.

— Grego?

Com toda a calma do mundo Bernard disse para Michel.

— Vire a página e entenderá!

Michel observou com cuidado as anotações e depois de algum tempo olhou para Bernard com uma cara de espanto e disse:

— Agora entendo por que você não falou com ninguém sobre esse manuscrito.

Michel estava visivelmente abalado e sem palavras. Fechou o manuscrito e olhando dentro dos olhos de Bernard disse:

— Há quanto tempo comprou esse manuscrito?

— Quase nove anos.

— Meu Deus Bernard!

— Como aguentou tanto tempo?

— Michel, tenho a impressão que esse conteúdo é muito perigoso, se cair em mãos despreparadas, não sei o que pode acontecer, nós sabemos da quantidade de cientistas que se vendem por um punhado de notas. Além disso, temos que lapidar essas informações e testar a veracidade de tudo. Isso é um quebra-cabeça bastante complicado.

— O que você propõe? — perguntou Michel. Bernard fez uma careta mexendo com os ombros.

— Não faço a menor ideia.

Michel parou para pensar um momento e disse:

— Vou precisar estudar isso com cuidado.

Bernard fez uma cara positiva, pegou a garrafa de vinho encheu a taça e tomou tudo de uma vez. Olhou dentro dos olhos de Michel e disse:

— Que assim seja meu amigo...

CAPÍTULO 9

Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro – Sede.

— Veja isto chefe. — O policial chamou seu superior.

O homem se aproximou e observou a tela do computador.

— Desconfiei! Essa relação não era apenas profissional — disse o homem olhando atentamente.

Michel havia recebido um e-mail com algumas fotos de Carla.

— Ela está escondendo algo — disse o perito sentado em frente ao computador.

— Sem dúvida meu caro. Quem enviou esse e-mail?

— Anônimo senhor.

— Mande uma equipe de busca. Preciso fazer umas perguntas — disse o homem.

O som que vinha do teto do aeroporto avisava a última chamada para o voo 336 com destino a Paris. Mateus e Marta já subiam as escadas do Airbus A330. Mateus ainda estava impressionado com o acidente ocorrido com uma empresa francesa meses atrás matando 228 pessoas. Tentando se convencer de que o avião era bastante seguro, respirou fundo e acompanhou Marta na subida.

— Senhor, gostaria de beber algo? — perguntou a comissária de bordo logo após os dois se acomodarem em seus lugares.

Mateus não respondeu, estava observando a parte externa do avião.

— Por favor, um copo de água — disse Marta à comissária de bordo.

Marta se aproximou da janela onde Mateus estava e encostou em seu peito.

— O que tanto você olha nessa janela mocinho?

— Nada de especial, estou apenas observando os trabalhadores andando de um lado para o outro.

Mateus via vários funcionários com tratores e máquinas abastecendo o avião de combustível e carga para a longa travessia do atlântico.

— Tudo isso para que possamos voar com segurança e tranquilidade — respondeu Marta bem próxima à Mateus.

Marta podia sentir os braços fortes e o peito aconchegante de Mateus enquanto se apoiava para observar a janela.

Voltando seu olhar para dentro Mateus observou uma mulher entrar no avião. Marta percebeu que Mateus estava observando.

— É aquela moça, não é Mateus?

— Acho que sim — disse Mateus se fazendo de desentendido.

— Acha ela bonita? — perguntou Marta.

— É uma bela mulher sem dúvida. Pelo sotaque acho que é francesa.

— Você me acha bonita? — perguntou Marta enquanto alguns passageiros passavam no corredor.

Mateus aguardou as pessoas se acomodarem para responder.

— Marta você é linda. — Enquanto Mateus falava a mulher passou novamente em direção ao toalete. E Mateus não conseguiu desviar os olhos de modo que Marta não percebesse.

— Mateus... — disse Marta observando a mulher passar.

— Marta me desculpe, parece que eu conheço aquela moça de algum lugar.

— Quem sabe vocês não tiveram algo na encarnação passada — Marta falou com uma expressão de deboche.

— Marta! Sabe que não acredito nessas coisas. Acredito que temos uma única vida e acho que temos aproveitar o máximo possível. Portanto vamos deixar essa mulher para lá e vamos curtir nossa viagem.

Mateus deu um abraço bem apertado em Marta. Logo depois veio o aviso de atar cintos. O nervosismo de Mateus agora começou a ficar evidente.

Três policiais chegaram ao setor de embarque do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro – Galeão.

— Polícia — disse um dos homens à atendente exibindo seu distintivo. — Estamos procurando essa passageira. — Ele exibiu a foto de Carla com o nome completo abaixo.

— Um momento, por favor. — Ela abriu a lista de passageiros, fez uma pausa e olhou para fora. Ela apontou para o vidro enquanto o Airbus A330 passava a mais de 150 km/h em procedimento de decolagem. — Acabou de decolar rumo a Paris.

Durante a decolagem Marta aproveitou o momento e pegou na mão de Mateus apertando bem forte. Após algum tempo o avião já estava estabilizado voando tranquilamente. Mateus podia acompanhar a localização exata do avião através de um mapa digital exibido no monitor à sua frente. Com um pouco de cuidado era possível identificar algumas cidades logo abaixo, pareciam árvores de natal com tantos pontinhos de luz, Mateus podia imaginar quantos lugares estavam sendo iluminados naquele momento e como o mundo se torna tão pequeno.

Os comissários de bordo serviram o jantar e depois que todos jantaram as luzes de cabine foram apagadas.

No assento 33C uma pequena luz de leitura estava acesa. Carla estava acordada, pensando em todas as coisas que aconteceram e como Michel poderia ter sido assassinado dentro do IMPA. Além disso, o que significaria aquele e-mail com o MI no final. Que relações as teorias de Galois têm com a morte de Michel e por que Bernard insistia que ela deveria voltar para a França. Mas ela confiava o suficiente em Bernard para não questioná-lo.

Carla apanhou a bolsa e começou a observar os papéis que Michel preparou para o estudo que eles iniciariam. Depois de algum tempo Carla concluiu que eram apenas teoremas sem demonstrações, ou seja, apenas afirmações sem nenhuma prova. Até aí tudo bem, uma vez que o objetivo deles era realmente construir provas para esses resultados e que deveriam figurar na Tese de Doutorado de Carla.

As perguntas invadiam a mente de Carla. A imagem que não saía de cena era a de Michel com uma Bíblia no peito, talvez colocada por ele mesmo. *Isso não faz sentido.*

Carla fez algumas anotações enquanto o avião começava a se aproximar do litoral rumo ao nordeste do país. Mas não conseguia sequer compreender os teoremas, estava muito cansada e precisava dormir.

Mateus seguia olhando fixamente para a janela. Marta não resistiu e adormeceu. Cada passageiro tinha em sua frente uma tela de LCD sensível ao toque onde poderiam escolher entre filmes e jogos. Mateus optou por um mapa informando a localização exata do avião naquele instante. Da janela ele podia perceber os aglomerados de luz logo abaixo e conferir no mapa a cidade. Havia também duas câmeras externas: uma estava na frente do avião e a outra estava ligada abaixo da fuselagem. Mateus selecionava as câmeras, mas a escuridão da noite tomava conta da pequena tela.

Observando a janela Mateus podia observar a ponta da asa que vibrava intermitentemente e possuía uma pequena luz vermelha piscando na ponta. Quando o avião balançava Mateus observava o trabalho dos ailerons externos; mecanismos que mudavam o fluxo de ar para que o aparelho pudesse estabilizar.

Mateus observava o mapa atentamente e verificou que o avião havia decolado e seguido uma rota pelo litoral sem sobrevoar o oceano. A rota era idêntica à feita pelo voo 447 da Air France que sumiu no atlântico. *Quando esses pontinhos de luz vão desaparecer dando lugar à escuridão do oceano?*

Próximo ao Rio Grande do Norte Mateus adormeceu. Enquanto o avião se dirigia para a travessia, Carla olhou no relógio e imaginou que em algumas horas estaria abraçando sua mãe. A relação das duas era muito forte e os últimos acontecimentos fizeram Carla sentir ainda mais saudade de casa.

Havia duas horas que o avião deixara o continente, Mateus acordou com estalos em seus ouvidos. Teve a leve sensação de que algo errado estava acontecendo. Pela segunda vez o comandante solicitou aos passageiros para apertar os cintos, pois estavam passando por fortes turbulências. Mateus não perdeu tempo e fez o que o foi solicitado. Apertou o seu cinto de segurança e logo depois o de Marta que acabava de acordar.

Ele olhou para a janela e viu apenas a escuridão, os pontos de luz haviam sumido e as asas do avião agora balançavam bastante, parecia um pássaro em pleno voo. Rapidamente ele ligou a tela em sua frente que estava em modo de descanso. O mapa surgiu à sua frente confirmando sua observação visual: estavam sobre o oceano atlântico.

Meia hora depois o avião estabilizou e Mateus voltou a dormir encostando-se no ombro de Marta. Ela podia sentir sua respiração. Agora ali, bem perto, ela podia voltar a sonhar. Depois de tantas tentativas frustradas, somente essa viagem poderia convencê-lo. Seria uma oportunidade de conquistá-lo e ela não poderia de forma alguma perder essa chance. Ela encostou mais perto e o acomodou melhor para sentir Mateus bem próximo.

Depois de algumas horas Mateus acordou. Os primeiros raios de sol já apareciam no horizonte, ele olhou pela janela e já podia ver os campos da França, parecia uma pequena horta com todos os canteiros bem demarcados, todos separados e com um verde muito bonito.

— Você dormiu bastante! — disse Mateus olhando Marta despertar.

— Só um pouco. Já chegamos?

— Sim, mas ainda falta o pouso — disse Mateus em tom de brincadeira olhando para o mapa na sua frente.

O policial chefe da equipe de busca entrou na sala.

— Ela fugiu senhor.

— Para onde? — perguntou o homem concentrado digitando no computador.

— Paris.

— Ela está voltando para casa. Entre em contato com a PF. Vamos ver o que é possível.

Marta e Mateus desembarcaram e seguiram para o hotel.

Carla foi recebida com um forte abraço, sua mãe a esperava ansiosa.

No dia seguinte Marta e Mateus foram até à Torre Eiffel para uma visita com vista panorâmica. Quando chegaram, Mateus ficou sem palavras, ela estava curtindo, mas ele estava sentindo o lugar. Muitas pessoas olham para a torre e apenas conseguiam ver um monte de ferro, mas tudo aquilo ia muito além, Mateus conseguia sentir uma emoção inexplicável diante daquele monumento. Era como se ele já estivesse ali em outras vidas. A beleza associada a um contexto histórico trazia uma enxurrada de emoções, ele podia sentir tudo aquilo.

— Mateus, o que acha de voltar aqui durante a noite para observar a cidade iluminada?

— Mateus pensou um pouco.

— Acho que não é uma boa ideia! — e ficou sério.

Marta não entendeu muito bem e estranhou.

— Acho uma ótima ideia! — respondeu Mateus eufórico — Não podemos deixar de ver a cidade à noite, deve ser linda.

Mateus tinha razão, Paris ficava radiante iluminada.

Carla tomou um ônibus em direção ao centro e logo depois a linha seis. Emergindo na estação *Dupleix*, ela foi em direção à *Rue de La Federation* e passando em frente à escola École Militaire se lembrou do sonho de Galois. Entrando no prédio de onde era possível ver a torre, tocou o interfone várias vezes, mas não havia ninguém, um morador desceu e deixou a porta aberta, então Carla resolveu subir. Chegando até o apartamento, tocou a campainha. Nada. Outro morador viu Carla.

— Você está procurando o professor Bernard?

— Sim.

— Tem alguns dias que não o vejo, acho que ele viajou — disse o morador do apartamento vizinho.

— Sabe para onde ele foi? — perguntou Carla com bastante delicadeza.

— Não.

— Mesmo assim obrigada.

Carla tentou imaginar onde Bernard estaria. Havia ligado para o celular dele. Mas ninguém atendia nem estava lendo suas mensagens. Sabia que ele entraria em contato mais cedo ou mais tarde.

Saindo do prédio em direção à estação de metrô *Dupleix*. Do outro lado da rua dois homens a observavam. Eles caminharam em direção à porta de entrada do prédio. O homem loiro e forte retirou um pequeno objeto do bolso e enfiou na fechadura que não resistiu e abriu.

Subiram e estacaram na porta com o número 012. Como anteriormente, a porta não ofereceu resistência e eles entraram no apartamento.

— Maldito — esbravejou o homem mais velho.

— Chefe, ele foi mais rápido que nós.

— O desgraçado recolheu algumas coisas e fugiu. Mas eu pego aquele rato. Acredito que ele não deve estar longe; é só uma questão de tempo para encontrar Bernard.

Nick abriu a bolsa e pegou uma chave fenda. Abriu o telefone e instalou um pequeno aparelho.

— Pronto. — Nick havia instalado um grampo.

Carla emergiu da estação de metrô Opera passando em frente ao monumental prédio de aproximadamente 11.000 m². Caminhando na calçada em direção à Galeria Lafayette, Carla foi abordada por uma senhora.

— Minha filha, dê uma caridade a esta pobre velha. — Carla parou e olhou para a pobre velhinha vestida com a burca.

— Senhora, por favor... — continuando a caminhar.

Carla não deu muita atenção, mas a velha insistiu:

— Minha filha, sei o que está se passando em sua vida...

Por um momento Carla achou estranho, mas desconfiou que a velha estivesse apelando e prosseguiu. A velha falou novamente.

— Bernard gostaria muito de falar com você.

Agora a velha já sabia demais. Como ela poderia saber que Carla estava tentando encontrar Bernard?

Carla virou para trás e caminhou em direção à velha. Chegando próximo a ela disse:

— O que disse? — com uma voz ríspida.

A velha olhou dentro dos olhos de Carla.

— Tome, me encontre às seis neste endereço — passando um pequeno lenço para Carla e falando com uma voz masculina. Na mesma hora Carla reconheceu.

— Bernard! O que você está fazendo aqui? E essas roupas? — falando baixinho.

Do outro lado da rua dois policiais observavam e começaram a caminhar na direção dele.

— Vá — disse Bernard.

Bernard virou-se e saiu, deixando Carla sozinha. Carla abriu o lenço e encontrou um papel com um endereço.

Logo depois de deixar Carla, ainda vestido com a burca ele sentiu a presença de dois homens o seguindo. Começou a caminhar mais rápido na tentativa de despistá-los. Assim como os Estados Unidos, a França também vivia o medo em relação ao terrorismo. Os policiais estranharam a forma como Bernard abordou Carla. E agora andando daquele jeito, deixava claro que havia algo errado.

— Moça está tudo bem? — perguntou um dos policiais.

— Sim sem problemas, ela só me pediu uma esmola.

Os policiais deixaram Carla e seguiram atrás de Bernard.

Ele atravessou a rua e entrou na Galeria Lafayette passando pelo piso térreo cheio de lojas. Bernard deu várias voltas na tentativa de despistá-los, mas não conseguiu. Tomou a decisão de subir mais um andar, pegando a escada rolante. A Galeria Lafayette parecia uma espiral onde era possível observar todo o seu centro. Ele subiu mais um andar e pegou a passarela de vidro que ligava ao outro prédio do outro lado da rua. Ali estavam algumas lojas mais requintadas, algumas estavam servindo champanhe para seus clientes. *Não tenho tempo obrigado* e passou em frente pegando a primeira escada rolante que viu, ele sabia que a descida era longa, mas logo estaria no subsolo e lá estaria a estação de metrô onde poderia se deslocar rapidamente. Os homens continuavam em seu encalço. Estavam cada vez mais próximos. Na verdade estavam esperando um local ideal para fazer uma abordagem. Bernard desceu as escadas correndo, tropeçou e caiu. A burca que antes era um disfarce perfeito agora estava lhe atrapalhando. Ele entrou em um corredor que tinha um pequeno acesso de serviços, rapidamente ele retirou a burca e colocou um chapéu bem discreto e elegante, combinando com sua roupa esportiva. Continuou andando rapidamente em direção ao metrô.

Os policiais pararam logo à frente. Bernard havia desaparecido. Um senhor elegante com jeitão de turista os cumprimentou. Resolveram voltar. As roupas ainda estavam no corredor. Rapidamente desconfiaram do truque e seguiram na direção de Bernard.

As escadas pareciam não acabar nunca, Bernard estava ofegante quando chegou à estação. O trem estava parado com as portas abertas, e um sinal sonoro avisava que as portas seriam fechadas. Era tudo que ele precisava. Quando as portas fecharam os policiais chegaram, mas não conseguiram subir. Agora dentro do vagão em movimento Bernard fez um sinal de despedida para os dois homens que ficaram para trás.

CAPÍTULO 10

Paris, 1827

Uma reunião de professores do Liceu seguia calorosa. O diretor questionava o professor Hippolyte Vernier:

— Não entendo por que defende tanto Galois.

— Diretor, poucos aqui conhecem Galois como eu, esse aluno tem uma capacidade de raciocínio nunca vista no Liceu. Venho acompanhando Galois há algum tempo e posso lhe garantir isso.

Do outro lado da sala um professor pediu a palavra.

— Acho que esse aluno é uma lenda, caro colega — falando em direção a Vernier.

— Ele não consegue obter sucesso em outras disciplinas a não ser em matemática.

E mais, ele é responsável por várias manifestações aqui no Liceu. Acho que devemos tomar cuidado com algumas serpentes que estamos criando.

O professor de línguas levantou a mão.

— Sei que em minha disciplina Galois também não vai bem, mas tenho certeza de sua genialidade e concordo com Vernier, Galois tem ideias e ideais avançados para sua pouca idade.

— Muito bem senhores, percebo que o jovem é amado e odiado nessa escola. Vou dar mais uma chance para esse pequeno prodígio — disse o diretor olhando para Vernier.

— Converse com ele e diga que será sua última chance.

Uma batida na porta quebrou o silêncio do quarto.

— Quem é? — perguntou o jovem.

— Um grego com uma estrela no peito! — respondeu a voz rouca do lado de fora.

Galois reconheceu imediatamente.

Os gregos que estudavam na escola Pitagórica tinham como amuleto um pentagrama estrelado que continha propriedades matemáticas e místicas.

— Entre — abrindo a porta.

— Como vai? Vejo que está escrevendo muito — olhando algumas folhas sobre a cama.

— Estou quase lá — respondeu Galois.

— Galois, sei que gosta dos números e de suas propriedades. Mas precisa tomar alguns cuidados.

— Ter cuidado, por quê?

— Sua presença aqui no Liceu está por um fio. Me comprometi em ajudá-lo, mas preciso que você mude em alguns aspectos — Galois fez uma cara cética. — Seu rendimento!

— Não está bom? — perguntou Galois.

— Você tem pensamentos avançados em Matemática, mas as outras disciplinas mostram um desempenho muito baixo. Preciso que melhore senão não consigo lhe defender nas reuniões. Além disso, não deve se envolver com manifestos e rebeliões aqui dentro.

— Professor, não consigo parar de pensar nessas equações. Veja isso!— Galois pegou várias folhas e colocou nas mãos de Vernier.

Vernier pegou as folhas e começou a observar. Após alguns minutos olhou para Galois como alguém que não sabe o que vai dizer:

— Poucos aqui sabem do seu potencial meu caro jovem, mas para que tudo o que você está produzindo possa um dia chegar às mãos certas deve aprender algumas coisas: a primeira delas é construir laços — Vernier disse isso imaginando o quanto é difícil ser reconhecido sem títulos e contatos.— Cuidado com suas atitudes, não podemos mudar o mundo sozinhos.

Vernier tomou o rumo da porta.

— Pense nisso meu jovem.

Galois ouviu essas palavras e ficou pensativo.

...

Quase dois anos depois.

Paris, Janeiro de 1829

Galois estava em seu quarto escrevendo, seu colega Paul estava lendo. Galois estava concentrado. Ele já estava ali há horas sem se levantar.

— Não está com fome? — Paul estranhava a concentração de Galois por tanto tempo. Não conseguia fazer o mesmo. Até um mosquito deixava Paul desconcentrado. Além disso, sua barriga roncava a cada hora.

Galois parecia não ter ouvido o colega de quarto.

— Galois... — repetiu Paul.

Depois de algum tempo Galois joga a caneta para cima e pula de alegria, pegando Paul e dizendo.

— Descobri Paul!

Paul não estava entendendo, mas sabia que Galois vinha trabalhando há algum tempo em um problema que envolvia equações de grau maior ou igual a cinco.

— Quem sabe agora eles me entendam!

Galois saiu em disparada correndo pelos corredores do Liceu. Ao longe viu Vernier sentado. À menos de dez metros Galois gritava...

— Vernier! Muito obrigado, suas aulas foram essenciais — disse Galois passando veloz.

Correndo mais um pouco chegou até a sala do professor Richard, seu atual professor de matemática.

— Professor aqui está! — colocando o manuscrito sobre sua mesa. — Leia e me diga o que acha?

— Que euforia é essa? — perguntou Richard.

— Professor, estava certo: a solução vem da natureza. Estava diante de mim o tempo todo e não a vi.

— Acalme-se vamos verificar tudo isso.

Depois de alguns dias Richard procurou Galois para falar sobre os papéis que lhe entregara. Richard não havia entendido várias passagens e pediu a Galois para esclarecê-las melhor antes de enviá-la para a Academia de Ciências. Galois tinha pouca paciência para consertar seus erros, e a política estava começando a controlar sua mente de forma assustadora.

— Não consigo entender como chegou aos resultados que estão escritos aqui — disse Richard.

— Posso explicar — respondeu Galois.

Ele se esforçou para exibir suas ideias para Richard, mas o mesmo continuava cético e sem entender algumas passagens. Depois de uma longa conversa ele volta para o quarto.

— Como foi a conversa com Richard? — perguntou Paul.

— Não sei Paul, acho que Richard precisa de mais tempo.

30 de maio de 1829...

Um envelope com um bilhete chega à mesa do renomado matemático Augustin Louis Cauchy, membro da Academia de Ciências.

Caro membro, gostaríamos que apreciasse para a próxima reunião...

Cauchy abriu o envelope e começou a analisar. Logo no início ficou impressionado com a pouca idade do autor, apenas 17 anos. Ele não acreditou que Galois pudesse ter resolvido um problema de mais de mil anos e tão explorado por grandes mentes.

02 de julho de 1830.

Galois estava na biblioteca lendo...

— Galois?

— Sim sou eu.

— Meu caro, tenho uma notícia não muito boa para você — disse Richard.

— Pode falar professor.

— A Academia não respondeu. Acho que eles não analisaram seu trabalho.

CAPÍTULO 11

Marta sabia que Mateus não resistiria voltar a subir na torre durante a noite. Além disso, durante o dia Marta observou que no primeiro andar havia um requintado e romântico restaurante cuja vista era uma das mais belas do mundo. Seria o momento ideal para Marta pôr em prática o seu plano de conquistar Mateus. *Ele não vai resistir, tenho certeza...*

Depois de visitar o último andar Mateus estava atônito com tamanha beleza, o rio Sena serpenteava a majestosa torre, suas águas refletiam as luzes da cidade que parecia não dormir.

Descendo o elevador Marta aproveitou o momento para fazer o convite que mudaria o rumo daquela viagem.

— Mateus vamos comer algo? — Marta disse isso desinteressada.

— Por mim tudo bem Marta.

— Observei que neste andar tem um restaurante.

— Marta será que podemos? — Mateus tinha razão, o prato mais barato custava quatro vezes mais que os pratos oferecidos nos restaurantes lá embaixo.

— Mateus, veja esta vista, não acha que vale a pena? — Mateus não resistiu e concordou.

Marta sabia muito bem o que estava fazendo.

Carla achou estranho o local que Bernard escolheu para eles se encontrarem, mas vindo de Bernard nada era estranho. Enquanto caminhava seu cérebro não parava de imaginar as razões de tudo isso... O que Bernard tinha de tão importante para falar? E por que estava escondido? Alguns pensamentos invadiam Carla, mas ela procurava reprimi-los.

Quando Carla chegou ao local combinado, ela viu uma pessoa que não lhe era estranha, entrou e sentou. Um garçom se aproximou servindo-lhe o pão e o menu.

— Boa noite madame.

— Boa noite, por favor um suco — Carla respondeu.

— E para jantar deseja algo?

— Estou esperando um amigo. Quando ele chegar, faremos o pedido. O Garçom se retirou e Carla continuou pensando em todas as hipóteses.

— Onde está Bernard? — olhando de um lado para o outro.

Carla se levantou por um momento e foi até a parte aberta que dava vista para baixo. Por um momento Carla sentiu medo. Não pela altura, mas sim por tudo aquilo, a morte de Michel e como Bernard estava se comportando. Seu sexto sentido dizia que aquela noite não seria muito agradável. Poucos segundos depois, uma voz áspera atrás de Carla soou...

— É linda não é menininha? — referindo-se à vista iluminada da cidade com as curvas magníficas do Rio Sena. Carla, já conhecia aquela voz.

Carla voltou o olhar para o Palácio de Chaillot logo abaixo.

— Sim, magnífica. Mas esconde muitos segredos — fitando Bernard, e insinuando algo.

— Sem dúvida. Sem dúvida! — respondeu Bernard. — Pena que alguns têm que pagar com sua própria vida para manter esses segredos. E quando a gente acha que isso está longe de nós, somos surpreendidos.

— Michel foi um deles não é Bernard? — perguntou Carla. Bernard olhou para baixo, pensou por um momento e disse:

— Eu e Michel éramos bons amigos, você sabe disso. Minha amizade com Michel era verdadeira e sinto com pesar sua morte.

— Se pudesse imaginar... Nunca teria dito nada a Michel. — Bernard se encostou na grade e se voltou para Carla.

— Dito o que? — perguntou Carla fuzilando Bernard com o olhar.

— Em 2000 durante uma viagem encontrei algo que certamente selaria o destino de Michel. Maldito manuscrito...

— O quê? — Carla fez uma cara estranha.

— Vamos sentar — disse Bernard olhando para a mesa do canto vazia. Voltando para a mesa Carla passou por um casal sentado.

Marta e Mateus estavam conversando quando Carla passou. Marta não gostou do jeito como Mateus olhou para ela.

Mateus olhou para Marta e disse:

— Marta, não é aquela moça que estava com a gente no avião?

— É sim Mateus e você não tirava os olhos dela...

— Marta, por favor... Vamos aproveitar a noite.

Marta se controlou, não queria perder aquela chance, mas seus instintos diziam que aquela mulher poderia atrapalhar seus planos.

Sentados, o garçom se aproximou, serviu o suco que Carla havia pedido e Bernard pediu vinho.

— Um manuscrito?

— Sim — respondeu Bernard. — De Galois.

— Uma cópia?

— Não Carla, um texto original.

— Achei que todos os manuscritos de Galois já estivessem em museus — respondeu Carla.

Eu também acreditava nisso — respondeu Bernard e continuou... — Esse manuscrito contém a teoria que conhecemos hoje. Mas isso é só uma parte. O problema é a outra.

— Como assim, existe uma outra teoria?

— Exatamente. Galois não estava interessado em resolver apenas o problema da quintica; seus planos iam além de equações e símbolos matemáticos. Ele desenvolveu métodos matemáticos para descriptografar simetrias dentro de um texto. Infelizmente ele não chegou a concluir seu trabalho.

— O duelo! — exclamou Carla.

— Certamente — confirmou Bernard.

Carla imaginou que Galois estava tentando quebrar algum método de criptografia da época. Tão antiga quanto a própria escrita, a Criptografia era usada para codificar textos de forma que apenas os que possuíam a chave- código poderiam ler. Egípcios e romanos utilizavam esse método para enviar informações sigilosas às tropas. Se o mensageiro fosse capturado no caminho, a mensagem não poderia ser lida. O método não mudou muito até meados do século XX. Depois da Segunda Guerra Mundial, com a invenção do computador, essa ciência realmente floresceu incorporando complexos algoritmos matemáticos baseados na função phi de Euler e os famosos números primos. Hoje é utilizada largamente na Internet onde se exige sigilo e segurança.

— Seria uma criptografia como conhecemos hoje?

— Não exatamente Carla... Eu e Michel estudamos por algum tempo e chegamos à conclusão que Galois estava desenvolvendo uma forma diferente de leitura. Os textos utilizados estavam em grego.

— Galois sabia grego? — Carla estava surpresa.

— Não muito, mas o bastante para encontrar algumas simetrias dentro de antigas escrituras. Para isso, ele utilizou a mesma ferramenta que havia resolvido o problema da quintica.

Carla sabia que por trás de vários textos há o simbolismo e, além disto, mensagens poderiam ser cifradas a exemplo do apocalipse de São João.

— Grupos!

— Exato. Ele estava tentando mostrar que existiam mais informações além daquelas que existiam na superfície textual.

— Mas por que em grego? — perguntou Carla.

— Simples, ele queria evitar erros cometidos nas traduções — disse Bernard.

Carla estava pronta para perguntar que tipo de texto em grego Galois estava interessado. Mas nem precisou, um raio de luz atingiu sua mente quando se lembrou da Bíblia no peito de Michel.

— Galois queria obter informações dos textos bíblicos?

— Certamente, ele queria atingir alguém... — completou Bernard. Carla ficou calada por um instante e refletiu...

— A Igreja — ela completou.

— Exato.

— Claro... seu pai... — disse Carla assustada.

— Mas não sabemos se Galois chegou a conseguir algo nesse sentido, o manuscrito tem algumas passagens estranhas, você sabe como Galois escrevia. Eu e Michel estávamos tentando entender melhor toda aquela teoria. Sabíamos que a tarefa não seria fácil.

— Então por isso que Michel... — ela se lembrou da proposta que Michel havia feito de mudar o rumo de sua tese de doutorado.

— Certamente — concordou Bernard —, sabíamos do seu potencial e que poderia dar fortes contribuições.

— Sem me falar das fontes — Carla falou irritada.

— Você ficaria sabendo mais cedo ou mais tarde.

— Mão de obra barata! — disse ela olhando para Bernard.

— Não é isso. Apenas estávamos tentando entender melhor e precisávamos de ajuda. Uma mente jovem e aberta às vezes pensa melhor que esses velhos matemáticos — disse Bernard se referindo a ele e Michel.

Bernard conhecia bem Carla. Ele havia acompanhado Carla desde o ensino básico. Em uma conversa com Michel ele propôs o nome de Carla. Não só por ser a melhor aluna no IMPA, mas porque Carla possuía maturidade para conduzir o estudo.

Carla entendeu o argumento de Bernard. Jovens pensam diferente.

— Por que não publicaram isso, para que outros cientistas pudessem ajudar?

— Carla, não é assim tão simples.

Nesse momento um homem apareceu diante dos dois. A surpresa era visível.

— Não vão me convidar para sentar? — disse o homem já puxando uma cadeira.

— Assassino... — respondeu Bernard baixinho.

— Quanta gentileza Bernard!

O garçom se aproximou...

— Um whisky cowboy por favor — pediu ele.

Carla não entendeu... O que aquele sujeito estava fazendo ali e por que Bernard o acusou?

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Carla.

— Bernard. Você muda de apartamento e nem comunica aos amigos, que falta de delicadeza. E você minha jovem, linda como sempre — Carla já havia ouvido aquele elogio antes.

— Você ainda vai pagar por tudo que fez — acusou Bernard.

— Eu não quero perder tempo com um fracassado que ficou anos e não conseguiu nada — respondeu o homem.

— Você nunca encontrará nada. Não é digno. Nunca conseguiu superar Michel, não é Milton? — referindo-se à rivalidade que existia entre os dois. — Por isso o matou. — Michel era o filho adotivo. A oportunidade de estudar em boas escolas deu a ele a chance de mostrar que era capaz como qualquer outra pessoa. Milton nunca conseguiu superá-lo. Estudavam juntos e tinham a mesma idade. Michel era o número um da sala. O

reconhecimento dado pelos colegas só aumentava o ciúme de Milton. O pai não conseguia esconder sua preferência e não era capaz de administrar essa rivalidade. As brigas eram constantes. Milton seguiu a mesma carreira escolhida por Michel para provar a ele e a si próprio que poderia ser melhor. A diretoria do IMPA foi uma forma de provar isso.

Milton monitorava Michel vinte e quatro horas, ele vasculhava seus e-mails em busca de algo que pudesse fazer para tomar a frente. Michel chegou a desconfiar. Por duas vezes Milton publicou artigos com ideias de Michel.

A pedido de Bernard, Michel estava usando um canal criptografado para enviar informações. Milton descobriu isso. Sua inveja não tinha limites, ele tentou quebrar o código mas não conseguiu. Foi o suficiente para que ele instalasse uma microcâmera dentro da sala de Michel. Assim ele conseguiu ler todos os textos digitados enviados a Bernard.

Nesse momento o garçom serviu o whisky e Milton tomou um gole. Olhando para dentro dos olhos de Bernard. Quando o garçom saiu Milton disse:

— Nós dois sabemos quem é o fraco aqui — olhando para Bernard. — Vamos, poupe o meu trabalho e entregue o manuscrito.

Bernard avaliou a situação, sabia que Milton não o deixaria até que conseguisse o manuscrito, e isso poderia custar a sua vida. Ele precisava fazer algo e rápido.

— Amanhã vamos realizar outro sonho — disse Marta. Mateus fez um sinal positivo:

— Tudo isso graças a você — disse Mateus tocando levemente o rosto de Marta. Ela pôde sentir o calor da mão de Mateus em sua pele.

— Não me agradeça. Agradeça ao destino que nos trouxe a este lugar. Mateus já tinha tomado alguns goles de vinho.

— Sou um homem de sorte, você é uma pessoa muito especial.

Marta olhou no fundo dos olhos de Mateus e pegou em sua mão. Seu toque parecia dizer algo...

— Será que não podemos ser um pouco mais que amigos Mateus?

Marta estava com um olhar doce e sincero. Mateus podia ver seus olhos refletindo os milhões de lâmpadas da cidade.

— Não sei bem o que estou sentindo, mas não me peça muito... — respondeu ele.

Mateus não sabia bem o que fazer, seu coração estava invadido por uma enchente de sentimentos. Uma leve atração física o fazia continuar. Marta sabia disso e acreditava que o amor poderia ser construído.

Marta se aproximou um pouco mais, já estava sentindo a respiração de Mateus, sua boca estava tão próxima à boca de Mateus que Marta mal conseguia esperar para sentir seus lábios. Faltava muito pouco para que seu plano começasse a funcionar.

Na mesa ao lado, Bernard imaginava as possibilidades de fuga. Sabia que não seria fácil fugir de Milton pois ele poderia pegar Carla e usá-la como objeto de troca. Mas não havia outra forma, Bernard agora tinha que correr riscos. Nick acompanhava o movimento dentro do restaurante pelo lado de fora.

— Bernard não me faça perder tempo. A alta matemática não é para fracos — disse Milton num tom desafiador.

— É o que vamos ver... — Num movimento rápido Bernard afastou Carla e virou a mesa por cima de Milton, que caiu batendo forte as costas no chão. Olhou para Carla e disse: — Fuja, rápido...

Todos ficaram assustados. Bernard correu em direção à saída. E Nick entrou em ação seguindo-o e acionando alguns dispositivos para produzir pânico. Assim seria mais fácil capturar Bernard sem ser visto.

Milton viu a direção que Carla tomou. E foi atrás. Mas na confusão um jovem trombou com Milton o fazendo cair novamente.

— Mil desculpas senhor — disse Mateus agindo intencionalmente.

— Saia da frente idiota! — respondeu Milton.

Marta estava tentando sair em direção às escadas e na confusão perdeu Mateus de vista.

O pânico tomou conta do restaurante. As pessoas começavam a correr rapidamente em direção às escadas.

Mateus não viu Marta.

Bernard chegou até as escadas, mas viu dois homens cercando a descida. Provavelmente eram pagos por Milton... Resolveu ao invés de descer subir. Imaginou que se misturando em meio as pessoas pudesse ganhar tempo e a polícia chegar para normalizar tudo. Dessa forma Milton não poderia fazer nada.

A torre tinha quatro pilares de acesso, Carla escolheu as escadas. Ela descia em meio confusão. Todos corriam desesperadamente. O medo de um atentado gerava pânico. No tumulto Carla escorregou, se chocou contra a grade de proteção, a parte inferior da tela não resistiu e cedeu com a pancada. A ferrugem estava mascarada pela tinta grossa passada por cima. Carla caiu pelo pequeno buraco aberto e ficou pendurada, agarrada à tela de aço que se dobrou. Carla balançava como uma folha presa a um pequeno ramo. Todos passavam correndo e não conseguiam enxergá-la... Por um momento Carla olhou para baixo e um filme passou em sua mente. Mais de 50 metros de altura separava Carla do chão e ela podia ver uma imensidão de ferros logo abaixo, a morte seria inevitável. Segurando forte gritava por socorro, mas o barulho e a correria provocada pelas pessoas logo acima abafavam sua voz.

Bernard continuava a subir, Nick estava em seu encalço, e os dois homens vinham logo atrás de Nick. Bernard chegou ao segundo andar da torre, o elevador para o terceiro piso estava fechado, a polícia já estava entrando e tomando as devidas providências. Bernard sabia que estava sendo seguido e resolveu descer pelo outro lado da torre, assim tomou uma escada que havia poucas pessoas descendo, tentando uma saída mais rápida.

Quando começou a descer, um pequeno projétil zuniu próximo ao ouvido de Bernard, o cheiro estranho entrou em suas narinas e encheu seus pulmões. Nick estava logo atrás empunhando uma pistola. Bernard se virou e continuou a descer mais rápido, outro estalo zuniu e desta vez Bernard não sentiu somente o cheiro estranho. Uma dor monumental percorreu seu corpo.

Carla continuava pendurada. Olhando para o lado viu uma pequena barra transversal que compunha o emaranhado de ferro projetado por Gustav Eiffel; balançando e tentando colocar o pé direito em cima da barra tentava desesperadamente mudar seu destino. *Preciso subir.* Carla balançou e passou o pé, mas não conseguiu se apoiar. Seu plano seria apoiar o pé na barra para subir e passar pelo buraco aberto na grade. Na segunda tentativa Carla balançou e chegou a tocar o pé na barra, mas a grade em que estava pendurada cedeu mais um pouco e Carla ficou agarrada apenas com uma das mãos. Seus dedos estavam começando a adormecer. Carla podia ver o fim logo abaixo. Por um momento Carla imaginou que o ser humano é o único animal que sabe sobre o seu destino. Quando adolescente havia imaginado como seria seu fim, mas não se parecia nada daquilo que estava acontecendo naquela noite. *Todos morrem e eu não serei a exceção.*

Uma senhora parou e viu Carla pendurada. Ela sabia que não seria capaz de ajudar a moça com sua própria força física e começou desesperadamente gritar por socorro. Mas sua voz era abafada pela confusão. Carla só era vista por quem estava abaixo, e era impossível retornar quando as pessoas queriam descer desesperadamente.

Carla não desistiu, mais uma vez ela tentou segurar na grade e balançar novamente em direção à barra e novamente não teve sorte, quando conseguiu apoiar o pé sobre a barra, a grade no qual estava pendurada não suportou e se desprendeu mais um pouco. Com o baque Carla não conseguiu se sustentar e soltou a tela em que estava agarrada. Por uma fração infinitesimal de tempo Carla pôde sentir a sensação de queda livre percorrer o seu corpo. Exatamente no mesmo instante ela também sentiu uma mão forte agarrar o seu braço.

— Segure bem firme... — uma voz logo acima dizia.

Carla segurou com toda a força que ainda lhe restava, mas seus dedos não respondiam, estavam estressados devido ao tempo pendurada. A voz masculina dizia: — Não solte... força... você vai conseguir..., não vai cair...

Mateus estava agora deitado com os ombros para fora e Carla pendurada em sua mão, os nervos e músculos de Mateus estavam à flor da pele, parecia um lutador em fim de

combate. A boa forma de Mateus agora era exigida. Durante anos Mateus frequentou uma academia de natação, recomendação médica para curar uma alergia, agora seus braços fortes poderiam salvar uma vida.

Bernard continuou tentando descer as escadas, mas a perna direita não respondia. Novamente ele sentiu outro impacto. Agora em seu abdômen.

Caiu e ficou encostado à curva que a escada fazia para o próximo lance de descida, Nick se aproximou, apontando a arma:

— Vamos verme, o entregue.

— Vocês nunca o encontrarão — respondeu Bernard.

Nick apontou a pistola nos olhos de Bernard...

— Tem certeza que ele vale tudo isso? — perguntou Nick.

Antes que Nick falasse mais alguma coisa, um estalo soou em seu ouvido. O projétil atingiu seu braço fazendo a pistola cair em meio às ferragens desaparecendo em queda livre. Nick caiu de lado e viu seu braço sangrando. Nick conhecia bem aquela munição: pólvora e chumbo, lembrando-se do tiro que recebeu anos antes, a dor era a mesma.

Nick olhou para baixo e viu dois homens se aproximando rapidamente, então Nick, começou a subir. Um dos homens o seguiu e o outro ficou com Bernard.

Bernard olhou para ele:

— Quem são vocês?

— Sua salvação... — respondeu o homem.

— Malditos... — disse Bernard desmaiando em seguida.

Nick agora tinha de correr, quem eram aqueles homens? Nick não fazia ideia. Mas precisava salvar sua vida. Abandonar Milton nesse momento e sumir seria o mais sensato para um assassino.

Mateus juntou todas as forças que ainda tinha e começou a içar Carla. Mas ela não podia segurar, pois a mão de Mateus estava escorregando. Ele percebeu e apoiou seus joelhos na barra vertical que prendia a grade e se lançou no abismo com as duas mãos agora segurando Carla. As pessoas passavam e tentavam ajudar. Dois homens seguraram nas pernas de Mateus. Com muito esforço ele puxou forte Carla fazendo-a passar pelo buraco aberto na grade.

Quando Carla subiu ambos sentaram na lateral da escada.

— *Merci, merci beaucoup.* — Carla estava sem fôlego e mal conseguia falar, sentia uma sensação de dor e alívio por todo o corpo.

Quando se levantou sentiu o tornozelo, parecia torcido.

— Vamos, eu te ajudo... — disse Mateus em português sem pensar no idioma que os separavam.

— Você fala português?

— Sim — respondeu Mateus enquanto segurava Carla.

— Obrigada mais uma vez, mas eu posso caminhar. — Carla tentou, mas não conseguiu e Mateus mais uma vez a segurou.

— Você precisa de um médico — disse Mateus.

Milton saiu da torre e ficou olhando para o alto em meio à multidão.

Havia tomado outra descida e não viu Carla.

— Maldito Bernard — praguejou.

Nick chegou ao segundo andar e entrou no banheiro. Precisava conter o sangramento. Rapidamente ele apanhou o isqueiro no bolso. Regulou a chama para o máximo. Retirou o casaco, dobrou e colocou-o na boca. Podia sentir o cheiro de queimado. O tiro havia passado de raspão em seu antebraço, mas o suficiente para romper as principais artérias. Em poucos segundos havia conseguido conter o sangramento. Saiu do banheiro e se misturou à multidão que descia.

CAPÍTULO 12

Mateus acompanhou Carla chegar ao solo. A essa altura Marta já havia lhe enviado uma mensagem com o local onde estava dizendo que estava bem.

— Foi só uma torção, amanhã estarei melhor. Muito obrigada pelo que fez, acho que sem você não estaria aqui neste momento.

— Não me agradeça, fiz apenas o que achava certo.

— Não nos apresentamos ainda — disse Carla estendendo a mão. — Carla.

— Mateus.

E Carla continuou...

— Mateus, não quero atrapalhá-lo pode ir. Não se preocupe comigo. Mateus balançou a cabeça.

— Não vou deixá-la até que esteja segura... — Mateus se referiu à confusão provocada por Milton e Bernard.

Carla achou estranho o jeito como Mateus falou, será que ele sabia de algo?

— Mateus você deve ir... para seu bem.

— Tem certeza que está segura?

— Não quero colocar sua vida em risco, já basta tudo que aconteceu.

— Carla desculpe a pergunta, mas tudo isso tem haver com Galois? Novamente Carla achou estranho, como Mateus poderia saber disso?

— Quem é você Mateus?

— Sou um curioso — exibindo um pedaço de papel que Carla havia deixado cair quando corria pelas escadas.

— Carla pegou o papel e leu. — Era de Bernard.

Momentos antes de Bernard virar a mesa contra Milton ele colocou no bolso do casaco de Carla um pequeno papel.

AO 6484. Galois

Carla não teve dúvida do que se tratava, mas por quê?

— Mateus, não tenho como te agradecer, mas tenho que ir... Ele percebeu que ela não queria falar sobre isso.

— Você está bem? — perguntou Mateus.

— Vou ficar — colocando o papel no bolso.. Carla olhou nos olhos de Mateus.

— Você já se arriscou demais por hoje. Vou ficar bem, pode acreditar.

Caminhando com dificuldade Carla foi em direção a um táxi. Olhando nos olhos de Mateus disse:

— Obrigada mais uma vez.

Carla entrou no táxi, e Mateus se aproximou.

— Cuidado com as escadas!

Carla soltou um sorriso e o táxi arrancou.

No dia seguinte...

— Anda Marta, quanto antes chegarmos melhor!

Mateus e Marta pegaram a linha número três do metrô. Mateus estava visivelmente ansioso por aquela visita, era algo que ele nunca imaginou que fosse acontecer um dia.

Enquanto o metrô passava pelas estações Mateus imaginava as coisas que estava prestes a ver. Mas por alguns instantes a confusão do dia anterior passava por sua mente.

Quando chegaram à estação *Quatre Septembre* resolveram subir para caminhar um pouco pelas ruas de Paris até chegar ao destino daquele dia.

Seguiram pela *Avenue de L'Opera*. Mateus foi o primeiro a ver o Castelo, andaram mais um pouco e entraram na parte central onde era possível ver a grade pirâmide de vidro. Mateus parou por um momento e ficou estático, sem palavras. Marta percebeu os olhos de Mateus brilhando.

— Chegamos Mateus.

Mas Mateus parecia estar em transe.

— Mateus vamos... — Marta insistiu.

Marta novamente não conseguia absorver a essência daquele local.

Eles entraram pela grande pirâmide de vidro e desceram em direção ao subsolo. Mateus ficou por um momento observando as duas pirâmides de vidro invertidas e lembrando-se do livro que descrevia aquele local. O Louvre estava ali, bem diante dos seus olhos. Mateus apanhou um mapa do museu e rapidamente descobriu onde deveria ir. Passaram pela entrada Sully e passaram pelo Louvre medieval, era possível ver o antigo fosso; o Louvre era um Castelo e não um Palácio. Palácios eram cercados por jardins e Castelos por um fosso com água e animais. Isso dificultava invasões.

Subindo uma escada Mateus e Marta seguiram em direção às antiguidades egípcias, algumas múmias podiam ser vistas durante o percurso. Ele observou que as peças estavam identificadas com letras e números. *Será*. Imaginou.

Passando pelo Egito antigo chegaram às antiguidades orientais. Mateus estava quase lá. Marta ficou para trás observando as joias com que as mulheres egípcias se enfeitavam. O corredor era único e Mateus combinou com Marta de se encontrar no final.

Mateus procurou, mas não encontrou, e resolveu pedir ajuda a um funcionário do museu, o mesmo apontou a direção. Caminhou com pressa passando por objetos raros sem perceber.

Em frente à estante de vidro havia uma mulher observando com cuidado a tábua de argila. AAO 6484 era uma tábua de argila feita pelos babilônios provavelmente no período Selêucida (311 a.C. a 64 a.C.) e continha problemas matemáticos, como o sistema de grafia babilônica que utilizava cunhas e círculos, símbolos inscritos na argila ainda úmida que representavam os números.

Mateus chegou próximo à moça e disse:

— 385. Se referido à soma.

O problema proposto na tábua era descobrir a soma dos quadrados de um a dez, ou seja, $1^2+2^2+3^2...+10^2$.

— É eu sei... — respondeu a moça confirmando a soma.

— Esse número representa algo importante não é Carla?

Carla parou por um momento e ficou pensando... *O que Bernard quer com tudo isso?*

Mateus olhou de relance para o lado e viu Milton se aproximando.

— Seu amigo parece que não desiste.

Carla olhou para o lado e viu Milton se aproximando em meio a pessoas.

Milton havia seguido Carla desde a saída de sua casa. Não acreditava que ela pudesse ajudar muito, mas Bernard havia sumido. Sua única forma de encontrá-lo seria através de Carla.

— Tenho que ir Mateus.

Mateus não poderia deixar Carla sozinha, parecia que algo o impulsionava, uma mistura de sentimento inundava a mente de Mateus, proteção, curiosidade, ele não sabia muito bem explicar, mas sabia o que deveria fazer.

Carla começou a caminhar ao lado de Mateus.

— Mateus não é necessário, estou bem, fique tranquilo.

— Tudo bem Carla, vou te acompanhar até você estar livre desse maluco.

Milton viu os dois e começou a segui-los Mateus olhou para trás e viu Milton.

— Seu amigo não desiste mesmo.

— Ele não é meu amigo. É o diretor do IMPA.

— Você está sendo seguida pelo diretor? Mas por quê?

— Também não sei, preciso de respostas.

— Então pergunta para ele.

— Não acho uma boa ideia. — Carla lembrou-se das palavras de Bernard.

Assassino...

Enquanto caminhava pelas esculturas francesas do século XIX Mateus teve uma ideia.

— Carla, não podemos sair agora, temos que despistá-lo antes de sair do Louvre. Tenho uma ideia.

Embora Mateus nunca estivesse no Louvre antes, ele estava com o mapa nas mãos. Rapidamente Mateus desenvolveu uma estratégia.

— Por ali. — Mateus apontava a direção a ser tomada.

Caminhando em direção ao primeiro piso eles passaram rapidamente pelos objetos de arte da Idade Média. Mateus mal conseguia andar sem olhar para o lado e ver as pinturas. *Num outro momento paro ver isto com calma.* Quando chegaram onde Mateus planejava logo perceberam a sala lotada. Mateus já imaginava, sabia que em meio àquela confusão Carla poderia despistar Milton com facilidade. A sala tinha uma entrada e uma

saída, mas a saída estava oculta por uma parede que exibia a mais visitada pintura do Louvre. Olhando de frente a pintura, era possível ter a sensação de que a sala possuía duas saídas.

Carla seguiu as orientações de Mateus. Passando por trás da parede que sustentava a Mona Lisa e retornando à sala. Isso daria a sensação que Carla estivesse saindo da sala.

O plano funcionou bem. Milton ficou desorientado, pois não sabia se seguia o corredor em direção às escadas ou se voltava para a sala. Imaginando que Carla pudesse ter descido em direção à saída ele seguiu descendo as escadas. No mesmo instante, Carla retornava passando em meio à multidão que preenchia completamente a sala seguindo em direção à entrada onde passou minutos antes. Mateus a esperava na seção de pinturas italianas e espanholas logo à frente.

Carla mais uma vez não entendia: porque Mateus a protegia tanto? Mas uma sensação boa começava a invadi-la. As atitudes de Mateus desde a torre pareciam bem sinceras.

— Mateus pode ir. Acho que ele não me encontrará.

— O que um manuscrito pode ter de tão importante?

Carla achou estranho que Mateus soubesse de algo. *Como ele sabe disso?*

— Não sei do que está falando.

— Eu ouvi daquele homem no restaurante — se referindo a Milton.

Carla não sabia o que dizer. Mateus havia salvado sua vida e agora estava ali tentando protegê-la novamente.

— Tudo bem Mateus, mas não posso falar aqui. Precisamos sair.

Descendo pelas escadas e passando pelas esculturas italianas, Mateus e Carla se dirigiram a uma saída alternativa chamada de Carrossel, próximo ao Jardim das Tulherias. Quando saíram Carla sentiu uma sensação de alívio. Subiram até o nível do solo e puderam ver a famosa Avenida *Champs Élysées* com o Arco do Triunfo ao longe. Mateus estava meio atordoado com tudo aquilo, tinha a sensação de estar em um filme.

Caminhado pelo jardim Carla não parava de pensar em tudo que estava acontecendo. Enquanto isso Mateus observava os jardins que exibiam várias formas. Ao fim, a avenida se mostrava imponente com um grande obelisco egípcio ao centro.

Continuando pelas *Champs Élysées*, Mateus via o Arco do Triunfo cada vez mais próximo. Carla apontou para uma galeria onde havia algumas lojas. Abaixo se encontrava um pequeno café. Um ambiente tranquilo e bem decorado onde Carla podia respirar mais tranquila. Marta estava desesperada no Louvre procurando Mateus. Mas existia um sentimento incontrolável dentro de Mateus que teria um preço a ser pago.

— Um café bem forte. É tudo que eu preciso — disse Carla.

CAPÍTULO 13

Paul encontrou Galois sozinho dentro de uma sala. Galois não percebeu a chegada do amigo. Paul se aproximou do ouvido dele e disse:

— A quintica não é um problema para você, desista! — sussurrando em seu ouvido.

Galois estava sentado com a cabeça abaixada viajando em seus pensamentos, mas como se tivesse dupla personalidade, uma concentrada na mais alta matemática e outra na vida cotidiana, ele levantou a cabeça e olhou para Paul.

— Caro amigo, vou lhe contar uma história que não conhece ainda. — Paul olhou para Galois com curiosidade. — Certa vez dois irmãos brincavam sobre um rio que estava congelado. Em meio às brincadeiras, uma rachadura se abriu e um buraco apareceu silenciosamente sugando um deles para dentro. Como o buraco era pequeno, o garoto acabou se deslocando sob a camada de gelo para longe. Seu irmão não sabia o que fazer para ajudar. Foi quando viu uma pedra próximo de onde estava e resolveu apanhá-la. Desesperadamente ele começou a bater com força no gelo. Batia, batia, batia e não parava de bater.

— Ele conseguiu? — perguntou Paul.

— Ouvindo os gritos, os pais correram em direção ao rio. Quando chegaram eles viram os dois meninos caminhando já na margem do rio. Foram até eles e os mesmos contaram toda a história. O pai resolveu olhar o buraco por onde o menino saiu e ficou sem entender o que havia ocorrido. Pois não sabia explicar como aquele pequeno menino com uma pedra poderia abrir um buraco para seu irmão sair, uma vez que existia uma grossa camada de gelo. Agora eu te pergunto meu amigo Paul: como esse menino conseguiu? — Paul olhou para Galois com uma cara de quem não sabia bem o que dizer e deu os ombros.

— Vou lhe responder! O menino conseguiu quebrar o gelo porque não havia ninguém no local para dizer para ele que não iria conseguir.

Paul ficou sem palavras.

Alguém bateu na porta aberta. Era Richard.

Paul aproveitou que o professor havia chegado para sair de fininho.

— Obrigado por me dizer isso — disse Paul a Galois já se afastando.

— Olá Paul — disse Richard passando por Paul.

— Oi professor... — saindo apressado.

Richard era o atual professor de Galois e ele sabia do ótimo trabalho que Hippolyte Vernier havia feito antes dele. Sabia também que grande parte da motivação de Galois vinha de suas aulas dos anos anteriores. Através de Vernier, Richard soube do potencial de Galois.

— Quanto trabalho ela nos dá! — disse Richard se referindo a matemática.

Galois imaginou a camada de gelo o separando da descoberta.

— Todo esforço vale a pena professor.

— Vejo que está trabalhando muito.

— Sem dúvida. O senhor tem notícias da Academia?

— Ainda não. Mas estou tentando descobrir por que ainda não foram avaliados.

Como está o trabalho sobre as equações? — perguntou Richard.

— Avançando. Veja isto!

Richard pegou três folhas com várias anotações.

— Parece que temos coisas interessantes aqui. Mas preciso de tempo para olhar com cuidado tudo isso. Tem muitas afirmações que preciso verificar. Sei que você enxerga tudo isso com facilidade, mas deve ser cuidadoso e organizado para que as pessoas possam entender e confirmar seus resultados.

Galois achava um absurdo colocar mais detalhes nas demonstrações.

Eram tão claras para ele.

— Tudo bem professor, vou me lembrar disso.

Durante a noite, Richard analisou os manuscritos de Galois. Ainda impressionado com aqueles argumentos ficou imaginando que talvez estivesse diante de um diamante bruto. Para chegar à solução, Galois inventou um jeito totalmente novo de olhar para o problema e isso deixou Richard confuso. A madrugada não foi suficiente, mas Richard chegou a várias conclusões, uma delas é que não poderia deixar a comunidade científica sem conhecer tudo aquilo. *Por que diabos Cauchy não responde?*

No dia seguinte Galois estava sentado no pátio da escola tomando sol e olhando para o infinito como de costume. Provavelmente viajando em seus pensamentos políticos e matemáticos.

Uma voz ao seu lado o tirou do transe.

— Pelo seu olhar posso deduzir onde está sua mente!

Richard se aproximou e sentou-se numa pedra próximo a Galois. Abriu uma pequena pasta e retirou os manuscritos. Olhando nos olhos de Galois disse:

— Estou impressionado!

CAPÍTULO 14

— Madame!

O garçom serviu o café e algumas bolachas.

Carla e Mateus estavam sentados em uma mesa de dois lugares. Uma distância pequena os separava. Carla tomou o café com uma expressão de preocupada.

— Parece que toda vez que estou em perigo você aparece — disse Carla com um ar de desconfiada.

— Pura coincidência — respondeu Mateus.

— Será?

— Carla, acredite em mim.

— Seria muita coincidência você me encontrar no Louvre! Vamos Mateus fale a verdade.

— Tudo bem! Fiquei curioso com a mensagem que seu amigo enviou no papel. Quando entrei no Louvre observei o controle. Desconfiei que AO 6484 fosse uma peça no Museu e resolvi procurar.

Carla ainda não havia se convencido.

— Vou fingir que acredito — olhando para Mateus.

— Seu café vai esfriar — apontou ele.

Carla tomou a xícara e tomou um longo gole olhando nos olhos de Mateus.

— E o que você estava fazendo no Louvre?

— Carla, eu ganhei uma viagem, lembra? — enquanto desciam da torre, Mateus havia falado sobre o prêmio que ele ganhou.

— Certo, vou continuar fingindo que estou acreditando.

— Vamos lá, me dê uma chance. Acredite foi coincidência! — O olhar sincero de Mateus começou a desarmar Carla.

— Tudo bem vou tentar — disse ela ainda incrédula.

— Carla — ele fez uma pausa —, sou apenas um estranho para você. Mas sinto que precisa falar com alguém. — Ela continuava olhando para ele.

Ela não sabia muito bem o que fazer; se contava tudo para Mateus ou se simplesmente inventava uma história. Mas o olhar dele tinha algo que Carla não sabia muito bem explicar, era sincero e ao mesmo tempo seguro. Isso a acalmava.

— Não será um estranho se me falar um pouco sobre você.

— Tudo bem, sou um estudante de Matemática da UFF. — Mateus retirou sua carteira de estudante do bolso e deu a ela.

Carla olhou o documento. *Universidade Federal Fluminense, Matemática.*

Que coincidência, pensou alto Carla. — Sabe sobre Galois?

— Um pouco.

— O que você já estudou de álgebra?

Mateus desconfiou que Carla o estivesse sondando e resolveu fazer o joguinho de Carla.

- O suficiente para passar no seu teste! — disse Mateus com um sorriso.
- Vamos começar pelos anéis — disse ela se referindo às estruturas algébricas.
- E se quiser pode avançar para a teoria dos grupos também — completou Mateus.

Parecia que realmente ela estava conversando com estudante de Matemática. Mas ela precisava de mais.

- Então você já deve ter estudado as extensões algébricas e os grupos de simetria.

— E Mateus continuou...

- Assim como as extensões Galosianas. Para Carla já era o suficiente.
- Ok Mateus você venceu. Passou no teste.
- E qual a minha nota professora? — perguntou ele.
- Só saberá no final do semestre — respondeu ela com um sorriso.
- Agora é sua vez! — disse ele.
- Sou aluna de doutorado no IMPA. E minha família mora em Paris.
- E foi estudar no Brasil! — ele se recusava entender por que Carla faria isso.
- Mateus, seu país tem um grande potencial. Um dia vai entender. — Ela levantou a mão e pediu outro café. — Tudo que você presenciou até agora foi por causa de um manuscrito encontrado por Bernard.

- O dono do bilhete? — perguntou Mateus.

— Sim, ele mesmo. Sempre achei que todos os manuscritos de Galois já tinham sido encontrados e catalogados. Ao que tudo indica, esse ficou perdido e desconhecido até Bernard encontrá-lo em Hong Kong.

- Mas o que tem de tão importante nesse manuscrito que gerou toda essa confusão?

— perguntou Mateus.

— Ainda não sei bem, pois Bernard não me contou muito, disse apenas que continha algo para encontrar mensagens cifradas em textos antigos.

- Que tipo de texto?
- Sagrados.
- A Bíblia? — perguntou Mateus.
- Sim, e em grego.
- Mas qual o objetivo?
- Não sei bem, talvez para atacar a Igreja.
- E por que Galois queria atacar a Igreja se o problema dele era com a política? —

perguntou Mateus.

Carla observou que Mateus além de conhecer a teoria também sabia um pouco de Galois.

— Eu também estranhei no início, mas não podemos esquecer que foi um padre que indiretamente provocou a morte do pai de Galois.

— Parece que ele era diretor de uma escola no pequeno povoado de Bourg-la-reine — completou Mateus se referindo ao pai de Galois.

— Hoje subúrbio de Paris — disse Carla. — Com o passar do tempo ele foi nomeado prefeito dessa pequena cidade. Apesar de ser um liberal republicano, mesmo com a queda de Napoleão ele não perdeu o posto de prefeito. Nicolas-Gabriel Galois sabia falar bem, gostava de fazer versos para declamar e era frequentemente convidado para as festas. A saída de Napoleão trouxe o rei Luís Felipe de Bourbon e com ele a Igreja ganhou poder novamente. Um jovem padre jesuíta chegou à pequena cidade de Bourg-la-reine e não gostou muito do estilo republicano e liberal de Nicolas. Para persegui-lo, começou a escrever versos que rebaixavam o pai de Galois. Insinuavam que Nicolas era viciado em jogos, amante de uma mulher no qual subornava, corrupto e até mesmo homossexual. Ele conseguia falsificar a assinatura de Nicolas tornando os versos mais autênticos. Um plano bem arquitetado que Nicolas ficou sem saída.

— Você está me dizendo que o tal padre escreveu versos fingindo ser Nicolas? — perguntou Mateus.

— Exatamente Mateus. A vergonha foi tanta que ele não resistiu e se enforcou. Aquele foi um golpe duro em Galois, que estava prestes a fazer o segundo exame para entrar na Escola Politécnica.

— Essa parte eu sei. A Politécnica era o grande sonho dele.

— Sim, ele já havia feito uma prova para entrar na Politécnica, mas não obteve sucesso. A morte do pai realmente mexeu com Galois, sua revolta foi tanta que ele chegou a jurar que iria se vingar.

Mateus agora começou a entender os argumentos de Carla. Realmente fazia sentido Galois tentar atacar a Igreja de alguma forma para vingar a morte do Pai.

— Mas como um manuscrito contendo apenas algumas anotações algébricas poderia atacar a Igreja? — perguntou Mateus.

— É o que eu quero descobrir — respondeu Carla.

— Acho que podemos começar com 385 — disse Mateus lembrando-se da soma na tábua babilônica vista no Louvre.

Carla olhou para Mateus e em seguida olhou para baixo com uma preocupação no olhar. Mateus viu que aquele número representava algo que Carla não gostaria de lembrar.

— É o número de um imóvel — disse Carla.

— Uma residência? — perguntou Mateus.

— Quase. É uma casa paroquial ao lado de uma igreja.

— Então é uma igreja!

— Sim Mateus, é uma igreja, e ao lado existe uma residência onde alguns padres vivem.

— Mateus estava agora realmente curioso.

— Então seu amigo quer que você vá até lá para pegar o manuscrito?

— Não sei bem se é isso, mas ele sabia que se Milton chegasse ao número não saberia o que significava. Esse número tem a ver comigo.

— Está me dizendo que só você conseguiria chegar lá?

— É um longa história!

— Então o que estamos esperando? — perguntou Mateus.

— Você não vai ligar para sua namorada?

— Ela é apenas uma amiga.

— Uma amiga que te convida para uma noite romântica no restaurante da torre?

— Sim ela é apenas uma amiga.

— Ela deve ter voltado para o hotel, vou ligar e dizer que está tudo bem. Infelizmente ela terá que esperar.

— Mateus não diga nada à sua amiga sobre nós e o manuscrito, por favor. Quanto menos pessoas envolvidas nisso melhor.

— Claro, tudo bem, fique tranquila.

Carla recebeu uma mensagem do seu colega no IMPA. Álvaro estava preocupado com o desaparecimento de Carla.

Carla, a polícia está atrás de você. Onde você está?

— Carla tomou o último gole de café e levantou-se.

— Vamos.

CAPÍTULO 15

Galois conversava com alguns amigos quando Richard apareceu.

— Galois, podemos conversar?

— Claro professor.

Eles caminharam em direção à sala particular de Richard.

— Veja isto. — Richard retirou uma folha da gaveta e entregou a Galois. — Tive acesso a este documento e o copiei para você.

Seis meses antes, Richard e Galois prepararam duas monografias que foram encaminhadas para a Academia de Ciências, elas haviam ficado sob a responsabilidade de dois grandes matemáticos, Cauchy e Fourier.

Galois tomou o papel e o observou por alguns segundos.

Eu deveria apresentar hoje à Academia, primeiro, um relatório sobre o trabalho do jovem Galois e, segundo, uma monografia sobre a determinação analítica das raízes primitivas em que mostro como é possível reduzir tal determinação à solução de equações numéricas cujas raízes são todas inteiros positivos. Encontro-me em casa indisposto. Lamento não poder estar presente à sessão de hoje e gostaria que eu fosse escalado para a próxima sessão para os dois temas.

A. L. Cauchy

Richard olhou para Galois e disse:

— Não entendo por que Cauchy ainda não apresentou seus artigos à Academia. Já houve várias sessões posteriores nas quais ele estava presente.

Galois não conseguia compreender bem.

— Será que pelo menos ele leu? — disse Galois.

— Não sei lhe responder o que realmente aconteceu. Mas vou tentar obter mais informações.

Galois não conseguia aceitar o fato. Gostaria de obter uma resposta. Em meio a pensamentos imaginou o diretor da escola envolvido. Ele tinha motivos e Galois sabia disso. Mas mesmo assim, como Cauchy poderia fazer uma coisa dessas?

Richard tentou amenizar e estimular Galois.

— Galois, existe um prêmio que você pode concorrer, é o Grande Prêmio da Matemática oferecido pela própria Academia. Acho que podemos fazer um resumo desses artigos e submetê-los novamente. Quem sabe dessa vez?

Galois achou interessante. Esperançoso que suas ideias pudessem ser publicadas um dia, ele concordou em participar do concurso sem saber que ali começava uma sequência desastrosa cujo final seria imprevisível.

CAPÍTULO 16

Carla olhou para frente e pediu ao motorista do táxi para parar. Mateus estranhou parar no meio da avenida.

— Chegamos Mateus.

Eles subiram à pé pela *Rue de Steinkerque*. Carla conhecia bem aquela região, apesar de muito tempo longe. Continuaram caminhando e chegaram à *Praça Saint-Pierre*, dali já era possível ver a cremalheira; uma espécie de elevador, porém com uma inclinação de quarenta e cinco graus que transportava as pessoas para o alto da montanha de Montmartre. Alguns minutos de subida e já estavam lá em cima onde estava localizada a imponente Basílica *Sacré Cœur*. Mateus parou por um momento e ficou impressionado com a aparência branca da igreja, parecia que havia sido pintada recentemente.

Localizada no topo da montanha de Montmartre, a Basílica estava no ponto mais alto da cidade. A ideia de construir um templo dedicado ao Sagrado Coração surgiu depois da guerra Franco-Prussiana em 1870, como pagamento da promessa feita por Alexandre Legentil e Hubert Rohault de Fleury de erguer uma igreja caso a França sobrevivesse às investidas do exército alemão. O arquiteto Paul Abadie projetou a Basílica depois de vencer um concurso com mais de 77 arquitetos, mas ele morreu em 1884 logo após o início da obra e outros continuaram seu trabalho. O estilo é marcado por influências românicas e bizantinas. Muitos elementos da Basílica são baseados em temas nacionais: o pórtico, com três arcos, é adornado por duas estátuas de Santa Joana D'Arc e do Rei São Luís IX; e o sino de dezenove toneladas, um dos mais pesados do mundo, refere-se à anexação de Savoy em 1860. A construção começou em 1875 e foi concluída em 1914, embora a consagração da Basílica tenha ocorrido apenas após o final da Primeira Guerra Mundial.

O *Sacré Cœur* está construído em pedra de travertino obtida no *Château-Landon, Seine-et-Marne*, França. Essa pedra constantemente dispersa cálcio, o que garante a cor branca da Basílica mesmo com as chuvas e a poluição. O mosaico no alto, chamado Cristo em Majestade, é um dos maiores do mundo. A Basílica possuía um jardim para meditação, com uma fonte. O topo é aberto aos turistas e reservava uma vista espetacular da cidade. Aos pés da igreja, Mateus podia se ver a velha Paris conservada, logo abaixo e ao fundo os prédios que mais pareciam um pedaço de Manhattan lembravam que o terceiro milênio havia chegado à velha cidade.

Dois cavaleiros guardavam a entrada principal da igreja, quando Carla chegou, em frente à porta principal, uma explosão de lembranças começou a invadir sua mente. Há mais de dez anos ela não pisava ali. Carla sentiu um frio na barriga e caminhava vencendo um sentimento que a atormentava há anos.

Na época, os pais de Carla moravam próximos dali. Assíduos católicos fizeram com que Carla frequentasse a igreja. Com apenas doze anos, Carla já havia participado de muitos cursos preparatórios que a igreja oferecia. O padre Lucas era um amigo íntimo

da família. Carla frequentava o catecismo com outras crianças. Mas a curiosidade de Carla fazia com que ela permanecesse por mais tempo que o necessário, ao contrário dos outros jovens que já estavam em casa com seus pais. Carla ainda estava na igreja lendo e observando as magníficas obras: a geometria das curvas e a arquitetura cintilavam seus olhos. Desenhos no chão feitos em mármore vindos da Itália com uma precisão incrível podiam ser vistos por toda parte.

Quando Lucas entrou na igreja viu Carla dormindo num banco com o livro do catecismo nas mãos e um pequeno terço na outra, ficou admirando aquela pequena criatura.

Levemente ele a acordou. Carla estava com muita sede, já estava ali há horas. Lucas a levou para uma casa paroquial que ficava do outro lado da *Rue du Cardinal Guilbert*. Enquanto Carla tomava um suco e comia algumas bolachas, Lucas a deixou para se preparar para a próxima missa. Carla mastigava e bebia olhando para todos os lados, a curiosidade a acompanhava. Numa sala em frente, ela viu alguns livros sobre uma mesa que chamaram sua atenção. Não eram livros religiosos, e sim de geometria. Carla se levantou e caminhou em direção aos livros. Abrindo o primeiro viu conceitos que já havia estudado na escola. Tratava-se da geometria plana Euclidiana; triângulos, retângulos e círculos faziam parte dessa coleção. Carla começou a folhear ainda mastigando as bolachas. As demonstrações e a maneira como a teoria estava escrita causava estranheza em Carla. Muitas estavam de acordo com o que Carla havia estudado na escola, mas outras não.

— São os elementos de Euclides — disse Lucas encostado na porta da sala parado e observando Carla há algum tempo.

Carla olhou para Lucas assustada e fechou o livro. Ele estava vestido e pronto para a missa.

— Fique tranquila! — exclamou Lucas — Euclides gostaria que sua geração conhecesse sua coleção de livros.

Euclides viveu por volta de 300 a.C. na cidade de Alexandria e escreveu uma obra com treze livros contendo assuntos sobre geometria, teoria dos números e álgebra. Nenhum livro, exceto a Bíblia, foi tão largamente usado ou estudado. Por mais de dois milênios os elementos de Euclides dominaram o ensino da geometria nas escolas. Euclides construiu toda a geometria plana com apenas cinco afirmações chamadas de postulados ou axiomas. Essa forma de desenvolver a teoria seria um marco na história das ciências. O modelo adotado por ele influenciaria não só os futuros matemáticos, mas também os cientistas de uma maneira geral.

Carla não entendia, uma vez que a forma com que havia estudado na escola estava escrita de maneira diferente devido ao modelo pedagógico adotado.

— Gosta de matemática? — perguntou Lucas.

Carla balançou a cabeça fazendo um sinal de positivo.

— Venha, vou lhe mostrar algo.

Lucas a levou para uma pequena biblioteca e lhe mostrou a coleção completa. Logo em seguida abriu uma gaveta e retirou uma caixa de madeira.

Enquanto caminhava contornando o salão principal da igreja com Mateus, Carla se lembrava daquele dia infeliz. *Volte aqui menina. Socorro. Alguém me ajude!* As lembranças ainda estavam vivas em sua mente. Pensava que havia conseguido esquecer, mas agora caminhando naquele local podia perceber que ainda havia um longo trecho a percorrer para ficar totalmente curada.

Carla caminhou em direção ao altar e Mateus a acompanhava admirando a igreja. De maneira que todos pudessem observar a beleza da igreja, a administração havia criado uma espécie de circuito. Entrando pela porta principal e tomando a esquerda, todos que ali entravam, caminhavam contornando o centro passando pelo altar.

— Mateus não está aqui! — Mateus não entendeu.

— Carla o que você está procurando? — Mateus ainda não sabia como Carla poderia encontrar algo naquele local. Seria procurar uma agulha em um palheiro.

— As caixas!

Mateus olhou para Carla com uma interrogação gigantesca no semblante. *Não vejo caixa nenhuma.*

— Que tipo de caixa? — perguntou Mateus.

— As caixas do ofertório! — Carla falou alto, o que chamou a atenção de alguns turistas e voltou a repetir baixinho para Mateus. — Elas não estão no local de sempre.

Um dia antes as caixas de madeira haviam sido levadas para outro local da igreja. Carla sentiu que poderia não encontrá-las. Além disso, estava ansiosa para pegar o que quer que fosse e sair logo dali.

Com a nova administração, apenas durante a missa as caixas do ofertório seriam levadas ao altar. Durante o dia elas ficariam no fundo da igreja para que os turistas pudessem fazer sua oferta. Carla continuou caminhando em direção ao fundo e ao longe, do lado de uma das colunas, Mateus viu o pequeno objeto em forma de pirâmide cortada ao meio e feito em madeira escura. Eles estavam quase no fim do circuito.

— Ali — disse Mateus animado.

Carla olhou e sentiu uma pontada da espinha.

— Vamos — e caminharam mais rápido.

Carla se aproximou da caixa olhou para os lados. O pequeno compartimento feito em madeira tinha uma fresta na tampa superior onde os fiéis poderiam colocar sua contribuição. Já era tarde, o período de visitação já estava no fim, ainda havia alguns poucos turistas. Carla olhou para os lados e pegou a caixa. Mateus não acreditou. Carla virou a caixa e abriu uma pequena tampa na parte de trás, havia muitas moedas e algumas notas. Mateus sussurrou:

— Isto é pecado mocinha!

Carla olhou séria para Mateus e continuou a procurar. Enfiou a mão e raspou o fundo, mas não encontrou nada. Rapidamente ela fechou a tampa e fingiu observar as obras que estavam ao lado. Enquanto um grupo de turistas passava.

— Não está aqui! — disse Carla.

— Não entendo. Por que Bernard colocaria o manuscrito aqui dentro desta caixa e nesta igreja?

— Mateus, Bernard tinha seus motivos: sempre foi contra todo esse poder que a Igreja detinha e não concordava como alguém, tão simples e humilde como Jesus, poderia querer uma Igreja tão rica e poderosa. Dizia que o poder sobe à cabeça dos homens e se um dia a Igreja caísse seria por sua ambição. Assim, acreditei que o único local que ele poderia esconder algo seria exatamente aqui.

— Carla, não seria muita ingenuidade de Bernard? Essas caixas são frequentemente abertas. Alguém poderia encontrar o manuscrito antes que chegássemos aqui.

— Concordo, mas...

Mateus ficou observando e viu a existência de outra caixa.

— Veja, existe outra — apontou Mateus.

Carla imaginou que aquela seria a última, pois já havia percorrido a igreja inteira.

Carla correu em direção e olhou para os lados. Em seguida pegou a caixa e fez o mesmo que a anterior virando-a e olhando o fundo, mas nada de errado. Abriu, e com a mão direita percorreu toda parte interna.

Enquanto Carla procurava, Mateus observou que havia algo de errado. Ao contrário da anterior que parecia mais velha, esta tinha uma diferença entre o fundo e o chão, dando margem a um pequeno fundo falso de apenas três centímetros. Como a madeira era escura, a diferença era quase imperceptível. Carla já estava desistindo e fechando o fundo quando Mateus segurou sua mão.

— Espere, abra a novamente.

— Mateus não tem nada aqui!

— Carla, por favor.

Carla abriu novamente a tampa traseira, Mateus viu que a madeira estava bem encaixada. Havia sim um fundo falso ali. Mateus enfiou a mão e percorreu toda a superfície, olhou para a parte externa e não viu marcas de pregos.

— Você tem uma caneta? — olhando para Carla.

Carla não entendeu.

— Anda. Rápido.

Carla retirou da bolsa uma caneta com tampa de ferro. Mateus rapidamente quebrou a parte superior e retirou uma pequena chapa de aço usada para fixar a caneta no bolso. Ele a dobrou e fez um L. Enquanto Mateus tentava retirar o fundo falso Carla viu alguns turistas se aproximando.

— Mateus! — ele entendeu e fechou a caixa colocando-a de volta no mesmo local.

Rapidamente Mateus retirou uma nota de dez euros do bolso e fingiu fazer uma contribuição. Os turistas passaram observando enquanto Mateus fingia rezar junto à caixa. Carla olhava a cena espantada com o teatro de Mateus.

Após alguns minutos, Mateus já estava novamente tentando retirar o fundo falso da caixa. Carla viu algumas freiras no corredor principal.

— Mateus, rápido!

— Estou quase... — disse Mateus se esforçando para levantar a tampa.

Mateus colocou o pedaço de metal em forma de L entre o fundo falso e a parede da caixa na tentativa de levantar a tampa. Ele puxava, mas ao soltar ela voltava para o lugar, o espaço para colocar os dedos era pequeno. Ele pensou em virá-la de ponta cabeça. Mas isso poderia chamar muito a atenção. Sem falar que poderia danificar algo que estivesse escondido.

A vontade que Mateus tinha para abrir aquela caixa era muito grande, nada o faria desistir naquele momento. Sua mente fervilhava com o que poderia estar ali dentro. *Eu abro essa caixa, nem que seja na porrada!*

Uma das freiras viu Mateus abaixado e achou estranho. Poderia ser um fiel rezando. Mas rezando tão próximo à caixa de ofertas? Seria um pouco estranho. Discretamente ela resolveu se aproximar.

O sexto sentido de Carla entrou em ação, ela notou o movimento estranho que a freira estava realizando, passando por trás de uma coluna para que eles não a vissem. Carla se lembrou do infeliz dia; quando o padre Lucas abriu uma pequena caixa, Carla viu algumas figuras feitas em madeira e aço. Nela havia um pentagrama com alguns buracos, uma torre de Hanói e outras peças que Carla nunca havia visto. Lucas colocou o pentagrama em cima da mesa e retirou um pequeno saco com esferas de vidro.

— Carla esse é um jogo bem interessante acho que você vai gostar.

O jogo que Lucas estava mostrando para Carla era muito antigo e remontava à época de Pitágoras. Consistia de um pentagrama em forma de estrela com vários buracos alinhados seguindo a linha da estrela. Havia uma regra para preencher esses buracos com as esferas. O pentagrama deveria ser totalmente preenchido com essa regra restando apenas um buraco vazio. Era uma espécie de vestibular para entrar na escola de Pitágoras fundada por volta do ano 500 a.C. Anos depois o pentagrama acabou virando um símbolo da escola.

Carla rapidamente entendeu as regras do jogo e dentro de poucos minutos já estava com o mesmo resolvido. Lucas ficou bastante chocado, pois Carla havia resolvido de uma maneira bastante interessante, começando do fim para o início e depois descobrindo a solução.

Ele sabia que a solução não era única e admirou o modo como Carla enfrentou o problema encontrando uma solução bastante simples e bela.

Lucas trouxe alguns chocolates e Carla passou a resolver outros brinquedos, desta vez Lucas propôs outros mais difíceis. Depois de algum tempo seus olhos estavam cansados e Carla caiu em sono profundo. Lucas observava a pequena menina dormindo como um anjo. Em sua mente uma dura batalha iniciara. Muitos religiosos já haviam sido afastados, achava que não aconteceria com ele. *Minha fé é forte, não serei dominado pela carne. Afasta-te de mim demônio.*

Lucas pegou Carla e a colocou na cama em seu quarto. Não havia missa nenhuma naquela noite, além disso, todos haviam seguido para uma festa na Catedral de Notre Dame. Todo o complexo estava vazio, só havia ele e a pequena Carla. Lucas retirou a roupa ficando apenas com uma bermuda.

Caminhou em direção a um pequeno criado e abriu uma gaveta. Retirou uma lamina. *A dor é o melhor castigo.*

Quando Carla acordou, estava nua num quarto que ela desconhecia. Olhando para o alto viu uma cruz. Nesse momento ela observou que estava deitada invertida na cama, pois a cruz estava acima da cabeceira da cama. Ela estava sem roupas, mas a princípio não notou nada de errado com seu corpo. Olhou para o lado e viu suas roupas dobradas e colocadas em um pequeno banco próximo a uma escrivaninha. Rapidamente Carla se vestiu. *Onde estou!* Sua cabeça doía muito.

Carla caminhava procurando a saída daquele local, mas ainda estava sob o efeito do sonífero que havia tomado. Passando pelo corredor ela viu algumas marcas de sangue. Assustada caminhou em direção às marcas. Quando chegou ao fim do corredor uma figura aterrorizante se materializou diante de Carla.

— Mateus já estava com a tampa na mão quando a freira viu que a caixa do ofertório estava sendo violada. Numa ação desesperada ela correu em direção a Mateus e Carla gritando.

— Ladrões...

— Mateus vamos, agora — gritou Carla desesperada.

Mateus virou a caixa rapidamente e deixou-a na posição que estava, porém com a tampa traseira aberta. Os dois saíram correndo em direção à saída lateral, mas ela estava fechada. Mateus apontou em direção à saída principal, mas Carla sabia que seria complicado sair por ali, havia alguns turistas e as freiras estavam lá gritando. Mesmo assim Mateus insistiu em correr naquela direção puxando Carla com força.

Já estavam próximo à porta quando viram as freiras fechando as mesmas. *Merda.* Pensou Mateus. Carla conhecia bem a Basílica e sabia que havia uma saída atrás do altar principal. Ela poderia estar fechada, mas não restava alternativa. Rapidamente eles viraram e correram na direção oposta, passaram por trás de uma coluna e sumiram. Quando estavam quase chegando ao altar, as portas da entrada se abriram logo atrás, Mateus virou e viu dois policiais entrando.

Rapidamente eles passaram por trás do altar. Carla abriu a porta e eles atravessaram um corredor. A porta que dava acesso para a rua estava fechada. Mateus pediu a Carla para se afastar e aplicou um forte chute, a porta balançou, mas não abriu. Carla já estava desesperada já havia sentido a mesma sensação anos atrás. Quando tentava fugir desesperadamente da casa paroquial. Mas agora a situação era diferente, pois não havia uma árvore para subir e pular o muro.

Mateus chutou novamente a porta e agora a fechadura se rompeu. Mais dois chutes e a porta não resistiu, Carla já estava quase tendo um ataque de pânico. O dois saíram pela *Rue du Paul de La Barre* e correram. Em poucos instantes já estavam na *Rue du Mont Cenis* e entraram num pequeno café seguindo para o banheiro. Muitos turistas estavam ali, os seguranças passaram e não conseguiram ver onde eles entraram. Carla havia combinado ficar um tempo no banheiro com Mateus. Seria suficiente para que não fossem descobertos. Naquele momento era a única saída.

Agora trancada e sozinha, Carla sentou e ficou observando o chão. O tom avermelhado fazia Carla se lembrar da quantidade de sangue no chão. Padre Lucas estava deitado, parecia morto. Carla se aproximou. Quando chegou próximo percebeu que ele parecia não respirar. Ela abaixou e tocou em sua face. Mas um movimento rápido aterrorizou Carla. Como alguém que volta do mundo dos mortos Lucas abriu os olhos e agarrou Carla segurando forte em sua perna. Carla tentava se livrar, mas as mãos fortes de Lucas a dominavam. Carla olhou desesperada para os lados e viu um pequeno vaso de argila decorado com uma cruz. Ela se esticava e tentava apanhá-lo, mas Lucas a segurava pelo tornozelo. Duas tentativas foram o suficiente para Carla pegar o vaso e arremessar em direção a Lucas. O impacto deixou Lucas tonto e Carla conseguiu se livrar. Enquanto Lucas se recuperava Carla corria em direção à saída.

Quando ela chegou ao final do corredor a porta estava trancada. Lucas gritava e vinha em sua direção. Carla recuou e tomou a saída pela cozinha e correu em direção ao portão que dava para a rua e quando chegou, viu que também estava trancado. Carla viu Lucas saindo e não pensou duas vezes, subiu numa árvore para tentar pular o muro. Alguns anos morando na zona rural haviam dado a ela a habilidade em subir em árvores. A árvore ficava próximo ao muro. Dali poderia ver a rua e pedir socorro. Estava em um galho mais alto que o muro, Lucas tentava subir em sua direção; como era mais pesado ele subia balançando os galhos tentando desequilibrar Carla, que estava a um metro do muro. Antes que ela conseguisse chegar e pedir ajuda um galho se partiu e Carla bateu com as costas no muro caindo do lado de fora. Tudo ficou escuro e ela não viu mais nada.

Quando saíram do bar misturaram-se aos inúmeros turistas que passavam por ali. Mateus havia molhado o cabelo e mudou seu aspecto. Tirou a jaqueta e dobrou as mangas da camisa. Carla também fez algumas alterações. Em meio a tantos turistas e uma vez que

não roubaram nada não seriam descobertos. Fizeram o caminho inverso e desceram as escadas, tomando o metrô.

Os policiais voltaram para a igreja e encontraram as freiras observando a caixa.

— Não roubaram nada. Apenas retiraram o fundo.

Eles observavam pensativos.

Agora sentados dentro de um vagão Carla estava desapontada e sem saber o que fazer.

— E agora, Bernard desapareceu e não conseguimos o manuscrito. — O desapontamento de Carla estava estampado em sua face. — Não sei o que fazer.

Mateus viu a expressão de Carla e o quanto isso significava para ela. A impressão que Mateus teve, era que Carla havia falhado com Bernard e Michel. Mais do que isso, falhado com a ciência.

Mateus pegou na mão de Carla e segurou firme. Carla sentiu a mão quente de Mateus, a mesma mão que havia lhe salvado na torre, agora lhe transmitia conforto e isto acalmou seu coração acelerado.

Enquanto ela olhava para as paredes do túnel que passavam diante da janela, Mateus retirou do bolso da calça um pequeno livro de apenas dez centímetros que cabia na palma da mão. Parecia uma pequena agenda e de vagar ele abriu a mão de Carla e o colocou em seguida.

Carla saiu do transe e olhou para sua mão.

— O que é isto? — estava tão cansada e mergulhada em pensamentos que não imaginou nada.

— Veja você mesma.

Bem devagar Carla observou. Na capa de couro queimado havia um pentagrama e logo abaixo a inscrição:

Sanctus Deux pater unum

Carla conhecia aquela língua. Em latim significava “Santo Deus, pai único”.

Abriu a primeira página e reconheceu a letra do mais famoso homem da simetria.

— Mateus você conseguiu! — Os olhos de Carla brilharam.

Enquanto Carla observava atentamente o movimento na igreja, Mateus conseguiu retirar o pequeno diário de dentro do compartimento da caixa. Carla não resistiu e abraçou Mateus, agradecendo com um olhar sincero. Enquanto seguiam em direção a um local que Carla conhecia bem.

CAPÍTULO 17

A noite caiu sobre Paris e a luzes da cidade se acenderam. Era possível observar seu brilho no rio Sena, algumas embarcações que mais pareciam árvores de natal deixavam a vista bastante interessante.

Marta estava sentada em um banco de frente para o rio observando a cidade. Ela não conseguia entender como aquela mulher poderia ser mais importante do que ela para Mateus. Imaginava também o que havia feito para estar ali. Agora parecia que tudo estava desmoronando.

O celular de Marta tocou. O número não estava cadastrado, mas ela reconheceu imediatamente. Pensou alguns segundos e não atendeu. Mais uma vez o celular tocou. *Ele não vai desistir.* Imaginou ela. Marta atendeu e ficou muda. Do outro lado uma voz dura atravessava o atlântico em forma de sinais digitais até chegar aos ouvidos de Marta.

— Finalmente você atendeu. Já estava ficando preocupado — falava o homem de maneira sarcástica.

Marta sentiu um frio na espinha, e com uma voz tranquila respondeu.

— O que você quer?

— Nada minha princesa, apenas ouvir sua doce e suave voz.

— Já ouviu. — desligando o celular em seguida.

Marta ficou imaginando como seria seu retorno ao Brasil, não conseguia imaginar aquelas mãos sujas deslizado em seu corpo. Continuou observando o Sena, quando um homem branco, bem vestido e que aparentava uns cinquenta anos se aproximou.

— É lindo não? — Sentando-se ao seu lado. Ela estranhou. O homem falava português.

— Sim, realmente — concordou com ele. — Venho aqui há anos e nunca me canso de observar a beleza desta cidade. Parece um feitiço, como uma sereia, ela sempre me atrai e me encanta.

Marta sentiu uma sensação boa, aquele homem lembrava seu pai, sua voz serena e suave parecia acalmar o coração que naquele momento estava aflito.

Já sentei aqui várias vezes com minha mulher. — Marta não resistiu e perguntou.

— E ela não está aqui?

— Não. Há alguns anos o destino nos separou.

Marta percebeu no olhar do homem que sua esposa já não pertencia a este mundo.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem.

— Ainda não nos apresentamos. Marta — disse ela estendendo a mão. Ele retirou o elegante chapéu e pegou em sua mão.

— Milton. Mas me diga, o que uma moça tão bonita faz sozinha aqui? — recolocando o chapéu.

Marta desconfiou que estivesse sendo cortejada.

— Meu namorado e eu não estamos bem.

O homem olhou para Marta e disse:

— Acho que eu posso te ajudar. — Em seguida retirou o chapéu e o óculos.

Marta olhou para o homem, pensou um pouco.

— Não nos conhecemos de algum lugar?

— Talvez — respondendo o homem.

Mais alguns segundos foram suficientes para ela se lembrar.

— Na torre, era você...

— Você tem boa memória moça.

Marta ficou assustada.

— O que você quer de mim?

— Acalme-se, quero te ajudar...

— Ajudar, como?

— Aquela mulher que roubou seu namorado tem algo que eu quero. Posso retirá-la do seu caminho, ninguém sai ferido, eu posso lhe prometer. Além disso, posso lhe recompensar muito bem. E você não precisa fazer muito esforço. Basta que você encontre seu namorado e descubra onde ela está.

Marta sabia que sua situação não era tão boa, quando retornasse ao Brasil precisava pagar uma grande quantia. Novamente as mãos sujas acariciando seu corpo apareceram em sua mente.

Milton retirou do bolso um envelope.

— Pegue! — Ela recusou.

— Eu entendo que precise de algum tempo para pensar. — Milton pegou o envelope e colocou em cima do banco. — Você é uma moça inteligente, não vai se privar de tantas coisas boas, principalmente numa cidade como essa. — Ele colocou o chapéu. — Foi um prazer — saindo logo em seguida.

Enquanto o homem desaparecia em meio aos carros, Marta observava o envelope ao seu lado. Uma forte tentação invadiu sua mente. A possibilidade de se livrar daquelas mãos sujas poderia estar ali, diante dela. Não resistiu e pegou o envelope. Sem abrir tomou uma direção e sumiu em meio às inúmeras pessoas que passavam na rua.

Mais adiante Marta parou e abriu. Nele havia um número de telefone e mais cinco mil euros em notas de cem. Ainda não era o suficiente para Marta liquidar suas dívidas, mas já seria o suficiente para ganhar tempo.

No vagão, Carla não resistiu e abriu o manuscrito, percebeu que havia apenas vinte páginas. Sua imaginação viajava com a possibilidade de estar diante de um dos maiores tesouros da matemática. O trem parou e eles conversaram por alguns minutos na estação. Mateus seguiu em direção ao hotel e Carla tomou outro destino.

Quando Mateus chegou à recepção do hotel, ele observou um casal ao lado de duas malas. Já havia os visto antes. Também eram clientes da mesma agência de viagem. Ele aproximou e os cumprimentou.

— Já estão voltando? Tão rápido.

— Infelizmente — respondeu o homem — nosso filho sofreu um acidente e estamos voltando.

Mateus conversou por alguns instantes e subiu para o quarto. Quando chegou viu Marta deitada. O Paris Hotel East tinha uma decoração impecável, além da iluminação e da banheira. Era um ambiente agradável, de cor suave, perfeito para uma lua de mel em alto estilo. Marta e Mateus solicitaram um quarto com camas separadas. Mas ela sabia que era perfeitamente possível juntar as camas de modo a formar uma cama de casal. Mateus não quis incomodar e se dirigiu para o banheiro.

Quando Mateus saiu do banho, Marta estava sentada na cadeira assistindo televisão. Mateus se vestiu e sentou na cama.

Marta desligou a televisão e ficou parada por um momento olhando nos olhos de Mateus. Após alguns segundos ela disse:

— Acho que me deve desculpas.

Mateus abaixou a cabeça e logo em seguida levantou, olhando para Marta.

— Sei que nesses dois últimos dias não fui honesto com você. Sei também que o quer de mim é muito mais do que eu posso dar. Mas eu lhe devo explicações em relação às minhas atitudes. Aconteceram algumas coisas que...

— Tem a ver com aquela mulher? — perguntou ela.

— Tem, mas não é o que você está pensando.

— Mateus, por favor, não minta. Você me deixou sozinha dentro de um museu e desapareceu. Quer que eu acredite que você não tem nada com ela? — Marta sorriu com um tom de deboche.

Mateus levantou, foi até o frigobar, pegou um refrigerante e abriu.

Marta ficou calada observando.

Mateus olhou para ela e ofereceu um copo. Marta recusou apenas levantando a mão. Mateus precisava de um tempo para pensar em algo que poderia convencê-la sem deixar evidências de que ele estava envolvido com algo importante e talvez perigoso.

Ele se aproximou e sentou na cama. Tomou mais um gole e olhou para Marta.

— Marta, não tenho nada com aquela mulher, acredite. Eu apenas a ajudei a encontrar algo que ela estava procurando.

— E ela encontrou? — perguntou Marta ainda cética.

— Sim — respondeu Mateus em voz baixa.

— Bom, então quer dizer que você agora não precisa mais vê-la.

— Não exatamente.

Marta já estava ficando impaciente.

— Mateus, por mais dura que seja, fale a verdade.

Novamente Mateus não sabia o que dizer. Precisava manter segredo sobre o manuscrito. Marta poderia deixar escapar algo e isso poderia ser perigoso.

— Marta essa mulher é uma cientista, aluna do IMPA. — Marta já conhecia o IMPA através de Mateus. — Ela solicitou minha ajuda para descobrir algo.

— Mateus, você ainda está na faculdade, como pode ajudar uma pessoa que está muito à frente de você? Ela não precisa de sua ajuda.

— É difícil de explicar, mas eu acredito que posso, e isso pode mudar minha vida completamente.

— Mudar como? Casando-se com ela?

— Não é isso. É algo pessoal.

— Mateus você tem certeza do que está fazendo?

— Sim tenho. Sei que estou sendo egoísta, mas eu só lhe peço mais um dia, prometo que depois disso, continuamos nossa viagem. Dou minha palavra.

Nesse momento Mateus ficou mais próximo de Marta e pegou em sua mão.

— Por favor, acredite em mim.

Assim como Carla, Marta sentiu a mão quente e acolhedora de Mateus e seu olhar bastante sincero.

Ela olhou para ele com os olhos brilhando.

— Será que algum dia... — ela não conseguiu completar.

Mateus sabia das intenções de Marta, mas não conseguia imaginá-la ao seu lado. Não que ele não fizesse nenhum esforço, mas algo bloqueava uma relação mais íntima.

Mateus levantou, e com um olhar mais animado disse:

— Anda, veste uma roupa bem bonita e vamos descer!

— Para onde? — perguntou ela.

— É surpresa — balançando duas entradas.

Marta tentou ver, mas Mateus escondeu no bolso da camisa.

— Fala logo... — Marta tentou pegar, mas Mateus não deixou.

— Tenho certeza que você vai gostar — disse Mateus animado.

O táxi cruzava o bairro boêmio de Montmartre, Mateus começava a reconhecer os locais onde já havia passado horas antes. Mas à noite, parecia que a cidade havia mudado, estava mais viva do que nunca, várias casas estavam iluminadas. Marta estava encantada e mais tranquila ao lado dele. Na *Boulevard de Clichy* ela pôde ver o grande moinho vermelho, sua iluminação era linda, típica de um tempo boêmio. Marta ficou paralisada por um instante. Ele olhou para ela e disse:

— Lembra do filme? — Marta olhou para Mateus e balançou a cabeça com um sinal positivo. — Agora você pode se sentir o que Christian sentiu quando entrou aqui pela primeira vez.

Fundado em 1889 por Josep Oller, o *Moulin Rouge* ou moinho vermelho é uma das casas de show mais famosas de Paris. Parada obrigatória para os turistas. Há mais de cem anos oferece um espetáculo único a todos que querem evocar o ambiente boêmio da *Belle Époque*.

Mateus contou a Marta como havia ganhado os ingressos.

Na entrada um homem bem vestido se apresentou e os levou aos seus lugares previamente reservados. Logo após ele trouxe o champanhe.

Quando o espetáculo começou Mateus e Marta não conseguiam pensar em mais nada, era simplesmente lindo. Os olhos de Marta cintilavam ao ver aquele show com um sincronismo perfeito.

Já passava das três horas da manhã quando Mateus e Marta chegaram ao hotel.

— Obrigada pela noite. — Ela sabia que o dia tinha sido bastante cansativo e aquele não era o melhor momento, mas uma ajuda extra havia aparecido. *Quem sabe o universo não está trabalhando a meu favor.* Pensou.

CAPÍTULO 18

Paris, 2 de julho de 1829.

A madrugada estava fria, as batidas do sapato quebraram o silêncio. Um homem caminhava pelos corredores. Ele sabia que não seria fácil. E estava imaginando como deveria fazer. Encontrar as palavras certas seria sua única saída.

Durante a caminhada um pássaro o assustou.

— Malditos pombos — praguejou.

Caminhou alguns minutos e estacou em frente a uma porta, observou e ficou ali por alguns segundos. Recuou e sentou em um pequeno banco de pedra próximo dali. A lua estava cheia e iluminava os corredores do Liceu. Algumas plantas faziam sombra, o que deixava ainda mais assustador aquele ambiente, até então, inóspito e sombrio.

Richard sabia que a notícia não seria bem recebida. Ele nunca havia passado por aquilo, mas sabia da dor. *Pobre Galois, a vida está lhe desafiando*. Imaginou em meio ao silêncio da madrugada.

Richard observou o céu e pediu ajuda ao Criador para colocar em sua boca as palavras certas para aquele momento. Levantou-se e dirigiu-se novamente para a porta de número doze.

Bateu e esperou por alguns instantes, mas ninguém apareceu. Bateu novamente, e agora com mais força. Richard ouviu alguns ruídos dentro do quarto. A fechadura se moveu e a porta se abriu fazendo um barulho parecido com uma ranhura.

— Professor! — Paul ainda estava acordando. — Por favor, chame Galois, preciso falar com ele.

Paul entrou ainda cambaleando de sono, mas não foi necessário Galois já estava acordado e próximo à porta.

— Professor, o que faz por aqui a essa hora?

Richard olhou rapidamente para baixo e inclinou a cabeça.

— Podemos conversar?

— Claro — respondeu Galois prontamente.

Richard apontou para as pedras no pátio. Galois vestiu um pequeno casaco.

— Galois, vejo que é um jovem muito forte e capaz. Nunca duvidei disso. Tem uma personalidade marcante e sei que vai entender e superar — Galois estava ficando ansioso —, o mundo nos prega algumas peças e somos submetidos a provas que às vezes nos cobram um preço muito alto. Precisamos ser fortes para enfrentar a perda.

— Professor pode falar, não precisa fazer rodeios — Galois falava com segurança.

— Esta noite alguém que conviveu com você muito tempo não está mais entre nós, já pertence ao Criador. Seu pai...

Galois abaixou a cabeça e uma lágrima caiu dos seus olhos.

— Como isso aconteceu?

— Galois, eu não sei bem como te dizer, mas seu pai cometeu um suicídio. Ainda não sabemos os motivos pelos quais o levaram a fazer isso. Mas acredito que a polícia deverá descobrir. Não se preocupe, estarei do seu lado o tempo todo. Sei que você tem parentes, mas mesmo assim estarei com você. Vá até o seu quarto e se vista, tem uma carruagem te esperando, hoje será um dia difícil.

CAPÍTULO 19

Na manhã seguinte, Marta abriu os olhos e viu os primeiros raios de luz entrando pela janela. Por um momento achou que estava no Rio de Janeiro. Mas rapidamente lembrou-se de que havia um oceano inteiro entre eles.

Olhou para o lado e não viu Mateus, a cama estava desarrumada e Mateus já havia saído. Marta se levantou e viu um pequeno bilhete logo abaixo do seu celular.

*Marta, não se preocupe estarei bem. Obrigado por me entender, à noite retorno...
Mateus.*

Marta pegou o telefone e fez uma ligação.

— Eu sabia que você me ligaria! — disse um homem com uma voz um pouco rouca.

— Ele já saiu. — Marta falou sem rodeios e com um ar de preocupada.

— Certamente seu namoradinho foi encontrar-se com ela.

— Anote este endereço: *Rue de Grenelle*, 55.

— Obrigado, você será muita bem recompensada. E fique tranquila, não vou fazer mal ao seu namorado. Dou minha palavra.

Marta desligou o telefone e ficou imaginado o que havia feito. Mas algo lhe dizia que ela havia feito a coisa certa.

Tomou um banho e desceu para o salão do café. Sentada e comendo algumas frutas, um garçom a interrompeu.

— Madame Oliveira.

— Sim — respondeu Marta.

— *Um homme a laissé pour vous* — e entregou o envelope. Marta pegou o pacote e agradeceu.

— *Merci.*

Milton trabalhou rápido em recompensar Marta, pois ele sabia que ela seria útil.

Carla havia passado o endereço para Mateus através de uma mensagem do celular. Mateus sabia que poderia estar sendo seguido na saída do hotel, assim ele resolveu tomar o metrô, e em meio àquela confusão de pessoas indo e vindo seria mais fácil despistar qualquer um que tentasse o seguir. Mas isso nem foi necessário, pois não havia ninguém o seguindo, Milton havia usado outra estratégia.

Mateus emergiu na estação de metrô próximo à *École Militaire* de onde poderia ver a imponente torre Eiffel. Caminhando com cuidado ele seguiu pela *Avenida de La Bourdonnais* até chegar à *Rue de Grenelle*. Lá viu um pequeno prédio de apenas quatro andares. Um portão lateral dava acesso às escadas.

Mateus ligou para o celular de Carla, e rapidamente a fechadura eletrônica fez um estalo abrindo o portão. Mateus começou a subir, mas não sabia em qual apartamento Carla

estava. Enquanto subia, sua ansiedade aumentou. Subindo as escadas, ficou imaginando o que poderia estar escrito de tão importante naquele pequeno diário, e se Carla conseguiu entender algo. A mente de Mateus viajava em devaneios: revelações sobre a vida de Cristo e seu retorno; códigos escondidos na Bíblia entre outros. Tudo seria possível vindo de Galois.

No segundo andar uma porta se abriu e Mateus caminhou na direção do barulho.

— Bom dia Mateus — disse Carla abrindo a porta para ele entrar.

Uma amiga de Carla era a dona do apartamento, o pai morava em Dijon, sul da França e comprou o apartamento para que a filha pudesse estudar artes. Como era período de férias, naquele momento ela estava com os pais em uma praia na Itália. Carla sabia que o local poderia ser bastante seguro.

Quando Mateus entrou, ele se assustou com a quantidade de livros e papéis espalhados por todos os lados na sala. Carla não havia dormido tentando entender os escritos de Galois. Estava evidente sua ansiedade para mostrar aquilo para alguém, mas sentia que Mateus talvez não pudesse ajudar, uma vez que ele ainda estava na faculdade e seu interesse estava mais relacionado com história e artes do que com a própria matemática pura. Por outro lado, Mateus já havia surpreendido Carla na igreja e de alguma forma ela sentia que podia confiar nele.

— Mateus veja isto. — Carla exibiu algumas conclusões feitas durante a noite. — A impressão que eu tenho é que parece faltar algo. Galois criou uma espécie de método matemático que extrai informações dos textos em grego.

Ele se aproximou e observou algumas anotações.

— Continue... — disse Mateus.

— Veja, fiz manualmente uma pequena tradução de um trecho da Bíblia extraído na Internet — o texto era um pequeno trecho do Gênesis 2.21-22.

Então Javé Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu.

Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

Depois, da costela que tinha tirado do homem, Javé Deus modelou uma mulher e apresentou-a para o homem.

— Fiquei algum tempo para traduzir a primeira linha, depois observei que seria fácil.

— Carla mostrou para Mateus.

memoh o arap a-uotneserpa e rehlum amu uoledom sueD évaJ ,memoh od odarit ahnit que aletsoc ad ,siopeD.

Enrac recserc zef ragul on e memoh od aletsoc amu oätne uomoT. Uimrod ele e ,memoh o ebos roprot mu riac zef sueD évaJ oätne.

Mateus ficou observando.

— Está escrito invertido, como um espelho.

— Exato Mateus — confirmou Carla. — Mas não faz sentido.

Mateus ficou observando aquele texto e lembrou-se dos famosos Códigos da Bíblia.

— Carla você já ouviu falar nos Códigos da Bíblia? Carla olhou com uma cara feia.

— Já ouvi falar, mas não acredito que possam dizer algo.

— Não sei Carla, talvez Galois tivesse uma ideia parecida. Há algum tempo comecei a ler os códigos, no começo confesso que fiquei meio impressionado. As coisas que aparecem são de arrepiar: treze palavras sobre o Holocausto e Hitler aparecem em apenas dois parágrafos Bíblicos.

Carla lembrou-se de uma entrevista que havia visto quando ainda estava nos bancos da universidade. Os Códigos da Bíblia eram baseados em programas de computador preparados para localizar palavras no texto. Os algoritmos, como eram chamados os códigos que davam vida a esses programas, procuravam por passagens com espaçamentos predeterminados. Quando o jornalista consultou um matemático sobre o assunto, o mesmo disse que podia encontrar qualquer coisa. E assim Carla fez.

Ela olhou para a Bíblia da amiga que estava em cima da escrivaninha.

— Mateus, posso encontrar qualquer palavra que queira aqui na Bíblia, bastando apenas procurar por letras em cada palavra. — Ela tomou um lápis e circulou as letras.

Então Javé Deus fez Cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu.

Tomou então uma costela do homem e no lugar fez crescer carne.

— Viu, eu encontrei meu nome!

— Sim, você pode, mas como você me explica essas palavras aparecerem em intervalos igualmente espaçados? Alguém escreveu isso propositalmente.

Mateus também sabia que poderia encontrar qualquer coisa dessa forma. Mas o que o deixava intrigado era o fato de que os algoritmos encontravam palavras com um espaçamento fixo.

— Mas com que interesse? — perguntou Carla.

— Simples, escrever em códigos para que os merecedores pudessem ler. Na época dos primeiros cristãos, qualquer palavra mal-entendida poderia significar a morte de quem a escreveu. São João sabia disso, e escreveu o apocalipse em códigos. Ao contrário do que muitos pensam, ele não representa o fim, mas sim o começo. Codificar coisas para que apenas um grupo específico entenda, é algo muito peculiar da história humana. Veja as artes, quantas coisas que Leonardo da Vinci, Michelangelo e outros tiveram que esconder para que não fossem levados para a fogueira. Até Galileu, quando descobriu que o Sol não girava em torno da Terra, teve que mudar seu discurso para não ser queimado como um herege. A mesma sorte não teve Giordano Bruno. Além disso, talvez alguém quisesse escrever algo para ser descoberto agora em nosso tempo, uma vez que temos máquinas suficientemente rápidas para executar o trabalho que até pouco tempo seria impossível ser feito manualmente.

Mateus pegou a Bíblia das mãos de Carla abrindo em Provérbios 25.2 e leu em voz alta:

A glória de Deus é ocultar as coisas, e a glória dos reis é pesquisá-las.

Carla ficou parada pensando naquilo. Mateus continuou...

— Veja nessa passagem — abriu em Jeremias 25.26: — *E a todos os reis do norte, os de perto, e os de longe, tanto um como o outro, e a todos os reinos do mundo, que estão sobre a face da terra, e o rei de Sesaque beberá depois deles.* Historicamente, não havia nenhum rei ou reinado conhecido como Sesaque. Nesse caso o profeta inverteu as letras hebraicas que formam “Babilônia” para escrever “Sesaque”.

— Como assim? — perguntou Carla.

— Ele utilizou um método simples de substituição de letra, no qual a primeira letra do alfabeto Hebraico, *aleph*, é substituída pela última letra do alfabeto, *tav*, e assim por diante, ou seja, em português a letra “a” seria substituída por “z”, a letra “b” por “x” etc. Esse código foi chamado de sistema de “permutação de letras”, pelos sábios judeus. Engraçado que algumas Bíblias já estão com a correção. Uma vez que mais adiante em Jeremias 51.41 o próprio autor revela a verdade, veja: *Como foi tomada Sesaque, e apanhada de surpresa a glória de toda a terra! Como se tornou Babilônia objeto de espanto entre as nações!*

Carla ficou espantada.

— Carla, até Newton se envolveu nesses segredos religiosos. Carla olhou para Mateus, e disse:

— Já sei! Você vai falar sobre o Priorado de Sião. A sociedade secreta que Newton fazia parte.

— Não exatamente. Apesar de Newton ter trabalhado incansavelmente pela ciência, muitas pessoas ainda não compreendem que ele escreveu e pesquisou mais sobre teologia do que qualquer outro assunto.

— Como assim Mateus? — Carla já estava achando que Mateus estava viajando na maionese, ela sabia do envolvimento de Newton com a religião, mas não achava que seria tanto.

— Newton foi reitor da Universidade de Cambridge até 1696 e escreveu um livro chamado de *Observations on Daniel and the Revelation*, John Maynard Keynes, também reitor de Cambridge no início do século XX, descobriu esses tesouros que Newton havia deixado. A surpresa de Keynes em relação a esses escritos foi a quantidade e o tempo que Newton dedicou para essa pesquisa. Nesses escritos, fica evidente a obsessão de Newton por encontrar códigos secretos escondidos nas Santas Escrituras. Ele sabia que havia algo cifrado lá dentro e estava obcecado em descobri- las. Ele também sabia que certas verdades não poderiam ser ditas a qualquer pessoa. Seria necessário uma iniciação. Veja que os maçons usam um sistema de graus para subir. A palavra não pode ser dita para os não iniciados. Para conhecer você deve merecê-la primeiro.

— Engraçado Mateus, sabia que Newton havia pesquisado sobre teologia, mas não achei que fosse tanto. — Cada vez mais Mateus ganhava a confiança de Carla.

— Newton não chegou a descobrir nada de tão interessante, mas uma coisa é certa, para o tempo de Newton, mesmo que ele descobrisse algo seria muito complicado escrever sobre isso. Poderia ser interpretado como heresia. Com certeza ele descobriu que havia uma série de palavras escondidas na Bíblia, mas não pôde revelar a ninguém.

Carla ficou tentando imaginar o que tudo aquilo poderia ajudar em relação aos métodos que Galois havia inventado.

— Mateus, me parece que Galois criou um método diferente, pois até onde eu sei, os Códigos da Bíblia só revelam coisas que já aconteceram. — Carla tinha razão, os pesquisadores dos Códigos da Bíblia apenas faziam buscas por eventos que já aconteceram, como as guerras mundiais e outros fatos históricos.

Mateus concordou com Carla balançando a cabeça. E Carla continuou...

— Já imaginei muitas coisas, mas não consigo entender como Galois pretendia atacar a Igreja utilizando essas descobertas. Aliás, já nem sei se era isso mesmo que ele queria. Bernard e Michel já tentaram tanto e não conseguiram nada. Talvez agora devêssemos divulgar tudo isso para que outros possam tentar entender o que Galois fez.

— Quem é Michel? — perguntou Mateus.

— Meu orientador no IMPA.

— E por que a gente não o procura? Talvez possa ajudar.

— Por que ele está morto.

Mateus sentiu um leve arrepio.

— Morto!

— Sim, provavelmente Milton o matou tentando encontrar isto — apontando para o manuscrito.

— Santo Deus! — Mateus engoliu a seco.

— Além disso, estou sendo procurada pela polícia brasileira.

Mateus não conseguiu esconder sua preocupação e se afastou de Carla.

— Jesus! — *o que eu estou fazendo, pensou.*

— Milton deve ter criado provas para me incriminar. Por isso que estou aqui.

Carla contou como tudo aconteceu desde a morte de Michel.

— Devemos ter cuidado. Podemos ser os próximos, como aconteceu com Michel — disse Mateus.

Carla abriu o computador e mostrou a Mateus.

— Talvez você tenha razão. Antes do encontro com Bernard na torre ele me enviou isso — disse Carla apontando para a tela.

Bernard havia enviado a Carla um link. Ela clicou e uma tela de download apareceu. Minutos depois Carla estava com uma cópia digital, especialmente preparada do Codex Sinaiticus. Uma das versões mais antigas da Bíblia escrita em grego. Nessa versão, Carla poderia fazer qualquer tipo de busca dentro do texto.

Isso está cada vez mais esquisito. Bernard lhe enviou uma versão digital do Codex Sinaiticus.

— Exatamente — confirmou Carla.

— Mas por quê?

— É isso que temos que descobrir.

Carla recolheu os papéis, desligou o computador e rapidamente enfiou tudo na mochila.

— Temos que sair daqui — disse Carla.

— Para onde vamos?

— Até a universidade — preciso de respostas.

Carla trancou o apartamento e eles seguiram para a escada. Faltando o último lance para chegar até a porta de saída, viram logo abaixo um homem de chapéu conversando com uma moradora do prédio. Carla parou por um momento. Ela reconheceu aquele chapéu. O homem olhou para cima e a viu. Rapidamente eles começaram a subir tentando fugir.

A mulher não observou que Milton havia visto Mateus e Carla recuando.

— O senhor não pode subir assim... — Milton já estava subindo as escadas empunhando a trezentos e oitenta.

Entre um lance e outro da escada, Mateus ouviu um pequeno estalo e um projétil acertou a parede próximo à sua cabeça. Ele olhou e viu um pequeno buraco no cimento e uma mancha vermelha. *Que estranho*. Imaginou e continuou correndo, agora mais rápido.

Carla sabia que não poderia voltar para o apartamento, pois não teria saída. A única forma seria pela garagem. No caminho mais alguns projéteis passaram zunindo próximo à cabeça de Mateus.

— Mateus, rápido. — Eles passaram pela porta que dava acesso à garagem e Mateus viu algo que poderia salvar sua vida.

Quando Milton chegou à garagem viu uma imensa nuvem de fumaça branca, Mateus abriu três extintores, o pó branco dificultou a visão de Milton. Enquanto ele tentava se orientar, Mateus e Carla já estavam longe, correndo em direção à estação de metrô.

Agora sentados dentro do vagão, Carla ficou imaginando como Milton descobriu onde estavam. Mateus olhava para o celular.

— Mateus, não entendo como Milton descobriu onde estávamos?

Mateus desconfiou de Marta, mas não quis acreditar.

Carla sabia que precisaria de um tempo para analisar o manuscrito com cuidado. Agora era hora de sair de Paris para ganhar tempo.

CAPÍTULO 20

— Senhor, eles chegaram.

— Mande entrar.

O homem corpulento e de cavanhaque entrou na sala. Estava acompanhado de dois agentes.

— Recebi seu comunicado e devo lhe adiantar que a PF (Polícia Federal) vai assumir o caso. Espero que não crie problemas.

— É todo seu — disse o delegado colocando a pasta sob mesa.

— Obrigado.

O homem do cavanhaque apanhou a pasta e saiu.

CAPÍTULO 21

Chamonix – França.

Carla estava dentro do ônibus quando avistou o *Mont Blanc*, o pico mais elevado da Europa Ocidental com 4.807 metros de altura. A imponente montanha inspirou muitos artistas ao longo do tempo e continua a atrair uma infinidade de alpinistas todos os anos. Mesmo agora no verão o topo ainda estava totalmente coberto de gelo. Carla podia ver uma grande quantidade de turistas na cidade. A pequena Chamonix, com apenas 10.000 habitantes, estava ainda mais bela, parecia uma pintura com suas casas em forma de chalés e flores radiantes por todos os lados. Um teleférico fazia a subida de mais de 2.800 metros. Diante desse cenário, Carla voltava no tempo.

O dia havia acabado de nascer. Enquanto o ônibus passava por algumas ruas antes de parar. Carla se lembrou o quanto já brincou por ali. Quantos passeios de bicicleta e quantos amigos.

A poucos metros Débora estava preparando um café, ela havia acabado de chegar de um pequeno mercado localizado à dois quarteirões de sua casa.

— Posso tomar um pouco desse café? — uma voz soou já entrando.

Débora olhou e viu Carla. Seu rosto não escondia a emoção de rever a neta.

— Minha nossa! Não posso acreditar — abraçando Carla com força. — Minha querida, quanto tempo. Estava com saudades.

— Eu também vovó.

— Venha, deve estar com fome.

Carla sentiu o cheiro de café. Ela retirou a mochila e acompanhou Débora até a cozinha.

— Diga-me o que traz você aqui? Acredito que não é essa pobre velha, não é?

Carla olhou nos olhos de Débora.

— Estou fazendo uma viagem para Roma e resolvi passar por aqui para ver a senhora.

As duas conversaram por algum tempo e Carla foi para o quarto de visita. Agora com aquele clima e aquela tranquilidade Carla poderia colocar as ideias em ordem. Sabia que precisava descansar e aquela cidade seria um ótimo local, além da companhia de sua querida avó.

Débora era católica, e participava ativamente da comunidade local. Prestava vários serviços à igreja. Era uma forma de se manter ativa. Débora era psicóloga formada em Paris. Depois de muitos anos de trabalho, ela e o marido se aposentaram e foram morar na pequena e charmosa Chamonix. A decisão de trocar Paris por Chamonix era de Débora, mas ela não sabia que aquela cidadezinha levaria seu marido. Léo conhecia bem a neve,

já havia participado de várias expedições ao Everest, apesar de nunca ter conseguido chegar ao topo. Sua paixão por alpinismo deixava Débora frequentemente preocupada, mas ao mesmo tempo ela sabia que ele precisava disso para viver. Ela também sabia que seus últimos dias deveriam ser vividos com alegria e não com sofrimento. O câncer estava levando Léo lentamente e Débora achava que aos pés do *Mont Blanc* talvez Fred pudesse viver melhor respirando o ar puro das montanhas.

Os moradores de Chamonix eram muito receptivos e bastante simpáticos. Débora e Léo se adaptaram rapidamente. O envolvimento com a igreja, também contribuiu. Trocar a agitada Paris pelo interior era algo que Léo estranhou no começo, mas logo mudou de ideia.

Débora ainda atendia algumas pessoas em sua própria casa, fazia isso sem cobrar nada. Sabia que cada vez mais as pessoas precisavam de ajuda. Um mundo moderno e cheio de tecnologias estava produzindo cada vez mais pessoas doentes. Débora afirmava que doenças psíquicas seriam o mal do mundo moderno.

Carla tomou um banho e retornou à sala. As duas conversaram um pouco e saíram para caminhar. Carla falou sobre o Brasil e as pessoas que havia conhecido.

Débora contou a Carla sobre suas atividades na pequena Chamonix. As duas conversaram muito.

O sol já havia se posto, Carla estava encostada na janela observando o jardim. Seus pensamentos estavam longe. Débora se aproximou. Ela conhecia Carla muito bem e sabia que havia algo que estava incomodando-a.

— Carla, eu te conheço bem, o que está acontecendo? — Carla sabia que não conseguiria esconder de Débora a verdade. E se lembrou das longas conversas que as duas tiveram depois daquele dia infeliz.

Quando Carla ainda estava no hospital, Débora se aproximou: Eu estou com você seja lá o que tenha ocorrido, confie em mim. Os olhos de Carla brilharam e as duas se abraçaram.

— Não tem jeito mesmo, não consigo esconder nada da senhora...

Com um sorriso Débora disse:

— Vamos Carla, sei que você precisa fazer isso. Sente-se aqui. — Débora puxou Carla pelo braço e as duas sentaram no sofá da sala.

Carla não sabia muito bem como começar...

— Estou aqui por causa de um... — Carla ainda estava organizando as ideias.

Débora olhou para Carla e disse:

— O problema é um homem? — Carla deu uma risadinha, vendo que sua avó havia confundido um pouco as coisas.

— Não vovó, não é exatamente isso que a senhora está pensando.

Débora sorriu e pediu desculpas. Nesse momento Carla já havia decidido o que dizer a ela.

— Bom, tudo começou com um manuscrito perdido. Mas primeiro preciso lhe contar a história do autor; o nome dele era Évariste Galois um grande matemático que nasceu em Bourg-la-Reine, hoje um subúrbio de Paris. Tinha uma mãe bem versada que ofereceu a ele uma sólida formação nos clássicos e estudos religiosos, e certamente deve ter também ensinado os ideais liberais daquela época. Com 12 anos Galois foi enviado para o internato parisiense *Lycée Louis-le-Grand*. — Débora olhou para Carla...

— Ah o Liceu... — suspirou Débora — quantas histórias ali, quantas pessoas. Robespierre, Victor Hugo e tantos outros.

Débora conhecia as histórias associadas ao Liceu. A renomada instituição existia desde o século XVI, sua aparência, mais parecia com uma prisão do que com uma escola. O regime quase militar, era marca registrada, e o programa diário começava às 5h30 da manhã e terminava às 20h30 pontualmente. Os alunos estudavam aos pares com uma única vela; ratos e insetos eram tão comuns que não chamavam mais a atenção durante as aulas. O silêncio era imposto quase todo o tempo, até mesmo nas refeições. O menor desvio de conduta era motivo para o confinamento solitário em uma das doze celas construídas para este fim. O que Débora não sabia é que no tempo em que Galois estava no Liceu, o regime espartano só piorava a tensão política dentro da escola, uma vez que a França passava por grandes transformações.

— Sem dúvida vovó, muitos famosos passaram por ali. Era um estilo de educação bastante diferente se comparado com o que Galois deveria ter em casa. Com a queda de Napoleão e ascensão do rei Luís XVIII os jesuítas estavam de volta à escola. Para revolta do corpo discente. Nos dois primeiros anos Galois foi um aluno exemplar, era notável seu destaque em matemática. Mas o ambiente frio e hostil ainda cobraria seu preço. Fora dos muros do Liceu os eventos aconteciam. Luís XVIII morreu e foi sucedido pelo irmão, que assumiu o título de Carlos X, e com ele, a Igreja voltou com força total. Do terceiro ano em diante a vida de Galois começou a mudar. A descoberta da matemática se deu através dos textos de Legendre e de um professor que o motivou: Hippolyte Vernier. Foi ele quem influiu Galois de matemática. Enquanto seu conhecimento em matemática avançava rapidamente, em outras disciplinas Galois andava a passos de tartaruga.

Carla levantou e pegou um livro.

— Com 17 anos ele tentou pela primeira vez entrar na famosa Escola Politécnica fundada em 1794 como a principal escola de qualificação para engenheiros e cientistas. Muitos políticos e generais saíram dali. Lagrange, Legendre, Laplace e muitos outros cientistas famosos fizeram parte do quadro docente dessa instituição que respirava um ar liberal. Infelizmente Galois não foi aprovado nesse exame, seus conhecimentos avançados em matemática não foram suficientes para sua aprovação. Forçado a ficar no Liceu, ele se matriculou no curso especial de matemática oferecido por um professor chamado Louis Poul Émile Richard. Richard não era um matemático brilhante como eram os professores da Politécnica, mas conhecia bem a matemática e suas novas teorias. O incentivo e a

motivação de Richard fizeram com que Galois publicasse o seu primeiro artigo, nada muito importante se comparado com a teoria que estava para desenvolver.

Carla estava pensando se deveria ou não, explicar um pouco da teoria de Galois, uma vez que Débora não detinha muitos conhecimentos matemáticos. Mas mesmo que Débora não entendesse a teoria, Carla não poderia deixar de falar pelo menos um pouco, para que ela pudesse ver a genialidade de um jovem de 18 anos. Carla levantou novamente e pegou algumas folhas em branco.

— Veja esta equação: $x^2+5x-6=0$. Utilizando um processo muito conhecido conseguimos encontrar os números 1 e -6 que satisfazem a equação, ou seja, se substituirmos no lugar de x temos a igualdade:

$$1^2+5(1)-6=0 \text{ e } (-6)^2+5(-6)-6=0$$

E Carla continuou: — Esses números são chamados de raízes da equação ou solução da equação. Como o maior expoente que aparece na incógnita x é 2, ou seja, x^2 dizemos que o grau dessa equação é 2. O processo utilizado para encontrar os números 1 e -6 é uma fórmula que utiliza extração de raízes e as operações usuais de soma e produto, conhecida como fórmula de Báskara.

Débora olhou para Carla e deu um pequeno sorriso.

— Faz muito tempo, mas eu ainda me lembro. Na época que estudei, só conseguíamos extrair raízes de equações de grau no máximo 4.

Carla arregalou os olhos não acreditando no que estava ouvindo.

— O que foi Carla, qual o problema? — sem palavras Carla ficou sem graça.

— Desculpe vovó não achei que a senhora pudesse lembrar.

Assim Carla se sentiu mais à vontade para continuar aquela conversa.

— Pois bem, como a senhora bem disse, até grau quatro temos fórmulas para encontrar suas raízes. — Carla fez um exemplo: $x^4+2x^3+x^2+x+2=0$. — A grande pergunta é: teremos sempre fórmulas para encontrar as raízes de uma determinada equação? Seja ela de grau qualquer?

Débora ficou pensando naquilo por um momento.

— Engraçado, nunca pensei nisso quando era estudante.

— Por isso que a senhora é psicóloga — Carla sorriu.

— Não sei o que é pior — retribuindo.

— Mas não se preocupe, a senhora e a maioria dos estudantes não se preocupam com isso. — Débora deu uma risada. — Em geral, não somos estimulados a refletir sobre os problemas da matemática. Talvez por isso a grande dificuldade de aprendizado dessa ciência em todo o mundo.

— Sem dúvida — respondeu Débora.

— Antes de continuar preciso falar de outro matemático genial, chamado Niels Henrik Abel, nascido poucos anos antes de Galois na Noruega. Ele conseguiu provar a impossibilidade de, em geral, resolver equações de grau maior ou igual a cinco. Mas ele

não disse quais poderiam ser solúveis, ou não, por fórmula. Abel morreu com 26 anos, vítima de uma doença que hoje é facilmente curada: a tuberculose. A pobreza o perseguiu por toda a sua vida, apesar de várias pessoas tentarem ajudá-lo, parecia um castigo. Sua genialidade só seria reconhecida depois de sua morte.

Parece brincadeira a história de Abel e Galois, nem os melhores clássicos como *Love history* poderiam refletir a história desses dois.

— Interessante — disse Débora fazendo um esforço para entender o que sua querida neta estava falando.

Carla estava agora prestes a entrar na teoria central de Galois. A mesma que existe nos atuais livros de álgebra avançada das faculdades.

— Pois bem, não vamos falar de Abel porque a história dele dá um livro. — Carla sabia que a história de Abel poderia desviar o foco. — Com o incentivo do professor Richard, Galois conseguiu produzir um artigo para enviar a Academia de Ciências ainda com 18 anos de idade. Esse sim era um artigo de peso, toda a genialidade de Galois estava ali, um diamante em estado bruto. Entramos numa parte um pouco complicada, mas vou tentar explicar.

Carla fez uma pausa para beber um gole de água e continuou:

— Galois conseguiu associar a cada equação uma espécie de código genético que ele chamou de *Grupo de Galois*. Esse Grupo determinava se a equação era ou não solúvel por fórmula. Esse era um problema que assombrava os matemáticos desde a Babilônia muito antes de Cristo. Muitos tentaram encontrar uma fórmula geral, mas sem sucesso. Abel foi o primeiro a dizer que não haveria fórmula geral, ou seja, algumas equações poderia ser solúveis e outras não. Somente Galois conseguiu dizer concretamente quais poderiam ser resolvidas. Mas como todo gênio, Galois tinha seus defeitos.

Débora não conseguiu segurar...

— O mal que persegue os gênios.

— Sem dúvida vovó, além de uma personalidade difícil, ele escrevia de maneira complicada — disse Carla. Acredito que sua genialidade era tamanha que ele achava tudo muito simples, e que não seria necessário colocar detalhes de certas passagens em suas anotações. O texto produzido por Galois com a orientação de Richard foi encaminhado para a Academia de Ciências aos cuidados de grandes matemáticos, como Cauchy, Fourier, Claude Navier e Denis Poisson. Cauchy ficou encarregado de analisar e apresentar à Academia, mas isto não ocorreu. Em uma carta enviada à Academia no dia da apresentação do texto, ele disse que por uma indisposição não poderia estar lá para apresentá-lo. Não sei bem o que aconteceu, mas essa dor de barriga — Carla deu uma risadinha —, de... Cauchy foi bastante esquisita, pois nas sessões seguintes ele não apresentou nada a respeito do texto de Galois, parece que simplesmente engavetou. Muitos acham que o fato de Galois estar envolvido com os acontecimentos políticos da época talvez o deixassem com medo de retaliação por parte do governo, que vivia dias turbulentos. A maré de azar de Galois estava só começando.

Carla tomou um gole de água e continuou, Débora ouvia atentamente a neta.

— Cansado de esperar que a Academia julgasse o seu texto, Galois resolveu submetê-los ao Grande Prêmio de Matemática que a mesma Academia havia criado. A comissão julgadora desse prêmio era composta pelos matemáticos: Legendre, Poisson, Lacroix e Poinot. Por motivos não muito claros, o matemático Fourier levou os manuscritos de Galois para casa, e o que parecia impossível aconteceu.

— Outra dor de barriga — brincou Débora.

— Não vovó, pior! — respondeu Carla.

— Deus Santo! — exclamou Débora.

— Fourier morreu e os textos de Galois nunca chegaram às mãos da comissão julgadora. Parecia uma maldição. Galois decidiu fazer novamente o exame para ingressar na Escola Politécnica. Como o universo estava conspirando contra Galois, dias antes seu pai se enforcou vítima de uma perseguição por parte de um padre conservador que não concordava com suas ideias liberais. Esse golpe custaria caro para Galois, pois mais uma vez ele foi reprovado no exame.

— Meu Deus. Coitado desse rapaz. — Débora estava chocada com a história que Carla estava contando.

— É vovó, a sorte não estava para Galois. Acho que por isso que ele inúmeras vezes, dizia que estava sendo perseguido. Não temos provas disso, mas os acontecimentos que estavam por vir certamente denunciavam que o universo ou alguém conspirava contra ele.

Débora estava curiosa, queria saber onde tudo aquilo iria chegar. E Carla continuou...

— Bom, com essa maré de azar, Galois decidiu entrar na escola normal, não era bem o que ele queria, mas era o que estava ao seu alcance. Nessa escola ele conheceu um jovem chamado Auguste Chevalier que mais tarde se tornaria seu melhor amigo. Chevalier e seu irmão apresentaram a Galois as novas ideias socialistas, inspiradas por uma filosofia religioso-igualitária. Os conceitos dessa ideologia baseavam-se na igualdade social representada por dois partidos: os republicanos pregando a liberdade, fraternidade e igualdade, e os orleanistas conservadores. O primeiro era composto por estudantes e trabalhadores de baixa renda, o outro pelos que defendiam a monarquia absoluta e o poder da Igreja. Na eleição de 1830 os republicanos tiveram uma vitória esmagadora. Mas o rei Carlos X não aceitou a derrota e tentou um golpe de estado retirando a liberdade de imprensa e promovendo perseguições políticas. As manifestações nas ruas não poderiam ser diferentes, quebra-quebra e insatisfação geral. Na Escola Politécnica havia um clima de liberdade muito grande, e enquanto seus alunos estavam nas ruas fazendo história, aliás nem sei o que seria se Galois estivesse lá, os alunos da Escola Normal foram impedidos de sair por ordens do diretor. Isso seria um golpe muito duro em Galois, uma vez que suas ideias liberais estavam fervilhando. Ele tentou pular o muro por várias vezes, mas não conseguiu. Ao final de três longos dias havia um saldo de quadro mil mortos. O rei Carlos X foi exilado e uma solução conciliatória entre os partidos coroou o duque d'Orléans com

o título de Luís Felipe I rei da França. O diretor da Escola Normal não perdeu tempo e rapidamente mudou de lado, oferecendo os préstimos de seus alunos ao novo governo.

— Eu posso imaginar a revolta desse rapaz — disse Débora.

— Certamente vovó. Logo depois, Galois resolveu se juntar à ala militar do partido republicando conhecida como *Société des Amis du Peuple* (Sociedade dos Amigos do Povo). Nesse mesmo período Galois conheceu dois jovens republicanos que estavam destinados a se tornar dois grandes líderes políticos: o biólogo François Vincent Raspail e o estudante de direito Louis Auguste Blanqui. Essa sociedade tinha o hábito de utilizar a força para atingir suas metas. Depois da prisão de seu líder, a mesma se tornou uma sociedade secreta e clandestina com Raspail como presidente.

Débora ficou impressionada com o ambiente em que o jovem matemático estava entrando. Um período bastante complicado e cheio de mudanças.

— Posso imaginar o turbilhão de coisas que se passavam na cabeça desse jovem — disse Débora.

— Sem dúvida — continuou Carla, — Galois estava em meio a um furacão, e seus ideais republicanos ainda trariam muitos problemas, começando com a expulsão da Escola Normal.

Débora olhou para Carla e colocou a mão no queixo, fazendo um sinal de que já esperava isso.

E Carla continuou...

— Agora, fora da escola e pronto para se dedicar aos ideais republicanos, ele se alistou na artilharia da Guarda Nacional. A organização era uma espécie de milícia. A mesma não durou muito e Galois se viu forçado a trabalhar, uma vez que não era mais estudante e precisava de meios para se sustentar. Ele montou uma pequena sala de aula para aqueles que quisessem aprofundar seus conhecimentos em álgebra. Mas não deu certo. Os alunos não compreendiam suas ideias avançadas. Em 1831 ele enviou novamente sua monografia à Academia e mais uma vez não obteve resposta. Revoltado, Galois envia uma carta malcriada para a Academia. Mas o pior ainda estava por vir...

Débora olhou para Carla com curiosidade. Galois já havia perdido o pai, foi expulso da escola e suas publicações não eram sequer analisadas, o que mais poderia dar errado?

— Dezenove artilheiros da extinta Guarda Nacional recusaram-se a entregar suas armas. Foram presos e levados a julgamento. Um deles foi um personagem importante nessa história. Chamava-se Pescheux d'Herbinville. Para alegria dos republicanos os dezenove presos foram absolvidos. A comemoração foi marcada num restaurante chamado *Aux Vendanges de Bourgogne* em Paris. Quando o champanhe começou a fluir, brindes foram propostos em homenagem às revoluções e conquistas. Galois estava em uma das mesas. Levantou-se e propôs um brinde ao Rei Luís Felipe.

Débora olhou de maneira estranha para Carla.

— Minha filha, Galois não era contra esse rei? Não entendo!

— Calma vovó, eu explico! Galois segurava em uma das mãos, a taça com a bebida, mas na outra segurava uma faca. Suas palavras foram: “Ao rei Luís Felipe”, exibindo a faca. Aquele brinde traria certamente consequências para Galois, como escreveu o escritor Alexandre Dumas. Ele estava no restaurante e assistiu tudo. Dias depois, Galois foi preso. Sendo libertado em seguida por falta de provas. Comovido com a falta de sucesso do amigo, Chevalier conseguiu publicar uma nota no jornal *Le Globe* sobre as descobertas matemáticas de Galois e o descaso da Academia de Ciências; era uma crítica ao sistema excludente adotado pela instituição. Como resultado, Poisson e Lacroix decidiram dar um parecer sobre as monografias desaparecidas e que afinal resolveram aparecer. Mas para o desespero de Galois eles não entenderam suas ideias revolucionárias.

— Parece que isso é um mal que persegue todo cientista a frente do seu tempo. — acrescentou Débora.

— Certamente vovó, é o preço que se paga por ter ideias avançadas para o seu tempo. Agora, ainda mais revoltado ele liderou uma manifestação política com mais de 600 pessoas. Vestido com o uniforme da extinta Guarda Nacional e armado até os dentes ele foi preso ao cruzar a *Pont Neuf*. Agora haviam provas e ele foi condenado a seis meses de detenção. Mas o pior ainda estava por vir.

— Meu Deus, o que mais poderia dar errado? Debora estava impressionada com tantos insucessos.

— Ele se apaixonou!

CAPÍTULO 22

Prisão de Saint-Pélagie, 1832.

Ainda não havia amanhecido. Da janela, era possível ver a movimentação do lado de fora. Raspail observava com atenção, alguns presos estavam sendo levados. Mas para onde?

A prisão de *Saint-Pélagie* era o tipo de prisão que se poderia esperar daquela época: um muro alto cercando todo o complexo e os edifícios onde estavam as celas estavam em volta de um grande pátio. Os prisioneiros eram alojados de acordo com o crime que haviam cometido.

Raspail estava observando a movimentação no pátio por uma pequena janela. Não estava bem certo do que estava acontecendo. Pareciam que estavam levando alguns presos. Galois levantou com dificuldade e se aproximou para observar.

— Vão nos levar? — perguntou Galois.

Raspail continuou olhando para fora.

— Acredito que não. Não somos tão importantes assim — respondeu Raspail.

Galois tossiu e amaldiçoou o rei Luís.

— Maldito! Ele vai matar todos, um por um.

Raspail ainda olhando para fora disse:

— Acho que não, veja. — Havia homens doentes e prisioneiros políticos. — Ele não vai matar todo esse pessoal, seria um afronto.

Raspail sabia que a solução conciliatória entre os dois partidos seria mantida em clima de paz, pelo menos por enquanto.

Enquanto observavam, um guarda abriu com brutalidade a cela onde eles estavam. Eles se assustaram com o estalo da grade sendo aberta.

— O prisioneiro Galois será transferido — disse o carcereiro. Galois estava debilitado e em condições físicas precárias.

— Para onde vão levá-lo? — perguntou Raspail.

O guarda o respondeu com um soco no estômago.

— Saia da minha frente seu idiota — mais dois guardas pegaram Galois e o levaram. Raspail caiu no chão e ficou agonizando enquanto carregavam Galois.

A carruagem estava cheia de presos doentes, Galois ficou deitado olhando para cima; dali podia observar o céu, que naquele dia estava nublado. Seus pensamentos andavam livres pela matemática, fraternidade, liberdade e igualdade. Tudo parecia um sonho, mas que agora estava muito distante dele e se tornado um grande pesadelo. Aliás, sua cabeça parecia uma grande bomba relógio. Não parava de doer. Seu corpo parecia encolher lentamente.

Sozinho na cela. Raspail sentou-se no chão e pôs a mão na cabeça. Imaginou que talvez nunca mais pudesse ver o amigo. *Esse é o preço que se paga por querer uma nação igual e fraterna.* Imaginou revoltado.

Mais adiante a carruagem deu um solavanco e Galois acordou, imaginou que havia dormido um tempo, mas não sabia o quanto. O dia ainda estava claro, olhou para os lados e viu o rio Sena. Por um breve instante sentiu uma sensação boa; mal podia imaginar que aquele que matava a sede também era o grande vilão naquele momento. Suas águas estavam contaminadas. Centenas de pessoas já haviam morrido. A epidemia de cólera estava varrendo toda a Europa. Galois colocou a mão no estômago e sentiu que estava mais perto do fim. As dores estavam cada vez mais fortes, seus músculos já não respondiam.

Poucos minutos depois já era possível ver a casa de Saúde *Sieur Faultrier*, hoje na atual *Rue Broca*. Quanto chegou, Galois já havia desmaiado.

No dia seguinte, Galois acordou com uma pessoa tentando nutrir seu corpo devastado pela doença. Lentamente ele abriu os olhos e recuperou sua consciência.

— Porque tenta me ajudar? Meu objetivo é morrer — resmungou Galois.

A mulher continuou e Galois tomou umas colheres de sopa.

— Deveria dar graças por estar vivo. Muitos que vieram com você já não estão mais aqui — disse a mulher se referindo aos outros prisioneiros que morreram no caminho da prisão até a casa de saúde.

— Não entendo, por que eles ainda estão me mantendo vivo? — perguntou Galois.

— Talvez porque é importante — disse a mulher.

— Importante — Galois falou rindo. — Sou um fracasso.

— Todos somos importantes, Deus fez cada um de nós de forma especial.

— Você acredita mesmo nisso? — perguntou Galois.

— Sim acredito — a mulher respondeu firme.

— Se Deus fez cada um de nós de forma especial, por que ele deixa que inocentes paguem por crimes que não cometeram? Por que existem guerras e tanto sangue derramado? — perguntou Galois.

A moça ficou assustada com a forma com que Galois falou; seu olhar lembrava uma pessoa decepcionada com a vida, depressiva e totalmente sem esperanças. Apesar da pouca idade ela não se intimidou.

— Você tem filhos? — perguntou a moça.

— Não — respondeu Galois achando estranho.

— Se você fosse pai, consertaria todos os erros de seus filhos? — Galois inclinou a cabeça e olhou dentro dos olhos da moça.

— Como se chama?

— Stéphanie — respondeu a jovem.

— Galois, muito prazer. — Galois esticou a mão.

Ela apertou a mão de Galois, em seguida recolheu alguns medicamentos, se despediu-se. Pela primeira vez Galois sentiu algo diferente do que sentia por sua mãe. *Ágape e eros! Agora percebo a diferença.* Imaginou

CAPÍTULO 23

— Stéphanie Potterin du Motel, era o nome da moça — disse Carla para a avó.

Débora trouxe alguns pães aquecidos e café, as duas estavam agora na cozinha e Carla continuou:

— Tudo indica que Galois tinha pouca experiência com as mulheres uma vez que não temos nenhum relato de relacionamentos anteriores. Certa vez ele disse que só poderia amar duas lendárias mulheres romanas: Tarpéia e Graca. Seria um pouco estranho ele se apaixonar com sua vida turbulenta, mas ninguém está livre disso —, por um momento Carla se lembrou de Mateus, não sabia por que e suprimiu rapidamente o pensamento. — Stéphanie cuidou de Galois durante o tempo em que passou na Casa de Saúde e é muito provável que a pouca experiência e o sangue quente de Galois tenham inflamado esse relacionamento. Acredito que ele tenha falado demais, ou avançado demais. Descobri que em algumas cartas Stéphanie termina o relacionamento e não quer nem mesmo a amizade de Galois. Mas isso não acabaria bem, provavelmente Stéphanie contou sobre as investidas de Galois a seu noivo que, por coincidência, era um antigo companheiro na Guarda Nacional. O mesmo não deixou barato e logo propôs a Galois um duelo.

— Agora você me deixou realmente curiosa — disse Débora.

— Galois era um gênio matemático e não um atirador. Aliás, eu não sei o que ele ficou fazendo na Guarda Nacional que não aprendeu a atirar. Na manhã de 30 de maio de 1832 a ciência levou um duro golpe: Galois foi atingido por um tiro, mas a morte de Galois é cercada de mistério. O irmão de Galois, Alfred afirmou até o fim de sua vida, que o irmão havia sido vítima da polícia secreta do rei. Não podemos descartar, Galois era um rebelde que poderia trazer problemas. Mas o que deixa a morte dele ainda mais intrigante é o fato de não existir uma prova concreta sobre o motivo da morte. Não sabemos se ele provocou esse duelo para se entregar como mártir e tornar pública sua causa, nem se Alfred tinha razão em afirmar que o irmão foi vítima de perseguição política. A única certeza que temos é que ele participou desse duelo e reescreveu na noite anterior as monografias. Além disso, ele deixou três cartas. — Carla pegou o livro e leu a primeira carta deixada para os amigos republicanos.

“Peço aos patriotas meus amigos não me censurarem em morrer por

outra causa que não pela França. Eu morro, é certo, vítima de uma infame mulher que quer vingar em mim a honra ultrajada por outro. É dentro de uma trama miserável que findo minha vida. Oh! Por que morrer por tão pouco, morrer por uma coisa tão desprezível? Eu tomo o céu por testemunha de que fui pressionado e forçado, que cedi a uma provocação que desconjuro. Arrependo-me amargamente por ter dito uma verdade tão funesta para homens pouco aptos para ouvi-la com serenidade. Mas, enfim, eu disse a verdade. Para o tumulto eu levo uma consciência isenta de mentiras, nítida do sangue patriota. Adeus! Eu tinha bastante vida para o bem público. Não chorem porque as lágrimas me emocionam

e afinal preciso conservar minha coragem para morrer aos vinte anos. Peço perdão para aqueles que me matarão.”

Débora ficou arrepiada quando ouviu a última frase da carta.

Lembrando das palavras de Cristo na cruz.

— A outra carta — continuou Carla. Foi para os amigos republicanos mais íntimos.

“Meus bons amigos, fui provocado por dois patriotas... Foi-me impossível negar. Peço-lhes perdão por não ter prevenido nenhum de vós. Mas meus adversários tinham-me intimado, sob minha honra, para não avisar a nenhum amigo.

Vossa tarefa é muito simples: provar que lutei contra a minha vontade, quer dizer, após ter esgotado todos os tipos de acordo e dizer que não sou capaz de mentir, até mesmo por razões tão bobas como algo em relação à infame mulher.

Lembrem-se de mim, já que o destino não me deu uma vida longa para que a pátria conhecesse o meu nome e o meu trabalho. Eu morro amigo de vós.”

— A terceira Carta ele enviou a seu melhor amigo, Auguste Chevalier.

“Meu caro amigo, fiz algumas descobertas na Matemática. Algumas dizem respeito à teoria das equações e as outras se relacionam às funções integrais.

Na teoria das equações, tenho procurado descobrir as condições sob as quais estas podem ser resolvidas por radicais e isto me deu a oportunidade de estudar a Teoria dos Grupos e descrever todas as transformações possíveis de uma equação, mesmo quando ela não é solúvel por radicais.

Será possível fazer três memórias de tudo isso. A primeira está escrita e, a despeito do que Poisson disse sobre ela, está anexa às correções que fiz. A segunda contém alguns exemplos interessantes da Teoria das Equações. Segue um resumo de uma importante aplicação. Você sabe, meu caro Chevalier, que esses assuntos não são os únicos que tenho pesquisado. Minhas reflexões, por algum tempo, têm sido dirigidas, principalmente à aplicação dessa teoria à análise transcendental. É desejável ver, a priori, em uma igualdade, quais transformações podem-se fazer, quais quantidades podem-se substituir pelas quantidades dadas, sem que a relação deixe de ser verdadeira. Isso permitirá reconhecer, instantaneamente, a impossibilidade de resolução de muitas equações. Mas lamentavelmente não tenho tempo de vida e minhas ideias não estão desenvolvidas nessa área, que é extensa. Publique esta memória na Revue Encyclopédique.

Frequentemente em minha pouca vida tenho me aventurado a antecipar resultados dos quais eu não tinha muita certeza; mas, tudo que relatei agora já estava no meu cérebro há aproximadamente um ano; e é do maior interesse não me enganar porque tenho sido, quase sempre, suspeito de apenas enunciar teoremas sem demonstrá-los completamente. Peça publicamente a Jacobi, ou Gauss, para darem suas opiniões: não quanto à veracidade dos teoremas, mas, sim, quanto à importância e originalidade destes. Subsequentemente haverá, espero pessoas interessadas em decifrar toda essa confusão que criei.”

— Jacobi e Gauss eram alemães — disse Carla fechando o livro. Houve um momento de silêncio.

— Não era para menos, parece que aqui na França tudo conspirava contra ele — disse Débora.

— Alguns estudiosos levantaram a suspeita de suicídio, ou seja, Galois provocou tudo isso.

— Mas por que ele faria isso? — perguntou Débora.

— Não sei, talvez a única forma de suas pesquisas serem reconhecidas. Além disso, os republicanos precisavam de um cadáver, ou seja, culpar o rei pela morte de alguém, e Galois sabia de tudo isso. Mas tem algo que todos esses autores e biógrafos ainda não sabem. — Carla abriu a bolsa e retirou um pequeno livro. Débora observou que se tratava de um documento antigo. As folhas já estavam bastante desgastadas pelo tempo. Muitos riscos e uma infinidade de cálculos escritos. Carla contou como aquele manuscrito havia chegado até ela e todos os problemas que o mesmo teria provocado.

Débora ficou assustada com tudo o que Carla havia dito e percebeu que Carla estava entrando em um jogo perigoso.

— Por que esse moço quer tanto esse manuscrito? — perguntou Débora se referindo à perseguição que Carla vinha sofrendo.

— Não sabemos ainda, vovó. Acredito que ele contenha alguma chave.

— Chave, mas que tipo de chave? — perguntou Débora.

— Algo relacionado com as antigas escrituras. Não temos nada de concreto ainda.

— Carla, você realmente acredita que esse pequeno diário contenha algo que ainda não sabemos? — perguntou Débora.

— Não sei o que pensar. Apesar da pouca idade, a mente de Galois é considerada uma das mais criativas de toda a história. Seu ódio pela Igreja foi tão grande que ele negou a presença de um padre mesmo diante de sua morte.

— Você já pensou em entregar isso às autoridades? — perguntou Débora.

— Ainda não estou certa disso. Tenho medo que esse manuscrito seja mal interpretado. Preciso saber do que se trata primeiro, é algo que não consigo controlar e preciso de respostas.

— Se existe algo de importante aí, todos merecem saber! — exclamou Débora.

— Nem todos. Alguns não estão preparados. A verdade às vezes precisa ser lapidada antes de chegar a ouvidos não iniciados.

Débora sentiu um arrepio e pela primeira vez não sabia o que dizer. Carla estava certa, apesar do risco que corria. Conhecer primeiro o conteúdo e depois decidir o que fazer certamente seria o mais sensato. Por outro lado havia algo que preocupava Débora. Assim como Galois talvez Carla conservasse algum ódio em relação à Igreja, o episódio vivido anos antes poderia ainda estar vivo dentro dela.

— Carla, você precisa de Deus. — Débora já havia testemunhado o poder divino em sua vida. O câncer de seu marido havia lhe provado algumas coisas.

Carla olhou para Débora cética. Débora segurou com bastante força a mão dela e disse:

— Ele não se negará a te ouvir. Ele sabe o que o seu coração precisa. Sabe também o que é melhor para você. Nunca se esqueça: a Igreja é santa e pecadora. É constituída por homens e está sujeita às nossas fraquezas.

Por alguns momentos Carla e Débora ficaram em silêncio e choraram. Débora retirou do bolso um pequeno terço branco e colocou nas mãos de Carla.

— Guarde isso com você. Nos momentos em que você sentir necessidade, peça! Ele te conhece mais do que ninguém.

Já era tarde. Carla e Débora foram para o quarto. Carla ficou pensando em tudo que sua sábia avó havia lhe dito.

O dia amanheceu e o sol havia chegado com bastante força, a luz entrava pelas pequenas frestas da janela do quarto de Débora. Como fazia todos os dias, ela se levantou para preparar o café. Quando chegou até a cozinha. Viu um pequeno bilhete.

Não sei como te agradecer por tudo. Vou guardar para sempre suas sábias palavras. Desculpe-me por sair assim, mas a Senhora sabe que preciso ir...

Eu te amo muito.

Uma lágrima caiu enquanto Débora segurava o bilhete. Agora ela havia entendido porque Carla estava seguindo para Roma.

— Que Deus te proteja minha querida.

CAPÍTULO 24

Roma, 06h35min.

O sol havia acabado de nascer e um ônibus de turistas estava trafegando pela Via Aurélia. Mais alguns minutos e já estava em frente ao hotel.

Mateus e Marta desembarcaram. Enquanto aguardavam a retirada de suas malas, Mateus sentia pela primeira vez seus pés sobre o solo que foi um dos maiores impérios de toda a história. Era como se o local possuísse uma energia que irradiasse do chão. Ele podia sentir.

Já no saguão do hotel o guia trouxe um mapa da cidade e alguns roteiros de passeio. Mateus e Marta teriam alguns dias livres, e Mateus queria aproveitar o máximo aquele lugar. Apesar de estar na companhia de Marta, sua mente não parava de processar o manuscrito de Galois em poder de Carla. Imaginava o que ela poderia estar fazendo.

Um banho seguido de um café rápido, e já estavam caminhando pelas calçadas da Via Aurélia em direção à estação de metrô.

Roma, ao contrário de Paris que possuía uma malha com muitas estações de metrô, tinha apenas duas linhas. Isso se devia à grande dificuldade de construir uma linha subterrânea, uma vez que ainda existem escondidos verdadeiros tesouros arqueológicos. Mateus e Marta desceram na estação Cornelia, seguindo em direção ao centro histórico. Na estação *Termini* eles tomaram a outra linha de metrô em direção à estação *Colosseo*. Quando saíram da estação, os olhos de Mateus brilharam, a construção imponente não deixava dúvida, era o Coliseu. Erguido há mais de 2.000 anos como um marco na engenharia romana. A construção feita ao redor de uma arena oval e utilizando as técnicas dos arcos com materiais que ainda são usados hoje, o Coliseu foi uma resposta às grandes construções da época, como as pirâmides. Enquanto os gladiadores morriam, os expectadores permaneciam sentados em cadeiras confortáveis, colocadas em fileiras e protegidas por um enorme teto de lona. Sob os assentos e o chão da arena, havia uma complexa rede de quartos e passagens para guardar os animais e preparar o espetáculo. Os gladiadores eram os jogadores de futebol da sua época, heróis adorados, apesar de não serem aceitos socialmente. Alguns eram homens livres ou aristocratas que tinham perdido sua fortuna e escolheram viver vidas curtas, porém gloriosas. A maioria, no entanto, era formada por prisioneiros de guerra e criminosos condenados. Milhares de vidas eram enviadas à morte em combates corpo a corpo, lutando contra animais selvagens ou em batalhas simuladas. A emoção era grande e a violência era derramada sobre os expectadores.

Mateus observou a parte externa bastante deteriorada, mas em sua mente era possível uma reconstrução. Era impossível não se lembrar do filme com Russell Crowe.

Após uma fila para comprar os ingressos de visitação Mateus e Marta subiram até o último andar. De lá puderam ter uma visão privilegiada da arena logo abaixo. Mateus não conseguia imaginar outra coisa senão os gritos insanos dos expectadores clamando sangue. De lá também era possível ver a ruínas da antiga cidade e logo abaixo estava o Arco de Constantino. O que deixava Mateus ainda mais ansioso.

Depois da visita ao Coliseu, Mateus não teve dúvida, sua direção indicava a imensa curiosidade por aquela cidade. O Fórum Romano.

Um intrincado complexo de praças, lojas, templos pagãos, basílicas e arcos triunfais faziam daquele local o principal centro da Roma imperial.

Subindo o Monte Palatino chegaram às antigas ruínas do Palácio de César Augusto de onde os governantes tinham uma visão privilegiada dos Círculos Máximos; pistas ovais onde eram realizados festivais, jogos e corridas.

Depois de algumas horas caminhando e contemplando toda a beleza histórica daquele local, Mateus e Marta chegaram ao Arco de Tito. Mateus sabia da história daquele arco, tanto que quando passaram por ele sentiu um pequeno arrepio. O Arco de Tito é um Arco Triunfal, erguido em comemoração à conquista de Jerusalém. O Imperador Tito Flávio, filho de Vespasiano, comandou as legiões romanas que ocuparam a capital da Judéia em 1º de Agosto de 67. Com essa ocupação teve início a destruição do Templo de Jerusalém, que seria concluída no ano 70: acontecimento que foi considerado a realização de uma das profecias de Jesus Cristo. Vê-se esculpido no arco: a mesa do pão ázimo, as trombetas de prata e a *Menorá*, o candelabro de 7 braços, símbolos do Judaísmo. Inteiramente em mármore, o Arco de Tito é o mais célebre de Roma, foi construído em 81 d.C. medindo 15,4 m de altura, 13,5 m de largura e 4,75 m de profundidade. Mateus ficou observando as inscrições:

SENATVS

POPVLVSQVE·ROMANVS

DIVO·TITO·DIVI·VESPASIANI·FILIO

VESPASIANO·AVGVSTO

Que quer dizer: “Do Senado e do povo romano para o divino Tito, filho do divino Vespasiano, Vespasiano Augusto”.

Os judeus, de Roma ou de qualquer lugar, nunca passaram embaixo do Arco de Tito, até 1948, quando o Estado de Israel foi fundado. Nessa ocasião os judeus de Roma fizeram uma grande parada e passaram embaixo do arco, comemorando a reconquista de sua terra e, claro, a sua sobrevivência ao Império Romano.

Mateus e Marta ainda ficariam por horas percorrendo outros pontos históricos, pois o número de locais para visitar ali era imenso. De longe dois homens observavam com cuidado o casal de turistas.

CAPÍTULO 25

Carla acordou bem cedo, tomou café e já de saída, passou na recepção do hotel para pegar um mapa turístico da cidade. Mateus e Marta ainda tinham um segundo dia livre para visitar Roma, o guia ofereceu um passeio por Pompéia. Mateus se sentiu tentado, pois a antiga cidade foi destruída durante a grande erupção do vulcão Vesúvio em 24 de agosto do ano 79 d.C. A erupção do vulcão provocou uma intensa chuva de cinzas sepultando completamente a cidade que se manteve oculta por 1.600 anos antes de ser reencontrada por acaso. Cinzas e lama moldaram os corpos das vítimas, permitindo que fossem encontradas do modo exato em que foram atingidas pela erupção do Vesúvio. Desde então, as escavações proporcionaram um sítio arqueológico extraordinário que possibilita uma visão detalhada da vida de uma cidade dos tempos da Roma Antiga. Mas Mateus recusou, havia um local no coração de Roma que ele não poderia deixar de visitar. Marta concordou com ele, mas na verdade ela não conseguia observar muito além das vitrines que exibiam grifes famosas.

Carla seguia dentro do metrô em direção à estação Ottaviano. Em sua mente um filme se desenrolava. Mas ela sabia que deveria seguir em frente, era como se uma força maior a impulsionasse não a deixando voltar. Ela emergiu e tomou a Via Ottaviano, de longe já era possível ver os muros da imensa construção. Carla caminhou até a praça principal que fazia parte daquele imenso complexo. Um grande obelisco estava fincado no centro e atraía os olhares de uma quantidade enorme de turistas. Carla pegou a fila, como quase todos que ali estavam, seguiu em direção à entrada principal. Subindo dois pequenos lances de escada, ela parou em frente à entrada do grande templo. Fazia tanto tempo, ela fechou os olhos por um momento e tomou uma grande decisão: caminhou em direção ao centro da imensa construção.

Mateus e Marta chegaram pela *Via Della Conciliazione*, ao fundo era possível ver a grandiosidade daquele local. Uma gigantesca praça apresentava a construção logo atrás. As estátuas ao redor da praça cercavam o local que era considerado Santo. Mateus e Marta passaram pela guarda suíça e continuaram andando em direção à entrada principal. Quando Mateus ficou diante da imensa porta ele sentiu um calafrio. A grandiosidade deixava qualquer um sem reação. Quando Mateus colocou o pé dentro do grande templo sentiu um calor brotar do chão. Ele continuou caminhando e tentando imaginar como aquele local foi erguido há tanto tempo. Marta chamou a atenção dele para o fim do grande corredor. Mateus pôde perceber a inscrição com o nome PETRVS que anunciava a importância daquele lugar; o centro do Catolicismo, a Basílica de São Pedro.

A Basílica de São Pedro em italiano *Basilica di San Pietro* é a segunda maior de todas as igrejas católicas, perdendo apenas para a Basílica de Nossa Senhora da Paz de Yamoussoukro, na Costa do Marfim. Mas certamente é a mais famosa e mais visitada das

igrejas cristãs do mundo. Cobrindo uma área de 23.000 m² e podendo abrigar mais de 60 mil pessoas, a Basílica desperta curiosidades. A construção começou em 1506 e terminou em 1626 sendo parcialmente erguida com dinheiro angariado pela venda de indulgências. Recentemente foi comprovado que a Basílica guarda o túmulo de São Pedro embaixo do altar principal. Diversos outros papas também estão ali enterrados.

A construção atual, com estrutura renascentista e barroca, foi erguida sobre outra construção edificada por ordem do imperador Constantino em 319 d.C. A escolha do sítio e a inclusão do túmulo não só exigiu que o edifício fosse orientado para oeste, mas também que a necrópole antiga fosse aterrada, sendo construídas muralhas de suporte para criar uma enorme base que servisse como alicerce. Na plataforma, construiu-se então a Basílica projetada com uma nave central e quatro naves laterais todas ricamente adornadas com afrescos e mosaicos. Muitas vezes alterado e restaurado, o edifício de Constantino, conhecido como Velha Igreja de São Pedro sobreviveu até o início do século XVI.

Nada sobrou da igreja de Constantino, que pôde entretanto, ser quase totalmente reconstruída por descobertas arqueológicas, descrições de peregrinos e desenhos antigos. Como em quase todas as igrejas da antiguidade, seguiu-se o modelo da Basílica cívica romana: um salão retangular, dividido em uma nave central e naves laterais, que oferecia espaço bastante para a congregação dos fiéis. Durante o exílio dos papas em Avignon, de 1309 a 1377, a velha igreja ficou bastante deteriorada e perdeu-se grande parte de sua magnificência. O desejo de uma igreja de grandiosidade, apropriada para servir à cristandade, assim como a transferência da residência papal para o Vaticano, fez nascer planos de uma igreja nova. Sob o pontificado do papa Nicolau V (1447 a 1455) os trabalhos tiveram início, mas foram logo abandonados por falta de recursos.

No pontificado de Júlio II (1503 a 1513) decidiu-se afinal derrubar a igreja velha, e em 18 de abril de 1506, Bramante recebeu o encargo de desenhar a nova. Seus planos eram de um edifício centralmente planificado, com um domo colocado sobre o centro de uma cruz grega (com braços de idêntico tamanho), forma que correspondia aos ideais da Renascença por copiar a de um mausoléu da antiguidade.

O Papa Paulo III (pontificado de 1534 a 1549) em 1546 entregou a direção dos trabalhos a Michelangelo. Este, aos 72 anos, deixou-se fascinar pela cúpula, concentrando nela os seus esforços, mas não conseguiu completá-la antes de sua morte em 1564. Sua continuação foi executada por Giacomo della Porta que foi capaz de terminá-la graças a um pequeno modelo em madeira. A diferença é que, ao contrário do que Michelangelo planejou, não se trata de uma cúpula semicircular, mas afunilada, criando um movimento de impulso para cima até culminar na lanterna cujas janelas, inseridas em fendas entre duas colunas, deixam a luz inundar o interior. A Basílica foi terminada em 1590, mas mudanças na liturgia, introduzidas pelo Concílio de Trento, fizeram necessárias outras mudanças. Assim, sob o pontificado do Papa Paulo V (1605 a 1621), que encarregou Carlo Maderno de aumentar para leste o edifício, a igreja agora passou a ter o formato de uma cruz latina.

Caminhando em direção ao interior do grande templo eles puderam perceber o grande domo que cobria uma espécie de mausoléu. Mateus sabia que estava embaixo de uma das grandes obras de Michelangelo. Parado em frente ao mausoléu ele ficou pensativo. Marta ainda não tinha entendido. Mas ficou curiosa com o comportamento de Mateus. Após alguns instantes ele saiu do transe. Marta estava inquieta.

— Mateus, por acaso Jesus está enterrado aqui?

Santa Ignorância. Perdoa Deus ela não sabe o que diz. Sussurrou ele.

— O que disse? — perguntou Marta.

— Disse que estamos dentro da Basílica de São Pedro, e diante do que supostamente seja o túmulo de São Pedro! — exclamou Mateus.

— Ah — respondeu Marta.

Mateus olhou para o lado e viu alguns turistas entrando em um corredor. Caminhando em direção à porta, Mateus percebeu que se tratava de um pequeno museu. Não se contendo, eles entraram.

Na recepção receberam um pequeno rádio parecido com um walk talk e fones de ouvido. O Vaticano, assim como em muitos museus no mundo, havia criado um sistema que funcionava como um guia. Cada objeto possuía um número que digitado no pequeno aparelho era possível ouvir na língua selecionada a história resumida do mesmo.

Alguns objetos chamaram a atenção de Mateus. Marta estava mais à frente, enquanto Mateus estava apenas no começo. Ao longo do percurso o observador passava por alguns corredores, onde cada artefato estava guardado em vitrines, todos protegidos por um sofisticado sistema de segurança. Mateus queria saber a história de todos, mas o tempo era curto para ver e ouvir tantas informações. Marta não achava graça nenhuma, estava ali apenas para agradar Mateus. Entre um artefato e outro, Mateus parou em frente a pequenos fragmentos de madeira. Apertou o número correspondente em seu aparelho e o mesmo começou a reproduzir. Mateus ficou paralisado por um momento se perguntando sobre a veracidade daquele objeto. Mesmo assim ele não hesitou e fez o sinal da cruz, em respeito por aquele que havia morrido pela humanidade. Mateus estava diante dos fragmentos da cruz onde Jesus havia sido crucificado. Após a reprodução de cada história o aparelho retornava ao menu inicial, mas desta vez parecia ter travado. Ele não entendeu e continuou caminhando até a próxima parada.

Em frente a um cálice do século XVII, ele voltou a teclar o número correspondente, mas o aparelho não respondia, ele bateu algumas vezes, tentou desligar e ligar novamente. Mas simplesmente o pequeno aparelho parou de funcionar. Mateus começou a caminhar em direção à entrada para fazer a troca do aparelho. Marta havia desaparecido e Mateus não se importou. Trocou o aparelho e continuou. Terminou todo o circuito e não havia encontrado Marta. *Provavelmente ela está me esperando lá fora.* Imaginava.

Mateus pegou sua bolsa na entrada e caminhou novamente para o centro da Basílica. Não encontrando Marta ele resolveu ligar. Mas para sua surpresa em vez de Marta uma voz cortante respondeu.

— *Até que enfim você sentiu falta da sua namoradinha. Preste atenção, não tente fazer nenhuma gracinha...* — Rapidamente Mateus olhou para os lados e não viu nada.

— O que você quer? — respondeu Mateus.

— *O manuscrito!*

— Não sei onde está!

— *Sabe, mas é claro que sabe, e vai encontrá-lo para mim. Você tem até a noite. Senão nunca mais verá sua namorada* — desligando o telefone.

Mateus desligou o celular e ficou paralisado. Não sabia exatamente o que fazer. Marta estava correndo perigo, e ele não sabia onde Carla estava naquele momento.

CAPÍTULO 26

À direita de quem entra na nave central, a Basílica de São Pedro possui um sacrário e muitos fiéis passam por ali. A maioria fica em silêncio rezando. Carla sentiu a tranquilidade daquele local. Naquele momento era o que ela mais precisava.

Carla havia seguido para Roma para obter respostas. As palavras de Débora só confirmavam o que Carla estava sentindo. Quando criança Carla havia sido curada de uma doença no sangue. Os médicos haviam prevenido seus pais, a pequena Carla tinha pouco tempo de vida. A pedido de Débora, seus pais levaram-na até a Basílica. Inexplicavelmente Carla foi curada.

Ela entrou e rapidamente um funcionário do Vaticano localizou para ela um lugar vago à esquerda da entrada. Ela ajoelhou-se e abaixou a cabeça.

Os problemas ao longo da vida fizeram com que Carla se afastasse da igreja. Ela sabia mais do que ninguém que perdoar não era uma tarefa fácil. Alguns exames foram feitos. Durante a fuga Carla havia quebrado o braço, tinha alguns ferimentos na barriga e havia batido forte a cabeça. Os exames que tratavam do abuso sexual não foram executados, para os médicos Carla apenas havia caído, como afirmava o Padre. Ela ficou em coma por vários dias. Débora estava ao seu lado. Apesar de não saber totalmente a verdade.

Carla recuperou a memória depois de alguns meses e carregou isso durante anos, até que Débora descobrisse parte do ocorrido. O afastamento da igreja evidenciava algum problema. E Débora estranhou o comportamento de Carla depois daquele dia.

Carla vivia um pesadelo sem fim. Não tinha certeza do que realmente teria acontecido. As imagens de sangue ainda estavam vivas em sua mente.

Por várias vezes ela pensou em procurar padre Lucas mas desistiu, não conseguindo encará-lo novamente. Sempre achou que o tempo apagaria aquelas lembranças, mas viu que isto não aconteceu e piorava a cada dia, como um câncer sem cura. Agora o único remédio para Carla seria conseguir perdoar. Mas como, se não havia respostas?

Perdoar quem amamos é mais fácil, mas perdoar seu inimigo como propunha Jesus, isto não seria tão simples. Carla precisava perdoar seu suposto agressor e a si própria, sabia que grande parte dos problemas tinham sido causados apenas por ela. Nunca foi provado nada, o silêncio de Carla apenas contribuiu para piorar, enquanto o possível culpado ficasse impune. Ela precisava rezar. Olhando fixamente para o altar viu a hóstia consagrada. Para os católicos ali estava Jesus. Ao seu redor muitas pessoas em oração. Havia chegado a hora. Ela precisava resolver isso de uma vez por todas.

Mateus estava desesperado, precisava falar com Carla o mais rápido possível. Pegou o celular e ligou, mas caiu na caixa postal. Ele enviou uma mensagem: **Carla acesse seu e-mail rápido. Preciso de um computador.** Imaginou. E caminhou em direção à saída.

Seguindo o salão principal ele viu algumas pessoas entrando em uma sala lateral. Mateus caminhou para perto e viu do que se tratava.

Na nave lateral Mateus pôde ver que existia uma pequena capela, e se lembrou das palavras de sua mãe. Quando estiver em dificuldades não se esqueça de pedir ajuda a quem mais te ama. Mateus não se considerava religioso. Carregava a imagem de Nossa Senhora Aparecida apenas respeitando o pedido da mãe. Por mais que tentasse não conseguia separar ciência e fé. Não sabia explicar, mas de alguma forma acreditava em uma força maior.

O silêncio era absoluto. Mateus parou em frente à porta e ficou observando. Um homem se aproximou e o conduziu a um lugar livre. Mateus não teve escolha e sentou.

Ele não queria pensar nisso, mas precisava de ajuda. As palavras de sua mãe não paravam de ecoar em sua mente. *Peça Mateus, peça ajuda sempre que precisar, não tenha vergonha. Ele vai lhe ouvir.*

Depois de alguns minutos Mateus se levantou e caminhou em direção à saída. Antes de atravessar a porta, ele voltou a olhar para o altar percebendo a cruz logo acima. Sua visão periférica captou uma imagem que o deixou confuso. Mateus retornou e caminhou apressado em direção ao altar sem acreditar. A todo o momento, ele olhava para o alto em direção à cruz.

Na primeira fileira havia uma mulher ajoelhada. Quando Mateus chegou perto ele sentiu um imenso frio atravessar sua espinha. Novamente ele voltou o olhar para a cruz. *Será possível?*

De maneira silenciosa Mateus se aproximou e sentou ao lado de Carla. Ela estava com os olhos fechados e ajoelhada. Respeitando o momento Mateus ficou em silêncio. Carla já estava ali há mais de uma hora. Pelas lágrimas que haviam secado e outras que ainda estavam escorrendo Mateus observou o quanto Carla estava sofrendo.

Minutos depois Carla levantou e fez o sinal da cruz. Havia muito tempo desde a última vez que havia feito esse sinal.

Ainda de olhos fechados ela ouviu uma voz ao lado.

— Se sente melhor?

Carla se assustou e abriu os olhos.

— O que você está fazendo aqui? O combinado não era esse — disse enxugando o rosto com a mão.

Carla e Mateus haviam combinado de trocar informações apenas por e-mail anônimo.

— Eu sei. Mas você esqueceu que estou numa viagem — disse Mateus. Carla olhou para ele com um ar de assustada.

— É eu sei, mas parece que o destino gosta de colocar você no meu caminho. Acho isso muito estranho.

— Se é o destino eu não sei, mas uma coisa é certa, não consigo dormir uma só noite sem pensar no que está escrito naquele manuscrito. Talvez Galois nunca conseguisse atingir a Igreja, como disse seu amigo Bernard, mas o valor histórico e científico dessa descoberta deixa qualquer um descontrolado. — Mateus disse isso com os olhos brilhando.

— E por isso me seguiu até aqui?

— Carla, impossível! Você sabe disso.

— Tudo bem. Também penso como você. Mas por algum motivo tenho medo do que possa estar realmente escrito. — Carla disse isso olhando para a cruz. — A fé das pessoas vai muito além do que está escrito em qualquer livro Mateus. — Carla agora olhou para algumas pessoas no banco da frente, elas estavam em profunda concentração. Mateus sentiu uma pontada na barriga.

Eles levantaram e caminharam em direção à saída. Mateus não resistiu...

— Nunca imaginei que acreditasse em Deus.

— Por que diz isso Mateus?

— Não sei, talvez por ter a impressão de que ciência e religião sejam coisas distintas. Carla não resistiu.

— Realmente existem pessoas que acham isso. Não penso assim. — Eles estavam na porta. Ela olhou para o altar e falou baixinho no ouvido de Mateus. — Acredito que Deus nos deu inteligência suficiente para encontrar um ponto de equilíbrio. Acho que a ciência é um dos caminhos para descobrir os mistérios que Ele nos deixou.

Mateus ouviu e ficou paralisado olhando para a cruz. Carla se virou e puxou Mateus.

— Vamos! Precisamos sair — disse Carla.

Enquanto caminhavam dentro da Basílica Carla continuou falando.

— Ele nos dá o livre arbítrio para podermos escolher entre o bem e o mal, isto depende de cada pessoa. Somos capazes de utilizar tanto a fé quanto a ciência para o mal. Por isso, ainda não entreguei o manuscrito a ninguém, porque não sei se ele será usado para o mal. Por outro lado tenho medo que ele possa revelar algo que as pessoas ainda não estejam preparadas para ouvir.

Já na Praça, Mateus virou para trás e olhou novamente para a imponente igreja. Era impossível não observar a grandiosidade de tudo aquilo. Carla também parou e ficou observando.

— Carla, você está com medo de abalar a fé das pessoas ou abalar a sua fé? — perguntou Mateus de forma educada.

— Não sei bem explicar, talvez porque hoje tive a sensação que alguém me acompanha. — Por algum motivo Carla sentiu algo que nunca havia sentido dentro da Basílica. — Acho que tenho mais medo de abalar a fé das pessoas do que a minha, que nem sei se posso chamar de fé.

— Mas as pessoas não podem viver uma mentira. — O cientista falou mais alto dentro de Mateus naquele momento. Ele ainda tentava pensar que seu encontro com Carla era pura coincidência.

— Concorde Mateus, mas imagine uma mentira que cura. Imagine o pai que dá um objeto qualquer ao filho dizendo que vai protegê-lo do escuro e a criança perde o medo. Faz muito sentido. Não importa como fazemos as pessoas acreditarem em si mesmas; com uma mentira ou uma verdade. Quantas pessoas são mais felizes porque seguem os ensinamentos de Cristo, quantas pessoas ficaram curadas porque simplesmente acreditaram de alguma forma que Deus as curou. Talvez não acredite em Deus ou mesmo em Cristo. Mas não pode negar o quanto o amor é cultivado dentro dos evangelhos.

— Mas Carla, quantas pessoas já morreram em nome de Deus?

— E quantas foram salvas? — Não podemos ter Deus e fé num manual ou em um livro de história. Tudo isso vai muito mais além do que podemos imaginar. Vai além da nossa capacidade humana.

— Acredita mesmo em tudo que está escrito na Bíblia? — perguntou Mateus.

— Obviamente que não Mateus. A Bíblia foi escrita por várias pessoas e em vários momentos. Cada momento deve ser interpretado com cuidado.

Alguns quilômetros dali...

Na trattoria situada na *Via Del Pozzo Delle Cornacchie* o garçom servia uma garrafa de vinho tinto.

Milton levantou a taça e ofereceu um brinde.

— À nossa recente parceria. — Marta sem nenhum pudor brindou com Milton.

Depois de um longo gole:

— Faça conforme o combinado — disse ela.

— Claro minha princesa. Pode ficar tranquila, não vamos tocar no seu namoradinho, dou minha palavra.

Milton não estava brincando, seu maior interesse era o manuscrito, e Marta estava o entregando por um preço bastante baixo.

Mais uma vez o garçom interrompeu.

— Podemos servir senhor? — Milton fez um sinal de positivo.

Enquanto caminhavam, Carla seguia falando sobre o evangelho. Por um momento Mateus ficou tentando imaginar uma saída. Fazer isso por Marta parecia algo estranho. Roubar o manuscrito de Carla e entregá-lo à Milton era algo que Mateus não conseguia imaginar. Sabia que estava naquele momento dentro de um fato histórico, participando efetivamente, não podia ser lembrado como um ladrão barato. Além disso, não conseguia trair Carla. Mas a vida de Marta estava em jogo e ele precisava fazer algo e rápido.

— Mateus, onde está sua amiga? — perguntou Carla. Mateus saiu do transe.

— Está visitando algumas lojas.

Carla olhou para Mateus balançando a cabeça, Mateus continuou com a mentira.

— Eu respeito, ela gosta. Acho até bom, assim ela me deixa mais livre.

Carla não entendia essa relação. Mas no fundo acreditava que Mateus se interessasse de alguma forma por Marta.

— Vamos comer algo, estou com fome.

Eles seguiram até um pequeno café próximo ao Vaticano. Carla pediu um suco com alguns pães e Mateus um café.

— Sinceramente não entendo sua relação com essa moça. Não entendo como duas pessoas tão diferentes podem fazer uma viagem.

— Carla, não tenho nada com Marta. — Carla fez uma cara de quem não estava acreditando.

— Sério, não estou brincando. Essa viagem foi um prêmio.

— Como assim? — perguntou Carla.

— Marta é representante de uma empresa de cartão de crédito. Cada proposta que ela preenchesse, concorreria a uma viagem com acompanhante para Europa. Eu preenchi e fui contemplado. Pura sorte!

— E por que você não escolheu outra pessoa para essa viagem já que você tinha essa opção?

— Até pensei nisso, mas não tive coragem.

— Mas por quê? — perguntou Carla.

— Marta insistiu muito para que eu preenchesse a proposta. Se não fosse por ela, acredito que não teria feito e provavelmente não estaria aqui falando com você.

— Mateus, desculpe a minha sinceridade, mas... — Carla olhou para baixo.

— Mas?

— Acho que existe algo mais. Vi como ela olha pra você.

— É eu sei, e isso me preocupa. — Nesse momento Mateus fez uma pausa tomando um gole de café e continuou... — Não sinto nada por ela, além disso, temos ideias e ideais bem diferentes. Acho Marta muito superficial, vítima de uma sociedade que prega o culto ao corpo e à felicidade associados ao dinheiro.

Carla olhou nos olhos de Mateus e pegou em sua mão. Mateus olhou rapidamente e voltou a olhar nos olhos de Carla. Parecia que um pequeno pedaço de seda havia pousado sobre sua mão.

— Tenho que agradecer essa moça!

— E por quê? — perguntou Mateus.

— Graças a ela estou aqui viva.

— Carla, não precisa agradecer. Não fiz mais do que minha obrigação. Carla apertou a mão de Mateus com mais força e disse:

— Tenho medo do que está por vir.

Ele colocou sua mão direita sobre a dela e disse:

— Pode contar comigo.

Carla sentiu a sinceridade de Mateus. Mas a situação estava caminhando para um lado que Carla ainda não compreendia bem. Ela disfarçou e pegou o copo de suco. Mateus observou o mau jeito. Pegou seu café e ficou analisando a bela imagem ao fundo refletida no vidro. A Basílica estava lá. E em seus pensamentos imaginou como a beleza estética é valorizada quando se usa a simetria. Mateus observou o rosto de Carla e a Basílica refletida atrás de Carla. Algo feito pelo Criador e algo feito pela mão do homem. Em ambos a simétrica estava presente. Em alguns momentos Carla desviou o olhar sentindo que Mateus a observava.

— Mateus por que me olha assim? — perguntou Carla incomodada.

— Estou observando o quanto é bela — respondeu Mateus olhando para o reflexo da Basílica ao fundo.

Carla quase engasgou com sanduíche. Por um instante Mateus achou que tinha dito algo de errado. Carla tossiu e tomou um gole de suco. Mateus perguntou.

— O que foi, eu disse algo de errado?

Carla continuou em transe. Mateus ficou sem entender nada e pegou em sua mão.

— Carla, o que foi que aconteceu?

Como numa explosão de felicidade. Carla vibrou.

— MATEUS, VOCÊ É UM GÊNIO! Como eu não pensei nisso antes?

Novamente Mateus ficou sem entender.

— Pensou em quê? — perguntou ele.

— Meus Deus, estava na minha frente todo o tempo e eu não estava vendo.

Mateus já estava para explodir.

— Mateus, o que Galois fez de mais importante?

Mateus pensou um pouco e disse:

— Ele descobriu uma forma de dizer se uma equação é ou não solúvel por fórmula.

— Exatamente, e o que ele usou?

Mateus pensou mais um pouco e continuou...

— Ele utilizou as permutações e criou a teoria dos grupos.

— Isso, e o que mais? — questionou ela ansiosa.

Mateus pensou no que tinha dito instantes antes...

— Simetria — respondeu Mateus.

— Bingo! — exclamou ela quase gritando.

— Mas em que isso ajuda? Sabíamos de tudo isso!

Carla ainda estava eufórica, mal conseguia falar e pensar ao mesmo tempo. Ela se acalmou e pegou um papel e uma caneta na bolsa.

— Mateus, Galois conseguiu resolver um dos maiores problemas da álgebra. Problema que perseguia os matemáticos desde a antiguidade. De acordo com as tábuas

feitas em argila pelos babilônios há aproximadamente 2200 a.C. já apareciam problemas que envolviam pequenas equações do tipo $2x+3=7$ e $x^2+3x+5=0$. Tais problemas surgiam do cotidiano das pessoas. No papiro egípcio de Rhind de aproximadamente 1600 a.C. temos vários métodos para encontrar as soluções de tais equações. Não demorou muito para os matemáticos conseguirem métodos para resolver via radicais as equações gerais de grau até quatro. O grande problema seria para equações com o grau maior que quatro, por exemplo, uma quártica tipo $x^5+x+1=0$ — ela escreveu no papel —. Algumas quárticas particulares foram resolvidas, mas em geral não se podia dizer muita coisa. Isso aterrorizou os matemáticos por séculos.

E Mateus completou...

— Sim, me lembro que durante o curso de História da Matemática o professor falou um pouco da história da quártica. Vários matemáticos famosos tentaram resolver. Matemáticos gregos, italianos e até mesmo Euler, Gauss, Ruffini e muitos outros tentaram sem sucesso. Mas me parece que Abel conseguiu um teorema muito forte.

Carla estava eufórica mal conseguia falar.

— Sim Mateus, em 1823, o norueguês Niels Henrik Abel aos 21 anos conseguiu mostrar que a quártica em geral não era solúvel por fórmula, pondo um ponto final em uma parte do problema. Mas algumas quárticas poderiam ser resolvidas. A questão seria descobrir quais seriam solúveis por radicais e quais não seriam.

— Ai entra em cena nosso amigo Galois... — falou Mateus. Carla já estava levantando e fazendo sinal para o garçom.

— Exatamente, Galois conseguiu utilizar bem o conceito de simetria para descobrir a resposta. A simetria é a fonte geradora de tudo que fazemos.

Ela está em todos os lugares. Em uma flor, em um caramujo, em uma obra de arte, no movimento dos planetas. Não sei por que, mas acho que Deus quando criou o universo certamente pensava simetricamente. E associado à simetria temos um número.

Mateus pensou um pouco.

— Claro, a razão áurea.

— Bingo novamente Mateus! — Carla já estava nervosa para sair daquele local.

— Onde vamos? — perguntou Mateus percebendo a euforia de Carla.

Carla não conseguiu ouvir o que Mateus disse e fez um sinal para o garçom colocando alguns euros em cima da mesa.

— Vamos.

— Mas para onde? — perguntou Mateus novamente.

Já na saída em frente à praça, Carla começou a responder.

— Preciso do meu computador rápido.

Carla olhou para o ponto de táxi e não havia nenhum carro parado.

— Droga, quando a gente mais precisa... De longe ela avistou um ônibus parado.

— Rápido!

Carla puxou fortemente Mateus em direção ao ônibus. Mateus imaginou como aquela sinderela se transformava rápido.

Eles subiram e sentaram.

— Carla pode me dizer por que estamos correndo tanto?

— Como não vi isso antes Mateus?

— Pela milésima vez, o que você viu? — perguntou Mateus.

— Quanto utilizei o algoritmo para traduzir o manuscrito, não utilizei o número áureo.

Talvez agora se eu pudesse...

— Carla pode traduzir isso melhor? — perguntou Mateus. E o ônibus ia em direção a *Via Del Corso*.

— Nosso mundo é simétrico, parece que tudo funciona melhor quando utilizamos simetria — Carla olhou à sua volta e viu uma jovem sentada no banco da frente. — Observe a borboleta — indicando a estampa na camiseta da moça —, veja como as asas são simétricas.

Mateus olhou com cuidado e disse:

— Acho que é mais bonita assim, simétrica.

E Carla completou: — Sim, é mais bonita e, além disso, ajuda a confundir os olhos dos predadores. A simetria está em todos os lugares: nas obras de arte, na estrutura do DNA, na música, nos flocos de neve, nas ostras do mar. Hoje utilizamos a simetria largamente na ciência. Galois foi o primeiro a usar a simetria para resolver um problema estritamente matemático. Basicamente ele tomou um conjunto com n elementos e viu que fazendo todas as permutações possíveis isto podia gerar uma nova estrutura que ele chamou de grupo das permutações. Um estudo sobre esses grupos responderia se as equações seriam ou não solúveis por meio de radicais. Preciso colocar uma instrução no programa para que o computador procure por espelhos dentro de suas traduções.

— Como assim? — Mateus não havia entendido.

— Carla pegou um pedaço de papel e uma caneta na bolsa e escreveu...

Assim a aluna anula a missA.

Mateus leu a frase.

— Não consigo ver simetria.

— Olhe com mais cuidado Mateus.

Mais alguns segundos e Mateus observou a simetria. A frase lida da direita para a esquerda era a mesma.

— Palíndromos — respondeu Mateus.

— Exatamente. Mas existem várias formas, a forma acima tem simetria total. Mas existem outras formas com ou sem espaços. Preciso testar as formas que existem dentro dos textos com espaços definidos pela razão áurea.

— Como assim, o número áureo não é um irracional? — Mateus sabia que o número áureo conhecido como ϕ , devido ao grego Fídias, era um número que não podia

ser expresso como uma fração, assim como o famoso número π , a razão áurea dada por 1,61803... tinha infinitos números após a vírgula e que não se repetiam em nenhum padrão. Colocar espaços com esse número seria impossível, seria necessário um número inteiro e não um irracional.

— Sim Mateus você tem razão, o número áureo é um irracional, mas os espaços que vou colocar para a procura por simetrias no algoritmo serão dados por uma sequência.

— Fibonacci... respondeu Mateus eufórico.

— Exatamente! A procura por espelhos simétricos será dada por um espaço igual à sequência de Fibonacci 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, ...

Descoberta no século XIII por Leonardo Fibonacci ou Leonardo de Pisa, a sequência de Fibonacci intrigava os cientistas desde então. Observando o comportamento fictício na reprodução de coelhos, Fibonacci viu que, se colocasse um casal de coelhos em um local cercado e sabendo que a cada mês, cada casal de coelhos dava à luz a um novo casal que é fértil após um mês, então a quantidade total de pares de coelhos adultos e jovens era dada a cada mês pela sequência: 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55..., ou seja, no primeiro mês temos um casal, no segundo mês temos o casal adulto mais um casal jovem, no terceiro mês temos o casal adulto gerando um novo casal mais o casal jovem que ficou adulto num total de três casais e assim por diante. Um avaliação rápida também mostra que cada elemento da sequência a partir do terceiro termo poderia ser obtido somando os dois termos anteriores. Fibonacci descobriu que: além disso, se tomasse as frações $1/1$, $2/1$, $3/2$, $5/3$, $8/5$, $13/8$, $21/13$, $34/21$, $55/34$, ... ou seja, F_{n+1}/F_n , os mesmos correspondiam aos valores 1, 2, 1.5, 1.666, 1.60, 1.625, ..., e essas frações estavam se aproximando do número áureo 1,61803 ... e isso o espantou muito.

Carla levantou.

— Vamos descer aqui!

Caminhando com pressa eles atravessaram a *Piazza Del Popolo*. Era difícil para Mateus passar por uma praça como essa sem observar.

— Por ali — Carla apontava para a estação de metrô. Eles desceram as escadas o mais rápido que podiam.

Carla observou o tempo no painel, sua ansiedade era tanta que não parava de andar de um lado para o outro. Nesse momento Mateus retirou o celular do bolso, abriu e observou, em seguida pressionou algumas teclas e o colocou novamente no bolso. Havia uma máquina de refrigerantes bem ao lado onde estavam. Mateus aproveitou o tempo e comprou um.

Enquanto comiam um salmão cozido no espumante rosé, Milton abriu o celular. Marta ficou observando.

— Parece que seu namoradinho está cooperando. Bom menino.

Por um momento Marta sentiu que Mateus se preocupava com ela. Isso nunca aconteceu desde que ela o conheceu.

— O que essa moça tem que você quer tanto? — perguntou Marta.

— Digamos que ela pode me fazer muito feliz, basta que ela me entregue um pequeno diário que roubou do meu irmão — respondeu Milton.

Milton olhou no relógio, abriu o celular e ligou.

— Nick, hotel Princess.

Do outro lado da linha.

— *Estou a caminho senhor.*

CAPÍTULO 27

Galois estava dormindo quando Stéphanie entrou no quarto. Com cuidado ela colocou uma xícara de chá com alguns pães ao lado da cama. Galois acordou lentamente.

— Coma, tem que se alimentar — disse ela em voz baixa.

— Não estou com fome.

— Números não vão nutrir seu corpo — respondeu a jovem.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Galois.

— Fiquei sabendo que é um brilhante matemático.

— Tão brilhante que veja onde fui parar! — Galois, respondeu com um tom irônico.

— Não parece tão ruim assim, apareceu no jornal. Galois se fez de desentendido.

— O que disse?

— Isso mesmo, seu nome apareceu em uma nota.

Stéphanie havia sido alertada pelo pai sobre a fama de encrenqueiro de Galois. Mas isso só fez aumentar sua curiosidade para conhecer o jovem Gênio.

— Me parece que você sabe mais de mim do que eu imagino — respondeu Galois.

— Nem tanto — respondeu Stéphanie de uma forma que gostaria de conhecer mais.

Galois olhou para o lado e viu algumas anotações feitas pelo médico.

Ele se esticou e apanhou-as.

— Não faça isso, são as anotações do seu médico — disse Stéphanie vendo que ele as faria de rascunho.

Com o dedo indicador ele tocou no chá. Depois deixou pingar uma única gota no centro, em seguida dobrou o papel. Stéphanie acompanhava curiosa.

— Seu médico não vai gostar disso!

Galois fingiu não ouvir e continuou. Ele abriu o papel e viu o grande borrão verde escuro. A marca da dobra passava pelo centro da mancha. Galois o dobrou novamente e rasgou em seguida.

Olhando para Stéphanie ele perguntou.

— Você gosta desta figura — apresentando apenas uma parte, — ou gosta desta... —, unindo as duas partes.

Stéphanie olhou com cuidado as imagens. Quando ele apresentou as duas partes, mesmo sendo um borrão era perfeitamente possível ver a simetria bilateral.

— Prefiro as duas partes juntas.

— Exatamente como eu imaginei — respondeu Galois. Os olhos de Galois começaram a brilhar...

— *Symétrie* — respondeu Galois.

— Poderia me explicar melhor? — Stéphanie não havia entendido.

— Você escolheu a segunda figura porque ela é simétrica. Veja. — ele voltou a unir as partes evidenciando a linha que dividia a figura. Em ambos os lados elas eram idênticas.

Galois pediu para que Stéphanie se abaixasse de forma que seu rosto estivesse ao alcance de suas mãos. Ela ficou um pouco desconfiada.

— Vamos lá, não vou te machucar. Veja minha situação — disse Galois.

Galois levantou a mão e com o indicador começou a traçar uma linha vertical imaginária partindo da testa de Stéphanie até terminar apontando para o seus pés.

Veja o quanto você tem de simetria. Dois olhos, duas orelhas, dois braços, duas pernas.

Galois olhou novamente o papel.

— Penso nisso todos os dias — disse ele.

Stéphanie achou estranho, como aquilo poderia ajudar um matemático?

— Não sei se serei entendido por essa geração de matemáticos, mas acredito que no futuro existam homens interessados em minhas ideias.

Nesse momento um enfermeiro entrou no quarto. Stéphanie se levantou e disse:

— Tome os remédios — abriu a bolsa e colocou dois frascos ao lado da cama onde estavam as receitas médicas.

Galois entendeu o recado e agradeceu. Ele era um prisioneiro. Stéphanie saiu do quarto e caminhou em direção à cozinha. Tomando um café ficou imaginando sobre as coisas que havia ouvido de Galois.

CAPÍTULO 28

Mateus e Carla chegam ao hotel onde Carla estava hospedada. Ela rapidamente abriu o laptop e começou a digitar algumas alterações no algoritmo de decodificação que havia criado um dia antes no caminho a Roma. Em sua mente haviam muitas formas de procurar por simetria dentro do que Galois havia proposto. Mas teria que fazer vários testes com os números de Fibonacci. Não tinha dúvida que o passo final para aquele mistério seria a dupla simetria e a razão áurea.

Carla alterou o algoritmo para que ele fizesse a tradução com base nas simetrias de espelho dentro do Codex enviado por Bernard. *Como Bernard conseguiu essa versão digital*. Imaginou. A busca seria fixada por espaços de tamanho 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, ... dados pela sequência de Fibonacci. Mateus observava ansioso e preocupado.

— Vamos ver o que acontece agora. — Carla respirou fundo e teclou <enter>.

Bilhões de possíveis combinações passavam na tela do computador que trabalhava incansavelmente na busca se simetrias espelho. Ela acompanhava a tela sem piscar os olhos. Naqueles momentos em que aguardava uma resposta achando que no final poderia descobrir algo sobre o passado pensou nos evangelhos não aceitos, a figura de Jesus ao lado de Maria Madalena, tudo isso rondava a mente de Carla sem parar um minuto. Mal sabia que a proposta de Galois passava longe disso...

A barra de tempo no canto inferior da tela a todo momento recalculava o tempo estimado para a execução.

A campainha do quarto tocou. Carla olhou preocupada para Mateus.

— Calma deve ser o serviço de quarto.

Carla fechou a tampa do computador, mas o deixou ligado processando. Mateus se aproximou da porta.

— Quem é?

— *Servizio*.

Mateus abriu bem devagar a porta. Mas não conteve a força de Nick que entrou apontando uma arma para ele. Logo atrás Milton e Marta entraram fechando a porta.

Milton olhou para Mateus.

— Onde está o manuscrito?

Carla firmou os olhos em Mateus.

— Mateus você... — Carla não podia acreditar que Mateus havia traído sua confiança.

— Vamos, não tenho tempo. — Milton voltou a falar com Mateus. Nick pegou a bolsa de Carla e virou do avesso.

— Não está aqui... respondeu Nick arrumando o curativo no braço.

— Onde está? — perguntou Milton olhando para Carla.

— Escondido — disse Mateus.

Nick segurou Mateus e Milton procurou em suas vestes.

— Tentando bancar o espertinho comigo rapaz. — Milton socou Mateus no estômago.

— Muito bem, onde está? — Mateus ainda estava tonto sentindo uma forte dor. A sensação era que havia levado uma facada.

— Escondido.

— Onde?

— Em um local na estação de metrô.

— Escondeu o manuscrito em um lugar cheio de gente e de câmeras, muito bem garoto. Me parece que você gosta de sofrer. — Milton deu outro soco e Mateus quase desmaiou.

— Pare — disse Marta.

Milton se virou e atingiu Marta com uma coronhada. Ela caiu desmaiada.

— Nick, traga esse idiota! Precisamos encontrar onde ele escondeu o manuscrito. O computador de Carla estava em pleno processamento com a tampa fechada.

CAPÍTULO 29

Em frente à casa de saúde *Sieur Faultrier*, agora livre, Galois ficou parado olhando. Stéphanie estava na janela. Ela levantou a mão em sinal de despedida. Galois se virou e começou a caminhar.

Com a saúde recuperada e a liberdade condicional ele precisava ser cuidadoso. Enquanto caminhava, observava o quanto a cidade havia mudado. Quando entrou no *Quartier Latin*, Galois sentiu uma sensação estranha. Caminhou alguns metros e parou.

O prédio do século XVII estava velho e abandonado. Havia um homem na porta lateral.

— Entre — disse o homem com voz rouca.

Galois caminhou em direção aos fundos, subiu um lance de escada e parou em frente a uma porta. Em um instante ela se abriu e ele entrou.

— Que bom que chegou — disse o velho amigo.

Chevalier levou Galois para outra sala passando por um longo corredor. Quando chegou, Galois viu seus outros companheiros lhe aguardando: — *Seja bem-vindo velho amigo* — disse um dos homens.

— Venha sente-se — disse Chevalier olhando para ele.

Galois se aproximou e se juntou ao grupo sentando-se à mesa, em frente ao biólogo Raspail.

— Sua ajuda será fundamental. — Raspail abriu um pequeno papel com um mapa e algumas anotações.

Galois olhou para o mapa com cuidado.

— Sabem que isso só será possível se houver sincronismo. Todos vocês precisam ter relógios precisos e testados com antecedência — disse Galois olhando para um pequeno relógio pendurado na parede.

Chevalier já havia pensado nisso, abriu uma pequena bolsa sobre a mesa exibindo sete relógios suíços.

— Acredito que esses seriam os mais indicados — disse Chevalier.

Galois analisou o plano e observou com cuidado vários momentos e as ações previstas. Também discutiu com eles como iria realizar a tarefa final.

Depois de algumas horas, a reunião chegara ao fim. Chevalier olhou para Galois:

— Tem certeza que quer fazer isso? — Chevalier sabia que naquele plano, quem executaria a parte mais importante e final seria certamente sacrificado.

— Meu bom amigo Chevalier, não me resta mais vida. De uma forma ou de outra vou morrer, meu destino está selado. — Os outros ficaram observando a resposta de Galois.

Assim que Galois fez suas considerações finais Raspail levantou, e disse: — *Liberté, égalité et fraternité* (liberdade, igualdade e fraternidade).

Colocando a mão direita sobre o papel, Chevalier olhou para ele e repetiu a mesma frase: — *Liberté, égalité et fraternité* — colocando a mão direita sobre a mão de Raspail.

Os outros fizeram do mesmo modo. O último foi Galois. Falando pausadamente as três palavras e olhando para os companheiros:

— *Liberté, égalité et fraternité. Mort au Roi Luís Felipe* (morte ao rei Luís Felipe).

CAPÍTULO 30

Um táxi encostou próximo à entrada da estação de metrô Cornelia. Milton estava com Mateus. Nick havia ficado com Carla e Marta no hotel.

Eles caminharam até chegar à estação. Ainda havia muita gente para embarcar. Milton caminhava logo atrás de Mateus observando as câmeras de segurança. Os olhos aguçados de Milton rapidamente observaram um ponto cego onde as câmeras não poderiam alcançar.

— Muito bem onde está? — perguntou Milton. Mateus olhou para uma máquina de refrigerantes.

— Lá — apontou Mateus.

— Traga-o até aqui — disse Milton.

Mateus caminhou em direção à máquina e Milton ficou esperando.

Carla tentava imaginar, como Mateus havia retirado o manuscrito de sua bolsa sem que ela visse?

Mateus colocou uma moeda e se abaixou fingindo comprar algo. Ele passou a mão por baixo da máquina pegou o pequeno diário. Rapidamente colocou na jaqueta. Algumas pessoas observaram, mas não notaram. Mateus pegou um refrigerante e começou a tomar. Milton assistia discretamente.

Mateus estava a apenas dez metros de distância de Milton. Nesse momento ele sentiu o vento mais forte saindo do túnel por onde os trilhos passavam. *O trem está se aproximando.* Imaginou.

Quando Mateus chegou à estação, ele observou o horário do próximo trem. Restava apenas um minuto e meio para que ele passasse. Ele olhou no relógio e calculou o que teria que fazer.

Mateus estava sentido o vento cada vez mais forte e o barulho denunciava a chegada do trem. Olhando para o relógio, viu que ainda restava trinta segundos. *Está chegando.* Imaginou.

Mateus caminhou de volta observando o barulho cada vez mais forte. Milton viu que o trem estava próximo e percebeu a estratégia de fuga de Mateus caminhando próximo ao embarque. Rapidamente ele esqueceu as câmeras de segurança e avançou em direção de Mateus.

— Tentando bancar o espertinho — disse Milton se aproximando. O trem apontou dentro do túnel.

Mateus estava próximo de Milton e levou a mão no bolso da jaqueta onde estava o manuscrito.

— Não tente bancar o idiota. — Milton retirou o celular do bolso.

— Basta eu ligar e as suas garotas... — Mateus ficou pensativo.

Lentamente Mateus retirou o manuscrito do bolso e estendeu a mão em direção a Milton. Quando Milton levantou a mão para pegá-lo, num lance rápido Mateus jogou-o para o alto.

No desespero Milton tentou pegá-lo mas não adiantou, o manuscrito bateu no trem ainda em movimento e Milton recuou. Uma chuva de papel caiu sobre os trilhos. Milton tentou apanhar algumas folhas caídas.

Nesse momento Mateus já estava longe. Ele sabia que a polícia iria chegar devido à confusão e isso poderia lhe dar algum tempo.

Enquanto Milton tentava recolher as folhas desesperadamente, Mateus corria o máximo que podia; não sabia se havia tomado a decisão certa, mas por outro lado não havia outro jeito. Carla e Marta estavam agora correndo perigo e ele precisava salvá-las de alguma forma.

A estação Cornelia ficava a aproximadamente vinte minutos de caminhada até o hotel, Mateus teria que correr muito.

Carla estava amordaçada e amarrada com as mãos para trás. Marta se aproximou e agarrou seus cabelos, falando próximo ao seu ouvido.

— Viu o que dá se meter com o homem errado?

Carla ficou em silêncio. Mas ficou bem claro para ela o que havia acontecido. Marta estava passando informações para Milton.

Nick estava sentado com o celular na mão aguardando. Quando a mensagem chegou Nick não pensou duas vezes.

— Tenho que ir.

Marta não se conteve e segurou Nick pela mão.

— Não foi isso que combinei com seu chefe, onde está Mateus?

— Não faço a menor ideia, talvez debaixo de um vagão do metrô. — Nick deu uma risada debochada e empurrou Marta.

Marta não parou e continuou falando. Nick amarrou Marta e passou uma fita em sua boca.

— Pronto, agora você fica quietinha aí. Igual à sua amiga.

Ele encostou a boca próximo ao ouvido de Carla.

— Pena que não tenho mais tempo — insinuando algo —, *au revoir* gatinha! — falando ao seu ouvido. Logo depois ele deu um beijo no seu rosto.

Nojento. Imaginou Carla.

Quando Nick amarrou Marta, sua bolsa caiu no chão próximo a Carla.

De longe, Mateus avistou o hotel. Quando chegou, ainda bastante cansado viu Nick saindo do elevador. Mateus rapidamente se virou e entrou em um ônibus de turismo que estava estacionado em frente ao hotel. Nick passou e não o viu.

Carla se aproximou da bolsa e conseguiu abri-la. Mesmo com as mãos amarradas para trás, ela procurava o celular de Marta para tentar pedir ajuda.

Mateus mal esperou Nick sair e entrou no hotel correndo. Não conseguiu esperar o elevador, ele correu para as escadas. Se acontecesse algo com Carla ou Marta ele não se perdoaria.

Quando chegou bateu na porta do quarto e não ouviu nada. Bateu novamente e chamou por Carla.

Mateus caiu de joelhos e ficou imaginando o que teria acontecido. De repente ele ouviu um ruído, parecia um som abafado.

Carla conseguiu se mover até próximo à porta e retirou o cartão que estava dentro do bolso da calça. Com as mãos para trás ela conseguiu pegar o cartão e o colocou por debaixo da porta.

Quando Mateus viu o pequeno pedaço de plástico aparecer, ele puxou imediatamente. Em seguida entrou no quarto libertando rapidamente Carla.

— Graças a Deus, eu achei que vocês estavam mortas — desamarrando Marta. Marta abraçou Mateus com força.

Quando Milton tentou apanhar as folhas, seu celular caiu no chão. Rapidamente Mateus o apanhou e correu. Mais à frente ele parou e enviou uma mensagem de texto:

Já estou com o manuscrito saia imediatamente do hotel e faça como combinado...

— Precisamos sair daqui agora, eles vão voltar — disse Mateus.

Carla apanhou suas coisas e colocou rapidamente na mochila. Mateus a segurou pelo braço.

— Não tive escolha. Eles sequestraram Marta.

— Sequestraram? — Carla olhou com um olhar de dúvida.

— Sua amiga, namorada ou sei lá o quê estava do outro lado. — Mateus olhou para Marta sem entender.

— Como assim? — perguntou Mateus.

— Não é verdade Mateus, ela está inventando tudo isso para nos separar. Nossa viagem poderia ser diferente se essa mulher não entrasse naquele avião.

Marta começou a chorar sentando-se na cama. Carla pegou a bolsa de Marta e virou do avesso na frente de Mateus.

— E como você explica isso? — sacudiu e vários pacotes de euros caíram da bolsa de Marta. O cartão com o telefone celular de Milton ficou por cima dos pacotes.

Mateus ficou por um momento parado imaginando como Marta havia se vendido. Ele se abaixou e apanhou o pedaço de papel com o telefone de Milton escrito.

- Como pôde fazer isso? — perguntou ele olhando para Marta.
- Fiz por você. Eu te amo. Mateus pegou no braço de Carla.
- Vamos! Não temos tempo.
- Mateus você vai me deixar aqui? — Marta ainda estava com lágrimas no rosto.
- Você tem dinheiro suficiente para voltar para o Brasil. Faça bom proveito dele.

Carla e Mateus saíram apressados do hotel. Ela sabia que agora seria uma questão de tempo até Milton descobrir o que Galois havia feito. Infelizmente o manuscrito havia caído em mãos assassinas. Não houve tempo para Mateus dizer o que aconteceu na estação.

Enquanto o táxi se deslocava pelas ruas de Roma, Carla olhava para a tela do computador esperando respostas. Ela precisava descobrir a verdade antes de Milton, mas como?

Mateus contou o que aconteceu na estação. E como ele havia conseguido se livrar de Milton.

- Então o manuscrito foi destruído... — Carla foi interrompida por aviso sonoro.

A bateria do laptop estava fraca indicando apenas cinco minutos de carga. A barra de progresso do algoritmo de Carla indicava 89% concluído. *Vamos lá, só mais um pouco.*

- Não exatamente — retirando o manuscrito de Galois do bolso.

- Mateus! — Carla não conseguiu esconder a cara de espanto.

— O manuscrito que lancei em direção ao trem, era uma cópia barata do Papyrus P52 que comprei em uma loja de souvenir próximo ao Vaticano.

- Que pecado Mateus — disse Carla.

O Papyrus P52 foi encontrado em 1920 no deserto do médio Egito. Escrito em Grego, provavelmente em 100 d.C., ele continha algumas partes do evangelho de São João. Mateus achou interessante e comprou um cópia no dia anterior.

O táxi seguia em direção ao centro da cidade. Eles observavam atentamente a tela do computador. Quando o bip de apenas um minuto para desligar soou, Carla sentiu um frio na barriga. O algoritmo estava a 97%. *Só mais um pouco.* Imaginava Mateus.

Quando o bip longo soou, Carla sentiu um arrepio. *Ele vai desligar antes de terminar o processo.* Imaginou. Ela acompanhava ansiosa a barra que indicava o processamento. Ao lado dessa barra havia alguns contadores que contabilizavam o tempo estimado, o tempo total transcorrido, o total de trechos simétricos encontrados e por último o total de caracteres de cada trecho.

Quando Carla ativou o programa, ela viu que o contador de caracteres de cada trecho simétrico estava formando uma sequência de números que ela conhecia bem. Nos primeiros segundos ele já indicava o número 34. *Não é possível.* Imaginou.

Após o bip ainda restavam vinte segundos para a hibernação total do laptop. Carla acompanhava no cronômetro sem tirar os olhos da barra. Mateus acompanhava observando atento enquanto o táxi se deslocava pelas ruas e avenidas de Roma.

O último bip soou indicando cinco segundos para hibernação; 99% *Vamos lá*. Ela percebeu que o processamento havia sido concluído e o bip final soou. Ela correu os olhos rapidamente nos contadores, quando chegou ao último item Carla sentiu um frio na espinha como se um floco de neve deslizesse por sua coluna. Carla ficou em estado de choque ao ver o número exibido. Como aquilo poderia ser possível?

— Temos que mudar nosso destino — disse Carla fechando o laptop.

CAPÍTULO 31

Brasil, 9:45 PM

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Instituto de Ciências Exatas – ICEX.

Dentro do Laboratório de Redes de Alta Velocidade do Departamento de Computação, Roger executava alguns algoritmos que seriam utilizados em sua tese de doutorado. Seu celular estava em cima da mesa ao lado do teclado como de costume. O fone de ouvido plugado no computador tocava as músicas da banda irlandesa U2.

Estava tão concentrado que não observou o celular vibrando, só foi perceber quando ele caiu no chão. Ainda desconcertado Roger apanhou o celular no chão e atendeu sem olhar para o visor.

— Alô, alô — ainda recolhendo a tampa da bateria que havia se desprendido.

— Roger, sou eu.

— O que você quer?

— Isso é jeito de tratar um velho amigo — disse a voz.

— Você não é meu amigo.

— Abra seu e-mail agora.

— Não estou perto de um computador — respondeu Roger tentando ganhar tempo.

— Eu tenho certeza que não! — o homem brincou do outro lado.

Milton havia enviado um e-mail para Roger com o nome completo de Carla e dados bancários. Milton detinha todas essas informações, uma vez que era diretor do IMPA ele possuía informações sobre seus estudantes.

Ainda conversando com Milton, Roger olhou para os lados, havia apenas um colega trabalhando no laboratório, mas estava distante. O suficiente para não ouvir e nem observar as ações de Roger.

— Não posso fazer isso, é crime! — ainda no telefone.

— Crime! — Milton falou com um tom de deboche. — Então eu devo enviar algumas fotos e documentos para refrescar sua memória. — Roger era um pequeno gênio da informática que se envolveu em um jogo perigoso para ingressar na universidade. Utilizando seus conhecimentos como hacker, ele havia conseguido fraudar o processo seletivo conseguindo assim, entrar na universidade de forma ilícita. Milton conseguiu essas informações através de alguns travestis que Roger visitava regularmente.

— Tudo bem — disse Roger.

Depois de alguns instantes, do outro lado do mundo, o novo BlackBerry de Milton acendeu informando que havia uma mensagem nova na caixa de entrada.

— França — disse ele olhando para Nick. Carla havia comprado duas passagens para a França com o cartão de crédito. Roger descobriu isso rapidamente. — Aquela vaca voltou para casa.

CAPÍTULO 32

— Você deve ser importante... — disse um dos guardas para o homem que estavam conduzindo.

O homem de cabelos pretos caminhava calado. De repente um dos guardas estacou diante de uma grande porta.

— Aguarde aqui — disse ele.

O homem apenas abaixou a cabeça em sinal de obediência e ficou acompanhado do outro guarda.

O guarda real entrou na sala e após alguns minutos retornou.

— Pode entrar, ele está lhe esperando. — O homem seguiu e entrou, ele nunca havia pisado ali antes, apenas fazia uma vaga ideia de como seria a sala do rei.

— Sente-se — disse o homem de cabelos brancos.

— Obrigado senhor — respondeu como um fiel servo.

— Sr. Posterin? — disse o homem.

— Sim senhor.

— Acredito que não seja novidade para o senhor, o fato de haver muitas pessoas contra mim.

— Senhor, não as conheço.

— Pois bem — continuou o rei —, recentemente descobri que cuidou de um homem chamado Galois.

— Sim, ele passou pela Casa de Saúde — respondeu lembrando-se da carta para Stéphanie.

Dois dias antes de estar ali diante do rei, ele havia conseguido interceptar uma carta que Galois havia enviado a sua filha.

— O Sr. sabia que esse homem é um dos líderes de uma conspiração? Não sabemos o que pensa, nem onde está. Mas fontes seguras indicam um forte atentado contra o rei.

— Impossível senhor, ele não chegaria a tanto. Não passaria dos portões do palácio.

— Sr. Posterin — disse o rei olhando para o homem —, existem muitas formas de atingir o rei, fisicamente é uma delas; mas existem outras formas. Acredito que Galois tem fortes aliados políticos e que não tem medo de morrer.

— Em que posso ajudar?

— Simples, quero Galois morto.

— Mas senhor! Sou um médico, não um assassino...

— É um ex-combatente, sabe bem o que fazer... — disse o rei em tom áspero.

CAPÍTULO 33

O Normandy Hotel estava localizado na *Rue Saind Honoré* no coração da cidade histórica, próximo ao Museu do Louvre e da Opera Garnier. O hotel foi construído em 1877 e mantinha o prestígio da *Belle Époque*, época em que a França passava por transformações sociais, artísticas e intelectuais que se traduziriam no modo de pensar e viver das próximas gerações. Época em que a eletricidade chegara, possibilitando a criação dos parques de diversão e redução da jornada de trabalho. Época da fundação dos famosos cabarés de Paris, como o Moulin Rouge. Época do florescimento da arte e da literatura. Época que também viu o crescimento do proletariado e ascensão de movimentos organizados contrários à ordem capitalista vigente, como o movimento anarquista e o socialista, duramente reprimidos pelas autoridades. A *Belle Époque* duraria até a explosão da Primeira Guerra Mundial em 1914. Desse ponto em diante, a França e o resto do mundo seriam outros.

Os quartos do Normandy eram decorados com temas da Normandia e mantinha o estilo dessa época. Carla havia escolhido esse hotel para ficar, devido sua localização na região central da Paris histórica. Ali ela esperava entender tudo que aconteceu.

De frente para *Rue Saint Honoré*, Carla puxou a cortina e observou o trânsito lá embaixo enquanto Mateus arrumava as poucas bagagens que carregavam. Os carros passavam continuamente e o tempo indicava uma mudança.

Carla sentou e ligou o computador, Mateus também observava os carros passando lá embaixo. Carla havia procurado por simetrias do tipo espelho com um espaçamento dado pela sequência de Fibonacci, o programa havia encontrado muitos trechos simétricos. Mas o que chamou a atenção de Carla não foi exatamente isso e sim a sequência de Fibonacci aparecendo novamente. Carla havia programado o algoritmo para exibir o número total de caracteres em cada trecho simétrico. Ela havia feito isso apenas para avaliar o tamanho de cada trecho. Não esperava que esse simples contador fosse indicar algo tão importante. O total de caracteres de cada trecho simétrico encontrado estava exatamente em ordem crescente seguindo a sequência de Fibonacci.

Agora Carla estava ainda mais intrigada, por que esses números aparecem no texto sagrado, dados pela mesma sequência que gerou o espaçamento de busca?

— Mateus veja isto — Carla apontava para a tela do computador. Mateus observava a sequência de Fibonacci pensativo.

— Deus do céu. Isso está ficando cada vez mais complicado — disse Mateus preocupado.

— Ela reaparece com as simetrias — disse Carla se referindo à sequência.

— Como isso pode acontecer? A Bíblia foi escrita por diversos autores, não é um texto único. Uma coleção de livros escritos em épocas diferentes, e ainda, alguns traduzidos para o grego. Como eles poderiam conseguir essa façanha? Seria muita coincidência.

— Não é coincidência Mateus — respondeu Carla. — Sem dúvida alguém colocou isso aqui, tenho certeza.

— Os escribas? — perguntou Mateus, se referindo aos tradutores e compiladores.

— Seria uma hipótese — responde Carla pensativa.

— Acho que não Carla — disse Mateus tentando excluir essa hipótese —. Já parou para pensar na complexidade disso? Escrever simetrias espelho por toda a Bíblia escondendo códigos em livros que já existiam e ainda na sequência de Fibonacci, sinceramente não posso acreditar nisso.

— Você tem razão, seria muito complicado. Além disso, os textos foram escritos por pessoas e épocas diferentes. Seria praticamente impossível.

— A não ser que... — insinuou Mateus.

— A não ser o quê? — perguntou Carla enquanto Mateus estava pensativo.

— A não ser que, não seja a mão do homem que fez isso. — Mateus ainda estava com a coincidência na cabeça, encontrar Carla em Roma realmente havia mexido com ele.

— Mateus? — Carla sussurrou, enquanto Mateus estava em transe. Ele pensou um pouco e voltou.

— A mão do Criador — disse Mateus pensando alto.

— Mas esses textos foram escritos por homens — respondeu Carla tentando entender.

— Sim, você tem razão, os textos sagrados foram escritos em várias épocas por homens diferentes, mas devemos levar em consideração um fato que é primordial. — Mateus fez uma pausa.

Carla olhou para Mateus e ambos cruzaram o olhar. Mateus quebrou o silêncio.

— Os textos foram escritos por homens, mas inspirados pelo Criador. — Mateus engoliu a seco.

Carla sentiu um arrepio... e Mateus terminou...

— Deus é o autor disso Carla...

Carla sentiu seu coração acelerar quando ouviu as palavras de Mateus. Ela já havia imaginado essa possibilidade, mas por algum motivo não queria acreditar.

— Vamos, precisamos de respostas — disse Carla.

— Para onde?

— Para a casa de Laurent.

Bernard acordou de um sono profundo. Olhou para os lados e percebeu que estava em um hospital.

— Bom dia senhor — disse a enfermeira que entrou no quarto.

Bernard não respondeu.

Em seguida ela apanhou alguns medicamentos. Um homem de terno entrou em seguida.

- Monsieur de Latour?
- Sim sou eu — respondeu Bernard.
- Gostaria de fazer algumas perguntas.
- Quem é você?

O homem apresentou sua identidade. Rapidamente Bernard observou: “*International Criminal Police Organization*”.

CAPÍTULO 34

A luz de um pequeno candeeiro iluminava o quarto, que tinha apenas uma cama e uma escrivaninha.

Galois escrevia freneticamente suas cartas e suas teorias, a luz fraca mostrava sua tez amarelada. Em meio ao tempo e o cansaço, ele se levantou e observou a noite lá fora. O clima começava a ficar menos frio, mas a temperatura ainda estava baixa.

Alguns trabalhadores passavam caminhando pelas ruas agasalhados. Dali era possível ver a torre da imponente catedral de Notre Dame com seus adornos góticos. Talvez fosse a última vez que olhasse para ela. Seu oponente estava excepcionalmente melhor preparado, Galois o conhecia bem. Foram amigos um dia.

De uma forma ou outra, Galois seguia seu plano. Seu oponente mal sabia que acabara de fazer parte dele. *Mortos são reconhecidos!* Imaginou. Olhando para a torre ele retirou um pequeno diário do bolso. E falando baixinho, como se estivesse pensando alto disse:

Ils paieront pour vos erreurs (Eles vão pagar por seus erros).

O céu começava a ficar esbranquiçado demonstrando que não demoraria muito para amanhecer. Galois olhou mais uma vez para o pequeno diário o colocou-o novamente no bolso, em seguida voltou à escrivaninha e continuou escrevendo.

CAPÍTULO 35

O rancho próximo a Paris transmitia tranquilidade e paz. O contato direto com a natureza fazia do local um lugar perfeito para descansar e esquecer o estresse da cidade grande.

No caminho Carla lembrou-se das palavras de Laurent: “a razão áurea é o mais irracional dos números irracionais, e assim como Deus não pode ser definido e entendido através de palavras, a razão áurea também não pode ser descrita por números, por isso chamada de irracional pelos matemáticos”.

De longe Carla já podia ver o topo do chalé. A construção era cercada de grama. As flores estavam começando a soltar os primeiros botões. Carla tocou o pequeno sino no portão. Ninguém apareceu. Ela entrou e bateu na porta da frente. Só ouvia o barulho do vento passando sobre as plantas. Depois de alguns segundos ela ouviu alguns passos dentro da casa, e então a fechadura girou.

A porta se abriu e um homem que aparentava cinquenta anos se materializou na frente deles.

— Laurent lhes aguarda. — O mordomo Fred já havia sido informado sobre a chegada dos visitantes pelo sistema de segurança do condomínio.

— Quanto tempo! — disse o homem descendo as escadas apoiando com uma bengala de cabo dourado.

Ele se aproximou de Carla, abaixou os óculos e disse:

— Cada dia mais bela.

— São seus olhos — respondeu Carla.

— E esse rapaz que lhe acompanha. É seu...

— Não Laurent, um amigo do Brasil.

— Sim claro.

— Muito prazer, Mateus — disse Mateus em português esticando a mão.

— O prazer é todo meu — disse Laurent em francês, apertando sua mão. — Sentem-se — disse ele apontando.

Carla olhou para Laurent, ele já sabia.

— Eu sei que não gosta — se referindo ao inglês.

— Sem problemas Carla — e deu uma risadinha.

Laurent sabia que no Brasil era mais comum o inglês como uma segunda língua do que o francês. Além disso, contra seu gosto a ciência estava adotando o inglês como uma língua oficial.

O ex-professor de Carla havia se mudado para o rancho após se aposentar. Depois de um longo tempo em atividade e uma medalha Fields, considerado o prêmio Nobel da matemática, ele queria sentir a natureza mais de perto. No caminho ela havia falado a Mateus sobre as pesquisas de Laurent.

Eles caminharam até a sala e sentaram num confortável sofá.

— O que traz uma linda jovem até esse velho cansado? — perguntou Laurent.

— Além da saudade, acho que suas sábias palavras! — disse Carla com um sorriso.

Enquanto o mordomo servia um café.

— Obrigado Fred — disse Laurent apanhando a xícara —. Muito bem, o que querem ouvir? — perguntou Laurent depois de tomar um gole de café.

— Fibonacci e razão áurea — disse Carla sendo servida.

O homem deu um pequeno sorriso e tomou mais um gole de café.

— Então precisamos de dois mil anos — respondeu Laurent sorrindo.

— Não tenho todo esse tempo! — disse Carla retribuindo a brincadeira.

— Muito bem, onde podemos começar... vejamos...

— Egípcios — disse Carla.

— Não exatamente Carla — respondeu ele. — Aficionados pela razão áurea insistem em dizer que eles conheciam o número, mas não acredito nessa hipótese. Não existe nenhuma evidência concreta e minha opinião é que tudo começou com os gregos e em particular com Pitágoras. Como vocês sabem, ele foi um filósofo e matemático que viveu por volta de 570 a.C. Ficou famoso por fundar a escola pitagórica, lançando as bases da nova matemática. Atribui-se a ele a invenção da palavra filosofia que significava “amor à verdade” e matemática “o que se aprende”. Para ele, o filósofo deveria ser alguém que deveria se dedicar a descobrir os mistérios da vida e retirar o véu da natureza entendendo-a de maneira profunda. Um mistura mística que envolvia filosofia e matemática, determinava uma religião baseado no princípio que todo o universo poderia ser descrito por números. Essa religião é marcada por rituais que intrigam historiadores até hoje, como a crença que a alma é imortal e volta em formas humanas ou animais, o que explica a opção vegetariana em sua escola. — Mateus acompanhava atento as palavras de Laurent. — Sabemos que a descoberta dos números irracionais antecede a escola pitagórica, mas acredito que somente eles foram os primeiros a entender o conceito de incomensurabilidade, mesmo o considerando obscuro. Não tenho dúvida, eles foram os primeiros a descobrir o número áureo.

A incomensurabilidade que Laurent se referia, era representada por segmentos que não poderiam ser medidos por nenhuma unidade predeterminada...

— Engraçado, achei que eles ignoravam esses números. — Carla já havia lido relatos de historiadores que afirmavam que a escola pitagórica bania os membros que se envolviam com números obscuros.

— Eles ainda não entendiam bem esses números, e de forma análoga aos babilônios e egípcios que atribuíram significados ocultos a números negativos, os pitagóricos também o faziam para tais números. Veja que o pentagrama está mergulhado na razão áurea e mesmo assim era carregado no peito dos pitagóricos como um amuleto. Pitágoras sabia da existência de relações impressionantes no pentagrama, a admiração deles provavelmente

começou aí. O grande problema é que os números irracionais como a razão áurea, não poderiam ser descritos como os outros. Isso estava contradizendo o que a escola pregava: de que tudo no universo poderia ser explicado por números. Assim os que ultrapassavam o limite imposto pela escola, eram banidos. Mas vamos deixar os místicos pitagóricos e caminhar para Euclides, pois essa história é longa. — Laurent fez uma pausa e tomou mais um gole enquanto organizava as ideias.

— Euclides viveu por volta de 300 a.C. e acredita-se que tenha estudado na famosa escola platônica de Atenas. Em seu tempo, os gregos já haviam desenvolvido um modelo científico que impressionaria o mundo e que seria seguido por gerações futuras. Nesse ambiente, Euclides escreveu uma coleção de treze livros, chamada de *Elementos* que descrevia toda geometria grega produzida até ali. A coleção ficou tão famosa que até o século XX somente a Bíblia possuía mais cópias reproduzidas no mundo ocidental. Credita-se a ele a criação do modelo axiomático-lógico-dedutivo para a construção da teoria (modelo que colocou a matemática em bases firmes, deixando de ser uma ciência empírica e utilizada apenas para resolver problemas do dia a dia, para ser uma ciência geral), descobrindo teoremas e proposições sem a necessidade de um experimento físico concreto. O modelo desenvolvido por Euclides permaneceu intacto na matemática e é seguido pelos matemáticos no desenvolvimento de novas teorias. Euclides descreve o que seria o segmento dividido em razão áurea e fez várias afirmações sobre esse número. Essa foi a primeira vez que a razão áurea foi definida de verdade. — Laurent tomou o último gole de café e com dificuldade se levantou. — Preciso lhe mostrar uma coisa.

Eles caminharam para o escritório de Laurent.

— Entrem, por favor... — Laurent seguiu em direção ao centro da sala. Mateus e Carla entraram e puderam sentir o ar seco.

Mateus ficou impressionado com as dimensões daquele local. Como um gigantesco cilindro, as paredes cobertas por livros se elevavam do chão até o alto. O topo estava a dez metros de altura e coberto por um imenso cume de vidro por onde entrava a luz do dia. Fixada na parede circular, uma única estante se elevava em forma de espiral até o topo. No centro da sala havia uma mesa com um computador, duas cadeiras e um sofá. Laurent se aproximou e digitou algumas palavras no laptop. De repente o chão começou a tremer, Mateus se assustou.

Carla já estivera ali antes, ela sabia que o chão do escritório era uma imensa plataforma que se elevava até os níveis mais altos. Como um elevador, ela seguia para o local indicado. Em poucos segundos um forte estalo soou parando o movimento. Laurent caminhou em direção à estante e apanhou um livro. Enquanto Mateus tentava imaginar por que alguém faria uma biblioteca como aquela.

— Vejam isso — disse Laurent retirando o livro da estante. Carla e Mateus se aproximaram para observar o livro que tinha na capa a foto de um molusco parecido com um caramujo.

Número de Ouro era uma edição em tamanho 40x40 cm que continha em alta resolução as imagens mais famosas da presença do número áureo. O primeiro capítulo tratava da arquitetura, o segundo das artes, o terceiro da natureza.

Laurent abriu o livro. Na primeira página estava a foto do Partenon na Grécia. Um retângulo maior cobria a figura e havia muitos outros espalhados pela imagem.

— Retângulos áureos — disse Carla.

Euclides afirmava que um segmento de reta AB é cortado na razão áurea se o ponto C entre A e B for tal que: $AC/CB=AB/AC$. Assim se chamarmos de x o comprimento do segmento AC e tomamos $CB=1$ temos:



$$\text{Com } AC/CB=AB/AC \quad \Longleftrightarrow \quad x/1 = (x+1)/x \Longleftrightarrow x^2-x-1=0$$

Resolvendo a equação quadrática $x^2-x-1=0$ temos duas soluções: o número áureo $\phi=1,618033\dots$ e $-1/\phi$.

Como Carla havia observado, os retângulos sobre a figura que Laurent exibia eram todos áureos, ou seja, os lados dos retângulos eram segmentos áureos.

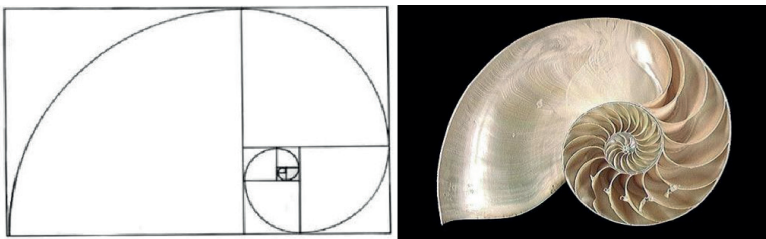
— Exatamente — concordou Laurent. — É muito provável que o Partenon tenha sido feito com base na razão áurea... — passando em seguida algumas páginas, Laurent exibiu algumas pinturas renascentistas onde existia também, a presença da razão áurea.

Mateus estava espantado com tantas aplicações, mas Laurent o impressionaria ainda mais no último capítulo do livro.

Laurent abriu a primeira página do capítulo três: “Número de Ouro na Natureza” que exibia a figura que estava na capa do livro. O molusco se chamava náutilo (*Nautilus pompilius*) e crescia em forma de espiral, porém não era uma espiral qualquer, a mesma era obtida tomando sucessivos retângulos áureos. Essa espiral era chamada de espiral logarítmica.

— Observe — disse Laurent percorrendo com o dedo indicador o caminho da espiral. — De acordo com o crescimento dentro da concha, ele constrói câmaras cada vez maiores e fecha as menores não usadas mais. Cada aumento dessa concha é proporcional ao aumento do raio da espiral. Mesmo crescendo, o náutilo sempre vê a mesma casca, além disso, o equilíbrio permanece inalterado por toda sua vida. — Logo depois Laurent mostrou um Falcão descendo em direção à presa. — Vejam... ele poderia voar em linha reta na direção da presa, isto seria mais rápido, mas ele não o faz, devido à sua visão lateral. A descida nessa espiral lhe dá uma visão constante da presa, e é a descida que maximiza a velocidade. Advinha que espiral é essa! A mesma espiral logarítmica associada à razão áurea.

A espiral que Laurent se referia poderia ser obtida facilmente com retângulos de lados divididos em razão áurea. Essa espiral era conhecida como espiral logarítmica. A idêntica forma poderia ser traduzida exatamente para o náutilo.



Depois Laurent mostrou-lhes a mesma espiral aparecendo na formação das sementes de um girassol e no formato de uma galáxia.

— Estique o braço... — pediu Laurent a Carla. — Veja, seu braço está dividido exatamente como a divisão proposta por Euclides. — Laurent se referia à distância do ombro até a ponta do dedo indicador de Carla, passando pela divisão articulada no cotovelo. — Isso também ocorre em quase todas as demais divisões articuladas. Existe uma infinidade de locais no corpo humano onde podemos encontrar o número áureo. Como podem ver — disse Laurent —, parece que Deus usou em seu maior projeto, a razão áurea. Não é à toa que os pintores, escultores e arquitetos tentaram usá-la também. Os pitagóricos achavam que tudo no cosmo poderia ser descrito por números. Inclusive a beleza estética poderia ser determinada por eles. Mas isso não aconteceu ao longo da história. Muitos pintores tentaram usar a razão áurea em suas obras prevendo que seria a melhor opção estética.

Não demorou muito para eles descobrirem que a mesma nem sempre se traduz no belo absoluto, apesar de algumas obras famosas conterem em suas medidas a razão áurea. A princípio podemos imaginar que a razão áurea aparece em locais simétricos, ordenados e belos. Mas isso nem sempre ocorre. Ela também aparece em locais desordenados, e o pior: ela cria uma espécie de ordem no caos. É o caso da lei de Benford.

Mateus olhou com uma cara de quem não conhecia essa lei e Carla percebendo isso disse:

— Benford observou que se tomassem dados totalmente aleatórios, por exemplo: em uma tabela de preços de diversos produtos, ou números em índices nas bolsas de valores, um estranho fenômeno acontecia; o primeiro dígito em cada valor aparecia sempre com a probabilidade de o 1 aparecer em aproximadamente 30% dos casos, o 2 em 17% dos casos, o 3 em 12%, e assim por diante tendo o 9 a menor probabilidade, apenas 4%. Algumas empresas usam essa lei para encontrar fraudes em pesquisas ou em balanços financeiros.

E Laurent completou...

— A lei de Benford também ocorre na sequência de Fibonacci.

— Estou espantado — disse Mateus.

— Não é para menos meu caro. Foi isso que aconteceu com os pitagóricos quando eles traçaram as diagonais de um pentagrama e viram que formava outro pentagrama igual

internamente e assim sucessivamente *ad infinitum*. Além disso, todos estão associados à razão áurea. Daí tiramos algumas conclusões: a razão áurea reaparece infinitamente, além disso, está presente em quase tudo que se vê. Isso deixa claro o nome razão áurea, ou melhor, razão divina.

— Acha que realmente Deus usou esse número para construir suas obras? — perguntou Carla.

— Pergunta difícil não vale... — disse Laurent com uma risadinha. — Essa realmente é uma longa discussão, poderíamos ficar aqui dias conversando e talvez não chegássemos a uma conclusão. De fato, existem pessoas que afirmam que Deus era matemático, assim a matemática já existia muito antes do primeiro ser humano começar a contar. Mas outras afirmam que construímos um modelo que se adapta à natureza, ou seja, temos uma matemática criada pela mão humana. Aí vem à pergunta: por que nossos modelos matemáticos, principalmente os que são usados na física, se adaptam tão bem à natureza?

— Seleção natural — afirmou Mateus.

— Muito bem meu caro jovem. Sábias palavras! Nossos modelos matemáticos, assim como as espécies evoluíram. Veja que o modelo geocêntrico de Aristóteles, que afirmava que a Terra estava parada e tudo girava em torno dela, inclusive o Sol, era bem aceito, até que Galileu provasse o contrário. Assim o modelo de Aristóteles acabou sendo engolido pela seleção natural e outro melhor tomou o seu lugar. Veja que o teorema de Pitágoras não foi engolido por nenhum melhor. Assim nossos modelos matemáticos que tentam descrever o universo foram evoluindo para modelos mais realísticos possíveis. A conclusão disso é: a matemática evolui e se adapta ao meio.

— Se a matemática é uma obra humana — Carla ainda não estava convencida —, por que coisas aparentemente desconexas, como a razão áurea definida por Euclides e a sequência de Fibonacci podem estar relacionadas?

— Pois bem, Carla. Essa é outra corrente de pensamento. Alguns acham que realmente a matemática já existia para que pudéssemos um dia descobri-la. Ela estava lá em algum lugar nos esperando.

— Sendo assim, a Bíblia deveria estar cheia de pistas... — disse Carla.

— E está! — exclamou Laurent. — Por todo lado se percebe os números e ordem.

— Nunca vi um número irracional na Bíblia — disse Carla num tom desafiador.

Laurent já conhecia aquela aluna; sempre questionando... ele sorriu e continuou...

— Já que entramos nesse assunto... — disse Laurent olhando para o céu através do vidro. Ele recolocou o livro no local que estava anteriormente e se aproximou da mesa. Digitou algumas palavras no teclado e aguardou. A imensa plataforma deu um estalo e imediatamente começou se mexer. Mateus sentiu um frio na barriga enquanto subia em direção ao topo; era possível ver a forma espiral se materializar na sua frente enquanto centenas de livros passavam ao seu redor. Mateus estava curioso para saber qual livro estaria no topo, acima de todos.

Enquanto eles subiam pelo cilindro, Carla observava através do vidro o céu com algumas nuvens e imaginava o quanto aquele local era curioso.

Um estalo forte fez a plataforma diminuir a velocidade até parar, como um elevador chegando ao andar solicitado. Laurent retirou um pequeno lenço da gaveta e limpou as mãos. Em seguida se dirigiu em direção ao primeiro livro de toda a biblioteca. Carla já sabia do que se tratava. Laurent dizia que todo o conhecimento adquirido pela humanidade deveria nos levar para perto de Deus como uma escada. Por isso, a espiral ascendente se elevava em direção ao céu, e nenhuma teoria deveria estar acima do Grande Livro, do maior conhecimento, da maior conquista da humanidade inspirado por Ele.

Laurent caminhou em direção à estante, retirou uma pequena chave do bolso e abriu uma caixa em forma de livro. Bem adornado e pesado, ele se destacava como o maior e mais bonito livro da biblioteca.

— Aqui começa tudo... — tomando o livro com cuidado. — Está aqui I Reis 7:23... Então Salomão chamou Hiram filho de uma viúva de Neftali que trabalhava com bronze para ornamentar o templo. Aqui está... — lendo o trecho para Carla e Mateus...

Hiriam fez ainda o mar, todo de metal fundido, com cinco metros de diâmetro. Era redondo, tinha dois metros e meio de altura, e sua circunferência tinha quinze metros.

— Isso nos leva a concluir que eles usaram um π igual a 3 — disse Laurent.

Como o mar era redondo tendo um diâmetro de cinco metros, podemos concluir que seu raio era dois metros e meio. Assim utilizando a fórmula atual que nos dá o comprimento de uma circunferência através do raio: $\text{Comprimento} = 2\pi r$, temos $15 = 2\pi(2,5)$. Portanto temos $\pi = 3$.

— Viu, não existem irracionais na Bíblia, o π que eles usaram era um número inteiro — disse Carla.

— Cuidado Carla, nem tudo na Bíblia está colocado de maneira explícita — Laurent abriu em Eclesiástico 16:26:

No princípio, o Senhor criou as suas obras e, depois de havê-las feito, colocou cada uma em seu lugar. Fixou uma ordem eterna para suas obras, desde a origem delas até o seu futuro longínquo.

— Uma sequência divina... — completou.

— Escondida. Para que a descobríssemos? — perguntou Carla.

— Calma Carla. As coisas não são bem assim. Aqui escondem-se os maiores segredos da humanidade — respondeu Laurent indicando o livro sagrado.

— Fibonacci! — exclamou ela.

— Assunto perigoso mocinha... — nesse instante o interfone na mesa de Laurent soou... e Laurent atendeu. Era o mordomo.

— Senhor desculpe incomodar, mas... podemos servir o almoço?

— Sim Fred. — Em dez minutos estarei aí... — desligando o aparelho.

Laurent recolocou a Bíblia em seu local.

— Vamos, a mente precisa de energia para continuar... — disse Laurent.

O investigador retirou uma caderneta do bolso. Abriu e apanhou uma foto.

— Poderia descrever sua amizade com o brasileiro Michel?

Bernard contou a ele como havia conhecido Michel. Mas não disse nada sobre o manuscrito. O policial continuou:

— Quem era o homem que estava lhe perseguindo?

— Não sei, mas acredito que seja enviado por Milton.

— Milton?

— O diretor do IMPA — respondeu Bernard com dificuldade.

— E por que senhor Bernard, ele gostaria de vê-lo morto?

— Porque sei que foi ele quem matou Michel.

— E por que ele faria isso?

— Inveja.

— Poderia ser mais claro?

— Desde muito jovem Milton alimenta uma inveja doentia por Michel... — Bernard contou sobre a família de Michel.

Bernard sabia que mais cedo ou mais tarde a polícia chegaria no manuscrito. Seria muito difícil escondê-lo. Tudo estaria nas mãos de Carla.

CAPÍTULO 36

Galois se preparava para executar o plano que levaria à morte do rei Luís Felipe. Também se preparava para escrever tudo que havia feito durante toda a sua breve vida. Suas descobertas em matemática não poderiam morrer com ele. Depois de tantas derrotas na Academia de Ciências, Galois viu que a única forma dos intelectuais de sua época reconhecerem seu trabalho seria morrendo.

Não tinha dúvidas que seria lembrado por seus companheiros políticos pelo grande feito, e se transformaria em um mártir que lutou até o fim pregando a liberdade, a igualdade e a fraternidade.

A noite estava escura, o céu estava encoberto por nuvens. Em seu pequeno quarto no *Quartier Latin*, ele escrevia freneticamente. Tinha que terminar os manuscritos em apenas dois dias. Era o tempo de vida que ele tinha. Concentrado ele ouviu algumas batidas na porta. Ficou em silêncio. Ninguém além de Chevalier sabia onde ele estava.

— Abra a porta — do outro lado disse uma voz já conhecida.

Galois abriu devagar. O homem entrou abrindo a porta violentamente e pegou Galois pela camisa.

— Traidor! — disse o homem enfurecido.

— Do que está falando? — perguntou Galois.

— Stéphanie, Stéphanie maldito...

Herbinville derrubou Galois no chão o dominando.

— Não sei do que está falando... — respondeu Galois ainda atônito.

Nesse momento um segundo homem, mais velho, entrou. Fechando a porta.

— Muito bem, e você pode explicar isso? — o homem exibia um pedaço de papel com a letra de Galois. Era uma carta para Stéphanie. Na carta Galois falava como se fosse um namorado.

A pouca experiência de Galois com as mulheres ficara evidente. Seu contato com Stéphanie foi pequeno, mas o suficiente para que ele fantasiasse um relacionamento.

Não demorou muito para que o pai de Stéphanie descobrisse o relacionamento perigoso em que sua filha estava se envolvendo. Stéphanie já havia sido prometida a Herbinville e estava noiva.

Herbinville pegou a carta e mostrou para Galois.

— Isso você não pode negar. — Galois e Herbinville eram companheiros políticos e tinham destaque no partido republicano. Havia lutado juntos, mas agora estavam se transformando em inimigos mortais.

— Nunca imaginei que pudesse fazer isso Galois. Éramos amigos — disse Herbinville decepcionado.

— Não cometi nenhum crime. Eu e Stéphanie somos apenas amigos.

— Não é verdade — Herbinville mostrou o papel novamente.

O pai de Stéphanie se aproximou.

— Acha que somos idiotas? — disse o pai de Stéphanie.

— Nunca toquei em um fio de cabelo de sua filha. Meu amor não é o mesmo que você nutre por ela — disse olhando para Herbinville, — existem coisas que não podem ser entendidas por mentes não preparadas.

O ex-oficial do exército napoleônico era de poucas palavras. Ele olhou para Herbinville e disse:

— Acaba logo com esse verme.

Por mais que Herbinville odiasse Galois pelo feito, não podia simplesmente matá-lo sem direito a defesa. Isso seria uma vergonha perante os amigos compatriotas.

— Amanhã cedo Galois, na lagoa Glacier eu te espero para um duelo. Se realmente deseja Stéphanie vai ter que me matar. — Herbinville amassou o papel e jogou em cima de Galois repetindo: — Amanhã cedo.

Quando eles saíram, Galois ficou tentando imaginar como o pai de Stéphanie conseguiu aquela carta. Mas isso é o que menos importava. Galois tinha que escrever tudo até a manhã seguinte. As coisas haviam tomado outro rumo...

CAPÍTULO 37

— Vinho madame? — perguntou Fred.

— Não obrigada.

— Espero que gostem — disse Laurent enquanto Fred servia o galeto ao molho de ervas.

— Me parece ótimo — disse Carla olhando para Laurent.

Fred serviu a todos...

— Muito bem, onde estávamos?

— As escrituras sagradas... — lembrou Mateus.

— Ah, claro — assentiu Laurent. — Alguns acham que a Bíblia esconde vários segredos. Acredito em parte. Desde a antiguidade temos escondido informações. Seja para fins políticos, religiosos ou militares. Continuamos a esconder informações até hoje. Algumas sociedades secretas nascem justamente para esconder um grande segredo. Tudo isso depende de muitos fatores. No apocalipse de São João podemos ver claramente que a perseguição aos cristãos influenciava diretamente no modo como o autor escrevia suas cartas. Assim, mensagens cifradas podem ser colocadas em um determinado local de várias maneiras, seja em forma de códigos escondidos ou mesmo dentro da interpretação do texto. Em 1977 eu e um colega de trabalho começamos a varrer o antigo testamento em busca de indícios de codificações. Nosso computador não era mais do que uma boa calculadora hoje, mas já era suficiente para executar os algoritmos de busca. Começamos procurando por temas polêmicos, como por exemplo: as profecias da grande pirâmide de Gisé, mas não encontramos nada que pudesse ser levado a sério. Não podemos ignorar o fato de haver informações escondidas e se elas existirem, serão descobertas no momento certo.

— Acha que alguém poderia ter escondido algo via simetria? — perguntou Carla.

— Talvez Carla, não é novidade para ninguém que a simetria está em tudo à nossa volta. Vivemos num mundo simétrico. A natureza usa a simetria em larga escala. O homem nasce simétrico e durante sua vida constrói coisas simétricas. A busca pela perfeição passa pela simetria. A evolução segue o caminho da simetria. Portanto se existe algo escondido lá dentro, não tenho dúvidas, que terá em sua essência elementos de simetria. O difícil é dizer qual o tipo.

— Será que alguma geometria possa estar associada a tudo isso? — perguntou Mateus.

— Boa pergunta meu caro. Vejo que Carla sabe escolher bem suas amizades — disse Laurent elogiando Mateus. — Quando criança, aprendemos na famosa geometria euclidiana, onde retas são linhas infinitas com curvatura zero. Essa geometria se adapta bem ao mundo em que vivemos, tanto que se manteve firme por mais de dois mil anos e continua aí, como um norte para várias teorias; é a geometria que usamos no cotidiano.

Mas atualmente não é a geometria mais indicada para descrever o universo, que parece ter sua própria geometria. Até o início do século XX, acreditava-se que as geometrias não euclidianas não tinham aplicações diretas ao mundo físico. Apenas existiam dentro da matemática como teoria. Isso não causava estranheza aos matemáticos, temos hoje uma infinidade de teorias sem aplicações, a matemática é uma ciência que também anda só, sem a necessidade de aplicações, daí sua beleza. Mas as teorias desenvolvidas por muitos, como Bolyai e Lobatschewsky estavam lá, esperando alguém que as utilizasse um dia.

— Einstein usou a geometria de Riemann — completou Carla.

— Exatamente Carla, Einstein foi um dos primeiros a utilizar tais teorias. Outros depois dele começaram a aplicar largamente os conceitos da geometria não euclidiana. Veja que sabemos que a luz tem a trajetória desviada pela ação da gravidade. Isso sugere uma mudança na geometria para tentar descrever o espaço. Assim como dizem os físicos: o “espaço tempo-curvo” passa a utilizar elementos de uma geometria bem diferente da euclidiana. Para coisas finitas e pequenas, a geometria euclidiana funciona muito bem, mas ela não é a mais indicada para descrever o tecido cósmico que Ele criou.

— Talvez exista uma geometria geral — disse Mateus.

Laurent levantou a taça com o vinho. Um brinde ao cavalheiro. Mais uma vez elogiando Mateus.

— Você está certo meu nobre. Sem dúvida, essa teoria de uma geometria universal, na qual todas as geometrias que desenvolvemos até hoje sejam exatamente casos particulares dela, pode realmente estar correta.

Mas enquanto o Criador não fornece um conjunto mínimo de axiomas não podemos descobri-la.

Carla ficou pensativa com as palavras de Laurent. O mordomo observou que todos já haviam terminado.

— Posso servir a sobremesa senhor?

— Claro Fred — enquanto Fred providenciava a sobremesa, Laurent perguntou.

— Já falei demais, gostaria de ouvir, como vai aquela terra do sol? — disse Laurent se referindo ao país tropical que Carla havia escolhido para estudar.

Carla e Mateus falaram do Brasil para Laurent e depois de algum tempo estavam na sala conversando...

— Temos que ir — disse Carla se levantando.

— Ainda é cedo. A conversa está tão boa. Esse velho precisa ouvir mais essa juventude.

— Obrigada Laurent. Mas precisamos ir. Não tenho como lhe agradecer. Sempre que venho aqui, volto abastecida de conhecimento. Ensina-nos muito.

— Sabe que não faço isso — Carla já sabia o que Laurent ia dizer —, apenas desperto o conhecimento que já havia dentro de você.

Laurent acreditava que todos nasciam com o conhecimento dentro de si e o verdadeiro professor tinha o árduo papel de mostrar ao aluno como localizar e usufruir daquilo que ele já possuía desde que nasceu e não sabia.

Carla deu um forte abraço em Laurent. Depois Mateus apertou sua mão.

— Foi um prazer conhecê-lo — disse Mateus.

— Volte quando quiser. Essa casa sempre estará aberta para vocês.

Laurent caminhou com eles até a porta.

Depois que Carla e Mateus saíram, Laurent entrou em seu escritório e pegou o telefone plugado em seu computador. Ele usava uma linha criptografada pela irmandade para falar com os outros. Ele digitou sua senha e colocou o fone no ouvido. Do outro lado uma voz rouca soou.

— Προχωρήστε — disse a voz em grego.

— Έχω καλά νέα — disse Laurent... — do outro lado a voz ficou muda.

CAPÍTULO 38

Roma.

Marta estava na sala de embarque do aeroporto internacional Leonardo da Vinci. Enquanto observava as pessoas, imaginava como seria seu retorno ao Brasil e pensava em tudo que havia acontecido.

Mateus seria uma página virada, não conseguia deixar de pensar o quanto foi tola. A todo instante ela observava o celular. Diversas vezes havia selecionado aquele número e não tinha coragem de ligar. A sensação de derrota só aumentava o desejo de vingança.

A cena na torre estava pulsando em sua mente, estava tão perto. Mateus estava tão próximo, já podia sentir seus lábios. Em seus pensamentos estava claro que só precisaria de um tempo para que Mateus a enxergasse como mulher. Marta já havia sonhado tanto, seu amor por ele era algo que gostaria de levar para a vida inteira. Ao mesmo tempo em que se lembrava daquele momento romântico, associava a figura de Carla que acabou com todos os seus sonhos. Marta lembrou-se do momento em que Carla abriu sua bolsa. *Ele me deixou sozinha naquele quarto.*

Por duas vezes, Mateus a havia trocado por Carla.

Faltava tão pouco, esteve tão perto. Mas agora tudo se foi, e pior, a sensação que Marta tinha era que Mateus estava se apaixonando, e isso a atormentava ainda mais.

Marta não pensou mais e apertou a tecla *send* do seu celular.

CAPÍTULO 39

Hotel Normandy 22:00h

Um homem observava o casal entrar no hotel.

Dentro do quarto Mateus se aproximou da janela. E ficou observando a luzes da cidade.

— Carla tenho que lhe confessar uma coisa: antes eu tinha dúvidas, mas agora...

Mateus ficou pensativo. Carla se aproximou e abriu o restante da cortina.

— Poderia ser mais claro?

— Deus Carla.

— Já sei, Laurent te deixou impressionado não foi?

— Acho que sim — concordou Mateus —, ainda estou tentando entender como a sequência de Fibonacci reaparece no comprimento dos trechos simétricos. Será que? — Mateus fez uma pausa. — Lembra da espiral que Laurent falou?

— Sim, a espiral logarítmica — respondeu ela.

— A construção é baseada em sucessivos retângulos áureos. Certo?

— Aonde você quer chegar Mateus?

Mateus de repente ficou eufórico.

— Carla, preciso que faça um teste! — Mateus apontou para o computador.

— Qual?

— Armazene todas as palavras dos trechos simétricos. Vamos fazer uma mistura.

— Como assim? — perguntou ela.

— Por sorteio. Vamos construir um novo texto baseado nas palavras encontradas nos trechos simétricos. Use a função Random.

Mateus queria que Carla construísse um texto totalmente aleatório.

Carla não estava acreditando que aquilo pudesse chegar a algum lugar. Ela digitou alguns comandos e rodou o algoritmo. Segundos depois o programa apresentou o texto.

— Pronto Mateus, temos um texto cheio de palavras retiradas dos trechos simétricos construído totalmente de forma aleatória e que não diz absolutamente nada — disse Carla olhando para o computador.

— Certo, agora reaplique o algoritmo original apenas nesse texto, procurando por simetrias com espaçamento de Fibonacci, como você havia feito no início — disse Mateus.

Carla tomou algumas dezenas de páginas de texto geradas aleatoriamente e reaplicou o algoritmo original. Como o texto era bem menor, a velocidade de busca aumentou de forma exponencial e eles não conseguiram visualizar a atualização do contador que informava o tamanho das simetrias.

No começo Carla achou que não iria encontrar nenhuma simetria. Como um texto gerado por palavras totalmente aleatórias poderia significar alguma coisa, ou mesmo conter simetrias? *Isso é impossível.*

Quando o algoritmo parou Carla olhou para o contador de comprimento. O último número a assustou.

— Como eu imaginei! — exclamou Mateus.

O contador exibia o número 233 que representava o comprimento do maior trecho. Rapidamente ela abriu a sequência de todos os comprimentos gerados pelo algoritmo e mais uma vez ficou espantada. Estava lá, a sequência de Fibonacci.

Novamente o texto apresentava simetrias e em ordem crescente, o total de caracteres de cada trecho estava de acordo com os números de Fibonacci.

— Deus do céu, por quê? — disse Carla fechando a tampa do computador.

— Antes eu tinha dúvidas, mas agora tenho certeza. O pentagrama sempre foi um símbolo para a escola pitagórica e para algumas religiões. Tudo está claro agora. Quando tomamos as diagonais de um pentagrama regular, um novo pentagrama é formado em seu interior, novamente se tomamos as diagonais do pentagrama menor temos um novo pentagrama e isso continua infinitamente. O mesmo ocorre com a espiral logarítmica gerada por sucessivos retângulos áureos.

— Mas onde isso nos leva? — perguntou Carla.

— Ao caminho — respondeu Mateus.

— Caminho, que caminho?

— Sim Carla. Essa é a conexão. Um pentagrama gera infinitos pentagramas menores e todos relacionados com a razão áurea. Infinitos retângulos áureos geram a espiral. Veja que esse texto gerado de forma aleatória possuía simetrias. Isso vai ocorrer infinitamente gerando novos textos aleatórios. Só consigo imaginar uma coisa: a razão áurea está aqui indicando o caminho.

— Mateus, por favor! — Carla ainda não conseguira acreditar.

— Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida — disse Mateus repetindo as palavras de Jesus. — Minha mãe cansou de me dizer isso: a Bíblia é o melhor caminho meu filho. A dupla: razão áurea e Bíblia nos dá o caminho. Só existe uma forma...

— A espiral! — completou Carla.

— Isso mesmo. — Mateus sentiu um arrepio. — Como Galois conseguiu descobrir tudo isso?

Mateus estava explodindo em ideias.

CAPÍTULO 40

— A espiral é uma rota — disse Mateus empolgado. Carla não sabia o que pensar. Por outro lado fazia sentido.

— Mateus, talvez a espiral não exista fisicamente.

— Carla, tenho certeza que Galois viu essa espiral, sem dúvida ele encontrou algo...

— Como ele poderia ter visto a sequência de Fibonacci reaparecendo várias vezes se ele não possuía um computador! — disse Carla incrédula.

— Carla, Galois provavelmente encontrou as primeiras simetrias, e com elas ele conseguiu observar que geravam novas. Claro que isso não é fácil de acreditar, mas não podemos desprezar a genialidade de Galois.

— Talvez você tenha razão — disse Carla —, mas esse caminho... não faz sentido.

No quarto havia um pequeno mapa fornecido pelo hotel aos hóspedes. Paris recebia uma infinidade de turistas todo o ano. Era muito comum encontrar guias turísticos com rotas, telefones e outros serviços disponíveis para o turista. Mateus olhou para o pequeno mapa ao lado da TV. Depois foi até a janela. Dali era possível ver a ponta da torre Eiffel iluminada.

Mateus apanhou o mapa. Retirou uma caneta do bolso e riscou. Carla acompanhava ansiosa.

— Algo me diz que esse manuscrito é o caminho que a humanidade sempre sonhou encontrar.

— Mateus, acho que você está viajando... — Carla estava confusa com o que Mateus havia dito.

— Não Carla, não estou não! Galois sabia de tudo isso e conseguiu uma forma genial de escondê-lo.

— Tudo isso poderia ficar perdido para sempre — respondeu Carla.

— Concorro, mas acho que Galois criou uma espécie de roteiro para que seus amigos matemáticos encontrassem o segredo.

— Mas existiam padres matemáticos na época. Esse manuscrito poderia cair em mãos erradas.

— Seria um risco, mas Galois certamente não tinha outra escolha. Carla ainda estava viajando no tempo, e tentando encontrar respostas.

— Nosso problema é encontrar essa espiral aqui — Mateus exibiu o mapa riscado com o desenho da espiral.

Carla pegou o celular e ligou.

— Por que Bernard não atende, onde ele está?

Carla sabia que Bernard poderia ajudar a desvendar tudo aquilo. Mas ele simplesmente desapareceu.

Carla pegou a bolsa e olhou para Mateus.

— Precisamos ir a um local... — disse Carla.

— Para onde? — perguntou Mateus.

— A um café — ela respondeu.

— Café... está com fome? — Mateus ficava imaginando como alguém poderia manter aquele corpo comendo tanto.

— Não Mateus... Bernard costumava frequentar esse café.

— Carla, Bernard desapareceu, se nem está atendendo o celular, como pode estar em um café?

— Mateus, Bernard é uma pessoa muito esquisita pode ter certeza.

— Preciso ir até lá.

— Pode ser perigoso, sairmos à noite, e o tempo lá fora, parece que vai cair uma tempestade. — Mateus estava preocupado.

Carla e Mateus desceram e seguiram caminhando pelos Jardins das Tulherias.

— Estou com medo — disse Carla. — A todo o momento vem em minha cabeça que poderíamos entregar tudo isso às autoridades e denunciar Milton. Não sei se o que estamos fazendo é certo. Estamos arriscando demais. Ele não vai desistir até que ponha as mãos no manuscrito.

— Carla, somos os escolhidos, não percebeu isso ainda? — Mateus caminhava olhando para os lados.

Carla respirou fundo, e exibiu uma expressão de preocupação.

— Será mesmo?

Carla, por algum motivo o destino colocou esse manuscrito em nossas mãos. Milton será punido por seus atos. Acredite!

— Nessa altura, não duvido de mais nada — disse Carla sentindo arrepios.

— Nunca acreditei em Deus, às vezes eu tentava me enganar buscando respostas em uma força maior. Mas agora não tenho mais nenhuma dúvida, aquelas simetrias não podem ser obra do homem. Se Galois viu a espiral e escondeu algo através dela, vamos descobrir.

— Como? Se nossas pistas acabaram! Não consigo pensar em mais nada. — respondeu Carla com um tom desanimado.

— Galois não deixaria algo tão importante para qualquer um encontrar. Ele precisava de uma mente especial para revelar suas pesquisas. Tanto que pediu a Chevalier para entregar suas descobertas matemáticas a Jacob ou Gauss.

— E por que esse manuscrito não chegou as mãos desses matemáticos?

— É uma pergunta difícil. Galois certamente teve os seus motivos para não entregar os manuscritos especiais a Chevalier. Talvez porque Chevalier não fosse capaz o suficiente para executar seus planos; ou porque Galois não confiasse o suficiente para delegar essa tarefa a ele — disse Mateus.

— Confiar, acredito que ele confiava, caso contrário não teria deixado os manuscritos matemáticos com Chevalier.

— Certo — concordou Mateus. — Mas existe uma diferença de teorias. Os manuscritos que ficaram com Chevalier foram apenas de sua teoria matemática, sem impacto religioso. Não sei como seria a reação de Chevalier diante desse manuscrito. Naquela época a Igreja tinha um poder muito grande, e isso poderia afetar Chevalier.

— Mas ele comungava das mesmas ideias de Galois! — exclamou Carla.

— Herbinville também. E olha o que aconteceu! Galois tinha poucos amigos e muitos planos. Um deles era ser lembrado como alguém que lutou pela república e conseguiu feitos científicos inéditos. Não seria surpresa para mim que ele arquitetasse tudo isso para finalmente ser reconhecido.

— Já pensei diversas vezes nisso. Aquele duelo não faz sentido. — Carla, como muitos, tinha dúvidas sobre a morte de Galois.

— Galois não entraria numa roubada dessas. O cara sequer havia beijado a moça e foi duelar por ela, isso não está certo.

— Mateus, devemos lembrar que naquela época as coisas eram diferentes. Apenas um olhar já era o suficiente para que as pessoas duelassem — ele lembrou o dia que ficou olhando para Carla e Marta observou.

— Um olhar pode mudar o destino de uma pessoa — disse Mateus pensando alto.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Carla.

— Nada em especial... — respondeu Mateus saindo da pergunta. E Carla continuou...

— Galois pode ter sido assassinado.

— O rei? — disse Mateus.

— Talvez, ele estava mergulhado na política, era radical, e participava de reuniões secretas. Muitas delas com o objetivo de derrubar o monarca. A república estava no sangue de Galois. Não é por acaso que o escritor Alexandre Dumas disse o que disse!

Mateus não sabia dessa parte.

— E o que ele disse? — perguntou Mateus.

— Você não conhece a história? A Sociedade Amigos do Povo organizou um banquete no restaurante *Aux Vendanges de Bourgogne* para comemorar a absolvição de 19 membros. Estes eram presos políticos. Mais de duzentos membros foram convidados, inclusive o grande escritor Alexandre Dumas...

— Dumas... — não me é estranho.

— *O Conde de Monte Cristo, Os três mosqueteiros* — lembrou...

— Claro — respondeu Mateus se lembrando das obras.

— Também estavam presentes o biólogo Raspail e muitos outros amigos do povo. Dumas estava conversando com um amigo ao lado, quando ouviu alguns gritos e assobios. Dumas diz ter visto um jovem erguendo uma taça e um punhal, tentando ser ouvido. Ele dizia "*morte ao rei Luís Felipe*". No mesmo texto onde Dumas descreve o episódio, ele também diz que Galois foi preso dois ou três dias depois.

Mateus ouvia atentamente. E Carla continuou.

— Tem uma parte engraçada, Dumas diz que o episódio ultrapassou seus limites republicanos... seu companheiro ao lado já havia pulado a janela com medo, ele não pensou duas vezes e fez o mesmo.

— Galois, cheio da cana, engraçado! — comentou Mateus. Carla deu uma risada lembrando das *gírias brasileiras*...

— Certamente Mateus, ele já deveria ter bebido demais, e já viu, ele gostava de chamar a atenção. Desde o tempo do Liceu.

— Galois bebum com um punhal e uma taça. Que cena triste — disse Mateus.

— Claro que o rei tinha todas as razões para tirar Galois de seu caminho. Depois da morte de Galois, seus familiares acusaram a polícia real como principal autora.

— Mas e o duelo? — perguntou Mateus.

— Galois disse ter sido provocado por dois homens e dito verdades para pessoas não preparadas para ouvi-las, disse também que tentou de todas as formas uma solução conciliatória. Não obteve sucesso, ele não conseguia mentir, e sua honra foi provocada. Existem algumas hipóteses, para que Galois fosse duelar por Stéphanie.

— Vamos lá Sherlock Holmes — disse Mateus.

— Mateus não brinque, por favor...

— Tudo bem, vamos lá. Mas lembre-se minha opinião é que ele armou tudo.

— A primeira hipótese seria de que Galois provocou tudo isso mesmo. Na mesma carta, onde ele diz ter sido provocado, ele também pede aos amigos para que se lembrem dele.

— Eu defendo isso. Galois é o arquiteto principal de sua morte.

— Concordo com você, mas lembre-se não temos provas de nada.

— Além disso, não podemos deixar de mencionar o irmão dele.

— Alfred — completando Mateus.

— Sim, ele mesmo. Existem alguns indícios de que ele poderia estar envolvido com a morte de Galois.

— Mas por quê? — perguntou Mateus.

— Inveja talvez, Alfred poderia ver em Galois tudo o que gostaria de ser. Político e gênio matemático. Não sei bem, mas... — ela avistou o café.

— Por ali Mateus — apontando para o estabelecimento. — É estranho pensar que Alfred tenha arquitetado tudo isso.

— Carla, da forma que Galois escreveu as cartas fica bem claro que ele sabia do seu fim.

— Se ele sabia, por que estava sem tempo, como diz nas cartas? Se ele pensava em suicídio programaria com antecedência tudo, inclusive seus manuscritos.

— E programou. Esse manuscrito que temos está cheio de rabiscos, mas não vejo falta de tempo. Talvez ele tenha feito isso nos outros para dar mais autenticidade à sua morte — disse Mateus —, ele queria ser lembrado, queria ser um mártir. Mas nesse momento já não nos interessa se ele arquitetou ou não sua morte. Precisamos de respostas.

— Mateus, você já imaginou o que faremos depois que tudo isso acabar?

— Ainda não consegui pensar nisso. Tantas coisas vêm à minha cabeça. Inclusive o abalo que tudo isso vai ter na comunidade científica; um manuscrito que ninguém sabia da existência, todos esses cálculos e resultados, tudo isso certamente vai causar um forte impacto. Só tenho medo que caia em mãos erradas e seja usado para o mal.

Carla estacou de uma vez.

— É aqui — disse ela se referindo ao café nas proximidades do Arco do Triunfo.

Carla e Mateus entraram. Ela observou os locais onde Bernard gostava de ficar. Algumas pessoas conversavam tranquilas enquanto o tempo estava ficando cada vez mais fechado.

— Vamos esperar um pouco — disse Carla. — Preciso falar com Bernard.

— Onde está esse cara? — perguntou Mateus.

— Talvez Milton... — Carla fez uma cara de tristeza imaginando que Milton já tivesse acabado com Bernard.

Carla pediu um café e Mateus um suco. Carla continuava tentando ligar para Bernard. Enquanto Carla estava ocupada com o celular, Mateus ficou pensativo.

— *Simetria Mateus, pense em simetria...* — imaginava sozinho.

— Nada... — disse Carla desligando o celular.

— Tudo gira em torno da simetria — ele fez uma pausa —, talvez exista algo na teoria que não estamos percebendo.

Carla tomou um gole de café e pensou no que Mateus falou, tentando imaginar algo que pudesse ajudar.

— Galois usou os grupos S_n . — disse Carla. — Os chamados grupos de permutações, ou grupos simétricos. Por exemplo: podemos tomar três letras a, b, c e permutar (a, b, c) , (c, b, a) , (a, c, b) , (c, a, b) , (b, c, a) , (b, a, c) , temos no máximo seis permutações: três fatorial $3! = 3 \times 2 \times 1 = 6$. Esse número de permutações pode ser estendido para um grupo qualquer de elementos, ou seja, com n elementos, onde temos $n!$ (n fatorial) permutações, ou seja, $n! = n \times (n-1) \times (n-2) \times \dots \times 3 \times 2 \times 1$ é nisso que a teoria se apoia, fazendo tudo convergir para grupos de simetria.

— Galois, deve ter deixado alguma pista, tenho certeza — afirmou Mateus.

— Existem alguns trechos... — Carla não terminou de falar e fez uma pausa... — Claro Mateus, talvez seja isso, você tem razão... — Mateus já sentiu o tom de euforia em Carla. A última vez que Carla ficou assim ela descobriu algo bastante importante.

— Isso o quê? — perguntou Mateus.

— Não dei a devida importância, assim como nas cartas que Galois deixou existe muita rasura e rabiscos no manuscrito. Sempre achei que fosse a pressa de escrever, e acho que você está certo, não era pressa — ela olhou para os lados e abriu a bolsa, retirando o manuscrito. Mateus olhou para os lados procurando por câmeras.

— Cuidado — disse ele olhando para os lados.

— Veja — exibindo a página —, o ponto chave onde Galois começa a teoria tem uma rasura. — Ela passou para as páginas seguintes procurando por mais rasuras. Algumas iam aparecendo, mas não diziam, nada apenas rabiscos. Até a metade do manuscrito havia rasuras, mas depois elas desapareceram, como se Galois não errasse mais e escrevesse tudo certo.

Carla ia passando e não encontrava rasuras. — Existe algo estranho com essas rasuras.

— Veja se as páginas onde elas aparecem estão na sequência de Fibonacci — disse Mateus.

— Isso não acontece — disse Carla exibindo uma rasura na página seis.

Carla levantou a primeira página contra a luz tentando observar se havia algo por baixo dos rabiscos. Algumas pessoas ficaram olhando. Mateus acompanhava curioso.

— Não vejo nada — disse ela.

Mateus pediu licença e pegou o manuscrito das mãos de Carla. Tomou a mesma página e colocou sobre o café.

— Mateus, o que vai fazer? — disse Carla preocupada.

O vapor começou a revelar algo que estava entre os rabiscos.

Carla não se conteve e arregalou os olhos. Por debaixo da rasura estava bem claro para eles, era o teorema fundamental da aritmética e sobre ele a palavra *parfait*.

Mateus parou o processo e se levantou, retirou alguns euros da carteira e deixou em cima da mesa, pegando no braço de Carla:

— Rápido, vamos.

— E Bernard? — perguntou Carla.

— Depois a gente pensa nele — disse Mateus puxando Carla.

CAPÍTULO 41

No setor de desembarque do Aeroporto Charles de Gaulle o ex-agente do governo russo apresentava seu passaporte. O atendente dentro do guichê bateu o carimbo liberando-o em seguida. Ele precisava correr. Tinha que localizar e recuperar algo que estava perdido há anos.

CAPÍTULO 42

Carla e Mateus caminhavam com pressa fazendo o percurso de retorno ao hotel. Mateus havia visto algo que poderia realmente indicar o caminho da espiral.

O teorema fundamental da aritmética foi enunciado pela primeira vez no livro XI da coleção de Euclides, 300 anos a.C. Carla se lembrou da primeira vez que viu uma cópia da coleção na escrivaninha do padre Lucas. De alguma forma ela queria apagar essa lembrança e preferia lembrar-se da biblioteca na escola onde estudou.

O teorema fundamental da aritmética dizia que qualquer número inteiro maior que 1 (2, 3, 4, 5, 6, 7, ...) poderia se decompor como o produto de outros números; esses números eram chamados de números primos (2, 3, 5, 7, 11, 13, 17, ...) cujos únicos divisores positivos são o 1 e ele mesmo. Era o caso do número 12 que poderia ser apresentado como o produto de $12=2 \times 2 \times 3$, e $30=2 \times 3 \times 5$. Todos se decompõem em produto de números primos. Assim como os seres humanos são formados por pequenas partes chamadas de células, os números inteiros também eram formados por partes menores, ou seja, pelo produto de números primos.

— Temos uma espiral e um teorema. Precisamos encontrar a conexão — disse Mateus. — Esse é o trabalho de um bom matemático, com poucas informações deduzir e encontrar toda a teoria! — completou Mateus.

— Tudo bem matemático, vamos lá então! — Carla olhou com um leve sorriso.

— Veja só, a palavra *parfait* (perfeito) está sobre o teorema fundamental.

— Números perfeitos — disse Carla.

— Exatamente. E me refiro ao 7 — respondeu Mateus.

— Mas temos um problema aí — contestou ela —, na Bíblia o 7 é considerado um número perfeito. Mas na definição de número perfeito dentro da matemática, o 7 não é considerado um número perfeito. Nessa definição, os números perfeitos são aqueles que são a soma de seus divisores positivos menores do que ele. Por exemplo, o 6 é um número perfeito pois é a soma de seus divisores positivos $1 + 2 + 3$. É também o caso do 28 que é a soma de $1+2+4+7+14$.

Mateus parou para refletir.

— Então Deus deveria criar o mundo em apenas 6 dias e não em 7 — disse Mateus.

— E criou — respondeu Carla. Trabalhou seis dias na criação e descansou no sétimo. — Mateus ainda tentava defender o 7.

— Que estranho, então o número 666 seria um super número perfeito.

— Não Mateus, o número 666 não é um número perfeito. Os números perfeitos conhecidos são 6, 28, 496 e o próximo 8128 e outros maiores. O 666 não é um número perfeito.

— Carla, preciso de uma relação entre números primos e números perfeitos.

Carla ouviu e ficou em silêncio. Enquanto a tempestade começava a se aproximar eles caminhavam mais rápido.

— Sim Mateus, existe uma relação. — Mateus respirou mais aliviado.

— Foi descoberta por Euclides: ele observou que o número $x=2^{n-1}(2^n-1)$ era um número perfeito par sempre que o número 2^n-1 era um número primo, veja que 6, 28, 496, 8128 podem ser obtidos usando esta fórmula com $n=2, 3, 5, 7$.

O cérebro de Mateus estava a mil, tentando imaginar as possibilidades e continuou a perguntar.

— Então temos uma conexão dos números perfeitos com números primos, precisamos de uma conexão com o 7.

— Por que insiste tanto no 7?

— Porque é bíblico. Galois está querendo uma conexão. Lembra, você mesma me disse, fé e ciência podem andar juntas.

— Tudo bem. Santo Agostinho tentou fazer uma conexão, mas não obteve muito sucesso. A única coisa que ele observou, foi o fato de que Deus trabalhou os seis dias e a Lua orbita a Terra em 28 dias; dois números perfeitos.

— Perfeitos ou não, acredito que vamos tomar um banho se não correremos. — Mateus disse olhando os relâmpagos cruzavam o céu

— Me diga algo que eu não saiba! — disse Carla olhando para cima.

— Todos os números perfeitos que você me falou são números pares, inclusive a fórmula $x=2^{n-1}(2^n-1)$ só gera números pares.

— Até hoje não sabemos se existem números perfeitos ímpares. Muitos afirmam que realmente não existem, mas ainda não foi provado por nenhum matemático. O que sabemos é que Leonhard Euler no século XVIII provou que todo número perfeito par é da forma $2^{n-1}(2^n-1)$.

— Esses números 2^n-1 ... — Mateus estava tentando se lembrar onde havia visto.

— Quando 2^n-1 é um número primo, dizemos que é um primo de... — Carla fez uma pausa, parou a caminhada e sentiu um arrepio na espinha... enquanto os ventos cortavam as ruas balançando as árvores indicando a tempestade que estava cada vez mais perto.

Mateus observou e ficou em silêncio.

— Meu Deus! — Carla estava assustada. — Você tem razão. Ele realmente quer mostrar uma conexão da ciência com a fé.

— Mateus não entendeu. — Carla abriu a bolsa e retirou um papel.

Era um pequeno convite para um retiro espiritual que a paróquia São Francisco de Paula estava promovendo.

— Claro! Por que não vi isso antes?

— Claro o que Carla? — perguntou Mateus.

— Mersenne... — disse Carla pensando alto.

Mateus sabia que Mersenne foi um grande matemático, mas como ele entra nessa história?

— Carla guardou o pequeno papel na bolsa e tentava localizar o manuscrito com tanta pressa que mal ouvia Mateus.

— Você pode dizer onde achou esse papel? — Mateus estava ansioso por uma resposta. — o vento forte soprava sem parar pelas ruas.

— Não achei, uma mulher me deu no ônibus — enquanto procurava dentro da bolsa.

— Foi aqui na França? — perguntou Mateus já com uma voz mais alta devido ao barulho promovido pelo vento.

— Não — abrindo o manuscrito.

— Onde Carla? — Mateus já estava ansioso.

— No Rio... No dia em que Michel foi encontrado morto.

— Deus do céu! — Mateus parou e fez cara de espanto.

Carla e Mateus encostaram debaixo de uma marquise, enquanto a chuva começava a cair.

— Os números que estamos falando $2^n - 1$ são chamados de números de Mersenne em homenagem a Marin Mersenne. — Carla falava enquanto passava o dedo sobre os rabiscos que Galois fez sobre o teorema.

Mateus ficou pensando.

— Carla esses números de Mersenne não são aqueles que a gente tenta encontrar emprestando o computador na internet?

— É o *Great Internet Mersenne Prime Search* (GIMPS), um grupo que pesquisa números primos de Mersenne. Você instala um programa em seu computador e ele passa a fazer parte de uma família de computadores que trabalham em conjunto para procurar esses números, os famosos números primos de Mersenne que são utilizados para a fabricação de programas de segurança utilizando criptografia.

Carla se referia à proteção de informações sigilosas. Os dados seriam codificados para que no caminho até o seu destino permanecessem em segurança. Esse sistema codificava o conteúdo e caso ele fosse roubado, o ladrão precisaria descobrir uma chave, e essa chave era um número primo muito grande, mesmo utilizando computadores de alta velocidade seriam necessários muitos anos para que o ladrão descobrisse o que estava escrito. Quanto maior o número primo encontrado melhor seria o sistema de segurança. Isso justificava a busca por números primos de grande porte.

— Então é por isso que eles pagam um “cascalho”. — Carla entendeu as palavras de Mateus.

— Sim, muitos desses grupos pagam para que você empreste um pouco do seu computador. Sai mais barato. O maior primo de Mersenne encontrado até agora é o $2^{43112609} - 1$, que se fosse escrito em um caderno, daria mais de 3.400 páginas cheias pela sua quantidade de dígitos.

A cabeça de Mateus ainda estava processando tudo aquilo.

— Mas qual a conexão de um convite de uma paróquia lá no Rio de Janeiro com Mersenne? — perguntou Mateus.

— Simples, Mersenne era um padre da ordem dos mínimos. A mesma ordem da paróquia. Essa ordem foi criada no século XV por São Francisco de Paula. Não sei muito sobre ela, mas sei que Mersenne dedicava-se à oração e estudo. Também mantinha amizade com Descartes, Torricelli e foi orientador de Blaise Pascal. Todos eles tiveram em suas obras uma contribuição de Mersenne. — Carla falava e olhava os rabiscos de Galois.

— Uma paróquia no Rio da mesma ordem de Mersenne? Por essa eu não esperava.

— Acredite Mateus, essa paróquia está localizada na Barra da Tijuca. — disse Carla concentrada no manuscrito.

— Pode me dizer o que tanto você observa nesses riscos?

— Estranhei essa forma desde que vi pela primeira vez. — Ela mostrou a Mateus os riscos feitos em cima do teorema. — Veja Mateus!

Mateus só observava os rabiscos e nada mais.

— Já vimos o que tem por baixo — respondeu Mateus.

— Não são rabiscos, é um mapa. — Carla indicava a forma passando o dedo sobre os rabiscos.

Mateus fixou o olhar e percebeu a imagem. Para Carla estava claro, o ponto de início que estavam procurando na espiral era uma Rua em Paris.

— Que mente fértil! — exclamou ele.

— *Rue des minimes*. Essa é a conexão. Mersenne, fé, matemática, números primos e números perfeitos — disse Carla em francês.

— Você não recebeu esse papel por acaso. Por algum motivo foi escolhida.

Carla suou frio.

— Santo Deus!

— Você sabe onde fica? — perguntou Mateus.

— Não, mas isso é fácil — respondeu Carla.

Carla guardou o manuscrito e eles correram em direção ao hotel. Do outro lado da rua, Nikolay observava atentamente e verificava algumas fotos em seu celular. Logo depois enviou uma mensagem.

CAPÍTULO 43

Chegando na recepção do hotel Carla abriu a bolsa, ligou o laptop e começou a fazer as buscas. Mateus estava com o mapa nas mãos. Mas encontrar a rua entre tantas não era tarefa fácil.

— Vamos lá — falando em voz alta e pesquisando no Google Maps. Em poucos segundos Carla localizou.

— Fica aqui! — disse ela apontando para a tela do laptop.

— Existem muitas construções nessa rua, como vamos encontrar algo lá se não temos um número, ou qualquer outra referência?

— Mateus, você mesmo apontou o caminho. A espiral lembra? Não vamos à Rua dos mínimos, não existe nada por lá.

— Como não? Se temos a conexão com Mersenne. Existe algo lá sim.

— Olha para isso aqui. — Novamente Carla apontou para os rabiscos.

Ela localizou um lado de um quadrado com uma pequena marca.

— Mas o que isso significa?

— Está dividido na razão áurea — disse Carla se referindo ao segmento.

— Você está brincando? — Mateus correu e apanhou uma pequena régua na mesa da recepcionista e fez as medidas.

— Santo Deus! — Mateus ficou assustado ao ver que o segmento estava realmente dividido em razão áurea e ainda, que o ponto de divisão estava exatamente no meio da rua dos mínimos.

— Agora podemos reproduzir a espiral exatamente como ele queria — disse ela.

Carla abriu o mapa de Paris, recortou e colou em um programa de desenho fazendo proporcional às medidas tomadas no manuscrito. Construiu a espiral em um programa matemático selecionou e recortou. Em seguida colou em cima do mapa sobrepondo o ponto de acordo com a orientação na rua dos mínimos.

— Vamos lá, vamos ver para onde isso vai...

Mateus acompanhou atento a tela do computador, enquanto a chuva começava a cair mais forte lá fora.

Quando Carla terminou e ampliou a imagem seus olhos arregalaram e sua face ficou visivelmente modificada.

— *Montparnasse* — disse Carla assustada.

— O cemitério? — perguntou Mateus assustado.

— Sim — disse ela. Mateus sentiu o frio repentino percorrendo toda a sua espinha.

— Mas esse cemitério é muito grande como vamos encontrar algo lá? — Existe uma infinidade de tumbas — questionou Mateus.

Carla concordou com Mateus, seria como procurar uma agulha em um palheiro.

— Está certo, não faz sentido.

— E se ele está apontando para sua própria sepultura?

— Ela não existe mais — disse Carla. Galois foi enterrado em vala comum. Já desapareceu.

Mateus colocou a mão no queixo e ficou pensando.

— Faça uma busca por matemáticos que foram enterrados em Montparnasse.

Carla fez a busca. O site retornou a *Henri Poincaré*.

— Pelo visto apenas *Poincaré* está aqui — ela falou para Mateus.

— Faça uma busca por conexões entre Galois e Poincaré.

Carla imediatamente digitou as palavras de busca: Galois, Poincaré relações.

Os resultados não foram o que Mateus esperava.

— Nada! — exclamou Carla.

— Mude a busca, escreva: Poincaré, Galois, sepultura.

Os resultados começaram a aparecer na tela do pequeno laptop. Mais uma vez eles não conseguiram nenhuma informação relevante.

— Galois, localização, sepultura — sugeriu novamente Mateus.

O computador apresentou uma infinidade de sites, Carla começou a percorrer em busca de algum resultado.

— Como alguém pode esconder algo na própria sepultura? — perguntou Carla enquanto percorria os sites.

— Simples, ele já sabia que iria morrer e já sabia onde seria enterrado.

— E por que escolheria ser enterrado com a descoberta? Seria muita loucura — afirmou Mateus.

— Realmente Mateus não faz senti... — Carla pausou —, espere um pouco.

Veja isso Mateus.

Ele se aproximou da tela e observou.

Um site sem autor, afirmava que Poincaré estava sepultado exatamente no mesmo local onde Galois havia sido enterrado.

— Isso só poderia ser brincadeira — disse Carla sem acreditar.

— Acho que não. Amplie a espiral o máximo que você puder.

Carla fez o que Mateus pediu. Apesar da dificuldade de resolução e da margem de erro, a espiral apontava para a seção onde Poincaré estava enterrado dentro do cemitério.

— Não é possível? — Carla ainda estava incrédula.

— Sem dúvida Carla, apesar de não indicar exatamente, podemos ver claramente que ela aponta para a seção onde ele está. Seria muita coincidência esse site afirmar isso e ainda indicar para o mesmo local.

Carla rolou a página até o fim, observando as outras maluquices que estavam no site.

— Espere Carla — interrompeu Mateus —, veja esse contador de acessos. O número indicava 0000001. Somos os primeiros a visitá-la.

— Que estranho! — exclamou Carla.

CAPÍTULO 44

Do outro lado da cidade um computador ligado à internet apitou. Acesso número 0000001. Um homem levantou calmamente da cadeira, verificou a tela e logo após fez uma ligação.

— *Chegou a hora* — disse ao telefone.

CAPÍTULO 45

Carla e Mateus subiram para o quarto do hotel.

— Quem é o maluco que construiu esse site? — perguntou Mateus.

— Não sei, mas isso está cada vez mais esquisito. Como uma espiral que leva à verdade pode iniciar em um cemitério? — perguntou Carla.

— Através da morte podemos saber o que existe além dessa vida. O começo da vida — disse Mateus.

Carla sentiu um nó na garganta.

— Jesus Cristo, onde vamos chegar com tudo isso?

Ela se levantou da pequena escrivaninha e deitou na cama com um ar de medo. Mateus sentou ao lado e ambos ficaram em silêncio.

Olhando para o teto Carla observava um pequeno lustre que iluminava o quarto. Sua mente não parava de processar todas as informações obtidas até ali. Mateus apenas olhava para Carla. Agora observando sua beleza e vendo o quanto Galois foi genial utilizando a simetria em sua teoria descobrindo informações desafiadoras.

A chuva lá fora dava sinais de que iria aumentar. Os relâmpagos e trovões indicavam isso.

Carla levantou da cama num pulo só. Mateus assustou sem entender.

— Vamos ao cemitério — disse Carla já se ajeitando.

— Mas Carla! — Mateus retrucou. — Não temos informações precisas e onde vamos procurar? Além disso, já passa das 22h o cemitério está fechado.

— Eu sei, mas vamos tentar, preciso ver uma coisa.

— Ver o quê? — perguntou Mateus.

— Quando chegarmos lá você saberá. *Eu espero.*

Carla pegou o manuscrito e a mochila.

— Vamos — Mateus pegou apenas sua carteira e saiu.

Em frente ao hotel Carla observava se havia algum táxi estacionado em frente. Mas a chuva aumentava e Carla não conseguia ver direito.

Um funcionário do hotel ofereceu duas capas de chuva transparentes.

Mateus pegou e colocou na mochila e olhando para Carla disse:

— Tem certeza que quer fazer isso?

— Tenho — ela viu um táxi chegando ao hotel.

Mal o casal desembarcou do mercedes e Carla já estava entrando no carro.

O motorista olhou para Carla e disse:

— Última corrida senhora, vou chamar outro táxi. Carla abriu a bolsa e retirou uma nota.

— Penúltima! — exclamou Carla. — Esta será a última. Mostrando a nota de 100 euros. O taxista olhou para o relógio.

— Para onde?

Cemitério *Montparnasse*.

Do outro lado da rua em meio à forte chuva que caía, um citroën prata estava estacionado com dois homens dentro.

O táxi arrancou. Logo após o citroën deu partida.

CAPÍTULO 46

Paris, Final do Século XIX.

Sentado na escrivaninha de sua casa, um homem folheava um pequeno manuscrito feito às pressas. Já passava da meia-noite e após um dia inteiro de trabalho ainda não havia se cansado. Dois jovens bateram em sua porta às cinco da manhã com uma pequena pasta cheia de papéis. Desde então, seu cérebro não descansou um só minuto imaginando todas as implicações daquele trabalho.

Joseph Liouville era um professor que sempre elogiou seus alunos, sempre apreciou a criatividade e nunca poupou esforços quando o assunto era matemática. Já havia trabalhado com grandes nomes de sua época. Doutorou-se em Matemática pela Faculdade de Ciências de Paris sendo orientado por Poisson e Thénard. A presidência da Academia de Ciências lhe trouxera muito trabalho. Mas não mais do que a irmandade lhe proporá.

Enquanto lia os papéis alguém bateu. Ele sabia quem estava chegando. Levantou-se e caminhou em direção à porta. Lá fora, um homem vestido com um casaco preto feito de lã, aguardava ansioso.

— Quem bom que chegou — apertando sua mão. — Entre. Ele levou o homem até seu escritório.

— Sente-se.

O homem sentou em uma pequena mesa circular. Liouville apanhou alguns papéis e um pequeno caderno de anotações.

— Veja isso — entregando ao homem.

Alguns minutos foram o suficiente para que ele entendesse a gravidade do problema.

— Já verificou a veracidade das afirmações? — perguntou o homem.

— Sim meu amigo, está tudo correto — disse Liouville em tom de preocupação.

Os papéis davam conta do teorema que discorria sobre a resolução de equações por radicais utilizando a teoria dos grupos, criada por Galois. Eles estavam de posse da teoria de Galois que conhecemos hoje.

— Como não vimos isso antes, por Cristo?

— Não sei, mas ele tentou, veja! — Liouville mostrou uma folha com o recebimento de vários artigos pela Academia.

— Por que não foram analisados? — perguntou o homem irritado.

— Não sei, mas parece que esses papéis desapareceram dentro da Academia.

Liouville caminhou em direção a outro manuscrito.

— Veja isto — abrindo para que o homem pudesse ver. — Não sei quanto à veracidade deste, ainda não tive tempo para olhar, mas...

Liouville fez uma pausa e pegou a Bíblia.

— Observe essas simetrias — indicando.

O homem acompanhava as explicações de Liouville com cuidado. Depois de alguns minutos ele disse:

— Precisamos falar com os outros!

CAPÍTULO 47

Enquanto o táxi virava à esquerda na maior praça da capital francesa a *Place de la Concorde*, Mateus observava alguns pontos históricos com dificuldade, a chuva estava bem forte. Mais uma vez ele pensou em toda aquela aventura e em meio a tantos acontecimentos. Algumas vezes visualizava Marta.

Carla seguia calada e pensativa, seu olhar no infinito transpassava o vidro meio embaçado. Mateus quebrou o silêncio.

— Não sei se estamos perto do fim, mas gostaria que isso acabasse logo — e pegou na mão de Carla.

O motorista do táxi ficou imaginando que tipo de problema aquele jovem casal atravessava.

Carla demorou alguns segundos para sair do transe.

— Eu também. Tenho medo do que vamos descobrir, e se somos dignos de conhecer certas coisas. — Carla disse isso com um olhar bastante preocupado. — Não sei bem explicar, mas não tenho um bom pressentimento do que está por vir.

Mateus apertou a mão de Carla.

— Estarei do seu lado — disse ele.

Ela lembrou-se das palavras da avó. Mais uma vez Carla sentiu a mão quente e forte de Mateus. A sensação de confiança parecia cada vez maior. Aquela mão havia salvado-a na torre. Mas ela não sentia só confiança, algo de puro e sincero no olhar de Mateus trazia à tona sensações que Carla não sentia há muitos anos.

O táxi seguiu para a *Boulevard Raspail*, em poucos minutos estariam no *Cimetière Montparnasse*.

A pedido de Carla o motorista parou na *Rue Emile Richard* próximo à esquina com a *Rue Froidevaux*. Já passava das 22h30 e não havia movimento por ali. Carla e Mateus desceram do táxi já vestidos com as capas de plástico transparente. Em meio à chuva forte e alguns relâmpagos eles seguiram para a entrada principal no *Boulevard Edgar-Quinet*. Mais duzentos metros e eles já estariam de frente para a entrada principal do cemitério.

Agora de frente para portão principal, Carla sentiu um rastro frio em sua espinha. O cemitério não era o melhor local para se ir à noite, muito menos em um dia como aquele.

Não vão nos deixar entrar — Ela imaginou.

Carla caminhou em direção à entrada principal. Havia uma guarita e um segurança estava sentado lendo; havia um pequeno rádio transmissor em sua cintura. Carla bateu no vidro meio embaçado. Abrindo a janela e meio assustado devido ao horário, o homem apareceu.

— O que deseja senhora?

— Senhor, sei que é muito tarde, mas gostaria de visitar alguém que considero muito. Devido ao atraso no meu voo, não pude vir, e tenho que ir embora amanhã muito cedo, só queria fazer um agradecimento a quem tanto me ajudou.

— Senhora, não posso permitir que entre, o horário de visitação está encerrado, volte amanhã.

Carla sabia que não seria fácil entrar no cemitério naquele horário.

— Poderia falar com seu superior? — insistiu Carla.

— Senhora, *s'il vous plaît*. Tenho ordens claras para não deixar ninguém entrar.

Carla sabia que não conseguiria, e deveria mudar de estratégia.

— Obrigada, tentarei voltar amanhã — tentando não chamar a atenção.

O guarda voltou e sentou-se na mesma posição em que estava antes. Eles caminharam aproximadamente vinte metros, saindo da linha de visão da guarita.

— Precisamos encontrar um jeito de entrar — disse Carla.

Mateus apontou para o muro.

— Você está louco! Provavelmente existe um sistema de segurança ativo no muro.

Além disso, não tenho boas lembranças — sentindo uma pontada no estômago e lembrando da fuga muitos anos antes.

— Não tem outro jeito — disse Mateus.

Carla ficou pensando naquela hipótese. O muro era uma barreira que ia além de algo erguido com tijolos e cimento. Mateus olhou para Carla.

— Venha — seguindo em direção à *Rue Émile Richard* que dividia o cemitério em duas partes.

Mateus observou as árvores ao lado do muro. A chuva forte e a rua escura lhe dariam um tempo. *Talvez aqui a segurança demore mais a descobrir uma invasão.* Imaginou ele.

O muro não era alto, Mateus podia pular facilmente, *parece o muro de dona Sofia.* Lembrando do tempo que apanhava algumas frutas escondido.

Mateus olhou para os lados e retirou a capa. Correndo e tomando impulso deu um pulo rápido e já estava no topo. As árvores estavam dificultando a passagem de luz que vinha dos postes.

— Carla, venha comigo — estendendo a mão para Carla.

Carla retirou a capa e olhou para o muro. Novamente sentiu a mesma pontada no estômago. Quando pegou na mão de Mateus em meio à chuva fria, Carla sentiu o conforto irradiando para todo o seu corpo. Mateus avançou a mão para o pulso de Carla segurando mais forte. Carla pôde sentir o aperto e a preocupação de Mateus com sua segurança.

Ela começou a subir o muro se posicionando no sentido de escalada auxiliando com os pés. A chuva forte havia deixado a superfície bastante lisa, e Carla tinha dificuldades para subir, em um momento de descuido, Carla escorregou, mas Mateus estava bem preparado e segurou o bastante para manter Carla pendurada.

Como na torre, ela tentou novamente. Agora com mais força e intensidade, conseguindo subir ao topo. Do outro lado havia uma sepultura, com uma cruz alta.

— Por ali — apontando Mateus para a cruz a uns oito metros adiante ao lado do muro. Seria mais fácil descer.

— Você está louco? Quer que eu caminhe aqui em cima? — perguntou Carla.

— Vamos você consegue! Venha. — Ele estendeu a mão fornecendo um apoio para Carla.

Eles caminharam até chegar próximo à cruz. Mateus pulou e aguardou Carla, fornecendo um apoio. Ambos desceram até a sepultura conseguindo chegar ao chão.

— Vamos, rápido. — Carla abriu um pequeno mapa, indicando a direção da décima sexta divisão. Só havia um túmulo nessa região, Henri Poincaré.

Próximo dali, na *Préfecture de Police* um sensor disparou o alarme. O guarda de plantão pegou o rádio e acionou alguns guardas dentro do cemitério.

Eles tomaram a *Avenue de l'Est* passando pela décima primeira divisão.

Quantas pessoas estão aqui? imaginava Mateus. A chuva começou a aumentar; relâmpagos acompanhados de fortes trovoadas faziam o chão tremer.

Mateus viu dois guardas vindo na direção da *Rue Allée Raffet*, rapidamente ele puxou Carla e se esconderam atrás da sepultura do físico André Rocard. Enquanto os homens passavam, Mateus abraçou Carla e a trouxe junto ao peito. Próximo ao seu ouvido ele falou baixinho: *já sabem que estamos aqui*.

Carla podia ouvir as batidas aceleradas do coração de Mateus, apesar do barulho da chuva.

Um forte trovão sacudiu novamente a terra, Carla se assustou e abraçou forte Mateus com a cabeça encostada em seu peito, podia sentir o calor e o cheiro de Mateus. *Calma vai passar!* — disse Mateus tentando tranquilizá-la.

Quando os guardas passaram, Carla já estava com o lado esquerdo da cabeça aquecido, ela podia sentir as gotas frias passando por seu rosto.

Eles continuaram caminhando em direção à décima sexta divisão.

Mateus olhava atentamente por todos os lados.

— Vamos por aqui. — Mateus indicou o caminho para Carla passando entre as sepulturas para não chamar atenção. *Agora falta pouco*. Imaginando Carla.

Já estavam quase chegando e Mateus novamente puxou Carla. Ela não entendeu, mas imaginou que pudesse ser mais seguranças. Ninguém passou. Mateus ficou observando. Carla olhou para Mateus e fez uma cara feia. Ele apontou para frente, na direção da sepultura de Poincaré e Carla pôde ver. Ainda sem saber o que pensar, ela voltou o olhar para Mateus assustada.

Uma figura sombria vestindo uma capa preta, coberto até a cabeça estava parado na lateral da sepultura de Poincaré. Aparentava ter um metro e noventa. Um gigante alto e magro.

Como um fantasma guardião, ele vigiava o túmulo. Parecia estar ali em transe, imóvel. A chuva batia contra a capa preta, escorrendo em sua frente. Ele parecia não se importar com a forte chuva. Os relâmpagos iluminavam- no rapidamente, mas não era possível ver o rosto que estava coberto pela capa. Carla não sabia o que pensar. Quem estaria ali naquela hora?

Na mente de Carla e Mateus milhões de hipóteses apareciam.

— Quem será? — sussurrou Carla.

— Não sei, mas não parece Milton. — respondeu Mateus.

A figura continuava imóvel enquanto a chuva caía cada vez mais forte.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Carla.

— Não sei, mas seja lá quem for, acredito que sabe o que estamos procurando.

Fique aqui eu vou até lá.

— Não, vamos juntos.

— Carla, pode ser perigoso, fique aqui.

— Vamos juntos e pronto.

— Está bem — assentiu Mateus.

Eles deram a volta por trás de algumas tumbas e devagar se aproximaram.

A sepultura ficou no meio, de um lado a figura estranha com a capa e do outro, Carla e Mateus. Mesmo à um metro de distância não era possível ver o rosto, a cabeça baixa e a capa na frente só permitiam ver com dificuldade o queixo, que era branco. Mas Carla viu algo que fez seu coração disparar. Um grande pentagrama pendurado no peito, dentro dele havia outros inscritos, mas ela não conseguiu contar.

— *Você demorou...* — disse o homem ainda com a cabeça abaixada.

— Quem é você e o que faz aqui? — perguntou Carla aflita.

— Existem coisas que você precisa saber Carla.

Ele me conhece, imaginou Carla.

A chuva caía forte e escorria pelos adornos de mármore.

— Não me respondeu ainda, quem é você?

— Sou um guardião.

— E o que você protege, e por que está aqui?

— Para ajudá-la a proteger um segredo.

— Continuo sem entender, poderia ser mais claro?

— O manuscrito — a figura apontava para a bolsa de Carla.

— Como sabe?

— Ele foi perdido e precisamos protegê-lo de mãos perigosas.

— Escuta aqui, se não me explicar... — a figura interrompeu Carla.

— Depois que Galois morreu, tivemos o cuidado de observar seus manuscritos, antes de publicá-los. Retiramos o conhecimento perigoso e apenas deixamos... — Carla interrompeu.

— Vocês quem? — perguntou Carla aflita. Mateus segurou na mão de Carla.

— Carla, espere! — pedindo Carla para que o ouvisse.

— A Matemática sempre esteve à frente do seu tempo, você sabe disso. — Como um flash, Carla se lembrou das aulas de Laurent ainda na faculdade, quando dizia que a maior parte das descobertas em matemática seria aplicada após 100 anos. E que algumas

pesquisas nunca seriam aplicadas e ficariam somente como algo puramente abstrato, fruto da imaginação humana. — Algumas teorias podem cair em mãos erradas e causar sérios danos ao mundo. Não posso falar muito até estar preparada.

— Escuta aqui seu maluco poderia falar a minha língua? — Ela retirou a bolsa das costas. — Pessoas estão morrendo por causa disso sabia? — disse nervosa apontando para mochila.

O homem não se abalou e continuou.

— Em 1944, um ano antes de terminar a Segunda Guerra Mundial, tivemos que fugir, os nazistas desconfiaram. Alguns dos nossos morreram para proteger o mundo de mãos assassinas. Na fuga, um membro de grau III escondeu esse manuscrito antes de morrer. Ele não deixou nenhuma pista de onde estaria o manuscrito, a sociedade estava tentando fugir. Quando a guerra acabou, começamos as buscas, mas nunca o encontramos. Com o início da internet desenvolvemos ferramentas que todos os dias procuravam por pistas, assim tudo que julgávamos suspeito era analisado. Há poucos dias, obtemos uma informação sobre você.

— Como poderia saber que eu viria até aqui? — perguntou Carla.

— Você chegou até nós. — Nesse instante Carla lembrou-se do site.

— O mapa — disse o homem apontando para a mochila nas mãos de Carla —, não foi Galois quem fez. Fomos nós.

A irmandade havia criado um roteiro que chegaria ao túmulo de Poincaré. Para isso, ele usava informações do manuscrito para criar o roteiro. O site havia sido criado para monitorar essa informação. Todos que acessassem esse site seriam investigados.

O homem levou a mão no bolso, para pegar um objeto, Mateus se preparou, mas o sexto sentido de Carla dizia que aquele homem não queria fazer mal a eles.

— Tudo bem Mateus. — Carla tentou tranquilizá-lo.

— Tome. — O homem havia retirado do bolso um pequeno envelope lacrado em cera azul, o papel duro e com um ar de envelhecido resistia à chuva forte. Antes que Carla levantasse a mão para apanhar ela pôde observar que o lacre era um símbolo. O pentagrama estrelado.

— O que é isto? — perguntou Carla.

— Um convite — respondeu o homem. — Poucos são merecedores, e você foi escolhida. Precisa proteger esse manuscrito, e se for preciso, morrer por ele; como fez o seu guardião anterior. Mas antes precisa ser iniciada nos mistérios.

— O que existe de tão importante aqui que devo proteger com minha vida? — Carla estava aflita e ao mesmo tempo curiosa.

— Vai descobrir! Será uma guardiã — respondeu o homem já se virando para sair.

— Espere — disse Carla —, preciso de mais informações. O homem desapareceu em meio às sepulturas.

Carla ficou observando o pequeno convite nas mãos. Abriu o lacre. Um papel grosso dobrado três vezes. Quando Carla desdobrou seus olhos cintilaram.

Havia uma borboleta inscrita dentro de um pentagrama. Na asa, havia olhos simétricos similares ao olho de Egípcio de Hórus, o olho que tudo vê.

— Meu Deus. Quem é ela? — se perguntou Carla.

— Ela quem? — perguntou Mateus ansioso.

A mulher do ônibus. A tatuagem era exatamente igual a isso — se referindo à borboleta no pentagrama. — Mateus, essa sociedade deve existir desde o tempo da escola Pitagórica. Diz a lenda que Pitágoras não apenas fundou uma escola onde se aprendia matemática, mas sim uma religião. Com rituais e ...— Antes que Carla pudesse falar algo, Mateus pulou por cima dela derrubando-a. Pela terceira vez naquela noite Mateus protegeu Carla do perigo. Aquele cheiro era familiar. Quando eles caíram no chão o cheiro ficou ainda mais forte; era sangue queimado, odor produzido pelo atrito da bala ricocheteando no mármore.

— Rápido, temos que sair daqui — disse Mateus puxando Carla. Outros estalos ecoaram nas pedras de mármore branco, lançando fragmentos sobre eles.

— Que diabos de munição é essa? — pensou Mateus vendo fragmentos de sangue.

Carla e Mateus correram em direção à torre Du Moulin, na nona divisão. Enquanto corriam, estalos pipocavam atrás deles sem cessar.

Antes de chegar à *Rue Allée Raffet*, Mateus puxou Carla e eles entraram em meio às sepulturas no coração da décima divisão. O instinto de sobrevivência de Mateus o impulsionava para frente sem parar. Carla seguia logo atrás. Mas ele sabia que não seria fácil se livrar de um atirador em um local desconhecido. Sua esperança é que ele também não conhecesse bem o cemitério. *Onde está a segurança desse local que não chega?* Ao contrário de antes, Mateus desejava uma segurança naquele momento.

Carla já podia ver a Torre do moinho, ela sabia que nesta direção poderiam sair, mas não seria fácil. Mais um estalo estilhaçou a ponta de uma pequena cruz de mármore carrara à sua frente. — Mudaram a munição, pensou. Mateus mudou a direção, mas não adiantou, uma bala atingiu sua coxa esquerda e ele caiu em seguida. Carla estacou.

— Carla, vá. Rápido! — exclamou Mateus no chão.

Nesse momento Carla se lembrou do instinto que a salvou anos antes. Mas não conseguiu se mover. *Vamos morrer juntos.* Carla não conseguia abandonar aquele que havia salvado sua vida na torre.

Mateus insistiu novamente.

— Carla não perca tempo vá. Você deve proteger isso. — Mateus apontava para a mochila de Carla. Mas ela não conseguia se mover.

— Não Mateus não me peça isso.

— Parece que encontrei você sua vaca. — O tom áspero e frio denunciava Milton.
— Anda, me dá logo a mochila.

Carla olhou para Mateus.

— Não faça isso Carla — mas Carla não pensou duas vezes. Devagar ela retirou a mochila das costas e entregou a Milton.

— Boa menina — disse Milton num tom sarcástico.

A chuva caía incessantemente e cada vez mais forte. Relâmpagos cortavam o céu e trovões estouravam os tímpanos a todo o momento.

Quando Carla entregou a bolsa a Milton, o olhar de Mateus demonstrava a derrota de um soldado na guerra prestes a perder a vida.

Mas aquela noite ainda haveria de trazer muitas surpresas para Mateus.

Uma voz estridente soou forte atrás de Milton.

— Largue a arma. — Milton estava com a mochila em uma das mãos e a outra estava com a arma apontada para Carla e Mateus no chão. Nikolay estava com uma pistola encostada na cabeça de Milton.

— Posso saber quem é o senhor? — perguntou Milton com um tom de deboche.

— Alguém que vai estourar seus miolos se não fizer o que estou falando. — respondeu ele segurando a Walther modelo 4 de 7,65mm. Carla viu a ponta da arma, um tanto diferente das pistolas atuais ela era pequena e com uma ponta saliente. Desse ângulo Milton não podia ver a face de Nikolay.

Milton jogou a arma no chão. Carla e Mateus não sabiam o que pensar.

— Parece que temos um xerife aqui — disse Nick em tom sarcástico.

— Anda larga a sua arma idiota. Ele encostou a trezentos e oitenta nas costas de Nikolay.

Não havia alternativa. Nikolay jogou a arma no chão.

— Bom rapaz.

Nikolay já havia passado por aquela situação antes, sabia que não seria fácil dominar Nick e Milton. Mas quando aceitou aquele trabalho sabia dos riscos. Também sabia que proteger a sociedade seria a coisa mais importante naquele momento. Quando saiu de Moscou, sua mente já estava preparada para defender a irmandade secreta. Nem que isso custasse sua vida.

Assim como os primeiros cristãos morriam defendendo o evangelho, Nikolay jurou defender a irmandade até o fim.

Milton apanhou sua arma no chão. E Nick se afastou um pouco.

Seu instinto indicava a posição de Nick; um ângulo de quarenta e cinco graus em relação às suas costas naquele momento.

Só havia uma saída naquele caso. E ele sabia que talvez nunca mais fosse ver a luz do sol brilhar novamente. Como um flash, ele viu seus dois filhos brincando no parque dentro do condomínio onde moravam na capital russa.

Com um movimento rápido Nikolay pulou atrás de Milton e Nick disparou sem pensar. Uma bala atravessou seu abdômen. Ele já havia puxado a beretta escondida na coxa e

disparou em direção a Nick o acertando no peito. Mas Nick atirou novamente acertando Milton no peito. Os três caíram.

Carla e Mateus assistiram a cena sem poder fazer nada. Nikolay estava no chão tentando falar.

Carla se aproximou.

— Corra! Salve o manuscrito — olhando para ela.

Meu Deus, quem é ele? Imaginou Carla.

Carla e Mateus se levantaram e antes de saírem Milton ainda reuniu forças para falar:

— Não vão escapar.

Os seguranças do cemitério ouviram os disparos e vários homens se deslocaram imediatamente.

Carla e Mateus correram em direção ao muro da *Rue Froidevaux*. Eles precisavam sair dali rápido. A segurança do cemitério estava ocupada naquele instante. Mateus caminhava com muita dificuldade, sua perna queimava feito brasa. Em toda a sua vida nunca havia sentido tal dor. Carla ajudava Mateus. Ela viu alguns guardas indo em direção à *Avenue de l'Quest*, onde estavam minutos antes. Carla e Mateus tomaram a direção da

Torre. Mateus sabia que não seria fácil pular o muro naquela situação, sua perna não respondia muito bem.

— Carla, não vou conseguir, vá.

— Não. Você vem comigo, estamos juntos.

Eles atravessaram a décima sexta divisão e pararam de frente para o muro.

Carla olhou de um lado para o outro.

— Por ali! — indicando o caminho. A cruz estava a um metro do topo do muro. O frio tomou conta do seu abdômen.

Carla subiu a sepultura e chegou até à cruz. Dando a mão para Mateus ela o ajudou a subir. Carla pulou e ficou em cima do muro esticando a mão para Mateus.

Mateus fez a tentativa de pular de uma só vez, mas não conseguiu, sua perna não respondia e a dor que estava sentindo era insuportável. Ele se virou e ficou pendurado no muro. Carla tentava puxá-lo com toda a sua força. *Morro, mas não saio daqui sem Mateus.* Imaginou Carla tentando ajudá-lo.

Mateus sabia que não seria tarefa fácil saltar aquele muro sem que sua perda respondesse. A dor que sentia era muito forte, como se uma faca tivesse rasgado sua carne. Agora ali pendurado parecia que não iria resistir.

Lembrando do que fazia quando criança, quando subia em árvores, ele jogou o corpo balançando-se na lateral do muro. Na primeira tentativa Mateus quase caiu. Carla continuava a puxar, mas sua força não era suficiente para levantar os oitenta quilos de Mateus.

Ele fez uma nova tentativa, agora jogando sua perna direita sobre o muro e segurando firme. Nessa tentativa ele conseguiu com a ajuda de Carla ficar deitado em cima do muro.

Carla saltou e Mateus logo após se jogou batendo forte contra o chão do lado de fora do cemitério, a dor que sentiu foi tão grande que por um momento achou que não iria resistir, suas vistas escureceram.

A chuva havia ficado mais fraca e dava sinais que iria parar. Carla ainda estava de costas para a rua tentando ajudar Mateus a se levantar. Quando uma voz conhecida soou logo atrás. Os olhos de Mateus voltaram a enxergar o brilho das luzes e ele pode ver a mulher logo à frente empunhando uma arma.

— Que feio Mateus, roubando sepulturas! — disse ela com tom sarcástico.

Carla se virou e viu a figura com um revólver apontado para ela. Marta estava a quatro metros de distância.

— Marta! — disse Mateus assustado. — O que você está fazendo aqui?

Abaixa essa arma!

— O que eu estou fazendo aqui Mateus? Digamos que estou garantindo meu futuro.

— Marta, não estou entendendo, abaixa logo essa arma — disse Mateus.

— Antes vou acabar com essa vagabunda — apontando para Carla.

— Por favor, não faça nenhuma besteira.

— Anda cadela, joga logo essa bolsa. — apontando para Carla.

— Marta, deixe Carla em paz, ela não tem culpa de nada — disse Mateus preocupado com aquela arma apontada na direção de Carla.

Carla retirou a bolsa das costas e dava sinais que iria entregá-la a Marta.

Bem devagar ela se aproximou de Marta entregando a bolsa.

— Carla, não faça isso. — Mateus ficou desesperado quando viu Carla entregar a bolsa, ele sabia que existia muita coisa em jogo. — *Por que Carla está fazendo isso?*

Com a mão esticada, Carla estendeu o braço. Marta se aproximou com a arma apontada em sua direção.

Por que Carla está entregando tão fácil... Por um momento Mateus imaginou que Carla havia retirado o manuscrito.

Carla entregou a bolsa bem devagar observando que o revólver não estava engatilhado; era um revólver calibre trinta e oito. Seu pai era um homem que colecionava armas, Carla cresceu vendo-o limpar com bastante cuidado seus objetos de estimação: pistolas, revólveres e fuzis do século

XIX faziam parte de sua coleção. *Para disparar ele precisa girar...* lembrando-se das palavras do pai. Ela sabia que teria uma única chance, por um momento se imaginou segurando no tambor daquela arma para que não girasse quando Marta puxasse o gatilho. Mas antes que Carla pudesse fazer algo, Marta se adiantou avançando em sua direção e arrancando a bolsa de suas mãos.

— Me dê logo isso cadela... — disse Marta nervosa.

— Satisfeita Marta? — disse Mateus irritado. Carla olhou para Mateus.

— Acalme-se — disse Carla.

— Quer manter sua vida luxuosa dessa maneira? Você não irá muito longe. Sabe disso — disse Mateus.

— Ingrato! Essa é a palavra. Fiz tudo para que você gostasse de mim, mas nunca demonstrou o menor afeto, o menor respeito aos meus sentimentos. Sujei meu nome, e até... — Marta olhou para o lado com uma lágrima nos olhos. Havia revolta no seu olhar. Marta havia vendido seu corpo para conseguir dinheiro para viajar com Mateus. O sonho de um dia viver ao seu lado havia evaporado.

— Tudo parecia tão perfeito... você estava tão perto, tão próximo. Sonhei tantas coisas para nós dois. Até essa infeliz aparecer e estragar tudo.

Marta disse essas últimas palavras apontando a arma para Carla dando a sensação que iria atirar.

— Um dia vai se arrepender do que fez Mateus.

— Marta não faça nenhuma besteira. Você já tem o que quer — disse Mateus.

Marta segurava firme a arma apontada para Carla.

— Não antes de acabar com essa vaca — puxando o gatilho.

CAPÍTULO 48

Minutos antes de Marta atirar em direção a Carla, um sedan preto cruzava a *Boulevard de Port-Royal* em alta velocidade em direção à *Rue Froidevaux*.

— Estamos quase chegando — dizia o homem na direção.

— Estou preocupado, não recebi notícias dos Augustos — como eram chamados os escolhidos para as sindicâncias. — Mas não tenho dúvida, ela será iniciada.

Para ingressar na irmandade, o candidato deveria passar por uma bateria de testes. Tudo começava com o convite, poucos eram os escolhidos. Depois as sindicâncias, um grupo seleta composto de três membros com grau III, conhecido como Sebastikoi ou Augustos, era designado para investigar a vida do candidato. A próxima etapa seria as provas de inteligência, coragem, obediência, humildade e segredo.

O velho de cabelos brancos estava sentado ao lado, ele retirou o celular do bolso e apertou algumas teclas. Do outro lado um homem respondeu em grego.

— Ειδήσεις. (notícias)?

— Ετοιμάστε τη γιορτή (prepare a celebração) — e desligou o telefone.

— βέβαιος — concordou o homem.

O motorista perguntou.

— E se ela não aceitar?

O velho respondeu:

— Θα αποδεχτεί (ela vai aceitar).

CAPÍTULO 49

Marta segurava a arma com as duas mãos quando puxou o gatilho com toda a sua força, mas ele ficou imóvel como uma pedra. O tambor do trinta e oito estava seguro por duas mãos fortes.

Como um grande urso que agarra sua presa pelas costas, o homem abraçava e segurava a arma nas mãos de Marta. Ela se sentia sendo engolida.

Marta tentou se livrar, mas os braços fortes do homem a deixava imóvel. O homem forçou as mãos dela que ainda seguravam o revólver, a golpear seu próprio estômago. Tudo ficou escuro, Marta não resistiu e escorregou dos braços fortes.

Mateus e Carla reconheceram a figura sombria que minutos antes haviam visto no tumulto de Poincaré. Nesse instante um sedan preto encostou bruscamente. A porta traseira se abriu.

— Vão, ela vai ficar bem — disse o homem olhando para Marta.

Carla e Mateus se levantaram e entraram no carro.

— Noite complicada meus amigos — respondeu o velho sentado à frente.

Carla não poderia imaginar.

— Laurent! — disse ela eufórica.

CAPÍTULO 50

Atenas, Grécia.

Faltava pouco para o sol nascer. Um homem caminhava com um livro antigo nas mãos. Estacou em frente à mesa e o deixou ali. Em seguida acendeu as velas sobre o pentagrama. Fazia anos que elas não queimavam em uma iniciação. Caminhou em direção ao centro do grande salão. A pequena torre de pedra guardava em seu interior o primeiro desafio. Ele abriu a gaveta e retirou a caixa em forma de estrela. Abriu o pequeno cadeado e retirou do seu interior uma estrela com cinco pontas feita em pedra. Ao lado estavam as nove esferas de ouro. Ele colocou a estrela sobre a pedra e as esferas sobre um suporte ao lado.

Enquanto preparava o local imaginava o quanto a irmandade havia mudado sua vida. O conhecimento científico e a sabedoria estavam juntos em uma fusão perfeita.

Pela porta lateral, outros membros começavam a chegar. Em silêncio cada um se dirigia ao grande altar onde uma imagem feita em pedra estava encravada. Eles fechavam os olhos e faziam uma oração. Depois se dirigiam aos seus lugares. Todos já haviam passado por aquele momento. O primeiro grau marca o início de uma longa jornada dentro da irmandade. A partir dali o orgulho cederia lugar à humildade. O conhecimento se fundiria com a sabedoria.

Não se entrava na irmandade por dinheiro ou influência. O convite só chegava às mãos dos merecedores. Dignos de guardar seus segredos e receber seu conhecimento acumulado desde 500 a.C., data de sua criação.

O grande salão pentagonal estava localizado no coração de Atenas. Era um dos poucos locais onde se fazia a iniciação. Carla havia caminhado às escuras, seus olhos estavam vendados. Enquanto descia pelo elevador, lembrava-se das palavras de Laurent durante os últimos dias. Tudo havia ficado claro, agora poderia ter noção do tamanho da responsabilidade sobre seus ombros. Entender e proteger os segredos seriam seu lema até os últimos dias de sua vida.

Carla podia sentir o ar cada vez mais pesado. Respirava com certa dificuldade. Havia vestido uma roupa a pedido de Laurent, mas não sabia muito bem de que se tratava, a única sensação era o linho passando sobre seu corpo. Alguns segundos depois, sentiu uma pequena redução na gravidade indicando o movimento para baixo. O ar ficava cada vez mais difícil de respirar. Aos poucos ia se acostumando. Não parava de pensar em tudo que havia acontecido. Em meio aos pensamentos, a imagem de Mateus aparecia trazendo um sentimento que Carla agora não reprimia mais.

Uma redução na velocidade indicava o fim da descida. A porta se abriu e Carla pode sentir o ar quente batendo em seu rosto. Ela caminhou acompanhada pelas mãos de Laurent.

Dez metros de caminhada e eles estacaram. Carla ouviu alguns bips parecia um código sendo digitado. Uma porta se abriu. Carla imaginava o quanto aquele local deveria ser protegido. Eles a atravessaram e voltaram a parar. Carla se sentiu sendo vestida com outra roupa.

— Tenha calma — disse Laurent tranquilizando-a.

Imediatamente ele retirou a venda dos olhos dela. Ainda ofuscada com a claridade, aos poucos ela voltou a enxergar. Estava diante de uma grande porta de madeira maciça adornada com muitos símbolos, ao lado duas colunas com o Y invertido e exatamente no meio havia um pentágono encravado. Ela olhou para si e percebeu que estava vestida com uma túnica branca. Ao contrário da porta, havia um pentagrama bordado em seu peito. Laurent percebeu o olhar de Carla.

— Um completa o outro — disse ele novamente, se referindo às diagonais do pentágono formando o pentagrama.

Laurent apontou para o Y invertido na coluna. Carla voltou o olhar para ele.

— O ser humano é livre para escolher seus caminhos. Você fez a escolha certa.

O Y do qual se referia Laurent, estava carregado de simbologia. Representava o caminho. O mago deveria saber que se escolhesse o caminho errado deveria pagar por sua escolha, era a lei do Karma. O Mestre dizia que tudo que você faz volta um dia para você. Assim o discípulo deveria ter ciência que caso optasse por um determinado caminho, se um dia quisesse voltar e tomar outro, teria que passar por um longo e doloroso trecho. O Y invertido representava uma única escolha e que o mago deveria permanecer nela.

Um forte estalo quebrou o silêncio e a porta começou a se abrir. Os olhos de Carla começaram a percorrer o interior da salã. Ela imediatamente reconheceu sua forma, estava no Templo das Musas, o santuário sagrado para os pitagóricos. Havia um homem vestido com um manto azul, caminhando em sua direção no grande corredor. No peito uma figura estranha estava encravada. Quando chegou mais perto ela conseguiu observar, eram quatro pentagramas inscritos um dentro do outro. Aquele era o grau máximo atingido por um membro da escola.

De acordo com a ordem, o primeiro grau também chamado de Akusmatiki representava a preparação. O segundo grau conhecido como Mathematiki ou aprendiz, representava a purificação. O terceiro grau conhecido como Sebastikoi, representava a perfeição. O quarto grau reservado a poucos era conhecido como Hierofante, que representava a Epifania, era o “Revelador do Sagrado”. Cada grau ao seu tempo. Três anos no primeiro grau, cinco no segundo, sete ou mais no terceiro e merecimento no quarto grau.

Carla observava tudo, ao fundo ladeado de cadeiras estava um altar com uma grande mesa. As paredes estavam cobertas de símbolos do zodíaco. A pira sagrada estava acesa, representando a luz da verdade. Incensos e ervas aromáticas deixavam o ambiente mais místico.

Chegando mais próximo o homem parou em frente à Carla. Ele saudou Laurent e disse a ela em grego:

— Seja bem-vinda minha jovem.

Eles caminharam em direção ao altar. No caminho pararam diante da torre de pedra onde repousava um pentagrama feito em mármore verde. O homem parou. Carla reconheceu a figura imediatamente. Ele fez um sinal. Ela sabia o que fazer. Era hora de preencher as casas vazias perfuradas no mármore com uma rígida regra. Se lembrou do encontro com padre Lucas.

Uma pontada fria percorreu sua espinha. Ele estava certo, o pequeno desafio era uma prova na antiga escola de Pitágoras. Com cuidado ela retirou as esferas e ia colocando uma a uma, rapidamente concluiu restando apenas uma única casa vazia. O problema estava solucionado. Esse desafio chamava a atenção de Carla pelo simples fato de não haver uma única solução, dando liberdade à imaginação e à criatividade.

O homem levantou a cabeça e eles continuaram caminhando. Carla olhou em direção ao altar, o mesmo era formado por um triângulo equilátero se elevando em uma plataforma de trinta centímetros no qual um dos lados era comum ao lado do pentágono ao fundo. A mesa sobre ele era feita de mármore branco e tinha a forma de dois triângulos retângulos idênticos, mas sobrepostos.

Em cada lado, de frente para o grande salão estavam as cadeiras. Duas fileiras em comum ao lado do triângulo. Vinte pessoas ocupavam esses lugares. Ela observou a presença de homens e mulheres. Havia pessoas de todas as idades. Cientistas famosos e anônimos estavam diante de Carla.

A todo momento lembrava-se das palavras de Laurent sobre o manuscrito e sobre a escola pitagórica.

A escola havia sido fundada por Pitágoras em Krotona, uma das cidades da Magna Grécia e durante o tempo em que existiu, ganhou fama e poder.

Assim como em Krotona, a escola exercia uma forte influência política em outras cidades. Não demorou muito para que as revoluções, guerras e o domínio romano acabasse com essa sociedade que se tornava cada vez mais poderosa. Mas o que Pitágoras havia criado no passado não poderia se perder para sempre, seus sucessores decidiram continuar seu trabalho de forma secreta.

O manuscrito encontrado por Bernard havia sido perdido durante a Segunda Guerra Mundial. Demorou muito para que ele retornasse à irmandade. Mas agora estava a salvo. E mais, a irmandade não precisava esconder Carla e Mateus. Milton estava morto. Eles poderiam levar uma vida normal. Apenas Bernard estava desaparecido. Mas Carla sabia muito bem o que fazer. Outras informações seriam dadas a ele. Laurent daria à Carla uma cópia do manuscrito criada pela irmandade para despistar curiosos. Bernard nunca chegaria ao resultado.

Carla parou em frente ao altar. O homem de túnica azul foi até a grande mesa e pegou uma pequena caixa. Ela estava parada, diante da ponta do triângulo equilátero que se elevava formando o grande altar.

Ele abriu a pequena caixa, nela havia um pó. Ele pegou um pouco e colocou sobre a cabeça de Carla.

— Que isto ilumine sua mente.

Imediatamente ela reconheceu; eram cinzas.

As cinzas sagradas era um ritual executado desde a morte de Pitágoras que fora queimado e seus restos colocados em um recipiente pelos alunos da escola. Desde então, eram renovadas, misturadas às dos membros que morriam. Assim um pequeno fragmento de Pitágoras estava ali, sobre a cabeça de Carla.

Logo depois ele tomou um pequeno pote com um óleo. Abriu e molhou a ponta do dedo.

— Que isto lhe dê sabedoria — fazendo um pentagrama na testa de Carla.

Novamente ele molhou a ponta do dedo no mesmo óleo.

— Que isto controle suas emoções — fazendo a figura de uma cruz no coração de Carla.

Desde sua criação a sociedade havia passado por transformações no seu modo de pensar, a primeira delas foi a descoberta dos números irracionais. Hipaso, um ilustre membro da escola havia descoberto um número que não existia até então; a raiz de dois. Isso ia exatamente de contra a filosofia da escola onde tudo no universo poderia ser descrito por números inteiros e racionais. Hipaso foi expulso da irmandade e posteriormente morto. Mas a sociedade não conseguiu esconder essa deficiência por muito tempo e muitos membros se afastaram. Uma solução viria séculos depois. A segunda e mais marcante transformação veio mais tarde com a morte de Jesus e o florescimento do cristianismo. Era claro para os membros que o amor deveria ser cultivado. Levou 200 anos para que a escola conseguisse efetuar a fusão entre o pitagorismo e os quatro evangelhos. O óleo nos dedos do mestre percorrendo a testa de Carla representava a fusão da escola com o cristianismo.

Enquanto o homem a ungia ela observava a imponente figura esculpida em pedra atrás do grande altar, acima dele havia um número 1, que para a escola representava a criação. O Criador de todas as coisas.

Mais uma vez ele se dirigiu à mesa e rezou de frente à estátua de Pitágoras. Quando terminou, olhou para o teto e disse algumas palavras em grego, Carla não conseguiu ouvir. Mas logo depois ela entendeu.

A grande cobertura de aço se abriu exibindo um céu exuberante e cheio de estrelas. As luzes se apagaram ficando somente acesas as velas no pentagrama, Carla pôde ver o quanto aquele local era místico e cheio de surpresas. Como um grande planetário, as luzes artificiais cintilavam diante dos seus olhos imitando exatamente a esfera celeste.

Ele deu graças e pegou uma pequena caixa de madeira em forma de pentágono. Nesse instante o físico Victor Aminov se aproximou. Era um dos dez mais importantes, em seu peito havia quatro pentagramas inscritos um dentro do outro. Os cabelos brancos e as linhas de expressão denunciavam mais de setenta anos de idade. Victor deu graças e apanhou o objeto dentro da pequena caixa. Voltou o olhar para a estátua imponente e imóvel. Ele se ajoelhou rezou diante do céu que se exibia. Em seguida se aproximou de Carla, ela se ajoelhou e colocou a mão direita sobre o objeto, ainda seguro nas mãos de Victor. Era a Sagrada Tetráktis. A lenda dizia que Pitágoras a recebera em um sonho do deus Apolo. Construída com dez esferas de ouro dispostas sobre um triângulo, nela estava contida a sequência de números sagrados 1, 2, 3 e 4. Com soma igual a 10. Isso simbolizava o Deus criador do universo, o Primeiro Arquiteto. Mas tarde Carla seria digna de receber os conhecimentos contidos na Tetráktis.

— Jure sob este céu, por Pitágoras nosso Pai e Mestre, pelo Criador do Mundo que você protegerá esta irmandade até que a humanidade esteja pronta para receber seus segredos. — Ele falou olhando nos olhos de Carla.

Ela fez uma pausa e respondeu.

— Sim eu juro.

Mais uma vez as lembranças vieram em sua mente, Laurent havia explicado a Carla como e onde o manuscrito a levaria. As equações de Galois encontravam mensagens dentro da Bíblia deixadas para que os homens pudessem descobri-las no momento certo. Carla teria o papel junto à escola pitagórica de entregar à humanidade de forma segura, apenas aquilo que ela estivesse preparada para ouvir. Mateus teria um papel importante auxiliando Carla. Quando estivesse pronto seria iniciado na irmandade.

— Jure manter segredo absoluto e defender a escola pitagórica sob o custo de sua própria vida — continuou o homem.

— Sim eu juro — disse Carla engolindo a seco.

— Que assim seja — disse o homem olhando para os outros membros.

Ele fez alguns gestos olhando para o céu e novamente para Carla. Em seguida retornou com o grande livro e o colocou no mesmo local sobre a mesa.

Carla se levantou. Nesse instante Laurent se aproximou. Estava sentado entre os dez. Havia vestido uma túnica branca como a dela. A única diferença era apenas os quatro pentagramas inscritos. Ele subiu até o altar e ficou atrás da grande mesa construída com dois triângulos retângulos. Carla se aproximou e ficou do outro lado.

Laurent abriu um livro antigo. Estava bem desgastado pelo tempo. Carla observou e viu do que se tratava. Era a Bíblia dos Pitagóricos. Ele a abriu e todos se levantaram. Em seguida leu um trecho em voz alta.

— ***Nada perdura, tudo é fluxo sem fim. Cada forma que vaga, um peregrino que passa, até mesmo o próprio tempo flui em fluxo incessante. Nada retém sua forma,***

novas formas são obtidas a partir das velhas. Em tudo isso, a natureza nossa grande inventora as constrói.

Ele fez uma pausa e avançou para uma página previamente marcada.

Olhou para Carla e disse:

— **Caro mestre, permita-nos anunciar para essa jovem seus ensinamentos** — ele voltou a ler o livro sagrado. — **Todas as coisas são feitas à imitação do número. Eles são as causas das substâncias e do ser. Tudo será conhecido através do número** — neste momento ele olhou para o céu estrelado. — **O princípio do número é o princípio do ser** — neste momento ele fechou os olhos, fez o sinal da cruz e disse: — **Agradecemos ao Pai que nos criou por deixar que nós, pobres seres humanos, descubramos nossas origens através desses entes.**

— Que assim seja — todos responderam.

Laurent tomou um pequeno tubo e abriu, retirando uma corrente com um pentagrama na ponta. Ele contornou a mesa e o colocou em Carla.

Laurent voltou e ficou de frente para ela. Agora falando baixo, de modo que somente ela ouvisse. Disse:

— Ele poderá ser usado para a magia branca ou negra. Use-o com sabedoria e não se esqueça: tudo que fizemos volta um dia. — Laurent se referia à maior virtude de um mago, a sabedoria. Pitágoras dizia que conhecimento não era sabedoria. Pois em sua definição, o conhecimento era algo que as pessoas nos falavam ou podíamos encontrar nos livros. A sabedoria provém da análise cuidadosa e inteligente daquilo que as pessoas nos falam e do que os livros nos ensinam. — Este é o maior símbolo da nossa escola. Proteja-a como a sua própria vida e será protegida.

O pentagrama estava orientado com a ponta voltada para cima. Mas havia um pequeno gancho entre duas pontas onde ele poderia ser pendurado. Pitágoras ensinava que o mago poderia operar livremente com as forças superiores e inferiores, pois era livre para isso. Mas deveria sempre lembrar que há uma lei de retorno. Colhemos sempre os frutos outrora plantados.

Laurent fechou os olhos e novamente falou para que todos pudessem ouvir:

— **Eu, na condição de Hierofante lhe confiro o primeiro grau desta escola.**

Carla se voltou para os membros e todos a aplaudiram, o Templo das Musas estava em festa, a sociedade havia recebido um novo membro. Era hora do Ágape, a grande confraternização.

EPÍLOGO

Ilha de Santorini – Grécia.

Dois motores potentes Yamaha impulsionavam a pequena e luxuosa lancha branca. Dali era possível ver o gigantesco paredão e a cidade construída logo acima. As águas estavam tranquilas, típico do mar mais romântico do mundo.

Santorini era uma ilha de formação vulcânica. Os últimos registros certificam que em aproximadamente 1650 a.C. ocorreu uma gigantesca erupção destruindo a parte central da ilha. Carla observava impressionada a forma arredondada, enquanto a lancha atravessava a caldeira submersa, acelerando em direção a uma parte da ilha chamada de Kamari. O olhar de Mateus denunciava o quanto ele estava impressionado. Era impossível não contemplar todo aquele paraíso criado pelas mãos da mãe natureza. Dentro de poucos instantes estariam em um pequeno píer.

Quando desembarcaram, foram recebidos por um senhor de idade avançada. Nikos estava na ilha há muitos anos, membro da sociedade há mais de três décadas fora designado para receber Carla e Mateus durante alguns dias. Ali eles aprenderiam sobre a civilização minoica e algumas informações secretas conservadas na ilha.

Dois homens apanharam as malas e Nikos recebeu os visitantes. Mateus caminhava com um certo cuidado, o curativo na perna ainda incomodava.

Eles caminharam dois minutos e pararam no pequeno estacionamento.

Nikos retirou do bolso um pequeno GPS Navigator e duas chaves.

— Aqui está, aproveitem e não percam o pôr do Sol em Oia. É lindo. Mateus plugou o pequeno GPS Navigator no suporte e deu partida na

Kawasaki Ninja. Nikos já havia feito um roteiro para aquela tarde.

Carla subiu na moto e segurou forte em Mateus. O GPS indicava o caminho na direção de Akrotiri. Uma subida bastante íngreme ao ponto mais alto começava a exibir a forma circular da ilha. A visão era espetacular.

Mateus estacionou a moto e ambos ficaram sem palavras. O vento estava mais frio, soprando levemente no rosto de ambos. Logo abaixo estavam as escavações da antiga civilização minoica. Algumas teorias afirmavam que Santorini era a então citada Atlântida dos contos de Platão. Nikos havia pesquisado isso durante sua vida. Agora havia chegado a hora de transmitir seus conhecimentos. Eles tinham muito o que aprender naquela ilha.

O GPS emitiu um sinal retirando-os do transe, era hora de partir. Faltava pouco para o Sol se por. Eles precisavam correr.

Carla segurou forte em Mateus e eles aceleraram em direção a Oia. Ambos sentiam a força do vento e a energia que corria entre eles. Algo que antes era estranho, mas agora começava a fazer sentido.

O pequeno povoado era a estrela de Santorini com sua arquitetura neoclássica. Igrejas de cúpulas azuis e pequenas casas de cor branca estavam construídas e esculpidas na rocha. O que dava àquele lugar um romantismo único em todo o mundo.

O Sol estava muito próximo do mar quando eles chagaram ao mirante.

Mateus contemplou o grande paredão de forma circular ladeado de águas com um azul único. Dali era possível ver a pequena ilha formada na última erupção em 1950. Era uma das imagens mais belas registradas em sua mente. Carla estava atônita. Ela olhou para Mateus com um ar de tranquilidade e paz. Estava mais linda do que nunca. A luz amarelada refletia em seu rosto.

— Por que o universo me colocou em tudo isso? — perguntou Carla olhando para o mar.

Mateus se aproximou.

— Porque é especial Carla.

Mateus fez um pausa, olhou para o mar e novamente para Carla. Ela agora tinha um olhar doce e sincero.

— Obrigada.

— E por quê? — perguntou Mateus.

— Como um anjo você apareceu para salvar minha vida.

— Salvou a minha também — disse Mateus pegando na mão de Carla.

O sol parecia uma grande bola de fogo encostando-se às águas calmas do Egeu.

— Eu nunca vou esquecer o que fez, não me abandonou e arriscou sua vida.

Carla segurou a mão de Mateus.

— Desde a primeira vez que te vi eu senti algo diferente, uma mistura de sentimentos que eu não conseguia explicar.

Carla parou para respirar e os olhos brilharam. Mateus olhou para baixo e voltou o olhar bem no fundo dos olhos de Carla

— Na torre quando lhe vi naquela situação de perigo eu senti uma força percorrer meu corpo. Por várias noites achei que estava doente, porque meu coração de alguma forma queimava e sentia uma pontada no estômago. Você é especial Carla, não apenas para a humanidade, mas para mim.

O sol refletia o pequeno fio de lágrima nos olhos de Mateus.

Neste momento Mateus se aproximou, podia sentir a respiração de Carla e os dois se beijaram ao brilho do Sol.

Depois de um beijo suave, eles se olharam por vários segundos até Mateus interromper o silêncio retirando do bolso uma pequena caixa em forma de cubo.

— Para mim? — perguntou Carla.

— Abra — disse Mateus.

Carla abriu o pequeno cubo de aço lacrado com uma flor de lótus gravada na tampa.

— Mateus... — Carla sentiu o seu coração acelerar.

Dentro havia algo enrolado em um papiro. Nada mais sugestivo. De acordo com o antigo Egito amor e conhecimento deveriam mostrar o caminho para a humanidade seguir. Carla abriu e o pentagrama estava lá. Em seu interior havia uma borboleta construída em fios de ouro. Carla observou a simetria perfeita. A pequena borboleta brilhava à luz dos últimos raios de sol daquele dia.

— É linda Mateus! — E voltou a beijá-lo.



O segredo de Galois



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2024



O segredo de Galois

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

 **Atena**
Editora
Ano 2024